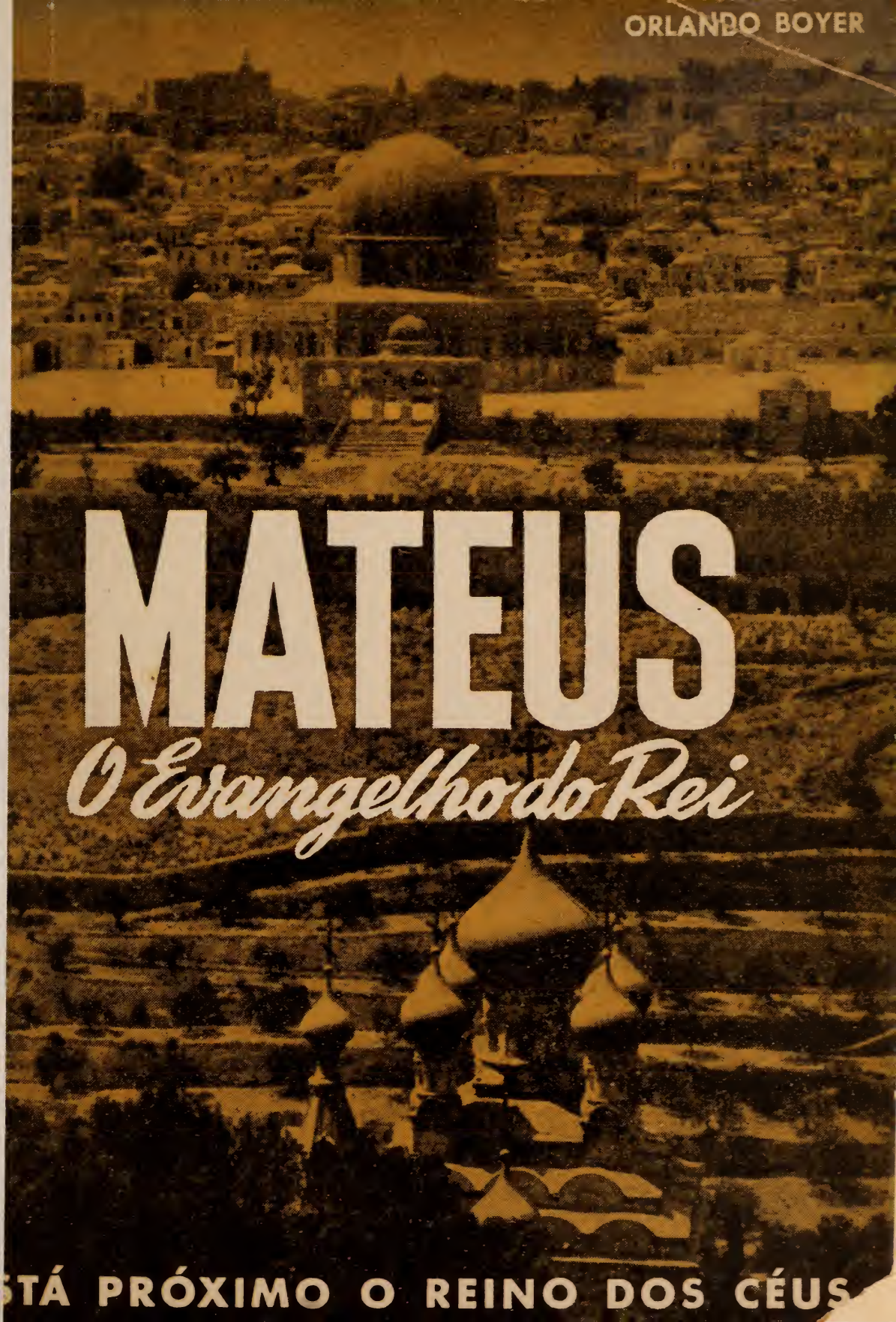
Digitized by the Internet Archive
in 2014

https://archive.org/details/mateusoevangelho00boye

ORLANDO BOYER



MATEUS

O Evangelho do Rei

STÁ PRÓXIMO O REINO DOS CÉUS

ORLANDO BOYER

MATEUS:
O EVANGELHO DO REI

É CHEGADO O REINO DOS CÉUS

MATEUS 4:17

LIBRARY OF PRINCETON
MAR 1 1994
THEOLOGICAL SEMINARY

CASA PUBLICADORA DA ASSEMBLÉIA DE DEUS
Rua São Luiz Gonzaga, 1951
Rio de Janeiro

JERUSALEM — "A CIDADE DO GRANDE REI"
Mateus 5:35
Atualmente uma mesquita muçulmana ocupa o local do Templo

Êste Livro...

Cumpre dizer que esta obra é o resultado de esfôrços, durante muitos anos, para colher e abreviar os pensamentos de alguns dos mais eminentes, humildes e ardentes servos de Deus, através dos séculos, sôbre o primeiro Evangelho.

Incluimos o texto do livro de Mateus, não sòmente para elucidar as observações, mas para que o leitor possa melhor firmar-se na infalivel verdade da Palavra inspirada pelo Espírito de Deus. Nada justifica a infelicidade de aceitar erro sòmente porque esteja baseado sôbre uma exposição profunda ou bem escrita.

Como indicamos, nos trechos não comentados, há comentários em preparação sôbre êsses versículos.

As citações do Novo Testamento são da "Revisão Autorizada" pela "Sociedade Biblica do Brasil".

ÍNDICE

O NOVO TESTAMENTO DE NOSSO SENHOR JESUS CRISTO 11
Os quatro Evangelhos 12
Mateus o Evangelho do Rei 12
O autor do primeiro Evengelho 14
A data do livro de Mateus 15
As divisões do livro 15
O valor prático do primeiro Evangelho 16

CAPÍTULO I A LINHAGEM E O NASCIMENTO DE JESUS CRISTO 17
I *Jesus Cristo é da linhagem de Abrão e de Davi.* 1:1-17 17
II *Cristo nasceu de uma virgem.* 1:18-25 24

CAPÍTULO II O MENINO REI 29
I *Os Magos procuram o Rei recém-nascido.* 2:1-8. 30
II *Os Magos adoram o Menino Rei.* 2:9-12 36
III *A fuga do Rei para o Egito.* 2:13-15 40
IV *A Cruel Carnificina das Crianças.* 2:16-18... 41
V *O Rei regressa para Sua terra.* 2:19-23 42

CAPÍTULO III O REI É UNGIDO 43
I *Aparece o precursor do Rei.* 3:1-12 43
II *O Rei é ungido.* 3:13-17 52

CAPÍTULO IV O REI É PROVADO 55
I *A tentação de Jesus.* 4:1-11. 56
II *Jesus príncipia a sua Missão.* 4:12-25 64

CAPÍTULO V AS LEIS DO REINO DOS CÉUS 70
I *A ocasião do sermão,* 5:1,2 72
II *As bem-aventuranças.* 5:3-12 73
III *O sal da terra e a luz do mundo.* 5:13-16.... 83
IV *A lei não é revogada, mas cumprida.* 5:17-20.. 86
V *Sôbre o homicídio.* 5:21-26 87
VI *Sôbre o adultério.* 5:27-32 90
VII *Sôbre o juramento.* 5:33-37 93
VIII *Sôbre a vingança.* 5:38-42 94
IX *Sôbre o amor.* 5:43-48. 96

CAPÍTULO VI O SERMÃO DO MONTE CONTINUA 99
I *A recompensa de esmolas.* 6:1-4 99
II *A recompensa de oração.* 6:5-15 100
III *A recompensa de jejuar.* 6:16-18..... 109
IV *A recompensa para os que vencem a avareza.* 6:19-24 109
V *A recompensa para os que vencem a ansiosa solicitude.* 6:25-34 112

CAPÍTULO VII CONCLUSÃO DAS LEIS DO REINO..... 115
I *Acêrca da censura e a repreensão.* 7:1-6. 115
II *Jesus inspira a orar.* 7:7-12. 118
III *As duas estradas.* 7:13,14 119
IV *As duas árvores.* 7:15-23. 121
V *Os dois edifícios.* 7:24-27..... Luc. 6:46-48
VI *O efeito do Sermão do Monte.* 7:28,29 123

CAPÍTULO VIII OS MILAGRES DO REI 124
I *Cura de um Leproso.* 8:1-4. .... Mar. 1:40-45
II *Cura do criado de um centurião...* Luc. 7:1-10
III *Cura da sogra de Pedro,* 8:14-17 125
IV *Aos que querem seguir a Jesus.* 8:18-22..... Luc. 9:57-62.
V *Jesus acalma uma tempestade.* 8:23-27..... Mar. 4:35-41
VI *Os endemoninhados Gadarenos.* 8:28-34..... Mar. 5:1-20

CAPÍTULO IX OS MILAGRES DO REI (Con.) 130
I *A cura de um Paralítico.* 9:1-8... Mar. 2:1-12
II *Chamada de Mateus.* 9:9-13 130
III *A questão de Jejum.* 9:14-17... Mar. 2:18-22
IV *Cura da mulher Hemorrágica — Ressurreição da filha de Jairo.* 9:18-26..... Mar. 5:21-43.
V *Cura de dois cégos.* 9:27-31 133
VI *A cura de um mudo endemoninhado.* 9:32-34.. 135
VII *A Seara e os Ceifeiros.* 9:35-38 136

CAPÍTULO X OS DOZE MINISTROS DO REI 139
I *Eleição dos Apóstolos.* 10:1-4. 139
II *Primeira Missão dos Apóstolos.* 10:5-15 142
III *Perseguições futuras.* 10:16-23 145
IV *Motivos de perseverança.* 10:24-33 146
V *A Cruz de Cristo.* 10:34-39 147
VI *As recompensas.* 10:40-42 149

CAPÍTULO XI O REI É REJEITADO 150

I *Cristo prega incansavelmente.* 11:1..... 150
II *O Batista envia mensageiros a Jesus.* 11:2-6. Luc. 7:18-23
III *Testemunho sôbre João.* 11:7-19 .. Luc. 7:24-35
IV *Cidades impenitentes,* 11:20-24 151
V *Vinde a mim.* 11:25-30 152

CAPÍTULO XII O REI É SENHOR DO SÁBADO 157
I *Pelas searas no Sábado.* 12:-1-8.. Mar. 2:23-28
II *O homem da mão ressequida.* 12:9-13 ..... Mar. 3:1-6
III *Jesus retira-se.* 12:14-21 157
IV *À Cura de um endemoninhado cego e mudo.* 12:22-32 ..... Mar. 3:20-30
V *Árvores e seus frutos.* 12:33-37 .. Mat. 7:15-23
VI *O sinal de Jonas.* 12:38-45 .... Luc. 11:29-32
VII *A Familia de Jesus rejeita-o.* 12:46-50..... Mar. 3:31-36

CAPÍTULO XIII AS PARÁBOLAS DO REINO 160
I *A parábola do semeador.* 13:1-23 162
II *A parábola do joio.* 13:24-30 163
III *A parábola do grão de mostarda,* 13:31,32 164
IV *A parábola do fermento.* 13:33-35 165
V *Explicação da parábola do joio.* 13:36-43..... 166
VI *As parábolas do tesouro escondido e da pérola de grande valor.* 13:44-46 167
IIV *A parábola da rêde.* 13:47-53 167
VIII *Jesus é rejeitado em Nazaré.* 13:54-48 ..... Mar. 6:1-6

CAPÍTULO XIV A RETIRADA DO REI 163
I *Degolação de João Batista.* 14:1-12 Mar. 6:14-29
II *Primeira multiplicação dos Pães.* 14:13-21..... João 6:1-13
III *Jesus anda por sôbre as ondas.* 14:22-33 168
IV *Jesus em Genesaré.* 14:34-36 170

CAPÍTULO XV A RETIRADA DO REI (Con.) 172
I *Discurso sôbre Religião de coração.* 15:1-20. Mar. 7:1-23
II A mulher Cananéia. 15:21-28.. Mar. 7:24-30
III *Jesus cura enfermos em Decápolis.* 15:28-31... 174
IV *A segunda multiplicação dos pães.* 15:32-39... Mar. 8:1-10

CAPÍTULO XVI O REI ANUNCIA A SUA MORTE 176
I *O fermento dos Fariseus.* 16:1-12 Mar. 8:11-21

II *A confissão de Pedro.* 16:13-20 176
III *Jesus anuncia a sua morte.* 16:21-23 181
IV *O dever de levar a Cruz.* 16:24-27. Luc. 9:23-27

CAPÍTULO XVII O REI NA SUA FORMOSURA 183
I *A transfiguração.* 17:1-8 ..... Mar. 9:2-8
II *Reaparecimento de Elias,* 17:9-13.. Mar. 9:9-13
III *O menino possesso.* 17:14-21 .... Mar. 9:14-29
IV *Jesus torna a predizer sua paixão.* 17:22-23.... 184
V *O estater na boca do peixe.* 17:24-27 184

CAPÍTULO XVIII,OS GRANDES NO REINO DE DEUS.... 186
I *O maior no Reino dos Céus.* 18:1-14. Mar. 9:33-50
II *O indispensavel perdão.* 18:15-22 186
III *A parábola do credor incompassivo.* 18:23-35.. 190

CAPÍTULO XIX O DIVÓRCIO E AS RIQUEZAS NO REINO. 194
I *Rumo a Judéia.* 19:1,2 194
II *Acêrca do divórcio.* 19:3-12 195
III *Jesus abençoa as crianças.* 19:13-15. Mar. 10:13-16
IV *O joven rico.* 19:16-22..... Mar.10:17-22
V *O perigo das riquezas.* 19:23-30. Mar. 10:23-31

CAPÍTULO XX SERVIÇO E RECOMPENSA DO REINO .. 196
I *A parábola dos trabalhadores na vinha.* 20:1-16 196
II *Jesus anuncia pela terceira vez a sua morte.* 20:17-19 199
III *O pedido da mãe de Tiago e João.* 20:20-28 Mar. 10:35-45
IV *A cura de dois cegos de Jericó.* 20:29-34..... Luc. 18:35-43

CAPÍTULO XXI JESUS É ACLAMADO REI 201
I *Entrada solene em Jerusalém.* 21:1-11. ..... Luc. 19:28-40
II *Purificação do templo.* 21:12-17 201
III *A Figueira sem fruto.* 21:18-22. Mar. 11:12-24
IV *A parábola dos dois filhos.* 21:23-32 203
V *A parábola dos lavradores perversos.* 21:33-46 205

CAPÍTULO XXII O REI EM CONFLITO COM INIMIGOS 208
I *A parábola do banquete núpcial.* 22:1-14..... 208
II *A questão do tributo.* 22:15-22... Mar. 12:13-17
III *A questão da Ressurreição.* 22:23-33. Mar. 12:18-27
IV *A questão do mandamento máximo.* 22:34-40. Mar. 12:28-34
V *A questão de Davi e o Messias.* 22:41-46..... Mar. 12:35-37

CAPÍTULO XXIII O SERMÃO DE DESPEDIDA NO TEMPLO 213
I *O espírito farisáico,* 23-1-36 213
II *O lamento sôbre Jerusalém* .23:37-39 220

CAÍPTULO XXIV O SERMÃO DO MONTE DAS OLIVEIRAS 223
I *A destruição do Templo.* 24:1,2..... Luc. 21:5,6
II *O princípio das dores.* 24:3-14 223
III *A grande tribulação.* 24:15-28 224
IV *A segunda vinda de Cristo.* 24:29-31. .....
Luc. 21:25-28
V *A parábola da Figueira.* 24:32-44 226
VI *A parábola do bom e do mau servo.* 24:45-51.. 227

CAPÍTULO XXV O SERMÃO OLIVAL CONTINUA 229
I A *parábola das dez Virgens.* 25:1-13 229
II *A parábola dos Talentos.* 25:14-30 234
III *O julgamento das Nações.* 25:31-46 240

CAPÍTULO XXVI O REI É JULGADO 246
I *O plano para tirar a vida a Jesus.* 26:1-5..... 246
II *Jesus ungido em Betânia.* 26:6-13 247
III *O pacto da traição.* 26:14-16... Mar. 14:10-11
IV *A última Páscoa e a Ceia do Senhor.* 26:17-30.. 248
V *Pedro é avisado.* 26:31-35..... Mar. 14:27-31
VI *A agonia no Getsêmani.* 26:36-46 253
VII *Jesus é preso.* 26:47-56 255
VIII *Jesus perante o Sinédrio.* 26:57-68 .....
Mar. 14:53-65
IX *Pedro nega a Jesus.* 26:69-75 256

CAPÍTULO XXVII O REI É CRUCIFICADO 257
I *Jesus é entregue a Pilatos.* 27:1,2 258
II *O desespêro de Judas.* 27:3-10 258
III *Jesus novamente perante pilatos.* 27:11-26 260
IV *Jesus é coroado de Espinhos,* 27:27-31 .....
Mar. 15:16-20
V *Simão leva a Cruz do Senhor.* 27:32 260
VI *A Crucificação.* 27-33-44 261
VII *A morte de Jesus.* 27:45-56 264
VIII *O Sepultamento de Jesus.* 27:57-61 269
IX *A Guarda do Sepulcro.* 27:62-66 270

CAPÍTULO XXVIII A RESSURREIÇÃO E A GRANDE COMISSÃO DO REI 271
I *A Ressurreição de Jesus.* 28:1-10 272
II *Suborno dos guardas.* 28:11-15 274
III *A grande Comissão.* 28:16-20 275

O NOVO TESTAMENTO DE NOSSO SENHOR JESUS CRISTO

O estimado pregador, A. B. Simpson, relatou o caso de certo homem abastado. Seu único filho falecera antes do próprio rico morrer e não havia herdeiro; nem se encontrava testamento do falecido.

Conforme a lei, tudo foi publicado para ser vendido. No dia do leilão, certa velhinha pobre, ofereceu ao leiloeiro um cruzeiro, suplicando conceder-lhe o retrato do filho do velho. Ninguém queria o quadro e foi por fim vendido à pobre velhinha pela importância de um cruzeiro. Ela tinha sido ama do filho do velho quando êle era criança e prezava o retrato como de um querido filho.

Mas a velhinha descobriu algo que parecia um documento, pregado no verso do quadro. Ao entregar o papel ao leiloeiro, grande foi a surprêsa de todos: era o testamento do rico legando os seus bens disponíveis à pessoa que estimasse o seu filho ao ponto de comprar o retrato no leilão judicial!

Jamais pensemos que somos pobres e desprezados. Tôdas as vêzes que vemos um Novo Testamento, lembremo-nos de que a herança dêsse testamento é nossa. Nunca houve alguém que deixasse seus bens, em testamento, a um parente íntimo, com tanto carinho, como o Filho de Deus.

O Testador já faleceu: o testamento está confirmado. Hebreus 9:16,17. Nada resta ao crente senão se aproveitar da herança.

Com o mesmo carinho do Testador, na medida do possível, queremos conhecer cada palavra do testamento que nos lega as riquezas verdadeiras.

OS QUATRO EVANGELHOS

Uma leitura superficial da Bíblia é suficiente para saber que há sòmente um Evangelho. Gál. 1:6-9. Entretanto, chamam-se os primeiros quatro livros do Novo Testamento "Evangelhos", porque relatam as boas novas (evangelho) do Filho de Deus que veio ao mundo para salvar pecadores do inferno.

Mas, por que há quatro Evangelhos, e não sòmente um?

Podemos ilustrar isso com a nossa tentativa de fotografar a grande e imponente cachoeira de Paulo Afonso. Voltamos de nossa excursão lá com a desculpa de não existir máquina capaz de produzir fotografia que representasse a centésima parte da grandeza e majestade dessa cachoeira.

Então encontramos à venda, numa loja, uma bela vista da famosa cachoeira de Paulo Afonso. O engenhoso fotógrafo conseguira unir cinco ou seis chapas dessas atroantes quedas d'água de maneira a formarem um panorama onde se via o grande rio São Francisco no seu salto espetacular de oitenta metros para baixo.

Foi assim que o Espírito Santo inspirou os quatro "Evangelistas" para escreverem, cada um de seu ponto de vista, e de tal forma, que as quatro obras perfazem uma só. Os quatro Evangelhos não são quatro relatos, independentes uns dos outros, mas quatro histórias da vida de Cristo, das quais cada uma tem a sua parte, junto com as outras, para completar a mais bela, a mais empolgante e a mais significativa história jamais escrita.

MATEUS: O EVANGELHO DO REI

Em Apocalipse 4:7, na descrição dos quatro querubins, ou seres viventes, o primeiro era semelhante a leão (o rei dos animais); o segundo, o novilho (ou boi, que serve aos homens como grande paciência); o terceiro tinha o rosto como de homem; e o quarto era semelhante a águia quando voa. Os crentes primitivos comparavam, com razão, êsses símbolos aos quatro Evangelhos. O livro de Mateus é *O Evangelho do Rei*. O livro de Marcos é *O Evangelho do grande Servo de Deus*. O livro de Lucas é *O Evangelho do Filho do homem*. O livro de João é *O Evangelho do Filho de Deus*.

No livro de Mateus, *O Evangelho do Rei,* vê-se nos primeiros capítulos o Rei dos judeus e por fim o Rei soberano nos céus e na terra, enviando Seus embaixadores às nações para exigir sua sujeição e homenagem.

No livro de Marcos, *O Evangelho do grande Servo de Deus,* enfatizam-se os atos de Cristo, não as Suas palavras. Enquanto Mateus relata os grandes discursos de Cristo ,Marcos conta da lida incansável do Servo de Jeová.

No livro de Lucas, *O Evangelho do Filho do homem,* mostra-se o coração de Jesus em uma série de manifestações de Sua compaixão, ternura e amor. Primeiro revela-O como Criança de colo e, por fim, no passeio a Emaús, mostra que Seu coração humano não se mudara na morte e nem na ressurreição; Êle continua Filho do homem.

No livro de João, *O Evangelho do Filho de Deus,* vê-se como Jesus assemelha-se à natureza da águia que voa e nos leva às alturas da Sua divindade eterna. É o livro que nos revela o mistério de Êle ser um com o Pai. Nenhum dos quatro Evangelistas, contudo, pretendem dar uma biografia completa de Jesus Cristo. Ao contrário, vêde, por exemplo, João 21:25.

Qual foi, então, o propósito de Mateus ao escrever seu Evangelho? Isso êle não declarou expressamente. Mas no que escreveu descobre-se que o seu alvo era o de demonstrar, incontestàvelmente, que Jesus de Nazaré é o grande Messias, o verdadeiro Rei, prometido de Deus e esperado durante longo tempo por seus patrícios, os judeus. Para êsse fim, Mateus cita cêrca de quarenta passagens do Velho Testamento. O único lugar na Bíblia onde aparece o têrmo "reino dos céus" é no livro de Mateus; aí aparece trinta e três vêzes! No primeiro capítulo da sua obra, Mateus prova que Jesus nascera da linhagem real. No terceiro capítulo descreve o precursor do Rei, proclamando que o Reino está próximo. O Sermão do monte é realmente o manifesto dêsse Rei. Seus milagres são seus credenciais (caps. 8 e 9); Suas parábolas são intituladas "os mistérios do Reino". Até fora do país Êle foi chamado "o Filho de Daví"; declarou-se livre da obrigação de pagar tributo, sendo Filho do Rei. Entrou, por fim, em Jerusalém como Rei; na sombra da cruz predisse a Sua volta em glória para reinar sôbre tudo. Na ocasião da Sua morte, fenderam-se as rochas ,a terra tremeu e mortos saíram dos túmulos. A Sua ressurreição foi com poder majestoso, acentuado por terremoto e grande terror entre os guardas. Nas Suas últimas palavras proclamou Seu direito de Rei e deu a Sua ordem real: "Tôda a autoridade me foi dada no céu e na terra. Ide portanto..."

O autor do primeiro Evangelho

O autor do livro é logo o Espírito Santo. Mas a pena que Êle usou estava na mão de Mateus, também chamado Leví (Luc. 5:27-29), um judeu da Galiléia.

Um dos atos mais humilhantes, e igualmente sublimes, foi o da Divindade Santíssima comer com publicanos. O Rei dos reis, nesse gesto de imenso amor, ganhou um dos mais desprezados pecadores do mundo,

"Mateus o publicano". Mat. 10:3. Seu nome está incluído em tôdas as listas dos nomes dos doze apóstolos. Mat. 10:3; Mar. 3:18; Luc. 6:15 e Atos 1:13. A graça do Mestre, em comer com publicanos, ganhou não apenas êsse apóstolo, mas, também, por intermédio dêle, ganhou-nos a obra que encabeça o Novo Testamento, O Evangelho Segundo Mateus.

O escritor do primeiro Evangelho era, por nascimento, um judeu. De ofício, foi publicano, até o dia em que Cristo o chamou para seguí-Lo. Desde então passou a acompanhar o Senhor Jesus durante todo o tempo em que Êle andou entre êles, começando no batismo de João, até o dia em que foi elevado às alturas. Atos 1:21,22. Era, portanto, uma testemunha inteiramente fidedigna, escrevendo do que êle mesmo ouvira, do que vira com os próprios olhos, e do que apalpara com as suas mãos. I João 1:1.

A data do livro de Mateus

O Evangelho segundo Mateus não sòmente ocupa o primeiro lugar de todos os vinte e sete livros do Novo Testamento, mas os eruditos, geralmente, concordam que foi escrito antes de qualquer outro dos quatro Evangelhos. Conforme a tradição, o Evangelho Segundo Mateus foi escrito no ano 37 A. D. Pelo que consta do cap. 24:15, é claro que foi escrito antes do ano 70 A. D., quando Jerusalém foi destruída.

As divisões do livro

A matéria do livro de Mateus, na maior parte, não foi escrita em ordem cronológica. Note-se como os relatos dos milagres estão, na maior parte agrupados nos caps. 8 e 9, enquanto uma grande parte das lições de Cristo estão ajuntadas como nos caps. 5 a 7. Contudo pode-se dividir o livro em três grandes partes:

1) A genealogia, o nascimento e a meninice do Senhor. Caps. 1 e 2.

2) O ministério de Jesus na Galiléia. Caps. 3 a 18.

3) O Seu ministério na Judéia, seguido por Sua paixão, morte e ressurreição. Caps. 19 a 28.

O valor prático do primeiro Evangelho

Para os crentes em geral, Cristo Jesus é apenas Salvador. É o fato transcendente que Êle nos salva. Mas Mateus foi inspirado divinamente para levar os crentes a viverem esperando a inauguração do reinado do Rei universal. Ao contemplar, hoje em dia, a efervescência dos povos da terra, a selvageria da guerra, a crescente ameaça do mal de derribar todo o govêrno — ao contemplar tudo isso, o nosso coração anela o reinado dAquêle cuja sabedoria nunca falha, cujo amor é infinito e cujo poder é supremo.

Cremos que uma das coisas mais práticas no propósito do *Evangelho Segundo Mateus* é induzir os crentes a aceitarem a Cristo, não sòmente como Salvador, mas também como o Rei pronto a reinar sôbre todo o mundo. O anelo da nossa vida cotidiana é o que determina pràticamente a nossa vida. É pergunta muito prática: A aspiração da nossa vida é realmente a mesma da última súplica da Bíblia: "Vem Senhor Jesus"?

Capítulo I

A LINHAGEM E O NASCIMENTO DE JESUS CRISTO

O Evangelista inicia sua obra acentuando o fato de Jesus Cristo ter os incontestáveis direitos de Messias e Rei, cumprindo as Escrituras do Velho Testamento: I Jesus Cristo era da linhagem de Abraão e de Davi. II Jesus Cristo nasceu de uma virgem, cumprindo minuciosamente as exigências das Escrituras.

I. JESUS CRISTO É DA LINHAGEM DE ABRAÃO E DE DAVÍ

1:1 Livro da genealogia de Jesus Cristo, filho de Davi, filho de Abraão.
2 Abraão foi o pai de Isaque; Isaque, de Jacó; Jocó, de Judá e de seus irmãos;
3 Judá e Tamar foram os pais de Farés e Zará; Farés foi o pai de Esrom; Esrom, de Arão;
4 Arão foi o pai de Aminadabe; Aminadabe, de Naassom; Naassom, de Salmom;
5 Salmom e Raabe foram os pais de Boaz; êste e Rute foram os pais de Obede; e Obede, de Jessé;
6 Jessé foi o pai do rei Davi; e o rei Davi, pai de Salomão, filho da que fôra mulher de Urias;
7 Salomão foi o pai de Roboão; Roboão, de Abias; Abias, de Asa;
8 Asa foi o pai de Josafá; Josafá, de Jorão; Jorão, de Ozias;
9 Ozias foi o pai de Joatão; Joatão, de Acaz; Acaz, de Ezequias;
10 Ezequias foi o pai de Manassés; Manassés, de Amom; Amom, de Josias;
11 Josias foi o pai de Jeconias e de seus irmãos, no tempo do exílio em Babilônia.

12. Depois do exílio em Babilônia, Jeconias foi pai de Salatiel; e Salatiel, de Zorobabel;
13 Zorobabel, de Abiúde; Abiúde, de Eliaquim; Eliaquim, de Azor;
14 Azor, de Sadoque; Sadoque, de Aquim; Aquim, de Aliúde;
15 Aliúde, de Eleázar; Eleázar, de Matã; Matã, de Jacó.
16 E Jacó foi o pai de José, marido de Maria, da qual nasceu Jesus, que se chama o Cristo.
17 De sorte que tôdas as gerações, desde Abraão até Davi, são catorze; desde Davi até ao destêrro para a Babilônia, catorze; e desde o destêrro da Babilônia até Cristo, catorze.

Como o ferreiro deita a ponta de um ferro em brasa sôbre a ponta de outro ferro também em brasa e, com marretadas sôbre a bigorna, emenda-os em um só ferro, assim o primeiro versículo de Mateus serve para emendar o Novo Tetsamento firmemente ao Velho Testamento, fazendo uma só Bíblia. Deus fez aliança com Abraão acêrca da terra (Gên. 15:18; 13:15 "para sempre"; compare com Atos 7:5); fez aliança com Davi acêrca do trono. II Sam. 7. No primeiro versículo do Novo Testamento revela-se que na Nova Aliança "os dons e a vocação de Deus são irrevogáveis" (Rom. 11:29); o Novo Testamento é uma continuação do assunto em que Deus cumpre Suas alianças do Velho Testamento. Vide Rom. 11, etc.

É significativo que Deus cumpriu a promessa feita a Abraão acêrca de ter filhos, quando não havia mais esperança e tudo indicava ser impossível o cumprimento. Gên. 12:2; 15:1-6; Heb. 11:11, 12. Da mesma maneira o Senhor começou a cumprir a promessa feita a Davi acêrca do Messias, quando isto parecia impossível, fazendo o Cristo nascer em cumprimesto às Escrituras do Velho Testamento. Podemos sòmente esperar que Deus cumprirá, agora também, o resto das duas alianças, uma feita a Abraão e a outra feita a Davi, apesar de isto parecer agora também impossível.

Livro da genealogia de Jesus Cristo (v. 1): É uma expressão judaica significando que os versículos que seguem constituem a táboa genealógica (compare Gên. 5:1, Vers. Bras.) de Jesus Cristo; a frase não se refere a todo o livro de Mateus, mas apenas aos vers. 1 a 17 do primeiro capítulo.

Há sòmente duas genealogias no Novo Testamento (Mat. 1 e Luc. 3); as duas são de uma só pessoa, de nosso Salvador. Não foram escritas para satisfazer a vangloria de qualquer pessoa, como a maior parte das táboas genealógicas, mas para salientar o fato insigne de Jesus Cristo ser da linhagem de Abraão e de Daví.

Mateus dá a linha ancestral de Jesus, começando por Abraão, por Daví, por Salomão, e pelos reis, em ordem, até Jeconias, o último rei. Depois dá os nomes dos *herdeiros ao trono,* até Jesus Cristo.

Lucas, na sua genealogia, começa com Jesus Cristo, traçando a linha ancestral para trás, por Natã (irmão de Salomão) até Daví; e de Daví, por Abraão, até Adão.

As duas táboas são idênticas de Abraão a Daví, mas de Daví a José são diferentes. A explicação da grande divergência entre as duas tem sido um verdadeiro quebra-cabeça entre os comentadores da Bíblia.

Antes de tudo, há uma coisa certíssima: as duas listas dos antepassados de Jesus nunca foram contestadas, apesar dos inumeráveis inimigos que se esforçavam para não conceder a Jesus o direito ao trono de Daví. O mundo tem de aceitar as táboas de Mateus e de Lucas como autênticas. Mas como se explica a grande diferença entre as duas?

1. *Algumas soluções sugeridas:*

1) Uma das linhagens é do avô paterno de José, a outra do avô materno. Tal sugestão não passa de uma suposição; é sòmente conjectura, sem qualquer base.

2) Foi sugerido, pela primeira vez no século XV,

que Mateus dá a lista dos antepassados de Jesus como Filho adotivo de José, enquanto Lucas apresenta a sua lista dos antepassados de Maria, a mãe de Jesus. Notemos alguns pontos que dão grande valor a tal suposição: (a) É certo que Maria foi da linhagem de Daví. Rom. 1:3; Atos 2:30; etc. Foi em ordem, portanto, que Lucas apresentasse a linhagem, mostrando que o Senhor foi realmente da descendência de Daví. (b) Lucas, para acentuar à humanidade de Cristo, relata detalhadamente muitos dos eventos na vida de Sua mãe, do Seu nascimento, de Sua meninice. É natural, portanto, supor que Lucas, para cumprir seu propósito de acentuar a humanidade de Jesus, desse a Sua genealogia segundo a carne. (c) O nome de Maria não aparece na genealogia de Lucas porque, conforme o costume dos judeus de não incluir os nomes de mulheres nas genealogias, foi necessário usar o nome de seu marido, em vez do nome dela. Apesar de Lucas dizer que José foi o "filho de Heli" (Luc. 3:23), tal têrmo realmente significava que José foi o "genro de Heli".

Tôdas essas idéias parecem muito plausíveis, contudo nenhuma está fora de dúvida. Não podemos ter a certeza de que em Lucas 3:23 "o filho de Heli" quer dizer "o genro de Heli."

2. *A verdadeira solução:*

O que parece a verdadeira solução é que as duas genealogias são, como consta, realmente de José; a descendência de Jesus, tanto em Lucas, como em Mateus, é considerada segundo o Seu estado legal na família de José. Pois a lei judaica não reconhecia Jesus como da carne e do sangue de Daví, sòmente porque Maria o foi. De fato, os judeus nem admitiam que Jesus nascesse de virgem. A genealogia de Maria, portanto, não servia. O estado judicial de Jesus, como Filho de Daví, perante o mundo, dependia da Sua genealogia como "filho de José."

Então, por que há duas genealogias de José? A resposta é fácil. O único alvo de Mateus é o de demonstrar *o direito legal de Jesus ao trono,* enquanto o propósito de Lucas é *o de dar a própria linha da qual José nascera.*

Inserimos o seguinte sôbre o assunto, escrito por Lord Hervey, reconhecido como uma das maiores autoridades sôbre genealogia:

"Ao examinar a genealogia de Mateus, para ver quando se rompeu a linha real de Judá, é claro que foi em Jeconias. Note-se, também, como o Senhor, pela bôca de Jeremias, ordenou que êsse rei fôsse privado de filhos e que ninguém da sua semente se assentasse no trono de Daví, nem reinasse mais em Judá (Jer. 22:30): ... Os homens depois de Jeconias, desprovido de filhos, são os herdeiros mais próximos, como também os são em I Crôn. 3:17. Olhando novamente para as listas em Mateus e Lucas ficamos certos desta conclusão. Os dois nomes que seguem o de Jeconias, Salatiel e Zorobabel estão realmente transferidos da outra genealogia (de Lucas), na qual consta que o pai de Salatiel foi realmente Neri, da família de Natã. Torna-se certo, portanto, que Salatiel, da família de Natã, irmão de Salomão, se tornou herdeiro ao trono de Daví, quando falhou a linha de Salomão, na pessoa de Jeconias. Assim Salatiel e seus descendentes foram transferidos, como "filhos de Jeconias" para a táboa genealógica real, segundo a lei judaica. Vide Núm. 27:8-11. Depois as duas genealogias coincidem por duas, ou melhor, quatro gerações. Então aparecem seis nomes, em Mateus, que não se acham em Lucas. A seguir as duas listas concordam no nome de Matã. (Mat. 1:15; Luc. 3:24) a quem são atribuídos dois filhos diferentes, Jacó e Heli; mas sòmente um e o mesmo neto e herdeiro, José o marido de Maria, o reputado pai de Jesus, que se chama o Cristo".

A súmula do assunto, então, é que Lucas dá a táboa genealógica de Jesus Cristo, como filho legal de José,

segundo Seu nascimento. Mas Mateus dá a lista *dos herdeiros ao trono*. Vide o artigo "Genealogy of Christ", da autoria de Lord Hervey, em "Smith's Bible Dictonary", onde se trata do assunto mais plenamente.

Nos versículos 3 a 6 aparecem os nomes de quatro mulheres: Tamar, Raabe, Rute e "a mulher de Urias". Tôdas essas tinham o nome manchado pelo pecado (Gên. 38:24; Jos. 2:1; II Sam. 11); até mesmo Rute, porque era moabita (Rute 1:22; Deut. 23:3). O Salvador veio para salvar pecadores e não se envergonhava de aceitar nomes de pecadores na Sua linhagem real!

Não só nós, mas também Êle, herdou a inclinação para o mal. Compare Heb. 4:15. A maneira para melhorar as qualidades raciais das gerações futuras não está em governar os casamentos, como ensina o mito da eugenia. Não há esperança para a raça humana como tal, a não ser que cada pessoa renasça, como Cristo manda.

Note-se como o filho não adquire por parentêsco a boa vida, nem herda a impiedade do pai:

1) Roboão foi o pai de Abias (v. 7): um mau pai gerou um mau filho;

2) Abias foi o pai de Asa (v. 7): um mau pai gerou um bom filho;

3) Asa foi o pai de Josafá (v. 8): um bom pai gerou um bom filho;

4) Josafá foi o pai de Jorão (v. 8): um bom pai gerou um mau filho;

Maria da qual nasceu Jesus (v. 16: Há seis mulheres diferentes com nome de Maria no Novo Testamento: (1) Maria, mãe de Jesus, sempre bem identificada pelo contexto. (2) Maria Madalena, de Madala, "da qual saíram sete demônios" (Luc. 8:2). Esta nunca é mencionada senão com a palavra que lhe identifica, "Madalena". (3) A mãe de Tiago (chamado "o menor" — Mar. 15:40) e de José. Ao comparar João 19:25, Mat. 27:56 e Mar. 15:40, é claro que essa Maria, a mãe de

Tiago, o menor, e de José, foi a espôsa de Alfeu (também chamado Clopas) e uma irmã de Maria, a mãe de Jesus. Exceto em Mat. 27:61 e 28:1, onde é chamada "a outra Maria" (isto é, outra que não sua irmã, Maria, a Virgem); e em João 19:25, onde é chamada "mulher de Clopas, ela é mencionada sòmente ao lado de um ou ambos de seus filhos. (4) Maria de Betânia, a irmã de Marta e Lázaro, mencionada pelo nome sòmente em Luc. 10:39, 42; João 11:1, 2, 19, 20, 28, 31, 32, 45; 12:3; mas é a ela que se refere Mat. 26:7 e Mar. 14: 3-9. (5) A mãe de João Marcos e irmã de Barnabé. (Atos 12:12). (6) Uma auxiliar de Paulo em Roma. (Rom. 16:6).

Jesus que se chama Cristo (v. 16): "Cristo" é a forma grega de "Messias", forma hebraica da palavra que quer dizer o "Ungido". "Jesus" é a forma grega de "Josué", forma hebraica da palavra que quer dizer "Salvador". "Cristo" é Seu nome oficial, ligando-O com tôdas as profecias do Velho Testamento acêrca do Grande Profeta (Deut. 18:15-19; Atos 3:22); acêrca do Grande Sacerdote (Sal. 110:4; Heb. 6:20); e acêrca do Grande Rei (Jer. 23:5, Mat. 2:2). Como êsses foram ungidos tìpicamente com azeite (I Reis 19:16, Êxo. 29:7, I Sam. 16:13), assim foi Jesus ungido com o Espírito Santo (Mat. 3:16), tornando-se oficialmente o Ungido, o Cristo.

O nome "Jesus" (Salvador) é mel na bôca, melodia nos ouvidos e cântico jubiloso no coração. Mas a palavra é infinitamente mais sublime e maravilhosa quando colocada ao lado da palavra "Cristo" (Ungido). Assim as duas palavras juntas querem dizer: "Salvador ungido"; isto é, *nosso Salvador habilitado para a Sua obra*.

Jocó foi o pai de José, marido de Maria, da qual nasceu Jesus, que se chama Cristo (v. 16): As palavras acentuam o fato de Jesus não ser Filho de José. Assim, na primeira página do Evangelho, o Cristo apresenta-se ligado a uma raça que não O podia produzir. Entrou

nessa raça, pertenceu a ela; contudo foi distinto dela. O mistério está explicado nos vers. 18 a 25.

De sorte que tôdas as gerações... (v. 17): Há ênfase na expressão *"de sorte"*. Isto é, depois de o escritor suprimir os nomes dos reis Acazias, Joás e Amazias (Compare II Crôn. 22 a 25 e Mat. 1:8), há "desde Davi até ao destêrro para a Babilônia, catorze gerações". Êstes nomes foram suprimidos, parece, conforme o costume, para facilitar a memorização da genealogia. Isto não criava qualquer dificuldade para o povo que sempre tinha o Velho Testamento ao lado.

II. CRISTO NASCEU DE UMA VIRGEM

1:18 Ora, o nascimento de Jesus Cristo foi assim: Estando Maria, sua mãe, desposada com José, sem que tivessem antes coabitado, achou-se grávida pelo Espírito Santo.
19 Mas José, seu espôso, sendo justo e não a querendo infamar, resolveu deixá-la secretamente.
20 Enquanto ponderava nestas cousas, eis que lhe apareceu, em sonho, um anjo do Senhor, dizendo: José, filho de Davi, não temas receber Maria, tua mulher, porque o que nela foi gerado é do Espírito Santo.
21 Ela dará à luz um filho e lhe chamarás JESUS, porque êle salvará o seu povo dos pecados dêles.
22 Ora, tudo isto aconteceu, para que se cumprisse o que fôra dito pelo Senhor, por intermédio do profeta:
23 Eis que a virgem conceberá e dará à luz um filho, e êle será chamado pelo nome de Emanuel, que quer dizer: Deus conosco.
24 Despertado José do sono, fêz como lhe ordenara o anjo do Senhor e recebeu sua mulher.
25 Contudo, não a conheceu, enquanto ela não deu à luz um filho, a quem lhe pôs o nome: Jesus.

Maria... desposada com José (v. 18) :Maria, a mãe do Senhor, estava apenas *desposada,* ainda não casada; estava sòmente prometida em casamento a José. José estava desposado com Maria e ainda não a recebera nas palavras de Deut. 20:7.

Cristo nasceu de uma virgem, mas de virgem contratada. Note-se: (1) que o matrimônio é digno de honra entre todos (Heb. 13:4), apesar da doutrina de demônios, que proibe o casamento (I Tim. 4:1-3), alegando que pode haver perfeição sòmente para aquêles que não se casam. Quem foi mais favorecido que Maria? (2) Para não manchar seu caráter, Maria se casou. Convinha que sua gravidez fôsse honrada pelo matrimônio e, assim, justificada diante do mundo. Como disse um dos pais antigos: "Foi melhor que se dissesse: — Não é êste o filho do carpinteiro? — do que se tivesse dito: — Não é êste o filho da prostituta?" (3) Foi bom que Maria tivesse um companheiro ao seu lado, na liça que enfrentava.

Antes que tivessem coabitado, achou-se grávida pelo Espírito Santo (v. 18): Ela mesma sabia a origem da sua gravidez, mas como podia prová-la? Nunca houve filha de Eva mais honrada do que a Virgem Maria; mas, ao mesmo tempo, mais humilhada, ao ponto de levar a culpa de um dos mais baixos crimes .

Depois de recebermos extraordinárias bênçãos do Senhor, para que não nos vangloriemos, devemos esperar "um espinho na carne" que nos humilhe.

Apesar de correr o perigo de sofrer o atroz suplício de meretriz, Maria, cônscia da sua inocência, não se perturbou em espírito, mas se entregou Àquêle que julga com justiça. Aquêles que conservam uma boa consciência podem regozijar-se em Deus, que não sòmente zela pelo bom nome de Seus filhos, mas também revelará a verdade.

Mas José... sendo justo e não a querendo infamar (v. 19): Conforme a lei, José tinha o direito de repudiar a Maria. Deut. 24:1. Mas não queria infamá-la, apesar de ter êsse direito. Não mostrou o espírito de Judá, que em caso semelhante, exigiu que a nora fôsse queimada! Gên. 38:24. Não seria bom embora estivesse além da nossa compreensão, se todos os filhos de Deus mostrassem o mesmo espírito de José? Quantos se glo-

riam em agir de tal forma que todo o mundo possa ouvir e temer? José não era do número dos que acham bom fazer os culpados sofrerem abertamente, para que os simples temam. Não se pode condenar a José porque não queria executar a lei; diz-se que o seu ato foi "justo". Convém mostrar-nos misericordiosos, em muitos casos, mesmo quando a culpa do acusado parece provada. O rigor da lei é, muitas vêzes, a maior injustiça. E, mesmo quando a culpa do acusado é evidente, não devemos esquecer, mesmo em casos em que o réu foi "surpreendido" na ofensa, de tratá-lo com espírito de mansidão. Gal. 6:1.

Um anjo do Senhor, dizendo: José, filho de Davi... (v. 20): O anjo lembrou o pobre carpinteiro do fato de que era filho de Daví, para animá-lo a aceitar a Maria e a Criança gerada, sobrenaturalmente, em cumprimento as profecias acêrca do Messias e Rei. Quantas vêzes estamos nós, na lida neste mundo, esquecidos de nossa "herança dos santos na luz"?! É mister lembrar-nos dessa herança para termos o ânimo em agir como Deus quer.

O que nela foi gerado é do poder do Espírito Santo (v. 20): Maria concebera pelo *poder do Espírito Santo* e não pela virtude da natureza. O Espírito Santo, que produzira o mundo, então produziu o Salvador do mundo.

Êle salvará o seu povo dos pecados dêles (v. 21): Há nessa frase cinco verdades ignoradas pelos homens que andam na carne: (1) Todos os que andam no pecado estão perdidos, qualquer que seja a sua doutrina, raça ou posição social. (2) É sòmente Jesus que salva. O dinheiro, a sabedoria, as boas obras e mesmo a mãe de Jesus não nos podem salvar. (3) Jesus salva *dos* pecados, nunca *nos* pecados. I João 1:7; Heb. 12:14. (4) Jesus faz aquilo que outro rei jamais alcançou: salvar seus súditos do pecado. O problema do pecado está aumentando assombrosamente, ao ponto de os governos do mundo ficarem espantados. Há esperança só

em Jesus que salva do pecado. D. L. Moody pregou em Baltimore no inverno de 1878, todos os Domingos numa prisão onde havia 1.000 presos. Era costume premiar a cada um, que passasse o mês sem repreensão, com um dia de abatimento da sua sentença. Geralmente 40 a 50 dos mil recebiam um prêmio por mês. Depois, porém, de alguns Domingos de pregação, só um dos 1.000 não o recebia. O número dos que recebiam aumentou de 45 para 999! (5) Jesus salva verdadeiramente. Não é suficiente apenas reformar ou divertir os encarcerados. O que êles querem é ser libertados da prisão. Não basta vestir bem os cadáveres dos mortos; é necessário transmitir-lhes vida.

Eis que a virgem conceberá e dará à luz... (v. 23): Essa Escritura, cumprida no nascimento do Messias, foi o sinal dado ao rei Acaz (Isa. 7:14). A palavra "virgem", no original, significa uma virgem no sentido mais estrito. Se Maria o fôsse menos, o nascimento do Messias não teria sido um acentuado sinal, como a profecia indicava. Maria testificou: "Não conheço homem". Luc. 1:34. Estava compreendido, desde o início, que o Messias nasceria de uma virgem; porque fôra dito que Êle seria a Semente da mulher e não a Semente de qualquer homem. Gên. 3:15; compare Gál. 4:4.

Cristo nasceu não de imperatriz, nem de rainha, mas de uma virgem, aparecendo aqui no mundo não com pompa e nem com luxo, mas na maior simplicidade para ensinar-nos a verdadeira grandeza.

Emanuel, que quer dizer: *Deus conosco* (v. 23): Zola, célebre escritor francês, homem dotado de um assombroso poder descritivo, findou seu romance, "La Bete Humaine" com a narração de um trem superlotado de soldados. O trem é puxado por uma máquina — o maquinista morto! O trem aumenta cada vez mais a marcha — é noite, meia noite! O trem, na descrição do romancista, representa êste mundo. Os passageiros somos nós. O trilho é a sorte. A escuridão é a morte. O ma-

quinista é Deus — representado pelo famoso escritor como se Êle estivesse morto!

Foi a um mundo, possesso da mesma idéia de Zola, que o Deus vivo enviou o Messias. No primeiro capítulo do *Evangelho segundo Mateus,* Êle é intitulado *Emanuel, que quer dizer: Deus conosco.* No último versículo do mesmo Evangelho, diz-se: "Eis que estou convosco todos os dias até à consumação dos séculos". *Emanuel* em tôdas as épocas, *Deus conosco.*

José... fez como lhe ordenara o anjo... (vs. 24, 25): José não foi desobediente à visão celestial — sem vacilar aceitou Maria como espôsa, casando-se com ela. Que ficou afastado dela até nascer Jesus, as Escrituras nos afirmam: "Não a conheceu enquanto ela não deu à luz um filho". Que Maria permanecia virgem depois, as Escrituras não afirmam, nem dão a entender.

José obedeceu à ordem de Deus em tudo, mesmo em dar o nome "Jesus" ao Filho. Felizes são todos que também Lhe dão o nome: "Jesus nosso Salvador".

Ainda que Cristo nascer
Mil vêzes em Belém;
Se em ti não nascer,
Não serás feliz no além.

Capítulo II

O MENINO REI

A primeira vista, é natural supor que, ao chegar o Filho de Deus eterno aqui no mundo, todos os potentados deitariam as coroas e os cetros aos Seus benditos pés. Muitos acham que, ao chegar o Filho do Criador, os grandes se tornariam imediatamente os Seus humildes servos e que seria aceito com grande festividade e arrebatador júbilo em tôda a parte do mundo. Era tal Messias que os judeus esperavam. Ao contrário, não aconteceu nada disso; nem mesmo os Seus O receberam.

O Pai deu *o Seu Filho unigênito,* mas o mundo O rejeitou. Certa jóia foi submetida a um dos mais famosos avaliadores. O joalheiro fez cuidadosamente tôdas as provas de pêso, de côr, etc., fez um cálculo a lapis e, por fim, marcou um preço tão baixo que o dono se assustou. "É porque a pedrinha não é de primeira qualidade", explicou o experiente avaliador. — "Não é de primeira qualidade? Foi-me presenteada pelo rei"! — retrucou o dono da jóia. — "Ah, tenho negociado com muitos presentes reais e sei que os reis guardam as melhores gemas para si mesmos", respondeu o joalheiro. Mas o Rei celeste não é como os soberanos dêste mundo. No Seu infinito amor, deu-nos alegremente a Gema mais excelente de tôdas no universo, *o Seu Filho unigênito*. Deus deu o Melhor, mas o mundo O rejeitou!

Lembremo-nos de que o presente capítulo trata de *nosso* Rei.

I. OS MAGOS PROCURAM O REI RECÉM-NASCIDO

2:1 Tendo Jesus nascido em Belém da Judéia, em
dias do rei Herodes, eis que vieram uns magos do oriente
a Jerusalém,
2 E perguntavam: Onde está o recém-nascido rei
dos Judeus? porque vimos a sua estrêla no oriente, e
viemos para adorá-lo.
3 Tendo ouvido isso, alarmou-se o rei Herodes e,
com êle, tôda Jerusalém;
4 Convocando então todos os sacerdotes principais
e escribas do povo, indagava dêles onde o Cristo deveria
nascer.
5 Em Belém da Judéia, responderam êles, porque
assim está escrito por intermédio do profeta:
6 E tu, Belém, terra de Judá, não és de modo algum
a menor entre as principais de Judá; porque de
ti sairá um guia que há de apascentar a meu
povo, Israel.
7 Com isto Herodes, tendo chamado secretamente
os magos, inquiriu dêles com precisão quanto ao tempo
em que a estrêla aparecera.
8 E, enviando-os a Belém, disse-lhes: Ide informar-vos cuidadosamente a respeito do menino; e, quando
o tiverdes encontrado, avisai-me para eu também ir
adorá-lo.

Em dias do rei Herodes (v. 1): Êste foi Herodes, o Grande, rei da judéia de 39 a 4 A. C. Herodes, o Grande, era o pai de Herodes Antipas, tetrarca da Galiléia, de 4 A. C. a 39 A. D. (degolou a João Batista) e avô de Herodes Agripa I, rei de 37 a 44 A. D. (mencionado em Atos 12).

Ao ler que Herodes foi rei da Judéia durante os anos 39 a 4 antes de Cristo, deve-se lembrar que nosso calendário foi adotado alguns séculos depois da morte de Cristo. Foi ainda alguns séculos mais, depois de adotá-lo, que se descobriu um êrro de quatro anos no cálculo. O êrro nunca foi corrigido, devido a grande confusão que resultaria de uma revisão do calendário.

Herodes, o Grande, feito rei da Judéia pelos romanos, era um edomeu talentoso e enérgico, aumentan-

do grandemente o esplendor de Jerusalém e construindo o templo que servia como centro dos cultos no tempo de Cristo. Mas, sendo edomeu (vide Gên. 36:9), representava, naturalmente, a carne na sua inimizade contra o Senhor, e foi um dos monstros mais licenciosos, cruéis e sem escrúpulo de tôda a antiguidade. Teve nove espôsas e muitos filhos. Além de degolar todos os meninos em Belém (v. 16), matou, num ataque de ciume, a Mariane, sua mulher predileta e três de seus filhos. Depois de matar seu filho Antipater, morreu, comido de vermes, em maneira semelhante a seu neto Herodes Agripa I. Atos 12:23.

Eis que vieram uns magos do oriente (v. 1): Acentua-se o fato de que, entre os primeiros a procurarem o recém-nascido Rei, havia um grupo de gentios, "uns magos do oriente". Os judeus de então consideravam os gentios cães; e davam graças a Deus por não terem nascido gentios, nem cães. Achavam que tôdas as bênçãos, por intermédio do Messias, eram privativas dos judeus, apesar da declaração enfática de Deus que, na posteridade de Abraão, seriam abençoadas tôdas as famílias da terra. Gên. 12:3; 22:18. Lê-se em Gál. 3:16 que essa "posteridade" é o próprio Cristo. Assim a visita dos magos servia para lembrar os judeus de que Jesus nasceu em Belém "porque Deus assim amou ao *mundo" inteiro*. Vê-se hoje a mesma inclinação dos crentes de tôdas as nações; a maioria dos de cada nação ensina e trabalha como se o Evangelho fôsse inteiramente para a sua própria pátria, ligando pouca importância ao fato de existirem nações sem a Mensagem.

Há tanta fantasia acêrca dêsses "magos do oriente" que é difícil distinguir entre fábula e fato. Imagina-se que eram sábios, que eram três em número, que se chamavam Caspar, Melquior e Baltazar, que vieram, um da Grécia, outro da Índia e ainda outro do Egito. Tudo isso pertence tanto à ficção como as descrições de sua viagem, seu batismo depois por

Tomé, a descoberta de seus ossos no século IV, os ossos transferidos para a Igreja de Sta. Sofia, em Constantinopla, depois levados para Milão, e, por fim, transportados, por Frederico Barbarossa, para Colônia, onde os três crânios dos magos (?) estão guardados em um santuário de ouro!

A palavra no original, traduzida "mago", neste versículo (2:1), é traduzida "mágico" em Atos 13:6,8. Alguns comentadores julgam, portanto, que êsses "magos do oriente" eram mágicos como Elimas e como Simão (Atos 8:9 e 13:6). Assim a visita dos magos, para adorar ao Cristo, indica a Sua vitória, logo no início, sôbre o Diabo e seus devotos.

Outros comentadores, com muita razão, aceitam a palavra traduzida "mago" com sentido bom. Dizem que êsses magos eram de uma ordem de sacerdotes e filósofos que existia desde a antiguidade, para o leste do Eufrates, talvez da Pérsia. É possível que os magos mencionados em Daniel 1:20 pertencessem à mesma ordem.

De qualquer forma, é certíssimo que êsses "sábios" (conforme algumas traduções) mostraram-se verdadeiramente sábios quando iniciaram a busca para achar o Cristo.

É igualmente certo, que, como no caso dos "magos do oriente", antes de achar a Cristo, deve-se conhecer as Escrituras (vs. 4-6), as quais dão verdadeira e clara direção.

No mundo inteiro hoje existem inúmeros corações anelantes do Salvador divino e prontos a seguir qualquer sinal, mesmo duvidoso, que os leve aos Seus pés. Quantos crentes estão prontos a clamar: "Eis-me aqui, envia-me a mim"?

Os magos do oriente, como a rainha do sul (Mat. 12:42), se levantarão no juízo juntamente com muitos de nós que temos mais luz e nos condenarão. Seguiram a pequena claridade que tinham e andaram muitas centenas de quilômetros para conhecer o Cristo.

Onde está o recém-nascido rei (v. 12): Não perguntaram *se* nascera tal Pessoa, mas com inteira certeza de que nascera, queriam saber *onde estava*.

Aquêles que sabem algo do Cristo sentem-se constrangidos a saber mais.

Naturalmente os magos esperavam que tôda Jerusalém soubesse onde nascera seu Rei. Mas, coisa muito estranha, os magos, que eram gentios, sabiam, durante meses, do nascimento do Rei prometido e aguardado, enquanto o próprio povo de Deus ainda não o sabia. Nisso se descobre a indiferença arraigada e a tranqüilidade carnal do povo de Deus, em um mundo apressando-se para a eternidade.

O recém-nascido rei (v. 2): Note-se que o Cristo nasceu rei, enquanto Herodes foi apenas apontado rei pela política do mundo.

Foi um momento admirável quando Deus fez o homem à Sua semelhança; mas foi um momento muitas vêzes mais transcendente quando se fez a si mesmo na forma mais fraca, a de uma criança recém-nascida.

Rei dos judeus (v. 2): O que o mundo carece é de um rei. A natureza humana foi feita para obedecer e sujeitar-se a um líder. Os homens querem alguém para executar a parte intelectual das suas vidas. Temos os nossos chefes da política, os quais são obedecidos servilmente. Temos os nossos chefes de comércio, os quais abusam de seus poderes. Temos os nossos chefes de religião, e seus discípulos os seguem cega e fanàticament. Os melhores de todos êsses chefes são realmente ambiciosos, servindo aos seus próprios interêsses. O mundo aguarda o verdadeiro Rei. E Jesus Cristo é o Único que endireitará todos os males e regerá a humanidade com justiça, livre de todo o interêsse próprio.

Vimos a sua estrêla no oriente (v. 2): Compare Núm. 24:17; Apoc. 22:16.

Muito tem sido escrito sôbre o assunto da estrêla que servia como sinal aos magos, mas, pelo que se de-

preende dêsse versículo, parece que se tratava, simplesmente, de um meteoro sobrenatural, para cumprir um alvo especial. Que não foi um comêta comum, nem um conjunto de planetas, como alguns insistem, vê-se pelo fato daquele astro *parar* sôbre a casa onde estava o Menino. Como Israel foi guiado por uma coluna de fogo no deserto, os magos foram dirigidos por uma estrêla. Como Deus colocou bilhões de estrêlas nos céus, para "sinais" (Gên. 1:14), fez uma outra para encaminhar os magos. Como a natureza estremeceu perante o Calvário, o mesmo universo, também, deu seu testemunho do nascimento de Cristo.

Mas por que Deus não deu a Herodes a mesma oportunidade de conhecer que aquêle Menino era o Cristo, avisando-o, também, por meio de uma estrêla? É fato solene que apenas os que têm o coração aberto podem receber as revelações de Deus; sòmente *os que amam a Sua vinda*.

A sua estrêla no oriente (v. 2): Há muitas coisas que são como *estrêlas no oriente* para conduzir-nos a Cristo:

1) A estrêla da natureza: as grandes obras de Deus, o sol, a lua, as estrêlas, as montanhas, os rios, os mares... Vide Salmo 19:1-6.

2) A estrêla do anelo da alma pedindo luz; o rogo do célebre Goethe ao morrer: "Mais luz" é o rogo insaciável da alma fora de Deus.

3) A profunda necessidade de perdão e reconciliação com Deus é como uma estrêla que leva os homens ao Criador.

4) O clamor da alma nas aflições.

5) A aspiração contínua do coração pelo amor.

6) A estrêla da experiência, daquilo que Deus já fez para nós.

7) A estrêla da esperança da redenção do mundo.

Alarmou-se o rei e, com êle, tôda Jerusalém (v. 3): Uma criancinha perturbava o rei Herodes, o Grande!

Os bons são os perturbadores dos maus, como no caso de Elias, no tempo de Acabe. I Reis 18:17.

Naturalmente houve grande comoção entre o povo, ao ouvir as notícias do nascimento de um Príncipe, esperado por longo tempo. Havia também muito receio: "alarmou-se... tôda Jerusalém", porque, segundo as Escrituras, o Messias seria tanto Juiz como Libertador.

Contudo, o recém-nascido Rei era, justamente, a qualidade de Salvador que os devotos judeus, cheios do Espírito Santo, aguardavam para a redenção de Israel. Vide, por exemplo, Simeão, Ana e Maria. Lucas 2.

Convocando então todos os sacerdotes principais e escribas (v. 4): Os escribas intitulavam-se assim por causa do seu ofício de fazer cópias das Escrituras e de ensinar ao povo os preceitos da lei. Os "sacerdotes principais e escribas", que o rei Herodes convocou, conheciam melhor do que os demais, as Sagradas Escrituras, respondendo logo e certo a pergunta do rei, acêrca do lugar onde o Cristo devia nascer. Cuidado com o mero conhecimento das Escrituras, sem conhecer a Cristo e O aceitar de coração. As autoridades religiosas sabiam o lugar do nascimento do Messias, mas não queriam andar seis quilômetros, até Belém, para vê-Lo! Conhecimento das Escrituras, sem o espírito das Escrituras, sòmente aumenta a condenação.

Em Belém da Judéia responderam êles, porque está escrito... (v. 5): Foi um testemunho imediato e involuntário do mais alto tribunal; o mesmo tribunal que, por fim, sentenciou Cristo à morte.

Vê-se nos vs. 5 e 6 a grande utilidade das profecias. Não devemos desprezar as profecias, apesar de sermos grandemente tentados a isto. I Tes. 5:20.

O Rei dos reis nasceu na mesma cidade, Belém, onde nascera Seu antepassado, o predileto rei do povo de Deus, Davi. I Sam. 16:1. Foi ali, também, o lugar dos comoventes acontecimentos relatados no livro de Rute.

Herodes, tendo chamado secretamente os magos, inquiriu... (v. 7): Note-se a astúcia de Herodes. Já tinha reinado 35 anos, e, certamente, sabia agir contra o Rei recém-nascido. Chamou os magos e falou-lhes particularmente sôbre o caso. Herodes envergonhava-se de descobrir aos magos os seus receios; temia o resultado se o povo chegasse a saber da sua preocupação, porque os amigos do Menino, uma vez avisados, O esconderiam. Assim, afivelando a máscara de santidade, o rei enviou os magos a Belém, para saberem acêrca do Menino; para que êle mesmo, como alegava, pudesse ir adorá-Lo. Apesar de Belém distar de Jerusalém não mais que seis quilômetros, Deus escondeu do astuto rei os fatos que tanto queria saber acêrca de Jesus.

O mesmo Deus esconde repetidamente dos olhos de Seus inimigos os métodos pelos quais podem fàcilmente destruir a Igreja.

II. OS MAGOS ADORAM O MENINO REI

2:9 Depois de ouvirem o rei, partiram; e eis que a estrêla que viram no oriente os precedia, até que, chegando, parou sôbre onde estava o menino.

10 Tendo êles observado a estrêla, alegraram-se *com grande e impetuoso júbilo.*

11 Entrando na casa, viram o menino com Maria, sua mãe. Prostrando-se, o adoraram; e, abrindo os seus tesouros, entregaram-lhe suas ofertas: ouro, incenso e mirra.

12 Sendo por divina advertência prevenidos em sonho para não voltarem à presença de Herodes, regressaram por outro caminho a sua terra.

Eis que a estrêla... parou sôbre o lugar... (v. 9): Os magos, guiados pela estrêla, chegaram a Jerusalém. Ali foram esclarecidos à luz das Escrituras. Ao obedecerem a essa luz, a estrêla reapareceu (v. 9), dirigindo-os até o Cristo. Aprendamos a obedecer, cada vez mais à luz divina, para receber mais luz. Vide Sal. 25:9; 37:5.

A direção do Senhor envolve atividade, como quando mandou José descer ao Egito. V. 13. Às vêzes envolve paciência, como quando o mandou ficar no Egito.

Alegraram-se com grande e impetuoso júbilo (v. 10): Regozijaram-se porque estavam certos de ter achado o Rei. Pode-se ter verdadeiro júbilo sòmente com a plena certeza de ter achado Cristo. E sem êsse gôzo não há vitória sôbre o mundo.

Perturbaram-se Herodes e tôda Jerusalém, ao ouvir a notícia do nascimento do Rei, enquanto os magos "alegraram-se com grande e impetuoso júbilo". A má consciência teme e não quer as notícias de que a vinda do divino Rei está próxima. Por causa dos pecados dos homens a vinda do Senhor, em vez de ser motivo de intenso júbilo, torna-se-lhes em trevas e êles fogem para procurar abrigos que não servem. Apoc. 6:15-17; Gên. 3:10.

Onde Jesus estiver aí há gôzo. Jesus veio ao mundo para alegrar aos homens. É a vontade de Deus que os homens transbordem de vida abundante. Os tímidos e os medrosos devem lembrar-se de que Deus não nos liberta de um fardo para impor-nos um mais pesado; não nos liberta de um temor para nos afligir com temor maior; não nos liberta de escravidão para subjugar-nos debaixo de pior escravidão.

Entrando na casa (v. 11): Os magos não encontraram o Menino mais na mangedoura, como alguns acham e como por alguns pintores é representado. A estrebaria era apenas um abrigo temporário, pois por causa do recenseamento, "não havia lugar para êles na hospedaria". Já havia passado mais que um ano (compare vs. 7 e 16) desde o Seu nascimento. É certo, contudo, que ainda estavam numa morada pobre e humilde. Mas os visitantes, apesar da sua nobreza, não recuaram por causa da pobreza de José, Maria e o Menino; "abrindo os seus tesouros, entregaram-Lhe as suas ofertas".

Prostrando-se, o adoraram (v. 11): A verdadeira adoração inclui a oferta de nossa própria pessoa ao Senhor; Êle nunca aceita o formalismo de nossas expressões de admiração. Não vale coisa alguma clamar: "Senhor, Senhor" sem obedecer ao que Êle ordena. Êle não aceita as nossas manifestações de homenagem se não levarmos a Sua cruz. Muitas pessoas há que falam coisas gloriosas acêrca da personalidade do Cristo e tiram-Lhe o chapeu. Porém o Mestre não quer o chapeu levantado, mas os joelhos dobrados.

Quando adoraram a Jesus, adoraram a Deus, porque a adoração pertence sò e ùnicamente a Deus. Mat. 4:10; Fil. 2:9-11. Observemos:

I. Negativamente: (1) Os magos não adoraram a estrêla. Se fizessem uma imagem da maravilhosa estrêla para adorá-la, seriam idólatras. Uma coisa saliente nas religiões falsas é a prontidão a adorar aos fundadores dessas seitas. (2) Não adoraram a Herodes, o rei, apesar da sua grandeza. (3) Não adoraram a Maria: Cinco vêzes "o Menino" é mencionado neste capítulo e tôdas as vêzes antes de Maria. Vs. 11, 13, 14, 20, 21. Era uma Criança maior que a Sua mãe. O *Filho* de Maria deve ter a primazia.

II. Positivamente: (1) Os magos adoraram-No com fé. Para êsses homens, Êle parecia sòmente um menino como outro qualquer. Não havia nÊle qualquer aparência de rei. Contudo os magos andavam por fé e não pelo que viam. A humilde casa não indicava que havia esperança de Êle subir ao trono. Mas os magos aceitavam a Palavra de Deus e a direção sobrenatural da estrêla e prostraram-se aos pés de Jesus.

Entregaram-lhe suas ofertas: ouro, incenso e mirra (v. 11): Alguns comentadores não acham que havia significação especial nas ofertas que os magos escolheram para o Rei, senão que Lhe ofertaram do melhor que tinham.

Contudo, outros pensam que cada oferta tinha sua própria significação: (1) Reconheceram-nO como Rei,

pela oferta de ouro. Consideram-nO como o Proprietário de todo o ouro e ofertaram-Lhe ouro, mostrando que reconheciam êsse fato. Não se Lhe paga o dízimo porque Êle é pobre, mas porque é Proprietário e reserva a décima parte para Si. A idéia geral é que Deus carece e, porisso, devemos contribuir. Isso é insulto ao nosso Deus. Sal. 50:12. Êle quer que nos demos a nós mesmos (II Cor. 8:5); e, depois, podemos oferecer o ouro como uma manifestação do amor do nosso coração. (2) *Incenso:* perfume precioso consagrado ao culto a Deus. No Velho Testamento foi proibido usá-lo, senão em culto a Deus Êxo. 30:37, 38. Os magos ofereceram-Lhe incenso, reconhecendo-O como divino. É isso que Êle quer: que O reconheçamos como divino e que Lhe rendamos o nosso culto. Mas não quer o nosso ouro, nem o nosso serviço, e nem o nosso culto, sem primeiro dar-nos a nós mesmos. (3) *Mirra:* era usada para embalsamar. João 19:39. Assim testificavam da Sua cruz e do Seu precioso sangue. Reconheceram-nO não só como Rei, mas também, como seu Salvador.

Que temos nós oferecido ao Senhor Jesus? Tudo que damos no nome dÊle, é dado mesmo a Êle, tanto como o ouro, o incenso e a mirra dos magos. Mat. 25:37-40.

Sendo... prevenidos... para não voltarem à presença de Herodes (v. 12): Grande, sem dúvida, foi a surprêsa dos sábios ao receberem tal aviso, quando estavam ao ponto de levar as boas novas ao "piedoso" rei!

Herodes dissera que seu desejo era o de adorar a Cristo, mas planejara matá-Lo. Muitas pessoas, não tão ímpias como Herodes, são culpadas do mesmo pecado. Adoram a Cristo, mas estorvam a Sua causa por um espírito sectário e sem amor; outros O adoram por doutrinas falsas, etc.

Herodes disse que queria ir adorar o Cristo. O anjo disse que Herodes procuraria o Menino para O destruir. Que todos os homens reconheçam que Deus não se engana; que Êle sabe se estamos realmente adorando-O ou se estamos dificultando a Sua obra.

III. A FUGA DO REI PARA O EGITO

2:13 Tendo êles partido, eis que aparece um anjo do Senhor a José em sonho, e diz: Levanta-te, toma o menino e sua mãe, foge para o Egito, e permanece lá até que eu te avise; porque Herodes há de procurar o menino para o matar.

14 Levantando-se êle, tomou de noite o menino e sua mãe, e partiu para o Egito;

15 E lá ficou até à morte de Herodes, para que se cumprisse o que fôra dito pelo Senhor, por intermédio do profeta:

Do Egito chamei o meu Filho.

Levanta-te, toma o menino e sua mãe, foge... (v. 13): Fora da narrativa sôbre a visita dos magos, Mateus ao escrever acêrca da meninice de Jesus, relatou apenas dois acontecimentos: (1) A fuga para o Egito. (2) O regresso para a Palestina.

A noite depois da partida dos magos para casa foi, para José e Maria, uma de sentimentos inteiramente contrários; seus corações, que transbordavam de gôzo, quando surpreendidos pela visita dos magos com os presentes, foram logo cheios de horror, quando avisados do intento do monstro, Herodes, de destruir o Menino. Aquêle, para Quem não havia lugar, na noite de Seu nascimento, foi logo expulso do território de Israel.

Deus mandou para a terra um homem sem pecado, mas nenhum sem tristeza. Ao recebermos qualquer bênção dos céus, devemos sempre esperar logo um contratempo. Quanto a José e Maria, agiram corajosamente, decididos a avançar, pela graça de Deus, apesar de tão grande provação.

Foge para o Egito (v. 13): Quantas vêzes serviu o Egito como abrigo para o povo de Deus? Gên. 12:10; 46:2-6; I Reis 11:40; Jer. 43.

Do Egito chamei o meu filho (v. 15): Oséias 11:1. Israel, como filho adotivo de Deus (Êxo. 4:22) foi chamado do exílio, no Egito, para cumprir a obra de Deus na Terra da Promissão; o Messias, como o unigênito

Filho de Deus, foi chamado do Egito para cumprir uma gloriosa obra na mesma Terra.

IV. A CRUEL CARNIFICINA DAS CRIANÇAS

2:16 Considerando-se iludido pelos magos, enfureceu-se Herodes grandemente, e mandou matar todos os meninos de Belém e de todos os seus arredores, de dois anos para baixo, conforme o tempo do qual com precisão se informara dos magos.

17 Então se cumpriu o que fôra dito por intermédio do profeta Jeremias:

18 Ouviu-se um clamor em Ramá, pranto e grande lamento; era Raquel chorando por seus filhos e inconsolável porque não mais existem.

Iludido pelos magos, enfureceu-se Herodes (v. 16): Ah, se o astuto e cruel Herodes tivesse reconhecido, no seu plano de destruir o Menino, que foi desmentido, não pelos magos, mas pelo Criador! Não seria também de maior juízo, ao ver-nos frustrados, se meditassemos sôbre o caso, reconhecendo a mão de Deus em nosso caminho? Compare Sal. 2:4; Atos 4:23-27; I Reis 12:24.

Mandou matar todos os meninos de Belém e de todos os seus arredores (v. 16): A sorte dêsses inocentes é estranha e transcendente. Passaram tempo curtíssimo na terra para ganhar fama imortal. Morreram pelo Cristo que nunca conheceram. Êsses cordeirinhos foram mortos pelo Cordeiro que vivia enquanto êles morreram, para que pela Sua morte êles vivessem eternamente.

Pode haver contraste maior do que êste entre o falso e cruel monstro no trono de Israel, e o verdadeiro e rejeitado Rei de Israel, que veio, não para destruir a vida de ninguém mas para salvar?!

Raquel chorando por seus filhos (v. 18): Estas palavras, citadas de Jer. 31:15, referem-se, sem dúvida, ao exílio na Babilônia. Raquel, mãe de José e Benjamim, foi sepultada perto de Belém (Gên. 35:19), onde existe seu túmulo até hoje. Ela é apresentada figuradamente

como se ressuscitasse da morte e lamentasse a perda de seus filhos, não sòmente a primeira vez no cativeiro, mas também, a segunda vez no tempo de Herodes.

Note-se a mensagem de verdadeira consolação na mesma profecia de Jer. 31:15-17.

V. O REI REGRESSA PARA SUA TERRA

2:19 Tendo Herodes morrido, eis que um anjo do Senhor apareceu em sonho, a José no Egito, e disse-lhe:
20 Levanta-te, toma o menino e sua mãe, e vai para a terra de Israel; porque já morreram os que atentavam contra a vida do menino.
21 Levantou-se êle, tomou o menino e sua mãe, e regressou para a terra de Israel.
22 Tendo, porém, ouvido que Arquelau reinava na Judéia em lugar de seu pai Herodes, temeu ir para lá; e, avisado em sonho, retirou-se para as regiões da Galiléia,
23 E foi habitar numa cidade chamada Nazaré, para que se cumprisse o que fôra dito, por intermédio dos profetas:
Êle será chamado Nazareno.

Tendo morrido Herodes (v. 19): Herodes era um cruel e poderoso tirano, mas fracassou, enquanto o Menino, Jesus, venceu — e venecu porque é indestrutível e eterno. O Menino chegou a ser honrado e glorificado, enquanto Herodes morreu abominado, literalmente apodrecendo com uma doença repelente. A história conta que, como seu neto, Herodes Agripa (Atos 12:23), expirou, comido de vermes. Durante a revolução na França, um general disse a um humilde camponês: "Derrubaremos todos os teus templos para não teres mais lembrança da tua antiga superstição". Respondeu o crente: "Podeis derrubar os nossos templos, mas não podeis derrubar as estrêlas". Os inimigos através dos séculos experimentaram inumeráveis vêzes destruir a Bíblia; perseguidores sem número se esforçaram para acabar com o cristianismo. Mas, ao passar do tempo, foi dito acêrca de uns após outros: "Já morreram os que atentavam contra a vida do Menino". V. 20.

Capítulo III

O REI É UNGIDO

Agitou-se tôda Jerusalém quando os estrangeiros do oriente chegaram contando como foram dirigidos por uma estrêla anunciando o nascimento do Rei dos judeus. Cap. 2. Passaram-se, porém, vinte e oito anos sem nada de grande importância acontecer. Naturalmente o povo estava mais ou menos esquecido do incidente.

Nesse entrementes a sede romana do govêrno da Judéia mudou-se para Cesaréia, deixando Jerusalém com as contendas entre os saduceus e os fariseus: aquêles, os líderes do povo na política, e êstes, dominando no terreno religioso.

Mas Deus não se esquecera de Seu plano; tudo estava preparado para começar na hora marcada, nos céus. Depois de um silêncio, da parte de Deus, de quase quatrocentos anos, de repente, um profeta, parecido com Elias, começou a clamar no deserto da Judéia, eletrizando tôda a nação com o anúncio da chegada do reino dos céus.

I. APARECE O PRECURSOR DO REI

3:1 Naqueles dias apareceu João Batista, pregando no deserto da Judéia, e dizia:

2 Arrependei-vos, porque é chegado o reino dos céus.

3 Porque êste é o referido por intermédio do profeta Isaías:

> Voz do que clama no deserto: Preparai o caminho do Senhor, endireitai as suas veredas.

4 Usava João vestes de pêlos de camelo, e um cinto de couro; a sua alimentação era gafanhotos e mel silvestre.

5 Então saíam a ter com êle Jerusalém, tôda a Judéia e tôda a circunvizinhança do Jordão;
6 E eram por êle batizados no rio Jordão, confessando os seus pecados.
7 Vendo êle, porém, que muitos fariseus e saduceus vinham ao batismo, disse-lhes: Raça de víboras, quem vos induziu a fugir da ira vindoura?
8 Produzi, pois, fruto digno do arrependimento;
9 E não comeceis a dizer entre vós mesmos: Temos por pai a Abrão; porque eu vos digo que destas pedras Deus pode suscitar filhos a Abraão.
10 Já está pôsto o machado à raiz das árvores; tôda árvore, pois, que não produz bom fruto, é cortada e lançada ao fogo.
11 Eu vos batizo com água, para arrependimento; mas aquêle que vem depois de mim é mais poderoso do que eu, cujas sandálias não sou digno de levar. Êle vos batizará com o Espírito Santo e com fogo.
12 A sua pá êle a tem na mão, e limpará completamente a sua eira; recolherá o seu trigo no celeiro, mas queimará a palha em fogo inextinguível.

Naqueles dias (v. 1): Nos dias em que Jesus ainda habitava "numa cidade chamada Nazaré" (Cap. 2:23); no tempo marcado pelo Pai para o Filho iniciar Seu ministério público. Herodes, o Grande, não vivia mais; foi no tempo de seu filho, Herodes Antipas, que governava a Galiléia. Luc. 3:1.

Apareceu João Batista (v. 1): Mateus não escreveu coisa alguma acêrca da concepção e nascimento de João Batista, mas relata a sua história, apresentando-o repentinamente, já crescido, como se tivesse caído das nuvens para pregar no deserto. De todos os profetas, Cristo declarou ser João Batista o maior. (Mat. 11:9).

Não houve profeta entre o povo de Deus durante um período de quase quatro séculos, isso desde o tempo de Malaquias, o último do Velho Testamento. Quando Deus quis um precursor para proclamar a vinda do Soberano dos soberanos, não chamou um dos tetrarcas: Herodes, Filipe, Traconites ou Lisanias; nem escolheu o célebre governador Pilatos; e nem podia usar o talentoso imperador, Tibério Cesar. (Vide Luc. 3:1,2). É sò-

mente vaidade a maior parte do que os homens louvam como grandeza! O Pai eterno escolheu o humilde filho de Zacarias e Isabel para ser o arauto (anjo ou mensageiro, Mal. 3:1) de Seu Filho, porque tinha as credenciais para isto, enquanto nenhum dos "grandes" as tinha.

Pregando no deserto da Judéia (v. 1): Não quer dizer que começou a pregar em uma região sem qualquer habitante, mas em uma parte do país menos povoada. Havia nessa região seis cidades com as suas aldeias. (Vide os nomes em Jos. 15:61, 62). Mas João pregou fora das cidades e das aldeias.

Não foi sòmente a João Batista que veio a palvara do Senhor no deserto da Judéia, mas foi no mesmo deserto que vieram a Daví as preciosas palavras do Salmo 63. A Bíblia está repleta de exemplos em que Deus revela-se aos homens no deserto. Foi no deserto que a palavra de Deus veio a Jocó, fugido de Esaú. (Gên. 28). Foi no deserto que a palavra veio a Moisés, ordenando-lhe tirar o povo do Egito. Êxo. 3. Foi no deserto que Deus fez a antiga aliança com o seu povo. (Êxo. 20). Foi no deserto que Deus se mostrou a Elias. I Reis 19. ... ... Deus aparece aos seus filhos quando obrigados a andarem "errantes pelos desertos, pelos montes, pelas covas, pelos antros da terra". Heb. 11:38. Não existe lugar demasiado retirado, nem tão longe, que a graça divina não se manifeste ali. De fato, é em tais lugares que os homens encontram a mais doce, a mais íntima comunhão com o Criador. Vide Oséias 2:14.

Note-se que João Batista apareceu, não discutindo e nem declarando a sua opinião, mas pregando. É pela "loucura" da pregação da Palavra que se estabelece o reino de Cristo. (I Cor. 1:21).

Arrependei-vos (v. 2): A primeira proclamação direta dos céus, que rompeu o silêncio de quase quatrocentos anos foi que os homens se arrependessem. Falta aos homens uma coisa no interior, como na anedota do velho espartano, que, depois de experimentar em vão

fazer um cadaver ficar em pé, exclamou: "Falta-lhe uma coisa dentro"! Sem o arrependimento os homens não podem firmar-se; sem o arrependimento todos perecerão. (Luc. 13:3; Atos 17:30,31). O coitado que tirou os ponteiros de seu relógio e os levou para o relogoeiro consertar, porque não mais marcavam a hora certa, não estava mais enganado do que os que se esforçam por regular a si mesmos por regras e preceitos, observando meras formalidades do exterior.

O mundo carece de grandes despertamentos que toquem profundamente os corações. Uma rã viva, colocada de repente em água quente, pula. Mas, se a pomos em água fria, aquecendo-a muito lentamente sôbre o fogo, ela, por fim, morre cozida sem sentir bastante para pular. Os psicólogos demonstram que não pode haver conhecimento sem primeiro uma coisa para despertar a atenção. A circunvizinhança não pode acordar para sentir seu perigo sem um acontecimento inesperado, um clamor, um abalo, um grande choque ou qualquer atividade intensa e fora do comum. O clamor monótono do pregador não basta. Elias e João Batista devem ser os nossos exemplos. (Atos 3:19; II Crôn. 7:14).

É chegado o reino dos céus (v. 2): A frase "reino dos céus" refere-se ao reinado de Jesus Cristo, o Filho de Daví, na terra. João Batista anunciava a chegada do reino esperado pela nação durante muitos séculos. É o reino estabelecido depois da pedra, cortada sem mãos, destruir a imagem espantosa. (Vide Dan. 2:34, 35, 44; 7:13, 14, 23-27). É o reino prometido a posteridade de Daví, (II Sam. 7:7-10) e confirmado a Jesus Cristo (Luc. 1:32, 33). É o reino sôbre o qual Cristo é o Soberano e, os súditos, submissos de livre vontade. É o reino dos céus, não dêste mundo. O clamor do Batista anunciando a chegada dêsse reino comoveu profundamente tôda a nação judaica, então dominada por um povo estrangeiro.

Voz do que clama no deserto (v. 3): Chamava-se a João Batista "voz do que clama", porque: (1) Tôda a sua vida e todo o seu ser falavam de Deus; sua própria pessoa era um grande sermão. (2) Era o porta-voz de Deus. A bôca do Batista tornou-se a bôca de Deus. Quando falava, era Deus falando por meio de sua bôca. Êle mesmo admitiu (João 1:23): "Eu sou a voz do que clama".

Preparai o caminho do Senhor (v. 3): A figura empregada é a de quem prepara a estrada para a vinda do rei: aterrando as baixas, nivelando os montes, retificando os caminhos tortuosos, aplanando os lugares escabrosos. Vide Luc. 3:5.

Fomos chamados, também como os judeus, para facilitar a entrada do Rei; devemos:

1) *Aterrar as baixas:* Enchendo as lacunas — pecados de omissão, suprindo o que falta de oração, de fé, de amor e de obras.

2) *Nivelar os montes:* Descer da altivez do pecado, do interêsse, da incredulidade e da carnalidade.

3) *Endireitar a parte tortuosa:* Reformar os negócios tortos, evitar os caminhos duvidosos, suprimir as contendas.

4) *Aplanar os lugares escabrosos:* Corrigir a fala áspera, o comportamento grosseiro, a vida que entristece ao próximo.

O pecado impedia a entrada do Rei nos corações do povo de Israel, e impede a Sua entrada em nossos corações. As palavras de João eram como pancadas de marreta e explosões de dinamite, porque sòmente assim se quebranta o coração endurecido.

Usava João vestes de pêlos de camelo (v. 4): O vestuário do profeta (vide II Reis 1:8 e Zac. 13:4) contrastava com as "roupas finas" (Mat. 11:8) do povo abastado.

Sua alimentação era gafanhotos e mel silvestre (v. 4): João Batista alimentava-se como os mais pobres. Na lista dos animais limpos, dos quais o povo podia

comer, foi incluído o gafanhoto (Lev. 11:22); comida usada quando não havia coisa melhor. Os árabes ainda comem gafanhotos, tirando primeiramente a cabeça, a cauda, as pernas e as azas do inseto. João Batista veio, não comendo e nem bebendo (Mat. 11:18), isto é, não desperdiçou o tempo para preparar e comer uma boa refeição. (Compare João 4:31-34).

Então saiam a ter com êle Jerusalém, tôda a Judéia... (v. 5): Todos os outros, inclusive Cristo e os apóstolos, pregavam nas cidades. João, porém, pregava no deserto e, enquanto falava às multidões em pé e ao sol, as cidades ficavam vazias.

Qual a razão por que o povo saía em multidões crescentes, caminhando muitas léguas, para ouvir a mensagem de um homem esquisito e solitário no deserto? — Alguns ainda esperavam sinceramente "a consolação de Israel"; a maioria lia e meditava sôbre as profecias penetrantes do Velho Testamento acêrca da vinda do Messias. E nada havia que satisfizesse nos argumentos dos escribas e nas sêcas exposições doutrinárias dos fariseus, misturadas com as suas tradições. João Batista era homem cheio do Espírito Santo, (Luc. 1:15) e sua pregação era como o frescor de uma brisa que se levante em dia de sol escaldante; como o anúncio de libertação a um povo, por longo tempo escravizado. A alma humana foi feita para Deus e nunca se satisfaz com o mero intelectualismo humano.

Eram por êle batizados no rio Jordão (v. 6): O rito do batismo não era desconhecido entre os judeus, mas êles o observavam ùnicamente no caso de um pagão querer tornar-se judeu. João Batista, portanto, ao exigir o batismo a um judeu, queria dizer que já perdera seus direitos à aliança e que lhe era necessário nascer de novo. O fato de os judeus se submeterem ao batismo é prova evidente do profundo poder da mensagem de João, para produzir tal avivamento.

Raça de víboras (v. 7): A mensagem de João era tremenda! Realizavam-se os cultos no templo, em Je-

rusalém, com precisão, com fidelidade e com elaboração fora do comum. Havia muito de formalismo e pouco de realidade e conhecimento de Deus como nunca. Pisavam Seus atrios para fazer ofertas vãs. Quando João viu muitos dos fariseus e saduceus chegando para receber seu batismo, não se deixou levar pela presença de tantos altos dignatários, mas, cheio do Espírito, discerniu imediatamente a sua fé fingida e a sua hipocrisia. Dirigindo-se a êles, clamou impetuosamente: "Raça de víboras, (serpentes venenosas) quem vos induziu a fugir da ira vindoura?" Não os chamou "rabis" mas "raça de víboras". Cristo deu-lhes o mesmo título: Mat. 12:34. Qualquer um dêles podia responder grandemente surpreendido: "Que tenho feito eu?!" Mas não foi qualquer ato que João condenava; deviam reformar tôda a sua vida, seu coração, seu alvo e seus pensamentos. Deus não exigia que endireitassem isto ou aquilo, mas que abandonassem tôda a sua vida de formalismo. Deviam ter um coração e um espírito inteiramente novos. E sem o fruto tudo seria vão: "Produzi, pois, fruto digno do arrependimento". Compare Atos 26:20.

Êle vos batizará com o Espírito Santo e com fogo (v. 11): Há duas razões porque o povo devia olhar para o Cristo, que vinha, e não para João: (1) Cristo batizaria no Espírito Santo. (V. 11). (2) Cristo separaria completa e eternamente o trigo da palha, os santos dos pecadores. (V. 12).

Por que João Batista salientou assim o batismo no Espírito Santo? (1) Porque o batismo no Espírito Santo cumpria as profecias. (Joel 2:28, 29). (2) A obra de Deus, em restaurar, não está completa antes de Seu povo estar cheio do Espírito. Joel 2:25, 28. (3) O batismo no Espírito Santo é a bênção mais significante da Nova Aliança, a qual tem fôrça de lei desde a morte de Cristo na cruz. Eze. 36:26, 27. (4) Algumas coisas que pertencem ao batismo no Espírito Santo findarão na presente época (I Cor. 13:8, 10, 12), contudo, êsse batismo é um penhor, a primeira etapa de nossa he-

rança futura. Certamente a plenitude do Espírito Santo não será menos naqueles cujos corpos serão transformados na manifestação de Cristo. (Efé. 1:14; Rom. 8:11; I Cor. 15:44). (5) Que João tinha tôda a razão de acentuar a importância do batismo no Espírito Santo, como o ponto principal do ministério e do reino de Cristo, o próprio Mestre confirmou. Atos 1:3, 5. Vide João 16:7.

Examine-se as palavras "com fogo": Fogo é um símbolo do Espírito Santo, como desceu no Pentecoste. (Atos 2:3). Quando João disse que Jesus batizaria "com o Espírito Santo e com fogo", assim falou para distinguir bem entre o batismo nas águas e o batismo no Espírito. Os dois batismos são tão distintos um do outro em propósito e em efeito, como o fogo é diferente da água.

No Velho Testamento o fogo é símbolo da presença de Deus. No Novo Testamento o fogo tipifica a obra purificadora do Espírito Santo. Assim, João Batista, referindo-se a obra de Jesus, disse: "Êle vos batizará com o Espírito Santo e *com fogo.*"

O fogo é indispensável. Os povos da terra precisam de fogo para aquecer-se. Cozinhamos com fogo. Sem fogo não podemos gerar o vapor para propulsar a nossa maquinária. O fogo divino é igualmente indispensável na igreja; sem êle não alcançaremos os céus.

O fogo faz derreter. O fogo faz derreter a geleira. Nos países frios, depois do longo inverno, quando o calor do sol aumenta, desaparece em poucos dias todo o gêlo. Igualmente quando o fogo do Espírito Santo aquece uma igreja, o frio formalismo é dissipado logo; a frieza dos crentes, de uns para com os outros, torna-se em ardente amor. Dois pedaços de metal, uma vez derretidos lado a lado, unem-se em um só; igualmente, dois irmãos, "derretidos" pelo fogo do Espírito Santo unem-se perfeitamente.

O fogo atrai Poucas coisas atraem as massas como um incêndio. Seria possível uma igreja arder tanto com

o amor do Espírito Santo (o fogo representa o amor de Deus obrasandó a alma) até o ponto de atrair tôda a circunvizinhança para presenciar a maravilha.

O fogo purifica. Pode-se limpar com água o exterior de uma pepita de ouro, mas sòmente o fogo pode purificá-la de escória. Carecemos do fogo do Espírito Santo, o qual pode penetrar e purificar todos os esconderijos da alma. Sòmente os puros de coração verão a Deus.

O fogo alastra-se. No início o fogo do Espírito Santo parece apenas uma pequena chama, mas, com a brisa celeste, espalha-se até os quatro cantos da terra. No dia de Pentecoste, havia poucos discípulos, todos sem recursos e sem prestígio, oprimidos por um govêrno que nutria tôda a forma de pecado e em um país onde havia sessenta milhões de escravos! Êsse punhado de discípulos, sem templo para os cultos, foi desprezado e considerado escória da terra. Contudo, no primeiro dia do "incêndio", o fogo pegou em três mil pessoas mais e foi se alastrando até tôdas as partes "debaixo do céu". Col. 1:23. Sim, alastrará também, atualmente, se o deixarmos!

Apesar do fogo do Espírito Santo ser indistinguível, pode-se apagar, pois o apóstolo Paulo diz em I Tes. 5:19: "Não apagueis o Espírito". Mas por estranho que pareça, enquanto os filhos de Deus podem apagá-Lo, seus inimigos não o podem fazer de forma alguma. É por descuido de acrescentar o "cumbustível" da oração e da leitura da Palavra de Deus, que apagamos o Espírito.

A sua pá êle a tem na mão... (v. 12): O poderoso Rei não é apenas o poderoso Batizador, é também o poderoso Juiz. Quase tôdas as pessoas precisam de mais que Promessas para despertarem-se da letargia, da inércia mortal, e compreenderem que na sua indiferença estão passando ràpidamente para a destruição. As ameaças tremendas da ira de Deus são tão essenciais como as Suas gloriosas promessas.

II. O REI É UNGIDO

3:13 Por êsse tempo, dirigiu-se Jesus da Galiléia para o Jordão, a fim de que João o batizasse.
14 Êle, porém, o dissuadia, dizendo: Eu é que preciso ser batizado por ti, e tu vens a mim?
15 Mas Jesus lhe rspondeu: Deixa por enquanto, porque assim nos convém cumprir tôda a justiça. Então êle o admitiu.
16 Batizado Jesus, saiu logo da água, e eis que se lhe abriram os céus, e viu o Espírito de Deus descendo como pomba, vindo sôbre êle.
17 E eis uma voz dos céus, que dizia: Êste é o meu Filho amado, em quem me comprazo.

É com o batismo de João que começa o Evangelho (Mar. 1:1; compare Atos 1:22). No capítulo três, Mateus trata da inauguração do Evangelho, enquanto os dois primeiros capítulos servem como prefácio ou introdução.

Dirigiu-se Jesus da Galiléia para o Jordão, a fim de que João o batizasse (v. 13): Vê-se o anelo de Cristo por batizar-se, pelo fato de Êle caminhar cêrca de noventa quilômetros de Nazaré (Mar. 1:9), para cumprir essa ordenança de Deus. Quantos se submetem ao batismo com o mesmo desejo?

Eis que se lhe abriram os céus (v. 16): Compare Atos 7:55, 56.

Quantos sabem o que significa ter-se-lhe os céus abertos?

Quantos não recebem o que pedem de Deus porque os céus não lhes estão abertos?

Quantos podem testificar que sentiram os céus se abrirem quando se humilharam no ato de batismo nas águas?

É na hora de oração que Deus nos abre os céus; consta em Lucas 3:21, 22 que Jesus orava na ocasião do Seu batismo, quando se Lhe abriram os céus.

É na ocasião do batismo no Espírito que os céus parecem mais abertos do que em qualquer outra ocasião

antes; Jesus ao ver "o Espírito de Deus descer sôbre êle" (v. 16), viu, também, os céus abertos.

O Espírito de Deus... vindo sôbre êle (v. 16): Jesus passou quase trinta anos na terra antes de iniciar Seu ministério público. Foi sòmente depois do Pai ungi-Lo com o Espírito Santo e poder, que o próprio Filho de Deus atreveu-se a andar "por tôda parte, fazendo o bem e curando a todos os oprimidos do diabo". Atos 10:38. Sigamos Seu glorioso exemplo; cumpramos Sua bendita ordem. Luc. 24:49; Atos 1:4, 5; Efé. 5:18.

Êste é o meu Filho amado (v. 17): É a primeira vez em que a Trindade, prefigurada no Velho Testamento, manifesta-se plenamente. O Espírito desceu sôbre o Filho e, ao mesmo tempo, a voz do Pai ouviu-se dos céus.

Meu Filho amado, em quem me comprazo (v. 17): Êste versículo, com o do Cap. 13:55, revelam tudo que sabemos da vida de Cristo, desde a idade de doze anos (Luc. 2:42) até a de trinta (Luc. 3:23). Mas essas poucas palavras são como um grande raio, que ilumina claramente os anos que passara na obscuridade de Nazaré.

Quando o Pai deu êsse testemunho dos céus acêrca do Filho, Jesus não tinha ainda provado Sua fidelidade no deserto, nem no Seu ministério público, nem em Getsêmane e nem no Calvário. As palavras dêsses versículos, portanto, referem-se ao gôzo do Pai ao contemplar os longos anos durante os quais o Filho trabalhava como carpinteiro, para ganhar o pão cotidiano.

A mensagem vibrante dos dezoito anos que Jesus passou na tenda, antes de iniciar os três anos e meio do Seu ministério público, é que aquêles entre nós, chamados para trabalharem dia após dia com as mãos, são tão honrados perante Deus como os outros que se esforçam, incansàvelmente, no ministério da Palavra.

Os carpinteiros, os pedreiros, os lavradores, os mecânicos, os estenógrafos, os padeiros — todos que se sentem desalentados na lida cotidiana — devem-se lem-

brar do Filho de Deus trabalhando fielmente e sem murmurar, dezoito longos anos, na fadiga da Sua humilde profissão.

As palavras do Pai (v. 17) indicam, também, que Cristo executava a Sua arte com o alvo de servir ao próximo e, por certo, nunca para o enganar. Até as palavras do Cap. 11:30: "Porque o meu jugo (canga) é suave", dão a entender que Jesus fabricara cangas especiais e conhecidas entre o povo como as mais cômodas para os pobres bois que serviam com paciência aos seus donos.

Que todos os pais se lembrem de que o Cristo de Nazaré é o exemplo para tôdas as pessoas. Não devemos ensinar mais os nossos filhos a olharem para os soberbos e bem sucedidos líderes da história do mundo, como seus ideais, nem a emularem as aspirações de um Alexandre, de um Napoleão ou qualquer outro herói entre os homens. O mais alto exemplo não é um de deslumbrante êxito carnal; a verdadeira grandeza, no poder do Espírito Santo, é como se vê em Jesus Cristo. Êle é tanto o verdadeiro modêlo para os nossos filhos como para nós, os pais.

Capítulo IV

O REI É PROVADO

João Batista disse fiel e humildemente que êle mesmo diminuiria enquanto o Cristo cresceria. Depois de João batizar a Jesus e dar testemunho de Êle ser o Cristo (Cap. 3), assim cumprindo plenamente Sua missão, o precursor do Rei é apenas mencionado algumas vêzes. Como o sol levante faz a estrêla da manhã apagar-se no céu, assim o *Sol da justiça,* ao nascer no Seu fulgor, fez desaparecer a intensa glória dessa *estrêla da manhã.*

Antes de Davi, o tipo de seu Filho maior, subir ao trono de Israel, foi necessário que se provassem as suas qualidades por meio de combate, corpo a corpo, com o campeão inimigo. Foi na sua insigne vitória sôbre Golias, que demonstrou, incontestàvelmente, a Israel que tinha as qualidades essenciais para ser rei sôbre êles. Da mesma forma, Jesus Cristo, imediatamente depois da aprovação de Seu Pai (3:17), devia vencer, em combate face a face, ao próprio Satanás, o grande campeão do mal, para provar que tinha as qualidades para reinar sôbre Seu povo.

Certo crente conta da inauguração, que muito o impressionou, de uma alta e imponente ponte, nas serras do Estado de Nova York. O primeiro trem a passar, puxado por duas possantes e pesadíssimas máquinas, parou no meio da ponte. Aí ficou mais que seis horas, centenas de metros a cima das multidões que presenciavam o espetáculo. A cada pancada das maquinas, as muitas toneladas de aço da ponte estremeciam e batiam, como uma gigantesca teia de aranha.

Assim foi demonstrado ao público que a ponte não tinha defeito algum e que merecia a inteira confiança de todos que quizessem viajar — sustentou bem a maior prova — portanto, era segura para todo o trânsito da linha.

Foi assim com Cristo no deserto, onde todo o pêso de tentação foi concentrado contra Êle. Foi tentado em "tôdas as coisas a nossa semelhança", em apetite carnal e mesmo pelos mais altos lugares de ambição e poder. Heb. 4:15. A Sua vitória era prova certíssima para os anjos e para os homens, de que Êle podia depois suportar o pêso de qualquer tentação — que se pode confiar inteiramente nÊle como a Ponte pela qual os homens atravessam o escuro abismo do pecado e da morte, para chegar aos céus.

O destino do mundo inteiro dependia do resultado da tentação do primeiro Adão no Eden. De novo o nosso futuro dependia do resultado da tentação do segundo Adão. Rom. 5:19-21.

I. A TENTAÇÃO DE JESUS

4:1 A seguir, foi Jesus levado pelo Espírito, ao deserto, para ser tentado pelo diabo.
2 E, depois de jejuar quarenta dias e quarenta noites, teve fome.
3 Então o tentador, aproximando-se, lhe disse: Se és Filho de Deus, manda que estas pedras se transformem em pães.
4 Jesus, porém, respondeu: Está escrito:
Não só de pão viverá o homem, mas de tôda palavra que procede da bôca de Deus.
5 Então o diabo o levou à cidade santa, colocou-o sôbre o pináculo do templo,
6 E lhe disse: Se és Filho de Deus, atira-te abaixo, porque está escrito:
Aos seus anjos ordenará a teu respeito que te guardem;
e:
Êles te susterão nas suas mãos, para não tropeçares nalguma pedra.

7 Respondeu-lhe Jesus: Também está escrito:
Não tentarás o Senhor teu Deus.
8 Levou-o ainda o diabo a um monte muito alto, mostrou-lhe todos os reinos do mundo e a glória dêles,
9 E lhe disse: Tudo isto te darei se, prostrado, me adorares.
10 Então Jesus lhe ordenou: Retira-te, Satanás, porque está escrito:
Ao Senhor teu Deus adorarás, e só a êle darás culto.
11 Com isto o deixou o diabo, e eis que vieram anjos, e o serviam.

A mais importante, a mais notável, a mais misteriosa batalha de todos os tempos foi êsse conflito entre Cristo e Satanás. Não se deve pensar que era a primeira investida, nem a última, do falso rei do mundo contra o Verdadeiro. O episódio que encerrou o jejum de Jesus no deserto servia como um tipo e um resumo de todos os ataques do Diabo; é como uma profecia de sua derrota final.

A seguir (v. 1): "Logo", Mar. 1:12. O Mestre mal tinha saído das águas do batismo quando teve de entrar no fogo de tentação. Imediatamente depois que os céus por cima se abriram a Jesus, no rio Jordão, o inferno se Lhe abriu por baixo, no deserto. Depois de mirar o rosto de Deus, Cristo se achou encarando o semblante negro de Satanás. Daví, uma vez ungido rei, foi buscado "como se persegue uma perdiz nos montes". Israel, logo depois do glorioso livramento do Egito, foi perseguido pelo exército de Faraó. Ezequias saiu da páscoa ("não tinha havido coisa semelhante em Jerusalém desde o tempo de Salomão" — II Crôn. 30:26), para enfrentar o grande exército de Senaqueribe, rei da Assíria. Paulo, quando chegou de novo à terra, depois de ter entrado no terceiro céu, logo sofreu de um espinho na carne. Os tempos do mais sublime júbilo são seguidos, geralmente, pelos maiores perigos espirituais. Devemos, ao receber o batismo no Espírito, ou qualquer

grande bênção de Deus, esperar ser grandemente provados por Satanás.

Foi Jesus levado pelo Espírito (v. 1): O bendito Espírito de Deus, que descera sôbre Jesus como pomba, *logo... o impeliu para o deserto* (Mar. 1:12), *para ser tentado pelo diabo*. É a vontade de Deus que Seus filhos sejam provados. Jesus não entrou na tentação sem direção divina. Não é a vontade de Deus que Seus filhos se mostrem temerários, introduzindo-se nas tentações.

Ao deserto (v. 1): Provàvelmente ao grande deserto de Sinai onde, tanto o grande legislador Moisés (Êxo. 34:28), como o grande reformador Elias (I Reis 19:1-8), ambos do Velho Testamento, jejuaram também quarenta dias; pois dizia-se que não havia lugar tão infestado por feras como lá. (Compare Mar. 1:13). Depois de receber o batismo no Espírito, Jesus não foi logo a Jerusalém para glorificar-se, mas se retirou ao deserto. Convém, depois de gozar íntima comunhão com Deus, passar algum tempo a sós, para não perder, na lida diária, o que recebeu. Quando Cristo se manifestou como Mestre vindo de Deus, não foi dito acêrca dÊle: "É recém-chegado de visitar os maiores países, para conhecer o mundo"; mas sim: "É recém-chegado do deserto, onde passou muito tempo a sós em comunhão com o Pai." Note-se, também: Apesar da solitude ser amiga do coração sincero, Satanás sabe aproveitar-se do ensejo, como na grande tentação de Cristo. Aquêles que se retiram para os desertos descobrem que não estão fora do alcance dos inimigos espirituais.

Para ser tentado (v. 1): A palavra "tentado", neste versículo, quer dizer, no grego, "experimentar" ou "provar". Em Gên. 22:1 Deut. 8:2 tem o mesmo sentido. Mas geralmente a palavra "tentar" tem um sentido mau e quer dizer "seduzir" ou "incitar a pecar". Assim aparece a palavra "tentador" (v. 3); isto é, Jesus foi provado (v. 1) por meio de tentação (v. 3). Jesus, o Filho de Deus foi tentado em tôdas as coisas, à nossa seme-

lhança (Heb. 4:15). Isso mostra que realmente foi tentado como homem, no deserto.

Pelo diabo (v. 1): A palavra significa "caluniador". Êle é *o acusador de nossos irmãos, o mesmo que os acusa de dia e noite, diante de nosso Deus*. Apoc. 12:10. Em Mar. 1:13 lê-se que Jesus foi tentado por Satanás, isto é, pelo *adversário* que nos espreita.

Depois de jejuar quarenta dias e quarenta noites teve fome (v. 2): Durante os quarenta dias não sentia fome; falar com Deus era-Lhe pão e bebida. Mas uma vez findo êsse período, o desejo de comer se manifestou, provando que enfrentou a tentação como homem. Como a fome é intensa em tais casos, é exemplificado no episódio das duas mulheres judias, quando comeram a criança. II Reis 6:29.

Então o tentador (v. 3): É claro em Mar. 1:13 e em Luc. 4:2 que o Mestre foi tentado durante todos os quarenta dias e não só no fim. Não sabemos a natureza da tentação durante êsse período, mas parece que foi tentado a duvidar do testemunho dado na ocasião de Seu batismo, que era o Filho de Deus. Satanás podia sugerir muitas coisas: — Se Jesus era realmente o Filho de Deus, por que os pais tiveram de fugir para o Egito com Êle? — Por que passara tantos anos na obscuridade em Nazaré? — Por que o povo não queria aceitá-Lo? Acêrca da Sua tentação, é certo que o diabo, por fim, empregou tôda a sua astúcia nas três grandes tentações, ao terminar os quarenta dias, para desviar o Filho de Deus do propósito que tinha, desde o início, de salvar o mundo.

Não só de pão viverá o homem (v. 4): Há duas explicações acêrca dessas palavras: (1) Os homens não devem viver ao nível dos animais, só sustentando seu corpo, porque têm também alma que precisam alimentar. (2) Os filhos de Deus não devem gastar todo o tempo comendo e se esforçando para ganhar o pão. Devem obedecer a "tôda a palavra que sai da bôca de Deus" e confiar em Deus para suprir o que é necessário

para o corpo. Mat. 6:19-34. Que esta é, realmente, a lição, é evidente ao comparar com Deut. 8:1-3, a cuja passagem Cristo se referiu. É como se o Senhor tivesse dito: Ora, se Israel não passou apenas quarenta dias, mas sim quarenta anos, no deserto medonho, onde não havia meio dos homens se alimentarem, mas onde Deus provou, para o povo de todas as épocas, que os homens podem descansar nas promessas da Palavra de Deus, Eu não posso duvidar da Palavra do Pai, agindo por Mim mesmo.

Cristo nunca fez um milagre para Seu próprio benefício. Se pudessemos imaginar um multi-milionário que gaste tudo que tem, para socorrer o próximo e nem um centavo para si, seria até certo ponto como Cristo, que nunca teve nem mesmo a aparência de interesseiro.

Notemos como Satanás, cada vez, recuava perante a Palavra de Deus. Cristo não vacilou, mas confiava na autoridade e poder das Escrituras. Cada corte com essa arma era golpe final; não havia lugar para mais argumento.

O diabo o levou à cidade santa (v. 5): Vide "cidade santa", Neem. 11:1; Isa. 48:2; Mat. 27:53. É assim chamada porque era a cidade do grande Rei, a sede do Templo, a metrópole de todo o culto do povo de Israel.

Colocou-o sôbre o pináculo do templo (v. 5): O historiador, Josefo, diz que não se podia olhar da parte mais alta do templo, sem sofrer de grande tontura. Antiq. lib. XV Cap. 14.

O diabo nos coloca no pináculo da confiança própria para que caiamos. Aquêles que cuidam para não cair, devem também cuidar como sobem. (1) Os que ocuparem lugares mais altos no mundo, serão o alvo constante dos ataques de Satanás. É por essa razão que Deus abate os homens. Abate-os para que possa levantá-los verdadeiramente, enquanto Satanás os levanta para que possa derrubá-los eternamente. (2) Os lugares altos na igreja são os mais perigosos de todos Aquêles

que sobrepujam em dons, em honra e em produzir fruto devem prestar ainda mais atenção para evitar o orgulho, para não caírem na condenação do diabo.

Porque está escrito... (v. 6): Aprendemos disso: (1) Que uma das ciladas de Satanás é citar a Bíblia. O próprio diabo anda com Bíblia por baixo do braço e com texto na bôca. Vide II Cor. 11:14. (2) Satanás sabe discutir usando as Escrituras o que é uma provação severa. (3) Podemos, como Cristo, enfrentar a passagem citada por Satanás, não a negando, mas por meio de mais luz, tirada das outras Escrituras. Um crente, que outrora pertencia a certa seita, que cita mais as Escrituras que qualquer outra seita, testifica que viu seu êrro quando começou a estudar os versículos antes e os que seguem as passagens citadas incansàvelmente pela dita denominação. (4) Podemos responder sempre com cortezia. É fato conhecido que não convém pedir favor a pessoas com fome. Cristo, na tentação, com grande fome, serve como exemplo para que estejamos, sempre preparados para responder àquêle que pedir a razão da esperança que há em nós, mesmo quando as circunstâncias não são favoráveis (I Ped. 3:15). (5) É possível ter a cabeça cheia das Escrituras e a bôca cheia de têrmos bíblicos, enquanto o coração fica cheio de inimizade contra Deus e tudo que é bom. O conhecimento que os demônios têm das Escrituras sòmente aumenta o mal que fazem. Não há perigo mais grave do que correr para aquêles que estudam as Escrituras, incansàvelmente, sem cuidar da parte espiritual para seus próprios corações.

Levou-o ainda o diabo a um monte muito alto (v. 8): Satanás, como Balaque e Balaão (Núm. 22:41; 23:13, 27, 28), mudou-se para outro ponto mais vantajoso para tentar a Jesus. O pináculo do templo não era suficientemente alto para o Mestre ver tudo que êle queria oferecer-Lhe.

Os reinos do mundo (v. 8): Êsses pertencem a Satanás, como se vê neste versículo. Como Filho de Deus,

Cristo vai reinar sôbre todos êles. (Sal. 2:7, 8; Dan. 7:13, 14; Apoc. 11:15). Era terrível o caminho que Êle devia trilhar! O terno coração do Salvador sentia profundamente, lá no "monte muito alto", ao contemplar os sofrimentos das multidões, que tinham de esperar longos anos a libertação do verdadeiro Rei. Parece a maior das três tentações, ajoelhar-se e receber logo êsses reinos e socorrer a todos os oprimidos, os quais Êle tanto amava. Mas se se tivesse submetido a Satanás em uma coisa, teria-lhe ficado sujeito em tudo. Se nos entregarmos ao maligno em uma só coisa, êle nos dominará em tudo.

Se Satanás conseguisse desviar Jesus de Seu programa espiritual para adotar um programa político, a ruína dêsse Pregador seria certa.

A TENTAÇÃO TRÍPLICE: Não há outra forma de pecado: encontra-se a lista das três formas em I João 2:16: (1) A concupiscência da carne. (2) A concupiscência dos olhos. (3) A soberba da vida. Vêem-se as três formas na primeira tentação, no Eden: "Vendo a mulher que aquela árvore era boa para comer (a cobiça da carne), e agradável aos olhos (a cobiça dos olhos), e árvore desejável para dar entendimento (a soberba da vida)" (Gên. 3:6). Satanás empregou os mesmos métodos, milhares de anos depois, para tentar a Cristo, no deserto. Sabendo que estava com fome, tentou-O a fazer pães — a concupiscência da carne. No pináculo do templo, sugeriu que o Salvador se lançasse abaixo, para ganhar o aplauso da multidão — a soberba da vida. Dum monte muito alto chamou Sua atenção para todos os reinos do mundo que poderia dominar — a concupiscência dos olhos. Em tôdas essas tentações o primeiro Adão caiu, mas, o segundo Adão em nenhuma!

Todos os demônios, do mundo inteiro, souberam naquele dia que Cristo vencera seu chefe, Satanás, e não houve um espírito maligno, depois, que tivesse coragem resistir àqueles que avancem no Seu nome.

ALGUMAS LIÇÕES DA TENTAÇÃO NO DESERTO: (1) Não existe crente verdadeiro que seja livre de tentação. (2) Tentação não é pecado (Tiago 1:2, 12), mas o pecado consiste em ceder à tentação. Devemos manter o inimigo do lado de fora. (3) Devemos esperar tentação mesmo no deserto, quando sòzinhos. (4) Podemos encontrar tentação na presença do Salvador. (5) A tentação vem, muitas vêzes, logo após recebermos grande bênção. Satanás, como ladrão sabido, quer arrombar a casa quando contém muito tesouro espiritual. Foi quando os filisteus souberam que Davi fôra ungido rei que chegaram "em busca dêle" (II Sam. 5:17). Então tinha bastante importância para ser o alvo de ataques dêles. E é depois de entregar-nos inteiramente a Deus e receber Suas bênçãos que os poderes do maligno nos julgam de bastante valor para combinarem a nossa derrota. (6) A tentação, às vêzes, é permitida por Deus (Cap. 4:1), para nosso crescimento em graça e poder. Lembremo-nos de que o poder de Satanás é limitado (Jó 1:12; 2:6); êle é já vencido e não pode destruir-nos enquanto estamos em contato com Cristo. (7) O primeiro Adão, rodeado de tôda a bênção, caiu na tentação; o segundo Adão, no deserto, faminto e exausto, venceu. Muitos, ignorando o exemplo da derrota do primeiro Adão, rodeado de tôda a bênção, acham que é sòmente necessário colocar o homem hoje em bom ambiente para êle chegar à perfeição. (8) Satanás é astuto; quer nos atacar com coisas que parecem boas e razoáveis, antes de que com pecados grosseiros. (9) Uma das armas mais agudas do diabo é o ponto de interrogação: "Se és Filho de Deus..." Devemos resisti-lo com o ponto de exclamação da Palavra de Deus: "Está escrito!" A Espada do Espírito, manejada pelo Espírito em nós, nunca falha. Observe-se como o Senhor não citava as Escrituras como se fossem provérbios ou ditados bonitos, mas como autoridade divina e absoluta. (10) O diabo ataca os nossos líderes com muito mais fúria do que os outros membros. Portanto, oremos por êles em vez de cen-

surá-los. (11) "Resisti ao diabo, e êste fugirá de vós" (Tiago 4:7. E em vez da opressão de Satanás, gozaremos auxílio dos céus". Mat. 4:11. (12) "Apartou-se dêle o diabo, até momento oportuno". Luc. 4:13. Não nos enganemos. Não estamos livres sòmente porque Satanás fugiu de nós; êle se ausenta de nós apenas "até momento oportuno" para outro ataque.

Leiamos de novo a história da tentação de Cristo, notando como Êle vencia, não por fôrça, mas por justiça. Tinha poder para lançar o maligno no abismo, mas fez melhor; vestido da armadura da justiça, o inimigo não podia tocar nÊle. Vide a justiça de Deus: Isa. 61:10; 64:6; Rom. 1:17; 3:21; ... ...

II. JESUS PRINCIPIA A SUA MISSÃO

4:12 Ouvindo, porém, Jesus que João fôra prêso, retirou-se para a Galiléia;
13 E, deixando Nazaré, foi morar em Cafarnaum, situada à beira-mar, nos confins de Zabulom e Neftali;
14 Para que se cumprisse o que fôra dito por intermédio do profeta Isaías:
15 Terra de Zabulom, terra de Neftali, caminho do mar, além do Jordão, Galiléia dos gentios!
16 O povo que jazia em trevas viu uma grande luz, e aos que viviam na região e sombra da morte, resplandeceu-lhes a luz.
17 Daí por diante passou Jesus a pregar e a dizer: Arrependei-vos, porque é chegado o reino dos céus.
18 Caminhando junto ao mar da Galiléia, viu dois irmãos, Simão, chamado Pedro, e André, que lançavam rêde ao mar, porque eram pescadores.
19 E disse-lhes: Vinde após mim, e eu vos farei pescadores de homens.
20 Então êles deixaram imediatamente as rêdes, e o seguiram.
21 Passando adiante, viu outros dois irmãos, Tiago, filho de Zebedeu, e João, seu irmão que estavam no barco em companhia de seu pai, consertando as rêdes; e chamou-os.
22 Então êles. no mesmo instante, deixando o barco e seu pai, o seguiram.

23 Percorria Jesus tôda a Galiléia, ensinando nas sinagogas, pregando o evangelho do reino e curando tôda doença e qualquer enfermidade entre o povo.

24 E a sua fama correu por tôda a Síria; trouxeram-lhe, então, todos os doentes, acometidos de várias enfermidades e tormentos: endemoninhados, lunáticos e paralíticos. E êle os curou.

25 E da Galiléia, Decápolis, Jerusalém, Judéia e dalém do Jordão numerosas multidões o seguiam.

Um dos grandes característicos que distinguem o Evangelho segundo Mateus dos outros três Evangelhos, é o de narrar os discursos de Cristo. Os versículos que encerram o capítulo quatro descrevem as circunstâncias sob as quais Cristo proferiu a mais conhecida dessas mensagens, o célebre sermão do monte. Êsse discurso é *a magna carta,* a carta constitucional, do Seu reino.

Ouvindo... que João fôra prêso... (v. 12): Se assim fizeram com Seu precursor, o que podia Êle mesmo esperar das mãos dêles?

Deixando Nazaré (v. 13): Havia suficiente razão de Êle retirar-se de Nazaré; o povo expulsou-O da cidade onde se criara, querendo destrui-Lo. Lc. 4:29. Nazaré foi o primeiro lugar que rejeitou a Jesus e foi rejeitado por Êle. Infeliz Nazaré; se tivesses conhecido por ti mesmo, ainda nesse dia, o que te podia levar a paz! Mas isto estava então oculto aos teus olhos!

Foi morar em Cafarnaum (v. 13): Cafarnaum era importante centro comercial, situado à beira do mar da Galiléia, na tribo de Naftali e perto das fronteiras da tribo de Zabulom. Foi àquela cidade que Jesus chegou depois de ser expulso de Nazaré, e ali morou. Alguns acham que Seu pai, José, possuía casa lá; outros pensam que se hospedava na casa de Simão Pedro. Apesar de Jesus andar constantemente de lugar em lugar, no Seu ministério, ali em Cafarnaum Êle podia achar lugar para reclinar a Sua cabeça; lugar, é verdade, que não Lhe pertencia, mas a outrem.

Note-se: Se um lugar rejeitar a Jesus, outro lugar O aceitará.

O povo que jazia em trevas viu uma grande luz (v. 16): A luz do Evangelho é *grande*: Esclarece os mais humildes, revela o que é de maiores conseqüências. Não é como a luz de uma vela à meia noite, mas como o fulgor do sol ao meio dia. É grande em contraste com a luz da antiga aliança.

As trevas em que o povo vivia eram a "sombra da morte" (v. 16); a luz que raiou era a luz da vida. João 8:12.

Note-se: Aquêles que não têm Cristo, jazem nas trevas; estão em tais trevas como os que havia sôbre a face do abismo. Estão na região e sombra da morte, isto é, não sòmente estão em grandes trevas, como o túmulo é lugar de trevas, mas em grande perigo. Estão na sombra da morte, contudo não mortos; estão à beira do inferno, contudo ainda não no inferno. Jazem, mortos, na lei; contentes, amam as trevas.

A luz brilhou nas trevas, mas as trevas não podiam obscurecer tal luz. João 1:5.

Passou Jesus a pregar... Arrependei-vos porque é chegado o reino de Deus (v. 17): Cristo acolheu e ergueu a gloriosa tocha que caíra da mão de João Batista (Vide Cap. 3:1, 2 e 4:12).

Cristo chegara ao mundo, vindo do seio do Pai. Podia pregar doutrinas sublimes para divertir os mais sábios. Podia descrever as glórias do céu para comover todos os homens. Mas a Sua mensagem era a mesma, a de arrependimento. Não sòmente o rude João Batista, considerado melancólico e triste, mas o bom e compassivo Jesus, pregou o arrependimento. Não há outra mensagem para os perdidos que carecem de salvação. Não há mensagem mais preciosa do que a dos homens ainda terem oportunidade para arrepender-se.

Pedro e André... lançavam rêde (v. 18): Pedro e André pescavam; Tiago e João consertavam as rêdes (v. 21); Mateus cumpria seus deveres na coletoria (9:9), quando Cristo os chamou para o Seu serviço. Moisés apascentava o rebanho de seu sogro (Êxo. 3:1-8); Gi-

deão malhava trigo (Jui. 6:11); Eliseu arava com doze juntas de bois (I Reis 19:19-21); todos estavam ocupados quando o Senhor os chamou. O Senhor sempre chama os que lidam, quando Êle tem uma obra para fazer; para os ociosos e remissos não há lugar.

Vinde após mim (v. 19): Êstes discípulos já tinham aceitado a Jesus; já eram salvos. Mas há duas chamadas: (1) "Vinde a mim" (Cap. 11:28), (2) "Vinde após mim". Há muitos que respondem à primeira chamada e que não aceitam a segunda. Não todos são chamados para o ministério público, mas todos são chamados para o serviço sublime de ganhar almas.

Eu vos farei pescadores de homens (v. 19): Note-se que não há desculpas para os que não têm dom de ganhar almas. Para tais Cristo diz: "Eu vos *farei*..." É Cristo Quem nos chama para essa obra. É Êle Quem nos qualifica, Quem nos autoriza e Quem dá o fruto. Se estamos assim constituídos pescadores, por Jesus, acharemos grande gôzo em cumprir a nossa tarefa.

Êstes homens eram pescadores, portanto pobres e humildes. Cristo conferiu-lhes grande honra, chamando-os ao ministério da Palavra. Mas, note-se a Sua maneira de chamá-los: "Eu vos farei pescadores de homens". Não deviam mostrar-se orgulhosos, considerando-se "doutores", mas permanecerem pescadores. Não deviam achar o trabalho de pescar almas demasiado árduo; já conheciam a grande fadiga e os grandes contratempos de pescar. Daví foi tirado do serviço de pastorear os rebanhos de seu pai, para pastorear as ovelhas de seu Pai celestial. Elevado para ser rei, continuava pastor. Em vez de vangloriar-se, como rei, apascentava fielmente as ovelhas de Deus.

Os ministros na Igreja de Cristo são chamados para ganhar almas. Devem, portanto, pescar almas, não riquezas, nem fama e nem favores. Tais ministros velam pelas almas dos membros da igreja (Heb. 13:17); não buscam os seus bens, mas buscam incansàvelmente a felicidade para êles.

Então êles deixaram imediatamente as rêdes (v. 20): Um dos segredos do grande êxito dos primeiros discípulos chamados para a seara é que não vacilaram, isto é, não olharam para casa, irmãos, pais, filhos e nem campos. (Mar. 10:29). Mas, por amor a Cristo e ao Evangelho, abandonaram mesmo o que tinham nas mãos para ganhar o pão cotidiano. Quando Cristo nos chamar não temos o direito de concertar rêdes e anzois; devemos lançar nossas rêdes para a pesca.

Percorria Jesus tôda a Galiléia, ensinando... (v. 23): Nunca houve homem mais esforçado e mais enérgico em alcançar um alvo do que Jesus em levar o Evangelho a todos que habitavam a Galiléia. Nem jamais houve alguém com alvo tão nobre e sublime como Cristo em salvar almas. Note-se, também, a mensagem que pregou: "o evangelho *do reino*" (v. 23), do "*reino dos céus*" (v. 17), o reino que subsistirá sôbre todos os reinos do mundo. Dan. 2:44; Apoc. 11:15.

Ensinando nas sinagogas (v. 23): No tempo do ministério de Jesus na terra, foi alvo dos judeus construírem casas para seus cultos em todos os lugares onde se encontrassem dez homens instruídos na lei. Havia tais casas, ou sinagogas, até na Síria, na Ásia Menor, na Grécia e em quase todos os lugares onde residiam judeus da dispersão. Cristo pregava nas sinagogas porque os judeus as procuravam para os cultos e, portanto, ali a mente dos ouvintes estava mais aberta para a Sua mensagem. Mas Jesus, na Sua graça, não ficou contente em pregar sòmente nas sinagogas. Josefo, na sua história, registra que havia mais de duzentas cidades e aldeias na Galiléia e Cristo visitou a tôdas, ou a maior parte delas. Andou por tôda a parte, fazendo o bem; nunca houve pregador ambulante tão incansável. Passou de cidade em cidade, suplicando aos perdidos que se reconciliassem com Deus.

Curando tôda doença e qualquer enfermidade (v. 23): Não sòmente ensinava, mas também curava. Não sòmente curava alguns, mas a todos os doentes, de

qualquer enfermidade. Mencionam-se três: endemoninhados, lunáticos e paralíticos. A paralisia é a maior fraqueza do corpo. A loucura é a maior doença da mente. Ser possesso de demônios é a maior miséria, a maior calamidade do corpo e da mente. Mas Cristo curava todos êsses males, porque é Médico tanto da alma como do corpo.

Como para Moisés no Egito, os prodígios e maravilhas serviram como Seus credenciais. Mas, enquanto as pragas e juízos no Egito indicavam o terror daquela dispensação, os milagres de Jesus eram principalmente curas, indicando a graça da nova dispensação...

(Acêrca do ministério de Jesus curar, vide também os comentários sôbre Mat. 19:2).

E da Galiléia, Decápolis, Jerusalém, Judéia e dalém do Jordão numerosas multidões o seguiam (v. 25): Jesus era Médico no meio do povo, accessível a todos. Suas curas eram certas e imediatas; eram isentas de dolorosos remédios e prolongados períodos de convalescença. Êsse Médico não cobrava coisa alguma. Não é de admirar que grandes multidões afluíssem para ouvi-Lo. Mas parece que o escritor, Mateus, descreve tudo isso com o propósito de transmitir-nos algo das circunstâncias sob as quais Cristo proferia o discurso registrado nos capítulos 5 a 7.

Capítulo V

AS LEIS DO REINO DOS CÉUS

Um dos característicos distintivos do livro de Mateus é a maneira como o escritor ajunta os ensinamentos de Cristo em cinco grandes resumos. O primeiro dêsses é *o sermão do monte*. Caps. 5 a 7. Os outros quatro são: As instruções aos discípulos. Cap. 10; As parábolas do Reino. Cap. 13. Os ais contra os fariseus. Cap. 23. O sermão do monte das Oliveiras. Caps. 24 e 25.

Cristo, logo ao saber que seu ardente e fiel precursor fôra preso, retirou-se da Judéia e percorreu tôda a Galiléia, cumprindo Seu ministério tríplice: (1) Ensinava nas sinagogas. (2) Pregava ao ar livre o Evangelho do Reino. (3) Curava as doenças. Cap. 4:12, 23. Não sòmente tôda a Palestina, mas as regiões adjacentes, foram vivamente impressionadas, até o ponto de numerosas multidões seguirem-nO. Cap. 4:25. Assim foi preparado o terreno para *o sermão do monte,* que Cristo proferiu àqueles que aceitaram a Sua mensagem. O sermão é, talvez, o mesmo que pregara nas sinagogas da Galiléia, ou, um sumário dêsses sermões.

É natural supor que, depois do Mestre passar algum tempo pregando a aproximação do reino dos céus, surgissem entre os israelitas muitas perguntas: Quais são as leis dêsse reino? Qual a sua relação com as leis de Moisés? Êsse novo Mestre veio destruir a lei? Que é necessário fazer para entrar nesse reino? Para responder a tais perguntas, e para expor plena e claramente o padrão de conduta exigido dos súditos do novo reino espiritual, Cristo pregou o sermão do monte.

Havia, também, outra razão para o discurso: O povo devia compreender bem que o reino que Jesus pregava não era o reino esperado entre os israelitas; não seria um reino de encantos humanos, de conquistas carnais, baseado sôbre uma vida de justiça da parte de todos os seus súditos.

O sermão do monte tem aplicação dupla: (1) Literalmente encorporar-se-ão tôdas as leis do célebre discurso, na constituição do reino dos céus, estabelecido na terra. O sermão do monte transfere a ofensa do próprio ato para o motivo do ato. Cap. 5:21; ... Nisso se descobre a verdadeira causa dos judeus rejeitarem o reino. Tinham reduzido a "justiça" a um cerimonialismo e em vez de esperar um reino como os profetas anunciavam, aguardavam meramente um reino de esplendor exterior. Os judeus nunca foram reprovados por esperar um reino visível e poderoso na terra. (2) Há uma aplicação prática e preciosa do sermão do monte para nós na dispensação da Igreja. Alguns crentes, para evitarem a responsabilidade de observar os preceitos do sermão do monte insistem em que foi dado sòmente aos judeus. Ao findar o sermão Jesus declarou explìcitamente que é para todos os que ouvem. Cap. 7:24.

Os eruditos entre os judeus criticam o sermão do monte dizendo que o padrão é demasiado alto para a natureza humana. Certo escritor israelita escreveu que sòmente anjos podem guardar tais preceitos. Outro escreveu: "Os ensinamentos de Jesus estão em tão alto grau que não produziram resultado permanente nem prático. O arco está entesado até arrebentar". Ainda outro escritor judaico escreveu: "É contra a natureza humana, para um homem de juízo, amar ao próximo que aborrece por causa de sua conduta infame". A súmula das críticas judaicas é que os ensinamentos de Cristo são demasiado elevados para os homens.

De fato o padrão da justiça salientado no sermão do monte é tão elevado que mesmo alguns dos crentes

o consideram como lei. Mas Deus não pode exigir menos. Mesmo sob a graça o padrão da justiça não é menos exigente. "A graça de Deus se manifesotu... ensinando-nos, afim de que, ... vivamos... sobria, reta e piamente". Tit. 2:11, 12. Vide I João 3:10; ... ... Todo o Sermão do monte está baseado sôbre a graça: Há uma cláusula fundamental que dá entrada para todos nós. V. 3. Há promessas para os que anelam. V. 6. Há meio de receber perdão. Cap. 6:12. É assegurado o recebimento de tôda a dádiva e tôda a bênção de que careçamos. Cap. 7:7-11. Compare Heb. 4:16.

Verdade é que a graça de Deus se revela mais plenamente depois do sermão do monte, mas não para que possamos viver em um nível mais baixo, ou para que possamos evitar obedecer a Deus. Para os que não sentem falta de nada na sua vida, para os que confiam na sua própria justiça, para os indiferentes, para os que não têm vontade de servir a Deus; para os insubordinados, o sermão do monte não oferece esperança ou bênção — nem qualquer outra Escritura as oferece.

O sermão do monte não foi dirigido aos homens em geral, mas aos dicípulos de Cristo, os quais receberam da Sua virtude e poder. Os ensinamentos são demasiado altos para a natureza humana, antes de ser regenerada, mas não o são para a natureza transformada pelo Espírito de Deus. O que os homens não adquirem por fôrça de vontade é efetuado nos crentes pelo Espírito Santo. Gal. 5:22, 23.

I. A OCASIÃO DO SERMÃO

5:1 Vendo Jesus as multidões, subiu ao monte, e como se assentasse, aproximaram-se os seus discípulos;
2 E êle passou a ensiná-los, dizendo:

Um monte anônimo, à beira do mar da Galiléia, é para com a Nova Aliança o que o monte Sinai era para com a Antiga Aliança. Mas notemos o grande contraste:

O povo de Deus no monte Sinai chegou "ao fogo palpável e ardente, à escuridão, e às trevas, e à tempestade, e ao clangor de trombetas". Heb. 12:18, 19. Ao contrário o povo da Nova Aliança chegou, não a um tremendo deserto (Deut. 1:19), mas a uma ladeira verdejante em uma região habitada. O Senhor *desceu* sôbre o monte Sinai em fogo, do qual a fumaça subiu como de uma fornalha, enquanto todo o monte tremia. Mas o Senhor Jesus *subiu* a um monte e assentou-se para falar face a face com Seu povo. Enquanto no monte Sinai, até um animal que tocasse no monte seria apedrejado e as palavras eram tais que o povo suplicou que não lhe falasse mais, os recém-convertidos subiram o monte, na Galiléia, e aproximaram-se de Jesus para ouvir as Suas palavras de graça.

II. AS BEM-AVENTURANÇAS

5:3 Bem-aventurados os humildes de espírito, porque dêles é o reino dos céus.

4 Bem-aventurados os que choram, porque serão consolados.

5 Bem-aventurados os mansos, porque possuirão a terra.

6 Bem-aventurados os que têm fome e sêde de justiça, porque serão fartos.

7 Bem-aventurados os misericordiosos, porque alcançarão misericórdia.

8 Bem-aventurados os limpos de coração, porque verão a Deus.

9 Bem- aventurados os pacificadores, porque serão chamados filhos de Deus.

10 Bem-aventurados os perseguidos por causa da justiça, porque dêles é o reino dos céus.

11 Bem-aventurados sois quando, por minha causa, vos injuriarem e vos perseguirem e, mentindo, disserem todo mal contra vós.

12 Regozijai-vos e exultai, porque é grande o vosso galardão nos céus; pois assim perseguiram aos profetas que viveram antes de vós.

A primeira palavra da bôca do Grande Mestre, no Novo Testamento, é "bem-aventurados" em contraste com as últimas palavras do Velho Testamento que Êle ferirá a terra com maldição. "Bem-aventurados" quer dizer "felizes" ou "alegres", indicando o transcendente alvo do reino dos céus; o de chamar os homens para uma vida verdadeiramente feliz. Não é uma vida de alegria superficial mas de gôzo profundo e que perdura.

As beautitudes, ou felicidades, registradas neste capítulo são oito em número, com a última repetida. Porém há outras: Cap. 11:6; 13:16; 24:46; Luc. 11:28; 12:37; João 13:17, 20:29; Rom. 4:7, 8; Tiago 1:12; Apoc. 1:3; 14:13; 16:15; 19:9; 20:6; 22:7, 14; ...

Cristo ensinava, nas bem-aventuranças, que a felicidade não depende do que possuamos, nem do que façamos, mas do que *somos*. Tal felicidade não é importada de fora mas nasce na alma de todos os verdadeiros filhos de Deus.

Tôdas as bem-aventuranças de Cristo[1] são paradoxos; tôdas são contrárias à opinião comum. O conceito dos homens é que são felizes os ricos, os honrados no mundo; os que passam sua vida aqui alegres; os que comem gulodices e vestem-se bem. Mas o Senhor veio corrigir êsse êrro fundamental; veio para chamar os homens à felicidade que é permanente e verdadeira.

Bem-aventurados os humildes (v. 3: Em várias versões: *Bem-aventurados os pobres de espírito*. Isto é, são felizes aquêles que reconhecem que estão falidos espiritualmente, sem recursos espirituais. Todos os homens são pobres de espírito, mas poucos o reconhecem. (Vide Apoc. 3:17). A palavra traduzida "pobre" neste versículo, tem mais a idéia de "mendigo" e não sòmente "pobre". Os bem-aventurados não sòmente sentem falta de riquezas espirituais, mas sentem-se inteiramente dependentes da graça de Deus.

Certamente Cristo, ao dizer "pobres de espírito" não se referia aos pobres de *espiritualidade;* não se referia aos que conhecem muito pouco da íntima comu-

nhão com Deus. Nem queria dizer que os que se mostram medrosos em servir ao Senhor serão felizes; somos filhos de Deus e devemos comportar-nos varonilmente. Nem queria dizer que aquêles "pobres de espírito" como os dez espias (Núm. 13:28-33) são bem-aventurados. E ainda não queria sugerir que o reino dos céus é para aquêles que têm o espírito dos que escondem seu talento. Cap. 25:24-30.

Reconhecer a verdadeira pobreza de espírito é a primeira das graças. Os filósofos não consideravam a humildade uma virtude moral; Cristo colocou-a em primeiro lugar. Aquêles que querem construir alto, devem começar baixo. Os grandes, com aparente grandeza de espírito recebem a homenagem dos reinos da terra. Mas as almas humildes, mansas e submissas recebem a glória do reino dos céus.

Bem-aventurados os que choram (v. 4): A idéia popular é que os bem-aventurados são os que não têm qualquer motivo para chorar.

Mas todos que choram são felizes? É claro que não. A tristeza do mundo produz morte. (II Cor. 7:10). O inferno será repleto de choro e ranger de dentes. Cap. 8:12). O choro de que Jesus falou não é o que vem: (1) de desânimo e queixa; (2) das aflições; (3) de interêsse ou compaixão próprios; (4) do castigo por causa de pacado cometido; ... ...

É evidente que a segunda bem-aventurança é o complemento da primeira; os que sentem a sua pobreza de espírito, até o ponto de chorá-la, são bem-aventurados. Tais se chamam "os que choram em Sião". Isa. 61:1-3 (Vers. Bras.). Vide Isa. 66:2; 38:5; II Reis 22:19; Sal. 6:6; 39:12; 34:18; 51:17; Sal. 56:8; Joel 2:12, 13; Luc. 7:38; Heb. 5:7.

Serão consolados (v. 4): Enquanto no riso leviano e vão, o coração é triste, "os que choram em Sião" sentem um gôzo escondido e desconhecido pelo mundo. Êles são como o "Homem de dôres", acêrca de Quem nunca se ouviu que riu, mas diversas vêzes que chorou;

estão munidos contra as muitas tentações que acompanham a alegria leviana e vã e sentem grande gôzo e paz no íntimo. Tais serão consolados por fim, num sentido ainda mais maravilhoso, como Lázaro. Luc. 16:25. "Deus lhes enxugará dos olhos tôda lágrima". Apoc. 7:17. Será o tempo de grande e verdadeiro júbilo, quando os que semearam a semente do reino com muitas lágrimas, levaram as almas para o Salvador. Sal. 126:5, 6. Nesse tempo o Senhor nos dirá: "Regozijai-vos com Jerusalém, e elegrai-vos por ela, vós todos os que a amais; enchei-vos por ela de alegria, todos os que por ela pranteastes". Isa. 66:10.

Bem-aventurados os mansos, porque possuirão a terra (v. 5): Lembremo-nos das circunstâncias do dia em que Cristo pregou o sermão do monte; o romano, Pôncio Pilatos, governava a Judéia com vara de ferro. Aparecera João Batista comovendo todo o país com as notícias da chegada do reino predito pelos profetas. Jesus de Nazaré comovera o país ainda mais, provando que Êle mesmo era o prometido Rei. Mas ao pronunciar o programa do Seu reino, no sermão do monte, declarou que seriam os mansos que herdariam a terra! Cristo não podia dizer uma coisa para esfriar mais o ardor daqueles que esperavam derrubar violentamente o jugo romano e restaurar o trono ao herdeiro de Davi, em Jerusalém.

O ideal do mundo, e dos crentes carnais, é na maior parte, inteiramente diferente do modêlo ensinado e exemplificado por Cristo. Os homens preferem as virtudes mais conspícuas; querem o que julgam de mais heroismo. Preferem o grande e deslumbrante girassol antes da pequena violeta que se descobre entre a herva sòmente por seu perfume. "Bem-aventurados os que defendem enèrgicamente os seus direitos"; diz o mundo. "Bem-aventurados os mansos"; diz Jesus Cristo.

A idéia dos carnais é que a mansidão é o mesmo que fraqueza. Os que andam no Espírito sabem que as duas são opostas. Moisés era o mais manso de todos

os homens. Núm. 12:3. Ao mesmo tempo era um dos maiores líderes e legisladores de todos os tempos; tinha caráter tão inflexível como o aço; em zêlo é comparado ao trovão e ao relâmpago. Cristo era manso (Cap. 11:29), porém, ao mesmo tempo demonstrou que era o Leão da tribo de Judá.

A mansidão é a graça que enfrenta o ódio, a calúnia e a inimizade com tôda a cortesia. É o contrário da inveja, da ira, do interêsse e da vingança. Os corações verdadeiramente mansos não se irritam, seja qual fôr a provocação. Os mansos tornam o bem pelo mal, não lamentam o fato do próximo desprezar seus esforços e nem exigem grandes coisas dos seus semelhantes. Lêde e meditai: Tit. 3:1-7; Cap. 11:29; II Cor. 10:1; I Cor. 6:7; Rom. 12:16-21; I Ped. 2:19-23.

A mansidão para com Deus consiste em aceitar tôdas as Suas providências sem murmurar, sem mostrar mau humor e nem dar lugar a qualquer ato de oposição.

Para o mundo parece absurdo dizer que os mansos herdarão a terra. Alguns zombam, dizendo: "Sim, o homem manso herdará mais ou menos dois metros desta terra — para sua cova! São os fortes que escapam; os fracos perecem". O mundo diz assim porque está desviado de Deus. Os homens perderam o domínio sôbre a terra (Gên. 1:28; 3:17-19), mas os mansos em Cristo herdá-la-ão novamente. I Cor. 6:2; Apoc. 2:26, 27; 3:21; 5:10.

Há um sentido em que os mansos herdam a terra agora. Certo rico levava um parente pobre para admirar os encantos de um lindo e extenso parque que acabara de comprar. O novo dono, para impressionar seu parente com a grandeza do terreno, com um gesto da mão, exclamou: "Tudo isto é o meu terreno"! Replicou-lhe o pobre: — "Sim, e tudo é, de nossa casa, meu panorama"! Os homens cheios de ambição mal apreciam o que possuem. Os mansos, livres de interêsse, regozijam-se nas bênçãos com que estão cercados.

Bem-aventurados os que têm fome e sêde de justiça, porque serão fartos (v. 6 : A idéia quase geral é que as bem-aventuranças são simplesmente uma coleção de ditados, sem conexão. Mas cada uma tem relação com a que precede. O Mestre não deixou essas jóias caírem em uma pilha desordenada; tôdas, na ordem que foram pronunciadas, perfazem "um colar de graça para o teu pescoço". Quem pode meditar sèriamente sôbre a promessa de Cristo aos mansos sem sentir sua pobreza abjeta dessa graça e desejar ardentemente ser justo.

Deve ser evidente a todos que os que sentem fome e sêde de justiça não se gabam de sua justiça.

Bem-aventurados os que têm fome e sêde de justiça quer dizer, em palavras claras: Felizes são aquêles que desejam mais ser bons do que comer e beber; mais do que ser ricos, sábios, estimados pelo povo, ou qualquer outra coisa. De fato todos que buscam primeiramente Seu reino e Sua justiça receberão tudo que careçam. Cap. 6:33.

Os súditos do Rei não são justificados por sua própria justiça mas pela justiça que vem dos céus. Rom. 2:16, 17; 9:30; 10:3; Isa. 64:6; ... ... Nem se deve pensar que essa justiça é recebida uma vez para sempre. Aquêles que continuam a sentir fome e sêde de justiça continuam a abundar nessa graça. Ninguém pode sentir-se farto e continuar a receber. É outro paradoxo das Escrituras que o único meio para continuar a receber a justiça é o de sentir falta dela. Lembremos-nos de que o apóstolo Paulo escreveu: "Cristo Jesus veio ao mundo para salvar os pecadores, dos quais *eu sou* o principal". Não disse: "dos quais *eu era* o principal". I Tim. 1:15. Somos pecadores ainda, salvos pela graça; avançamos sem ainda têrmos alcançado, e sem qualquer justiça própria. Fil. 3:9, 12. "Bem-aventurados os que têm fome e sêde de justiça porque serão fartos".

Bem-aventurados os misericordiosos porque alcançarão misericórdia (v. 7): Se quizeres que o próximo use de misericórdia para contigo, deves tratá-lo com a mesma misericórdia. Vide Cap. 7:1, 2. Se ninguém quer mostrar-se amigável para conosco é evidente que não nos temos mostrado amigáveis também. Se ninguém sorri para mim é porque não tenho sorrido também. Compare Luc. 6:38 com Luc. 6:36, 37.

Ou o sentido mais próprio dessa bem-aventurança é que se tratarmos o próximo com misericórdia, Deus nos mostrará a mesma misericórdia. Cap. 18: 23-35.

Ser misericordioso quer dizer ter espírito bondoso e compassivo, pronto a perdoar e livre de censura. Se nos lembrarmos de nossas faltas, de nossos pecados, de nossas fraquezas e de como nós, portanto, carecemos da misericórdia de Deus, torna-se fácil sermos misericordiosos. Gál. 6:1-3.

A misericórdia triunfa sôbre o julgamento. Efé. 4:32; Col. 3:12, 13; Tiago 2:13. A misericórdia não exige o castigo merecido. Conta-se que certa mãe pediu ao imperador Napoleão que perdoasse a seu filho da sentença de morte. O imperador respondeu que em vista de ser a segunda ofensa, a justiça requeria que o filho morresse. "Não peço justiça, mas sim misericórdia"; disse a mãe. O imperador insistiu: "Mas êle não merece misericórdia". Exclamou a mãe: "Mas não seria misericórdia se êle a merecesse, e peço sòmente a misericórdia". O imperador respondeu: "Ora, mostrarei misericórdia" — o filho foi salvo.

Bem-aventurados os limpos de coração porque verão a Deus (v. 8): Há entre os filhos de Deus um que tenha caráter que o qualifique para ver a Deus? Se há, pode o tal realmente olhar para Aquêle que "ninguém jamais viu"? A resposta deve ser que Cristo, no Seu amor, nunca oferece aos homens o que é impossível obter; nunca marca para nós um alvo que não podemos alcançar. Êle nos fala acêrca de coração limpo porque isto nos é possível; fala-nos acêrca de ver a Deus por-

que isto é motivo de sublime gôzo para nós. Esta bem-aventurança, sem as outras, nos enche de desespêro; junto com as outras, e em ordem, nos enche da maior esperança. Mas "pode o etíope mudar a sua pele, ou o leopardo as suas manchas"? Jer. 13:23. Não as podem mudar; mas Deus pode. Igualmente dá a entender que, enquanto o homem não pode limpar seu coração, Deus o pode. Compare o que Cristo ensina neste versículo, por meio da relação dessa bem-aventurança para com as outras, com Atos 15:9, onde ensina que Deus purifica os nossos corações pela fé.

Cristo diz: "Bemaventurados os limpos de coração porque verão a Deus". O apóstolo diz: "Segui a paz com todos, e a santificação, sem a qual ninguém verá o Senhor". Heb. 12:14. Vide o que se diz mais sôbre o coração limpo: I Sam. 16:7; Sal. 24:3, 4; 139:23, 24; 51:10; Tiago, 4:8; ...

Foi dito acêrca de certa moça: "Como é linda a sua alma"! É comum dizer: O seu vestido é bonito, ou, os cabelos são bonitos. É ainda mais nobre o alvo "de ornarem... a doutrina de Deus". Tit. 2:10. "Não seja o adôrno... o que é exterior, ... Seja, porém, o homem interior." I Ped. 3:3-5.

Há um sentido em que podemos ver a Deus agora. Gên. 5:24; 6:9; Êxo. 33:11; Isa. 6:5; ... Bem-aventurados os que oram e que tomam parte em todos os cultos domésticos, e nos da igreja, com o alvo de ver a Deus.

É como céu aqui na terra, para os limpos de coração verem, "como em espêlho obscuramente", a Deus. Mas será como o céu dos céus contemplarem a Sua face (Apoc. 22:4), como Êle é. Contudo, os impuros de coração clamarão aos montes e aos rochedos rogando que caiam sôbre êles, para os esconderem da face dAquêle que se assenta sôbre o trono. Apoc. 6:16. Como Êle não suportará olhar para a impureza dêles, assim êles não suportarão a glória da Sua pureza.

Quanto a mim, contemplarei a tua face na justiça; satisfar-me-ei da tua semelhança quando acordar". Sal. 17:15.

Bem-aventurados os pacificadores, porque serão chamados filhos de Deus (v. 9): Os pacificadores são os que reconhecem a sua pobreza de espírito, "os que choram em Sião", os mansos, os que têm fome e sêde de justiça, os misericordiosos, os limpos de coração. Êsses não sòmente promovem a paz em tudo que dizem mas em tudo que fazem; a sua própria vida é uma grande influência para evitar brigas, contendas, e divisões. A sabedoria de cima, em contraste com a sabedoria carnal, é primeiramente pura; depois é pacífica. Tiago 3:13-18. Deus espera que Seus filhos sigam a paz com todos. Heb. 12:14.

Aquêles que possuem as características das seis primeiras bem-aventuranças, e assim exercem enorme influência para a paz entre os homens, *serão chamados filhos de Deus*. Serão chamados filhos de Deus porque têm a Sua natureza. Vide Cap. 5:44-48; Efé. 5:1. Deus é o Deus de paz. Rom. 16:20. O Filho de Deus é o Príncipe da paz. Isa. 9:6. O Espírito Santo é o Espírito da paz. Gal. 5:22, 23. .

Bem-aventurados os perseguidos por causa da justiça, porque dêles é o reino dos céus (v. 10): A última das oito bem-aventuranças está repetida, como o sonho de Faraó, porque é de difícil aceitação e porque a aplicação é certa. Parece incrível que os humildes que choram em Sião, os mansos, os misericordiosos, os limpos de coração, os pacificadores sejam odiados pela maioria dos homens. Por que razão não são grandemente estimados? "Todo aquêle que pratica o mal, aborrece a luz e não se chega à luz, a fim de não serem argüidas as suas obras". João 3:20. "Não pode o mundo odiar-vos, mas a mim me odeia, porque eu dou testemunho a seu respeito de que as suas obras são más". João 7:7. "Não sois do mundo... por isso o mundo vos odeia". João 15:19. O testemunho dos verdadeiros crentes, e mesmo

a sua própria vida, é como repreensão contínua à consciência dos homens carnais. O resultado é que a semente da serpente, desde o tempo do justo Abel, persegue a semente da mulher, caçando-a como se fôsse fera para matar. "Foram apedrejados, provados, serrados pelo meio, mortos ao fio da espada; andaram peregrinos, vestidos de peles de ovelhas e de cabras, necessitados, afligidos, maltratados, (homens dos quais o mundo não era digno), errantes pelos desertos, pelos montes, pelas covas, pelos antros da terra". Heb. 11:37, 38. "Ora, todos quantos querem viver piedosamente em Cristo Jesus serão perseguidos". II Tim. 3:12.

Porque dêles é o reino dos céus (v. 10): Os perseguidos são bem-aventurados, não por causa dos seus sofrimentos, mas porque, aos que têm tal caráter, é dado entrar no reino dos céus. As bênçãos dos céus são para aquêles que demonstram uma vida tão justa que Satanás se encoleriza.

Bem-aventurados sois quando... (v. 11): Note-se a mudança da pessoa do verbo: "sois". A lição do Mestre sôbre a perseguição é dirigida mais ìntimamente aos discípulos; a bênção é mesmo nossa.

Regozijai-vos e exultai (v. 12): Sentimos pena dos perseguidos, mas êles alegram-se com grande júbilo.

Certo crente foi sentenciado à tortura de um tôrno usado para apertar os dedos polegares das vítimas. Observou um amigo: "Não sei como o senhor sofreu tanta agonia sem gritar". Replicou o crente: "Quase desmaiei de gôzo"!

J. H. Jowett relata como visitou certo homem no leito de morte, sofrendo de câncer. Ao ver o rosto pálido e o vulto definhado, disse-lhe profundamente comovido: "Irmão, estarás brevemente no céu". O moribundo não podia mais falar, mas em um pedaço de papel escreveu: "Faz sete anos que estou no céu".

Rutherford, encarcerado em Aberdeen, escreveu para um amigo: "O Senhor está comigo; não me importa o que façam os homens. Ninguém é melhor abas-

tado do que eu. As minhas cadeias são de ouro. Não há pena, não há palavras, não há nada que sirva para descrever a beleza de Cristo".

Madame Guyon escreveu da prisão de Vincennes: "O gôzo do meu coração é tal que brilham os objetos em redor de mim. As próprias paredes da prisão são, diante de meus olhos, como rubis".

Os perseguidos regozijam-se e exultam porque a presença do Senhor é grande realidade.

Assim perseguiram os profetas (v. 12): Os profetas tinham todos os característicos daqueles das bem-aventuranças; assim, são os nossos exemplos.

Nem o Velho Testamento e nem o sermão do monte apresentam a lei como o meio de obter a salvação, mas mostram a impossibilidade do homem guardar a lei. Note-se como as bem-aventuranças dos versículos 5 e 8 fecham a porta do reino, mas como a do versículo 3 nos abre essa porta. O *sermão do monte* em si mesmo é elevado demais para a fraca natureza humana. Tudo é diferente, porém, para aquêles que chegam para conhecer *o Salvador no monte*. Assim é que podemos testificar que Seu fardo é leve.

III. O SAL DA TERRA E A LUZ DO MUNDO

5:13 Vós sois o sal da terra; ora, se o sal vier a ser insípido, como lhe restaurar o sabor? Para nada mais presta senão para, lançado fora, ser pisado pelos homens.

14 Vós sois a luz do mundo. Não se pode esconder a cidade edificada sôbre um monte;

15 Não se acende uma candeia para colocá-la debaixo do alqueire, mas no velador, e alumia a todos que se encontram na casa.

16 Assim brilhe também a vossa luz diante dos homens, para que vejam as vossas boas obras e glorifiquem a vosso Pai que está nos céus.

Vós sois o sal da terra (v. 13): Jesus chamara Seus discípulos para serem pescadores de homens. Cap. 4:19. Êle quer que sejam, também, o sal da terra e a

luz do mundo. O Mestre proferiu essas palavras afastado das multidões (v. 1), mas com o alvo de abençoá-las por intermédio daquêles a quem Êle ensinava.

Os profetas eram o sal da terra de Canaã; os crentes são o sal de tôda a terra, porque devem ir por todo o mundo e pregar o Evangelho. Cristo disse que um punhado de discípulos seriam o sal da terra. Apesar das muitas faltas da igreja desde então, a história é prova de que os poucos crentes em todos os séculos têm sido verdadeiramente o sal da terra.

Os crentes são o sal da terra porque conservam-na na corrupção, dão gôsto ao que é insípido, refrescam e purificam ao que dá mau cheiro espiritual.

Não se aplica o sal aos animais vivos, mas à sua carne depois de mortos. Cristo quer que Seus discípulos sejam o sal da terra porque a sociedade humana está morta e, sem êsse sal, estraga-se.

Cristo quer, também, que Seus discípulos tenham contato com o mundo; não é Sua vontade que se fechem dentro de conventos. O sal, para fazer os seus efeitos deve se misturar com o que é destinado a conservar.

Se o sal vier a ser insípido, como lhe restaurar o sabor? (v. 13): Se colocarmos um ferro quente no frio chão acontecerão duas coisas: (1) o ferro esfriará e (2) a temperatura do chão, e da atmosfera em redor, subirá. Se continuarmos a aquecer o ferro, a temperaratura da atmosfera continuará a subir. Igualmente Cristo nos deu Sua natureza divina para que a comunicassemos aos mortos espiritualmente, para que confortassemos os aflitos e restaurassemos os irmãos caídos. Mas se nos tornarmos insípidos como o mundo, perderemos a nossa influência. Lembremo-nos de que somos o sal da terra e se deixarmos de dar sabor à comunidade, a influência do mundo nos fará apodrecer espiritualmente.

Para nada mais presta (v. 13): Existe uma coisa mais inútil do que o sal depois de perder seu sabor? Na

cidade de Hutchinson, na América do Norte, um grande monte de sal ficou estragado. Experimentaram calçar uma rua com êsse sal para não deixar desperdiçar tudo. Mas com as primeiras grandes chuvas, o que parecia grande êxito, tornou-se em deplorável fracasso; a rua mais bela da cidade transformou-se na rua mais triste. Até as árvores, à beira da rua, morreram. Sal sem sabor não serve para coisa alguma, nem para adubar a terra. Os crentes, também, depois de perderem o poder divino, não valem mais do que o sal sem sabor. Têm o nome de que vivem, mas estão mortos. Apoc. 3:1.

Vós sois a luz do mundo (v. 13): O sal opera no interior da massa; a luz opera no exterior. A ilustração do sal fala de nosso caráter; a da luz fala de nosso testemunho. Note-se que, como Cristo falou primeiro no sal da terra e depois na luz do mundo, assim o caráter precede o testemunho.

Em que sentido podemos ser a luz do mundo, quando o próprio Cristo o é (João 8:12), e o maior dos profetas testificou que êle mesmo não era? João 1:6-8. A resposta é que brilhamos com luz refletida. Cristo é como o sol que brilha com a sua própria luz; nós somos como a lua que brilha com a luz espelhada do sol. Cristo não disse no sermão do monte: "Brilhai diante dos homens", mas disse: "Brilhe a vossa luz..." Os crentes, no meio de uma geração pervertida e corruta, resplendem, como luzeiros (astros) no mundo; não são chamados para receber honra para si, mas para que Deus seja glorificado. Fil. 2:14, 15.

Não se pode esconder a cidade... (v. 14): No tempo de guerra como se pode camuflar uma cidade, para o inimigo não a reconhecer, especialmente quando "edificada sôbre um monte"? É igualmente difícil esconder um crente que arde com a santidade das alturas.

Assim brilhe a vossa luz... (v. 16): Foi Cristo Quem acendeu a luz em nós; não devemos colocá-la "debaixo do algueire" da conduta mundana, nem de uma vida de leviandade e nem dos cuidados dêste mundo.

IV. A LEI NÃO É REVOGADA, MAS CUMPRIDA

5:17 Não penseis que vim revogar a lei ou os profetas: não vim para revogar, vim para cumprir.
18 Porque em verdade vos digo: Até que o céu e a terra passem, nem um i, ou um til jamais passará da lei, até que tudo se cumpra.
19 Aquêle, pois, que violar um dêstes mandamentos, pôsto que dos menores, e assim ensinar aos homens, será considerado mínimo no reino dos céus; aquêle, porém, que os observar e ensinar, êsse será considerado grande no reino dos céus.
20 Porque vos digo que, se a vossa justiça não exceder em muito a dos escribas e fariseus, jamais entrareis no reino dos céus.

Esta parte do sermão destaca dois pontos: (1) Os ouvintes de então tinham tôda a razão em aceitar as Escrituras do Velho Testamento para governar as suas vidas. (2) O povo enganava-se em seguir o exemplo dos escribas e fariseus.

Não penseis que vim revogar a lei... (v. 17): Os judeus piedosos, que amavam a lei e os profetas, não deviam pensar que Jesus veio abolir a lei. Os mundanos, procurando ficar livres da observância da lei, não tinham razão em pensar que Jesus veio destruir a lei.

Nem um "i", ou um "til" jamais passará da lei (v. 18): Cristo referia-se a lei escrita nos pergaminhos das sinagogas, a qual foi escrita, não na língua que Êle falava, mas no hebraico. O *i* era a letra mais pequena do alfabeto hebraico, mais ou menos do tamanho de um acento em portguês. O *til* era a mais pequena parte de uma letra. É como se Cristo tivesse dito: "Não se apagará a menor letra da lei, nem mesmo o traço do "t" manuscrito, que serve para distingui-lo do "l".

Se a vossa justiça não exceder em muito a dos escribas e fariseus... (v. 20): Muitos dos escribas, no seu zêlo pela lei, podiam recitar todo o Velho Testamento de cor. Os fariseus eram os religiosos daquêle tempo. É a inclinação humana ligar mais importância à letra

da lei de Deus, do que ao espírito, como os escribas; é grande tentação mostrar-se religioso, observando cultos secos, com grande formalismo, como os fariseus. Acêrca dêles o apóstolo Paulo escreveu: "Porque lhes dou testemunho de que êles têm zêlo por Deus, porém não com entendimento. Porquanto, desconhecendo a justiça de Deus, e procurando estabelecer a sua própria, não se sujeitaram à que vem de Deus". Rom. 10:2, 3.

Êste versículo, 20, é a chave do sermão do monte. Os que não aceitam todo o sermão à luz dêsse versículo, enganam-se em ensinar, ou experimentar praticar as lições proferidas por Cristo naquela ocasião. Se a nossa justiça não exceder em muito a dos escribas e fariseus, jamais entraremos no reino dos céus. E não somos capazes, por nós mesmos, de fazer melhor do que êles nos seus extraordinários esforços. Mas, Bem-aventurados os que têm fome e sêde de justiça, porque Deus a concederá com fartura. Vers. 6. A prova de recebê-la em abundância é a conduta na vida cotidiana dos que aceitam *a justiça que vem de Deus*. Rom. 10:3.

V. SÔBRE O HOMICÍDIO

5:21 Ouvistes que foi dito aos antigos:
Não matarás;
e:
Quem matar estará sujeito a julgamento.
22 Eu, porém, vos digo que todo aquêle que se irar contra seu irmão estará sujeito a julgamento; e quem proferir um insulto a seu irmão estará sujeito ao julgamento do tribunal; e quem lhe chamar: Tolo, estará sujeito ao inferno de fogo.
23 Se, pois, ao trazeres ao altar a tua oferta, ali te lembrares de que teu irmão tem alguma cousa contra ti,
24 Deixa perante o altar a tua oferta, vai primeiro reconciliar-te com teu irmão; e, então, voltando, faze a tua oferta.
25 Entra em acôrdo sem demora com o teu adversário, enquanto estás com êle a caminho, para que o adversário não te entregue ao juiz, o juiz ao oficial de justiça, e sejas recolhido à prisão.

26 Em verdade te digo que não sairás dali, enquanto não pagares o último centavo.

Cristo, depois de salientar a importância de honrar tôda a lei de Deus, mas evitando o êrro dos escribas e fariseus (vs. 17-20), prossegue na exposição de alguns pontos da lei, para chamar atenção ao brilho falso que êsses doutores deram à Palavra de Deus. O primeiro dêsses pontos é sôbre o homicídio.

Foi dito aos antigos... Eu, porém, vos digo que todo aquêle que se irar... (vs. 21, 22): Jesus falava a pessoas que conheciam a lei; era-lhes lida todos os sábados nas sinagogas. A lei contra o homicídio não era uma parte sòmente da lei de Moisés; era um dos preceitos de Noé. Gên. 9:5, 6. Mas significava muito mais do que um estatuto para observar: incluia, também, os sentimentos do coração.

I João 3:16 merece tanta consideração entre o povo de Deus como João 3:16: "Nisto conhecemos o amor, em que Cristo deu a sua vida por nós; e devemos dar nossa vida pelos irmãos".

O ódio, pode-se dizer, é como um ôvo; o homicídio é como um pinto. Se queremos tirar um pinto de um ôvo não é necessário praticar um truque; basta guardar o ôvo em lugar de temperatura própria. E se guardamos os ovos do ódio no coração, certamente produzirão homicídio. A própria polícia não pode destruir as horrendas aves que põem ovos do roubo, do adultério, da mentira, etc., em nossos corações. Mas se deixarmos êsses ovos ocuparem um lugar em nós, chocarão e produzirão êsses pecados em nossas vidas. Cristo quer que os destruamos no coração antes de chocarem.

"Aquêle, porém, que odeia a seu irmão, está nas trevas, e anda nas trevas, e não sabe parâ onde vai, porque as trevas lhe cegaram os olhos". I João 2:11.

E quem lhe chamar: Tolo, estará sujeito ao inferno de fogo (v. 22): Inferno, gr. "geenna": Lugar no vale de Hinom, onde, antigamente, se ofereciam holocaustos

de vítimas humanas. II Crôn. 33:6; Jer. 7:31. A palavra "geenna" aparece nos Caps. 5:22, 29, 30; 10:28; 18:9; 23:15, 33; Mar. 9:43, 45, 47; Luc. 12:5; Tiago 3:6. Em todos êsses exemplos, exceto o último, a palavra foi proferida por Jesus Cristo nas mais solenes admoestações sôbre as conseqüências do pecado. Êle o descreve como o lugar onde não *lhes* morre o verme nem jamais o fogo se apaga. Os têrmos "geenna" e "lago do fogo" são idênticos. Apoc. 19:20; 20:10, 14, 15.

Se, pois, ao trazeres ao altar a tua oferta, ali te lembrares... Deixa... vai primeiro reconciliar-te... (vs. 23, 24): Eis o adorador ao lado do altar. O sacerdote está oferecendo o sacrifício. Nesse momento sagrado, ao começar o adorador a confessar seu pecado a Deus, êle se lembra de seu irmão ofendido com ou sem razão. O solene sacrifício tem de esperar enquanto o adorador procura seu irmão para livrar-se do perigo mortífero que leva no próprio coração. Só então pode êle voltar para continuar o sacrifício interrompido. O Velho Testamento ensinava o mesmo; por exemplo: "Pelo que, quando estendeis as vossas mãos, escondo de vós os meus olhos; sim, quando multiplicais as vossas orações, não as ouço, porque as vossas mãos estão cheias de sangue". Isa. 1:15-18.

"Amar ao próximo como a si mesmo, excede todos os holocaustos e sacrifícios". Mar. 13:33. "Quero que os varões orem em todo lugar, levantando mãos santas, sem ira e sem animosidade". I Tim. 2:8.

Note-se: Alegar que não podemos assistir os cultos por causa de contenda com o próximo é acrescentar pecado sôbre pecado. Se meu irmão está ofendido, devo ir reconciliar-me com êle. Se fez algo contra mim, é, também, minha obrigação ir — mas no espírito do amor de Cristo, para *ganhá-lo*. Vide os comentários sôbre Cap. 18:15.

Entra em acôrdo sem demora com o teu adversário enquanto estás com êle a caminho... (v. 25): A resposta branda, para os que querem harmonizar-se sem

demora, é como o pára-raios que evita a faisca mortífera (Prov. 15:1), ou, como sacos de lã, nas antigas guerras, pendurados pelos defensores em cima dos muros da cidade sitiada, de maneira a receberem as tremendas pancadas dos arietes do inimigo contra os muros. A ação das mais poderosas máquinas de guerra, mesmo depois do muro já começar a rachar, tornava-se nula, quando batiam na lã.

Andamos no caminho dêste mundo lado a lado com o próximo. Se houver questão entre nós, é imperativo que a resolvamos logo. O caso é muito mais grave do que julgamos. Se um de nós passar para a presença do grande Juiz, a questão não ficará mais em nossas mãos; será resolvida sòmente por Êle! "Não se ponha o sol sôbre a vossa ira". Efé. 4:26.

VI. SÔBRE O ADULTÉRIO

5:27 Ouvistes que foi dito:
Não adulterarás.
28 Eu, porém, vos digo: Qualquer que olhar para uma mulher com intenção impura, no coração já adulterou com ela.
29 Se o teu ôlho direito te faz tropeçar, arranca-o e lança-o de ti; pois te convém que se perca um dos teus membros, e não seja todo o teu corpo lançado no inferno.
30 E se a tua mão direita te faz tropeçar, corta-a e lança-a de ti; pois te convém que se perca um dos teus membros e não vá todo o teu corpo para o inferno.
31 Também foi dito:
Aquêle que repudiar sua mulher, dê-lhe carta de divórcio.
32 Eu, porém, vos digo: Qualquer que repudiar sua mulher, exceto em caso de infidelidade, a expõe a tornar-se adúltera; e aquêle que casar com a repudiada, incide em adultério.

Como no caso de homicídio, o adultério é pecado cometido no coração, antes de se manifestar no próprio ato.

Se o teu ôlho direito te faz tropeçar, arranca-o... (v. 29): Se não houvesse outro meio (mas há pela graça e poder de Deus) para refreiar os membros do corpo, seria melhor arrancar o ôlho direito e cortar literalmente a mão direita, do que deixar o pecado arruinar a alma.

Não se pode cortar literalmente êsses membros do corpo e assim ficar livres dos pecados. Os pecados estão no coração; aí, sim, podemos cortar os desejos carnais que fazem dos membros do corpo instrumentos de iniquidade. "Se pelo Espírito mortificardes os feitos do corpo, certamente vivereis". Rom. 8:13.

Qualquer que repudiar sua mulher... (v. 32): O matrimônio não é uma conveniência social inventada pela humanidade para preencher uma necessidade ou condição temporárias, e, portanto, para ser revisado ou abandonado conforme os caprichos de qualquer homem, ou grupo de homens. O matrimônio foi instituído por Deus Altíssimo e a sua relação para com a raça humana é tal que não se pode modificar, nem a parte considerada mais insignificante, sem graves conseqüências. "Não tendes lido que o Criador desde o princípio os fez homem e mulher, e que disse: Por esta causa deixará o homem pai e mãe, e se unirá a sua mulher, tornando-se os dois uma só carne? De modo que não são mais dois, porém uma só carne. Portanto, *o que Deus ajuntou não o separe o homem*". Cap. 19:3-6.

Acêrca do divórcio, Cristo disse mais: "Moisés, pela dureza de vossos corações, vos permitiu repudiar a vossas mulheres, mas ao princípio não foi assim. Eu pois vos declaro que todo aquêle que repudiar sua mulher, se não é por causa de *fornicação,* e casar com outra, comete *adultério,* e o que se casar com a que outro repudiou comete *adultério*". Cap. 19:8, 9 (Vers. Fig.). Citamos a versão de Figueiredo porque é mais precisa, usando a palavra "fornicação", desfazendo a suposição de muitos crentes, de que um dos cônjuges tem direito de repudiar o outro sòmente por causa de *infidelidade*.

Para compreender isto devemos notar como as Escrituras distinguem entre a fornicação e o adultério.

"Porque do coração é que saem os maus pensamentos, os homicídios, os *adultérios* (gr. moicheia), as fornicações (gr. porneia)..." Cap. 15:19 (Fig.). "Mas as obras da carne estão patentes; como são a *fornicação* (gr. porneia), a impureza (adulterio,, gr. moicheia)". Gál. 5:19 (Fig.). "Nem os *fornicários* (gr. pornos), nem os idólatras, nem os *adúlteros* (gr. moichos)... hão de possuir o reino de Deus". I Cor. 6:9, 10. "Porque Deus julgará aos *fornicários* (gr. pornos) e aos *adúlteros* (gr. moichos). Heb. 13:4 (Fig.).

Cristo não disse que a lei de Moisés concedia o direito de divórcio, por causa de *adultério* (gr. moicheia). Êle disse: "Quem repudiar sua mulher, não sendo por causa de *fornicação* (gr. porneia) e casar com outra, comete *adultério* (gr. moichao)". Cap. 19:9.

Se o homem, depois de casar-se, achasse que a mulher não era virgem, podia repudiá-la. Compare-se Cap. 5:32; 19:9 com Deut. 24:1. Mas se ela era virgem, não podia repudiá-la enquanto vivesse. Deut. 22:19. A lei de Moisés concedia o direito de divórcio no caso de *fornicação* mas não de *adultério;* os adúlteros morreram apedrejados. Lev. 20:10. Note-se: a fornicação é o pecado de pessoas não casadas, com pessoas casadas ou não. O adultério é o pecado de pessoas casadas com outras que não são seus próprios cônjuges.

Mesmo no caso de um dos dois cônjuges descobrir que o outro foi infiel, seria melhor perdoá-lo do que repudiá-lo. Cap. 6:14, 15. Vide os comentários sôbre Cap. 18:15-20.

As leis civis, sôbre o divórcio, nunca podem substituir ou invalidar os deveres dos crentes diante de seu Deus.

O amor conjugal, entre os crentes sinceros, é um mandamento divino (Efé. 5:22-33; I Ped. 3:1-9), não um capricho como entre os mundanos.

A questão do divórcio, quando um dos cônjuges não é crente, é ventilada em I Cor. 7:10-17. Se aquêle que não é crente exigir a separação, o crente pode ceder. Mas a atitude do crente deve ser sempre a de ganhar seu companheiro para Cristo; nunca pode tomar a iniciativa na separação. No caso de se separarem, porém, a Palavra é clara, que o crente não tem direito de casar-se com outrem: "Que não se case". I Cor. 7:11.

VII. SÔBRE O JURAMENTO

5:33 Também ouvistes que foi dito aos antigos: Não jurarás falso, mas cumprirás rigorosamente para com o Senhor os teus juramentos.

34 Eu, porém, vos digo: De modo algum jureis: Nem pelo céu, por ser o trono de Deus;

35 Nem pela terra, por ser estrado de seus pés; nem por Jerusalém, por ser cidade do grande Rei;

36 Nem jures pela tua cabeça, porque não podes tornar um cabelo branco ou prêto.

37 Seja, porém, a tua palavra: Sim, sim; não, não. O que disto passar, vem do maligno.

No tempo de Moisés foi proibido apenas o perjúrio, ou juramento falso (v. 33; Lev. 19:12); Cristo proíbe todo o juramento: "Eu, porém, vos digo: De modo algum jureis". Vide Tiago 5:12.

Seja, porém, a tua palavra: Sim, sim; não, não (v. 37): A vida, constantemente, dos discípulos deve ser tão sincera que um simples "sim", para afirmar, ou um simples "não" para negar, seja suficiente em quaisquer circunstâncias. Para dar ênfase não é necessário mais do que dizer: "Sim, sim", ou: "Não, não". O exemplo do Mestre foi: "Em verdade, em verdade..."

O que disso passa, vem do maligno (v. 37): Se a mentira não fôsse comum, o juramento não seria considerado necessário. Quanto mais há de juramentos, tanto mais há da idéia de que a mentira não é pecado, senão quando sob juramento.

Jorge Fox, quando os juizes em Lancaster mandaram-lhe prestar juramento, respondeu: "Destes-me êste Livro para beijar e para segurar enquanto juro, e êste Livro, que me destes para sôbre êle jurar, diz: "Beijai o Filho" (Sal. 2:12); e o Filho diz: "De modo algum jureis". Ora eu obedeço ao Livro; contudo, me lançais na cadeia. Qual a razão de deixar o Livro continuar circulando entre vós com liberdade; o mesmo Livro que me manda não jurar, se me lançais na prisão porque faço o que o Livro me ordena? Por que não meteis o Livro também na cadeia"?

VIII. SÔBRE A VINGANÇA

5:38 Ouvistes que foi dito:
Ôlho por ôlho, dente por dente.
39 Eu, porém, vos digo: Não resistais ao perverso; mas a qualquer que te ferir na face direita, volta-lhe também a outra;
40 E ao que quer demandar contigo e tirar-te a túnica, deixa-lhe também a capa.
41 Se alguém te obrigar a andar mil passos, vai com êle dois mil.
42 Dá a quem te pede, e não voltes as costas ao que deseja que lhe emprestes.

Ôlho por ôlho, dente por dente (v. 38): A lei de Moisés exigia que as pessoas com demandas se apresentassem perante o Senhor, diante dos sacerdotes e dos juízes. Deut. 19:17. Depois de ouvirem o depoimento de pelo menos duas testemunhas, a regra para a sentença dos juízes era: "Ôlho por ôlho..." Êxo. 21:24; Lev. 24:20; Deut. 19:21. Tal era em grande contraste a prática de muitos dos povos de então: a vida por um ôlho, a vida por um dente, etc. Contudo, os fariseus nem observavam a lei de ôlho por ôlho, com o espírito de eqüidade e de justiça como o povo a recebeu de Deus no tempo de Moisés. Os fariseu, no seu interêsse próprio, esqueceram-se "do mais importante da lei... a misericórdia" e o amor.

Não resistais ao perverso (v. 39): Cristo proibe, não sòmente a vingança, mas também nega o direito aos discípulos de resistirem às afrontas. Concretiza a lição por meio de três regras: A primeira, a de alguém ser ferido numa face oferecendo a outra, é talvez, a mais difícil de ser praticada. A segunda refere-se à agressão contra os nossos bens, tal como o litígio para tirar-nos uma peça de roupa. A terceira é o caso de sermos forçados a trabalhos pesados, referindo-se à prática, então muito comum, de um cidadão ficar obrigado a carregar a bagagem de um militar romano. Em todos êsses três casos, Cristo quer que Seus discípulos se submetam aos insultos, que lhes entreguem a peça de vestuário e que vão os mil passos. Os discípulos devem enfrentar o mal, não com manifestações de ira, nem de ódio e nem de vingança, mas com prontidão de sofrer ainda mais. Se voltarmos a outra face com ira, se entregarmos a túnica com ódio, se andarmos os dois mil passos murmurando, não estamos guardando o mandamento: "Não resistais ao perverso"; "O amor... tudo sofre, ... tudo suporta".

Feliz é o crente que sabe o mistério da vida transbordante. O riacho é barulhento sòmente quando as suas águas estão razas; depois de tomar água suficiente para cobrir as pedras no seu leito, corre silenciosamente. A vida cheia do amor de Deus passa sossegadamente por cima de todos os obstáculos.

A qualquer que te ferir na face direita, volte-lhe também a outra (v. 39): O melhor comentário sôbre êste versículo é a conduta do próprio Cristo quando esbofeteado; não incitou mais Seus inimigos voltando-lhes literalmente a outra face, mas "quando ultrajado, não revidava com ultraje, quando maltratado não fazia ameaças". I Ped. 2:23.

Tirar-te a túnica (v. 40): Era contra a lei ficar com uma túnica penhorada, que servia para o pobre como cobertor de noite. Êxo. 22:26, 27.

Dá a quem te pede (v. 42): Devemos dar a todos que nos pedem, mas não devemos dar dinheiro tôdas as vêzes que nos pedem. Quando o coxo, deitado na porta Formosa, do Templo, pediu esmola a Pedro e João, êles não lhe deram dinheiro, mas uma coisa infinitamente melhor. O apóstolo Paulo ordenou que se alguém não quer trabalhar, não coma. II Tes. 3:10. Contudo, isso não quer dizer que não devemos dar aos que necessitam, mas sim que discriminemos aquilo de que realmente necessitam. Devemos ser perfeitos como Deus é perfeito (v. 48); Êle dá a todos que pedem, mas não dá sempre a mesma coisa que pedem.

IX. SÔBRE O AMOR

5:43 Ouvistes que foi dito:
Amarás o teu próximo, e odiarás o teu inimigo.
44 Eu, porém, vos digo: Amai os vossos inimigos e orai pelos que vos perseguem;
45 Para que vos torneis filhos do vosso Pai celeste, porque êle faz nascer o seu sol sôbre maus e bons, e vir chuvas sôbre justos e injustos.
46 Porque se amardes os que vos amam, que recompensa tendes? não fazem os publicanos também o mesmo?
47 E se saudardes sòmente os vossos irmãos, que fazeis de mais? não fazem os gentios também o mesmo?
48 Portanto, sêde vós perfeitos como perfeito é o vosso Pai celeste.

A grande lição de Cristo, que serve como súmula e base de tudo que tinha dito sôbre o ódio, a vingança, o homicídio, nos vers. 21 a 42, é esta sôbre o amor. O engano básico dos intérpretes da lei de Moisés consistia em ignorar, quase por completo, o amor do Deus que dera a lei.

Amarás o teu próximo (v. 43): Vide Lev. 19:18. Mas o preceito, odiarás o teu inimigo, não se encontra, de forma alguma, nas Escrituras. Cristo, no sermão do monte, tratava mais das tradições judaicas do que da

própria lei de Moisés. O Talmud, a *disciplina* dos judeus, não ensina o amor para com os inimigos.

A doutrina popular de ôlho por ôlho era bárbara e fria; a de odiar os inimigos levava os homens para o lamaçal, ainda mais profundo, de Satanás.

Eu, porém, vos digo: Amai aos vossos inimigos (v. 44): A inclinação natural dos homens é de enfrentar a atitude agressiva do próximo com espírito de ódio e vingança. Mas somos obrigados a permitir assim ao próximo dar tom a nossa vida? Não podemos deixar sua falta de harmonia desaparecer e responder com uma coisa de mais elevado tom? O amor que devemos deixar operar em nós não é de nós mesmos, mas "é derramado em nossos corações pelo Espírito Santo, que nos foi outorgado. Rom. 5:5.

Orai pelos que vos perseguem (v. 44): Note-se que diz: *Orai,* e nunca: *Matai!* Eis um amor diferente em quantidade e diferente em qualidade. O coração fica cheio dêsse amor; não resta lugar para o rancor. Êsse amor ultrapassa o amor natural para com os nossos amigos, abrangendo mesmo os nossos inimigos. Qual é a vantagem de sermos filhos de Deus, se amamos sòmente os que nos amam; os inimigos de Deus não o fazem também? Vs. 46, 47.

Sêde vós perfeitos como perfeito é o vosso Pai celeste (v. 48): Os filhos de Deus devem ser os retratos de seu Pai. Uma das qualidades do Pai celeste é o Seu amor. "Mas Deus prova o seu próprio amor para conosco, pelo fato de ter Cristo morrido por nós, sendo nós ainda pecadores". Rom. 5:8.

Os filhos de Deus devem clamar como o grande Filho de Deus: "Pai perdoa-lhes, porque não sabem o que fazem". Luc. 23:34.

É triste, mas aquêles que precisam mais de nosso amor são mais capazes de não o receberem. Somos inclinados a amar mais àquêles que nos amam, ou àquêles que são bem vestidos e respeitados.

O seguinte é um dos inumeráveis exemplos de como o amor divino opera através dos séculos:

Durante as atrocidades contra os armênios, um soldado turco correu atrás de certa moça e seu irmão. Num beco sem saída o rapaz foi trucidado perante os olhos da sua irmã. Mas esta conseguiu saltar um muro e escapar.

Depois, ela, sendo enfermeira, foi obrigada, pelos turcos, a servir no hospital militar. Certo dia, foi levado para a enfermaria, onde ela servia, o mesmo soldado que matara seu irmão. O militar sofria de moléstia grave; qualquer desatenção por parte dela resultaria na sua morte.

A moça depois, segura na América, confessou que havia renhida luta no seu coração. O velho Adão bradava: "Vinga-te! Mas Cristo suplicava: "Ama-o!" Cristo, por fim, venceu; a moça cuidou do soldado com a maior ternura, como qualquer outro da enfermaria.

O militar reconhecera logo, também, a moça, cujo irmão êle matara bàrbaramente. Certo dia, quando convalescia, sem poder conter mais a sua curiosidade, o soldado perguntou a sua enfermeira por que não o deixara morrer. Replicou ela: "Porque sigo Àquêle que disse: "Amai aos vossos inimigos, fazei bem aos que vos odeiam". Luc. 6:27. O soldado passou alguns minutos calado. Por fim disse: ""Não sabia que existia tal religião. Se isso é a tua religião, conta-me mais, porque quero adotá-la".

Capítulo VI

O SERMÃO DO MONTE CONTINUA

Cristo, depois de prevenir Seus discípulos das doutrinas e opiniões erradas dos escribas e fariseus, no precedente capítulo, passa a acautelá-los contra as suas obras corrutas.

I. A RECOMPENSA DE ESMOLAS

6:1 Guardai-vos de exercer a vossa justiça diante dos homens, com o fim de serdes vistos por êles; doutra sorte não tereis galardão junto de vosso Pai celeste.

6:2 Quando, pois, deres esmola, não toques trombeta diante de ti, como fazem os hipócritas, nas sinagogas e nas ruas, para serem glorificados pelos homens. Em verdade vos digo que êles já receberam a recompensa.

3 Tu, porém, ao deres a esmola, ignore a tua esquerda o que faz a tua direita;

4 Para que a tua esmola fique em secreto: e teu Pai que vê em secreto, te recompensará.

Guardai-vos de exercer a vossa justiça... doutra sorte não tereis galardão... (v. 1): O primeiro versículo serve como assunto de todo o capítulo: grande é o engano dos que esperam galardão, nos céus, dos seus grandes esforços para ser vistos pelos homens.

Quando... deres esmola... para serem glorificados pelos homens (v. 2): Uma das mais persistentes tentações dos crentes é a de buscarem honra dos homens por meio de boas obras. Mas se ostentamos os nossos atos de justiça diante dos homens, somos tão insensatos como as galinhas que cacarejam ao pôr seus ovos. Os

homens, assim avisados dos ovos, retiram-nos; Satanás, avisado por nosso alarido, ao praticar uma boa obra, vem logo, incita em nós o orgulho e consegue retirar de nós a recompensa.

Quando as nossas obras são feitas para ser vistas por Deus, são estimadas por todos: quando feitas para ser vistas pelos homens, tanto os homens como Deus aborrecem-nas.

Êles já receberam a recompensa (v. 2): Queriam o aplauso dos homens e recebram-no. Não resta nada mais para esperar.

Tu, porém, ao dares a esmola, ignore a tua esquerda o que faz a tua direita (v. 3): Devemos conservar-nos tão longe de "tocar trombeta" (expressão evidentemente figurada), que nem pensemos depois no que fizemos, para não ficarmos vencidos pelo orgulho.

II. A RECOMPENSA DE ORAÇÃO

6:5 E, quando orardes, não sereis como os hipócritas; porque gostam de orar em pé nas sinagogas e nos cantos das praças, para serem vistos dos homens. Em verdade vos digo que êles já receberam a recompensa.

6 Tu, porém, quando orares, entra no teu quarto, e, fechada a porta, orarás a teu Pai que está em secreto; e teu Pai que vê em secreto, te recompensará.

7 E, orando, não useis de vãs repetições, como os gentios; porque presumem que pelo seu muito falar serão ouvidos.

8 Não vos assemelheis, pois, a êles; porque Deus, o vosso Pai, sabe o de que tendes necessidade, antes que lho peçais.

9 Portanto, vós orareis assim: Pai nosso que estás nos céus, santificado seja o teu nome;

10 Venha o teu reino, faça-se a tua vontade, assim na terra como no céu;

11 O pão nosso de cada dia dá-nos hoje;

12 E perdoa-nos as nossas dívidas, assim como nós temos perdoado aos nossos devedores;

13 E não nos deixeis cair em tentação; mas livra-nos do mal; pois teu é o reino, o poder e a glória para sempre. Amém.

14 Porque se perdoardes aos homens as suas ofensas, também vosso Pai celeste vos perdoará;
15 Se, porém, não perdoardes aos homens, tão pouco vosso Pai vos perdoará as vossas ofensas.

Quando orardes, não sereis como os hipócritas (v. 5): Como podemos saber quando a nossa religião é realmente hipocrisia? A resposta é: Quando é para ser vista pelos homens. É apenas hipocrisia quando as igrejas têm bons coros, exigem pregação de elevado estilo, fazem orações eloquentes, ... mas sem o Espírito. É hipocrisia colocar tôdas as mercadorias na vitrina, dando a entender que a loja tem grande estoque. É hipocrisia quando a adoração sai da bôca para fora: é sinceridade sòmente se sair do íntimo do coração.

Os hipócritas... gostam de orar em pé nas sinagogas (v. 5): A hipocrisia é muitas vêzes tão acentuada nas igrejas que o mundo julga que todos os crentes são hipócritas.

Conta-se a história de certo coronel que convidou um amigo para passear no seu pomar para provar as maçãs. Um dia, encontrando o amigo na rua, o coronel ficou um pouco irritado porque êste desprezava os seus convites. Perguntou-lhe: "É porque acha que as maçãs não são boas?" O amigo confessou que de fato tinha experimentado uma que caíra no lado de fora do muro e que era tão azêda que perdera todo o desejo de experimentar mais. Mas o dono do pomar respondeu que tinha andado mais de sessenta quilômetros a pé para buscar as mudas de uma qualidade azedíssima para plantar ao redor e enganar os meninos que quizessem invadir o pomar. "Mas as outras de dentro", disse o dono, "são muito doces e saborosas". Aquêles que julgam as igrejas pelos hipócritas, enganam-se da mesma maneira. Sòmente os que, no lado de dentro, experimentam os preceitos do Senhor, podem testificar que "são mais desejáveis do que o ouro, sim, do que muito ouro fino; e mais doces do que o mel e o licor dos favos". Sal. 19:10.

Lembremo-nos do destino dos hipócritas. Mat. 24:51.

Moisés e os profetas não deram regra, nem instrução, sôbre oração. Mas no novo reino, Deus é Pai, não só Rei, e nos revela a importância da comunhão com Êle.

Entra no teu quarto (v. 6): É evidente que Cristo não condena a oração nos cultos públicos. Vide João 11:41, 42; 17:1; Atos 1:14. Mas, mesmo a oração pública deve ser com "a porta fechada", isto é, com o mundo excluído do coração e em contato com o trono de Deus em espírito. Na maior multidão o crente pode achar seu "quarto de oração".

É difícil evitar a hipocrisia, mesmo no tempo de tristeza e angústia, mas em secreto é mais fácil orar sem fingimento.

Fechada a porta (v. 6): Aquêle que não tinha onde reclinar a cabeça, também, não tinha porta para fechar. Concluímos, portanto, que isso quer dizer separado do mundo e em contato com Deus. Dá a entender, também, que devemos marcar um lugar definido para orar.

O quarto de oração de Jesus era o mato (Mar. 1:35; Luc. 6:12); de Isaque era o campo (Gên. 24:63); de Davi, o quarto de dormir (Sal. 4:4); de Pedro, o eirado (Atos 10:9); de Ezequias, o rosto virado para a parede (II Reis 20:2). O deserto é a pátria dos fortes.

Teu Pai que vê em secreto (v. 6): O lugar secreto de amizade íntima. Sal. 25:14; 27:5; 31:20; 91:1.

Orarás a teu Pai (v. 6): Jesus chama Deus "Pai" dezessete vezes, no sermão do monte. Note-se o grande contraste entre êsse sermão e o Velho Testamento onde é considerado mais como "o Deus grande e tremendo", do que um Pai com coração cheio de compaixão e misericórdia. Contudo não nos devemos enganar, como alguns, pensando que Jesus se referia a Deus como o Pai de todos os homens em geral. Cristo, ao dizer: "Teu Pai", dirigia-se aos Seus discípulos (Mat. 5:1, 2, os humildes de espírito, os mansos, os que têm fome e sêde

de justiça, os limpos de coração — dirigia-se aos que compartilham da natureza de Deus. Que todos os homens não são filhos de Deus é evidente em tais passagens como João 8:41.

Não useis vãs repetições (v. 7): Não tôdas as repetições são dispensáveis. Vide, por exemplo, Mat. 26:44 e Sal. 136. Porém, não devemos errar, pensando que podemos multiplicar as orações, como em algumas rezas, até merecer a resposta como pagamento de nossos esforços de suplicar. O filhinho que pede um cruzeiro do pai, não o recebe porque é-lhe devido em pagamento do trabalho de pedir. Muitas rezas não têm mais valor do que as rodas usadas na Índia, sôbre as quais estão escritas as orações e depois giradas horas a fio para apresentá-las sem cessar a Deus!

A ORAÇÃO DOMINICAL. Vs. 9-13.

Sem dúvida, a passagem da Bíblia, mais recitada, é *A Oração Dominical,* ou seja, *A Oração do Senhor*. É mais pròpriamente *A Oração dos Discípulos*. A transcendente oração de Jesus, na sombra da cruz, é em todos os sentidos *A Oração do Senhor*. Vide os comentários sôbre João 17, *Jesus o Intercessor*.

Certo pagão, recém-convertido, referiu-se a oração como "a fuga do solitário para o Solitário". É apenas parte de uma grande verdade. Em tôdas as ocasiões, Cristo achou a oração indispensável, tanto para si mesmo como para os discípulos. O canário canta, porque foi criado para cantar. A águia voa, porque foi criada para voar. Os homens oram porque foram criados para orar.

Portanto, vós orareis assim (v. 9): Embora seja possível orar em espírito, recitando O Pai Nosso, palavra por palavra, contudo concluímos que Cristo não queria que os discípulos o repetissem desta maneira: (1) O Senhor disse: "Orareis assim", ou seja: dêste modo, usando estas palavras como vosso modêlo. (2) É

impossível repetir o Pai Nosso diàriamente sem a maioria cair em formalismo ou mesmo atribuir uma superstição às palavras que Jesus usou. (3) Se Cristo queria que declamassemos o Pai Nosso, usando as mesmas palavras, por que se encontra a mesma oração com outras palavras? Luc. 11:2-4.

Sendo que A Oração Dominical é o exemplo para as nossas orações, convém meditar sôbre tôdas as palavras e cada frase da famosa oração. Antes de tudo, notemos que, dos sete pedidos, os três primeiros são pelas coisas de Deus, enquanto os últimos quatro são pelas coisas para nós mesmos. Devemos começar, não com os homens mas sim com Deus. Se buscarmos sincera e primeiramente o reino de Deus (v. 33), certamente oraremos pedindo, antes de tudo, as coisas de Deus; sòmente depois pediremos por nós mesmos. E rereceberemos tudo.

Pai nosso que estás nos céus (v. 9): Na primeira palavra, *Pai,* encontra-se um dos mais preciosos segredos da verdadeira oração. Não se deve orar sem ter a certeza de falar a Deus; muitas vêzes usa-se Seu nome sem realmente pensar nÊle. Por certo, não se deve usar o nome do Pai e ao mesmo tempo dirigir a oração ao auditório, como é costume em muitas igrejas.

"Pai nosso": (1) Se o Pai celestial não fôsse *nosso...!* (2) É *nosso,* não apenas *meu.* Os que oram, segundo o modêlo, têm lugar no coração para tôda a grande família (Efé. 3:15) de Deus, espalhada em todo o mundo. Alguns dos membros dessa família são amarelos, outros são pretos, e ainda outros são de outras raças; nossa é uma só família.

Observe-se a extraordinária ternura da invocação da Oração Dominical: "Pai nosso que estás nos ceus." Pode-se acrescentar algo à glória da rosa, borrifando-a com perfume? Pode-se aumentar a magestade da imponente montanha, derramando uma lata de talco sôbre seu pico toucado de neve? Pertguntamos, também: podemos acrescentar alguma coisa à infinita doçura do

Pai Nosso, dizendo: "Pai amado," "Pai querido," "Pai bendito,"...? O Criador é revelado no Velho Testamento como o Deus Todo-poderoso, o Altíssimo, o Senhor dos Exércitos, o Eu Sou, o Rei da Glória, Rocha Minha, Meu Pastor, ... Mas entre todos êsses nomes não há um comparável ao doce nome de Pai, pelo qual Deus é conhecido no Novo Testamento.

Deus é muito chegado (Pai nosso), apesar de estar muito longe (que estás nos céus).

"Nos céus" é o enderêço do Pai celeste. Se queremos a certeza de Êle receber os pedidos de nossas orações, devemos cuidar de não errarmos o enderêço. Isso não quer dizer que Êle esteja sòmente nos céus; os céus, e até o céu dos céus não O podem conter. I Reis 8:27. Mas, Aquêle cujo trono está nos céus é o verdadeiro Deus. Os israelitas foram ensinados a orar: "Olha desde a tua santa habitação, desde o céu..." Deut. 26:15. Na dedicação do templo, Salomão orou: "Ouve tu então nos céus..." I Reis 8:39. Jesus na véspera do Seu grande sacrifício na cruz, "levantando seus olhos ao céu", orou... João 17:1.

Há alguns anos que certo homem, por nome, Francisco Ribeiro de Souza, entrou como seu costume na igreja em Campo Grande, no estado do Ceará. Aí, cercado de imagens, ouviu uma voz dos céus dizendo-lhe: "Olha para cima; não estou aí; olha para cima!" Alguns dias depois entrou na igreja de Sta. Quitéria onde Deus lhe falou novamente: "Olha para cima; não estou aí; olha para cima!" O Sr. Francisco Ribeiro caiu novamente com o rosto em terra diante da Presença divina. Êsse homem não foi desobediente à visão celestial. Abandonou por completo as imagens para adorar e servir alegre, fiel e fervorosamente o próprio Criador, até o dia de dormir em Cristo. A experiência dêsse humilde Cearense é a mesma de multidões sem número através dos séculos. No meio do formalismo em nossas igrejas há sempre Um que diz: "Não estou aí; olha para

cima." A maior e mais doce felicidade espera àquêles que obedecem essa voz, fitando o Deus vivo.

A PRIMEIRA SÚPLICA: *Santificado seja o teu nome* (v. 9): Alguns comentadores consideram essas palavras mais de adoração do que de petição; acham que o Pai Nosso é, também, um exemplo de entrar "pelas portas dêle com louvor." Sal. 100:4. Vide Sal. 95:2; Fil. 4:6; Col. 4:2; I Tim. 2:1.

Há duas maneiras de santificar o nome de nosso Pai: (1) por palavras, como o leproso samaritano que "voltou, dando glória a Deus em alta voz". Luc. 17: 11-19. Mas lembremo-nos de que não podemos seguir a maioria; os outros nove leprosos não mostraram gratidão, não engrandeceram Àquêle que lhes fizera tamanha beneficência. Muitos não sentem o pecado de usar o nome do Senhor com um espirito de leviandade; outros se atrevem a blasfemar Seu santo nome. (2) Podemos santificar o nome de Deus por nossa vida: "Mantendo exemplar o vosso procedimento no meio dos gentios, para que, naquilo que falam contra vós outros como de malfeitores, observando-os em vossas boas obras, glorifiquem a Deus no dia da visitação." I Ped. 2:12. Pedro santificou o nome de Deus por sua morte. João 21:19. Ao contrário, às vêzes, o nome de Deus é blasfemado entre os descrentes por causa de nossa conduta. Rom. 2:24. O nome do Senhor foi blasfemado incessantemente todo o dia por causa da vida do povo de Israel. Isa. 52:4; 5. Por causa do pecado de Davi, os inimigos blasfemaram o nome do Senhor. II Sam. 12:14. Os fariseus oravam para glorificar seu próprio nome, para serem vistos dos homens. V. 5. O anelo que deve dominar as nossas orações é que o nome do Senhor seja honrado.

A SEGUNDA SÚPLICA: *Venha o teu reino* (v. 10): O Pai celeste é também nosso Pai e tem reino. O supremo desejo dos filhos deve ser a glória dêsse reino. É tempo de guerra, os filhos do Pai estão aqui no território do inimigo. Que podemos esperar, a não ser que

clamem, sem cansar: "Venha o Teu reino." Das orações do Seu povo, depende a vinda do Seu reino. Compare Apoc. 5:8; 8:3, 4, que fala das orações dos santos, ajuntadas e guardadas nos céus até encher a medida, quando terão resposta e "os reinos do mundo vieram a ser de nosso Senhor." Apoc. 11:15.

A TERCEIRA SÚPLICA: *Faça-se a tua vontade* (v. 10): Devemos orar: "Todavia, não seja como eu quero, e, sim, como tu queres." Mat. 26:39. Contudo, o modêlo de oração ensina ainda mais: (1) A vontade de Deus é feita por todos os habitantes dos céus. (2) A vontade de Deus é feita nos céus, não em espírito de obrigação, mas em obediência filial e de amor. O nosso anelo deve ser o de ver todos os habitantes da terra servindo ao Senhor em espírito de plena submissão e ardente louvor.

A QUARTA SÚPLICA: *O pão de cada dia dá-nos hoje* (v. 11): De sete petições, três são para a glória de Deus, apenas êsse pelo pão, por uma coisa terrestre, e três para a alma.

Sim, Deus empenha-se por nosso pão cotidiano.

Podemos pedir aquilo que Deus já prometeu, e, também, que já temos.

Podemos pedir aquilo por que estamos trabalhando para adquirir.

A QUINTA SÚPLICA: *E perdoa-nos as nossas dívidas* (v. 12): A conjunção "e" liga êsse pedido ao que precede; pedimos o pão todos os dias, devemos pedir perdão, também, diàriamente. Como o pão é a primeira necessidade do corpo, assim o perdão é a da alma.

A SEXTA SÚPLICA: *Não nos deixeis cair em tentação* (v. 13): Aquêles que gostam do pecado, procuram os lugares de tentação, mas aquêles que têm o espírito que Cristo ensina na Oração Dominical, sentem o horror do pecado e evitam êsses lugares.

Os piratas, nos tempos passados, esperavam os navios carregados de ouro, que voltavam do México e do Perú. Se há uma alma, no tempestuoso mar desta vida,

que tem a bordo as riquezas inescrutáveis de Cristo, o Maligno está sempre espreitando para a atacar e levar êsses tesouros.

A SÉTIMA SÚPLICA: *Livra-nos do mal* (v. 13): Livra-nos de dor, de doença, de tristeza — de tudo que sofremos no físico; livra-nos de inimizade, de inveja, de discórdia, de lascívia — de tudo que nos prejudica em espírito.

Se perdoardes aos homens... (vs. 14,15): Sem o espírito de perdão, não se encontra o perdão. Certo pastor conta o seguinte: Uma noite a minha espôsa chamou-me para falar a uma senhora da alta sociedade que chegara pedindo oração. Estava enlutada e muito perturbada. Disse logo que não sabia por que pedira a oração, porque era inútil, e que fazia dez anos que não podia repetir o *Pai Nosso*. Quando perguntei a razão, respondeu: "Porque Deus nos perdoa como nós perdoamos, e há uma mulher que não posso perdoar, porque seduziu o meu marido, que faleceu recentemente. Tenho experimentado tantas vêzes repetir a Oração Dominical, mas não posso." Deus deu-me a resposta, como faz repetidamente aos que tratam com as almas: "Sabe que Cristo morreu pela senhora"? "Oh sim!" disse ela, seu semblante mudando ao deixar de pensar em si mesma para olhar ao Senhor. "Se Êle amava tanto a senhora, não quer fazer algo para Êle? Ora, a senhora não pode perdoar àquela mulher pelo amor dela, mas não lhe perdoará pelo amor de Cristo?" Respondeu ela alegremente: "Nunca pensei que podia perdoar-lhe, mas sei que pelo amor de Cristo posso." O seu semblante estava completamente mudado. Depois de passar dez longos anos de tristeza indizível, essa senhora alcançou novamente a paz de Deus. Se achares difícil perdoar, faze-o pelo amor de Cristo.

Filhos de Deus é "assim" (v. 9), com êste espírito que o Mestre nos ensina a orar. A forma da petição respira um espírito filial, "Pai"; um espírito católico (universal), "Pai nosso"; um espírito de reverência,

"Santificado seja o teu nome"; um espírito missionário, "Venha o teu reino"; um espírito de obediência, "Faça-se a tua vontade, assim na terra como no céu"; um espírito de dependência, "O pão nosso de cada dia dá-nos hoje"; um espírito de perdão, "E perdoa-nos as nossas dívidas, assim como nós temos perdoado aos nossos devedores"; um espírito de precaução, "Não nos deixes cair em tentação"; um espírito de adoração, "Pois teu é o reino, o poder e a glória para sempre. Amém." O alvo em oração deve ser de orar sempre nesse mesmo espírito.

III. A RECOMPENSA DE JEJUAR

6:16 Quando jejuardes, não vos mostreis contristados como os hipócritas; porque desfiguram o rosto com o fim de parecer aos homens que jejuam. Em verdade vos digo que êles já receberam a recompensa.

17 Tu, porém, quando jejuares, unge a cabeça e lava o rosto;

18 Com o fim de não parecer aos homens que jejuas, e, sim, ao teu Pai em secreto; e teu Pai, que vê em secreto, te recompensará.

O jejum não está atualmente na moda em algumas igrejas, apesar de Cristo e os apóstolos nos deixarem o exemplo.

Vide os comentários sôbre Mar. 9:29.

IV. A RECOMPENSA PARA OS QUE VENCEM A AVAREZA

6:19 Não acumuleis para vós tesouros sôbre a terra, onde a traça e a ferrugem corroem e onde ladrões escavam e roubam;

20 Mas ajuntai para vós tesouros no céu, onde traça nem ferrugem corrói, e onde ladrões não escavam nem roubam;

21 Porque onde está o teu tesouro, aí estará também o teu coração.

22 São os olhos a lâmpada do corpo. Se os teus olhos forem bons, todo o teu corpo será luminoso;

23 Se, porém, os teus olhos forem maus, todo o teu corpo estará em trevas. Portanto, caso a luz que em ti há sejam trevas, que grandes trevas serão!

24 Ninguém pode servir a dois senhores; porque ou há de aborrecer-se de um, e amar ao outro; ou se devotará a um e desprezará ao outro. Não podeis servir a Deus e às riquezas.

Não acumuleis para vós tesouros sôbre a terra (v. 19): Alguns, muito sinceros em fazer tôda a vontade de Deus, não querem ajuntar mesmo cem cruzeiros. Mas êste versículo quer dizer que, por exemplo, o lavrador não pode recolher a safra do seu campo no celeiro? É necessário procurar compreender o método de Cristo falar e não só olhar para a letra das Suas lições. Alguns, que ajuntam tesouros na terra, os estão ajuntando em realidade nos céus. Note-se outro exemplo da necessidade de considerar o modo de Jesus falar; o crente deve aborrecer seu pai? Luc. 14:26. Não, mas Cristo queria dizer que devia amar ao Senhor mais do que aos próprios pais. E Êle quer dizer, também, que o nosso alvo deve ser o de acumular riquezas nos céus.

Note-se como Êle diz: "Não acumuleis *para vós...*" Cristo não fala contra o ajuntar dinheiro para a obra de Deus; tudo que somos e tudo que possuímos devem ser dedicados a Deus.

Conta-se a história de uma montanha em cujo alto havia um palácio cheio de tôdas as qualidades de tesouros; ouro, jóias, passarinhos, flores — um paraíso de delícias. Homens e mulheres em tôdas as encostas da montanha esforçavam-se para alcançar o cume. Estavam cercados de milhares de espíritos que sussurravam aos ouvidos, que clamavam, que ofereciam ninharias reluzentes e que cantavam modinhas para desviar o interêsse dêles dos tesouros em cima e induzi-los a olharem para trás. E todos que olharam, ficaram convertidos em estátuas de pedra. Assim são todos os que

buscam tesouros celestiais, atraídos pelas riquezas terrestres, e prazeres carnais; se não resistem ficam perdidos.

Depois da descoberta das minas das Américas, certo rei oriental mostrava seu cofre ao embaixador da Espanha. O embaixador meteu a mão para dentro até o fundo e disse comovido: "Alcanço o fundo do seu cofre, mas não há fundo, nem limite, nos tesouros do meu Mestre." Os que acumulam riquezas neste mundo nunca se sentem saciados. Os tesouros que acumulamos nos céus são infinitos.

Há uma lenda de um homem que escapou de um naufrágio para uma ilha. Ao entrar em uma cidade foi levado para o palácio, pelos habitantes e coroado rei. Explicaram-lhe que era costume do povo fazer assim com aquêle que entrasse por aquela porta da cidade ao meio dia naquela data de cada ano. Vivia esplendidamente, mas lembrado de que podia assim continuar sòmente um ano, chamou seus conselheiros, os quais lhe informaram que ao completar o ano, tinha de embarcar em uma canoa para uma ilha além do horizonte, ilha sem habitantes e deserta. "O povo obedecerá a qualquer ordem minha?" perguntou o rei. "Sim, até findar o ano," responderam seus conselheiros. O rei ocupava-se durante o resto do ano mandando construir casas e fazer tôdas as provisões para seu confôrto e seu sustento na ilha onde tinha de passar o resto da vida. Essa lenda é uma pálida ilustração de como Cristo nos previne para ajuntarmos todo o possível nos céus agora, onde iremos morar para sempre.

Onde está o teu tesouro, aí estará o teu coração (v. 21): Os que se interessem sòmente em falar e meditar em coisas terrestres, estão acumulando sòmente na terra; os que acham maior prazer em conversar sôbre as coisas lá do alto (Col. 3:1-3) estão entesourando nos céus. Se um caminhão chegar à porta da casa vizinha, trazendo e deixando móveis dentro, podemos esperar que venha logo o dono para morar.

São os olhos a lâmpada do corpo (v. 22): Das duas entradas mais importantes para a nossa alma, a porta-ouvido e a porta-ôlho, esta é de maior importância. Chama-se aos olhos a lâmpada, ou luzeiro, do corpo, porque por êles entra a luz, como por uma janela.

Ninguém pode servir a dois senhores (v. 24): A palavra "Mamon", que se encontra no presente versículo, em algumas versões, é aramaica e quer dizer "riquezas". Não é o nome dum deus, mas, neste versículo, está personificada como um deus. É tão impossível servir a Deus, enquanto servimos a Mamon, como é impossível um gato perseguir e pegar dois ratos vivos de uma vez; tem de deixar um inteiramente e concentrar-se no outro, ou os dois escaparão.

Wesley disse acêrca das riquezas: "Qual é a maneira pela qual a religião do coração, apesar de florescer, pode continuar a avançar? Se os crentes se tornam diligentes e prósperos, aumentam, também, na mesma proporção em orgulho, ira, cobiça da carne e a vaidade da vida. Apesar da forma de religião permanecer, o espírito depressa desvanece. Pergunto: Não há meio de evitar a decadência da pura religião? Não se pode proibir o povo de ser diligente e frugal: deve-se exortá-lo a ganhar o mais possível, poupar o mais possível e dar o mais possível; e isso, em verdade, é a maneira de enriquecer! Se os crentes ganharem o mais possível então crescerão ainda mais na graça e entesourarão ainda mais nos céus."

V. A RECOMPENSA PARA OS QUE VENCEM A ANSIOSA SOLICITUDE

6:25 Com isto vos digo: Não andeis ansiosos pela vossa vida, quanto ao que haveis de comer ou beber; nem pelo vosso corpo quanto ao que haveis de vestir. Não é a vida mais do que o alimento, e o corpo mais do que as vestes?

26 Observai as aves do céu: não semeiam, não colhem, nem ajuntam em celeiros; contudo vosso Pai ce-

leste as sustenta. Porventura, não valeis vós muito mais do que as aves?

27 Qual de vós, por ansioso que esteja, pode acrescentar um côvado ao curso da sua vida?

28 E por que andais ansiosos quanto ao vestuário? Considerai como crescem os lírios do campo: êles não trabalham nem fiam.

29 Eu, contudo, vos afirmo que nem Salomão, em tôda a sua glória, se vestiu como qualquer dêles.

30 Ora, se Deus veste assim a erva do campo, que hoje existe e amanhã é lançada no forno, quanto mais a vós outros, homens de pequena fé?

31 Portanto não vos inquieteis, dizendo: Que comeremos? Que beberemos? ou: Com que nos vestiremos?

32 (Porque os gentios é que se preocupam com tôdas estas cousas); pois vosso Pai celeste sabe que necessitais de tôdas elas;

33 Buscai, pois, em primeiro lugar, o seu reino e a sua justiça, e tôdas estas cousas vos serão acrescentadas.

34 Portanto, não vos inquieteis com o dia de amanhã, pois o amanhã trará os seus cuidados; basta ao dia o seu próprio mal.

As duas, a avareza e a ansiedade, não parecem parentes, mas são uma para com a outra, como a lagarta para com a borboleta. A lagarta transforma-se em borboleta; aquêles que andam aflitos por falta de dinheiro, mostram-se avarentos depois de adquiri-lo. O amor do dinheiro produz ansiedade nos que não têm recursos; o amor do dinheiro produz avareza nos que o têm. "Fazei, pois, morrer... a avareza, que é idolatria; por estas coisas é que vem a ira de Deus." Col. 3:5, 6.

Aquêles que se esforçam para acumular dinheiro, pensando que é um bom servo dos homens, acham, depois de adquiri-lo, que é realmente um verdadeiro opressor.

Observai as aves do céu... (v. 26): Isso quer dizer que, como os passarinhos e as flores não trabalham, também os homens não precisam esforçar-se para ter com que vestir e comer? Não, mas se os homens cumprirem a sua vocação, Deus lhes dará o necessário para vestir e para comer, tão certamente como dá para as

aves e os lírios, os quais cumprem o cargo que Deus lhes deu. V. 33; Atos 17:26, 27; Fil. 4:6, 7.

Considerai como crescem os lírios... (v. 28): Em uma lenda antiga conta-se que o trigo censurou o lírio dizendo: "Não se ganha pão cotidiano sòmente conservando-se lindo e atraente." Mas o lírio apenas sorriu e aguardava a chegada de Jesus. Então ouviram-nO dizer aos Seus discípulos: "Filhos, a vida é mais que o pão. Considerai com que beleza crescem os lírios do campo..."

Nem Salomão... se vestiu como qualquer dêles (v. 29): As fazendas mais bonitas e melhor fabricadas mostram-se imperfeitas e muito grosseiras quando vistas pelo microscópio, enquanto o microscópio revela nas flores ainda mais beleza e a mais maravilhosa perfeição de seus tecidos.

Porque os gentios é que se preocupam (v. 32): Os gentios não tinham esperança (Efé. 2:12), eram pobres órfãos. Mas os discípulos tinham Pai.

Buscai, pois, em primeiro lugar... (v. 33): Podemos ter tôda a certeza de não buscarmos primeiramente o reino de Deus e a Sua justiça, quando: (1) Pedimos em oração primeiramente para nós mesmos, e depois para Deus e Seu reino. Vs. 9-13. (2) Quando enganamos ao próximo em negociar. Rom. 2:24. (3) Quando gastamos o dinheiro que temos como fôsse nosso e não de Deus. I Cor. 6:20. (4) Quando passamos o Domingo negociando em vez de dedicá-lo a Deus. Heb. 10:25. (5) Quando queremos aquilo que é lucro para nós e não o é para Deus. Fil. 3:7-11.

Não vos inquieteis com o dia de amanhã (v. 34): É tão insensato andar perturbados sôbre o que receiamos acontecer amanhã como o que se agasalhe de roupa mais quente no dia de mais calor de verão, porque receie sentir o frio ao chegar o inverno. Ou é como o que quer passar sôbre uma ponte antes de chegar ao rio.

Capítulo VII

CONCLUSÃO DAS LEIS DO REINO

Com êste capítulo o Rei encerra o Sermão do Monte. Note-se como faz o "apêlo", convidando os ouvintes a escolherem entre o caminho estreito e o caminho largo, a decidirem se edificariam as vidas sôbre a rocha ou sôbre a areia.

I. ACÊRCA DA CENSURA E A REPREENSÃO

7:1 Não julgueis, para que não sejais julgados.
2 Pois com o critério com que julgardes, sereis julgados; e com a medida com que tiverdes medido vos medirão também.
3 Por que vês tu o argueiro no ôlho de teu irmão, porém não reparas na trave que está no teu próprio?
4 Ou como dirás a teu irmão: Deixa-me tirar o argueiro do teu ôlho, quando tens a trave no teu?
5 Hipócrita, tira primeiro a trave do teu ôlho e então verás claramente para tirar o argueiro do ôlho de teu irmão.
7:6 Não deis aos cães o que é santo, nem lanceis ante os porcos as vossas pérolas, para que não as pisem com os pés, e, voltando-se, vos dilacerem.

Não julgueis (v. 1): Não é proibido julgar em todo o sentdio; devemos reconhecer que um cão é cão, que um porco é porco. V. 6. Compare também I Cor. 5:3. Mas não devemos falar mal do próximo: "Um só é o Legislador e Juiz." Tiago 4:11, 12. Não devemos desprezar os nossos irmãos, "pois todos compareceremos perante o tribunal de Deus." Rom. 14:10. Não é o amor, como alguns insistem categòricamente, que nos leva a censurar e condenar; é a falta de amor.

Há grande inclinação para censurar o próximo que não aceite tôda a nossa bitola. Somos como na fábula dos animais reunidos para escolher um rei. O leão insistia que merecia a honra de governar a todos porque rugia mais. O canário alegava o seu direito de reger em vista de cantar melhor. A raposa devia ter a direção de todos os animais porque era a mais sabida. O cangurú acentuava as razões porque deviam escolher aquêle que pulava a maior distância. A carnalidade, se a não resistirmos, arrasta-nos para a mesma insensatez.

Outro grave êrro é o de ignorar as boas qualidades do próximo e julgá-lo pelos defeitos da sua vida. Nisso somos como o homem que viajou grande distância da aldeia onde se criara, no interior do país, para conhecer o mar. Chegou ao cais justamente no tempo de baixa-mar e se assentou ao lado de um esgôto da cidade populosa. Contemplou a lama com mau cheiro, o lixo misturado com cadáveres de gatos e outras coisas putrefazendo-se e exclamou: "Ora, isto é o mar azul de cuja espuma nasceu Afrodite, a deusa da formosura, e cujas vagas inspiram os poetas?!" O espírito de censura nos impele a meditar e falar sôbre os defeitos em nossos semelhantes; o amor nos constrange a pensar no que é verdadeiro, no que é respeitável, no que é justo, no que é puro, no que é de boa fama. Fil. 4:8.

Com o critério com que julgardes, sereis julgados (v. 2): Não sòmente o Supremo Juiz nos julgará no último dia, conforme nós julgamos o próximo, mas as pessoas a quem julgamos nesta vida, julgar-nos-ão com o mesmo julgamento.

Um menino correu à casa e disse: "Mamãe, Maria e eu estavamos brincando e um menino começou a nos insultar." Perguntou-lhe sua mãe: "Como foi, meu filho?" "Gritei: Ah! e o menino gritou: Ah! Respondi: Quem é você? e êle respondeu: Quem é você? Gritei: Como se chama? e êle gritou: Como se chama? Perguntei: Por que não vem para cá? e êle respondeu:

Vem para cá! Pulei o riacho e entrei no mato, mas não achei a ninguém. Voltei e gritei: Se não vem para cá, vou aí para dar-lhe um sôco! Êle respondeu: Vou aí para dar-lhe um sôco!" A mãe disse: "Meu filho, foi o eco da tua própria voz; se tivesses dito: Gosto de você, êle teria respondido: Gosto de você. Êle dizia tudo conforme o que tu lhe dizias. Meu filho, depois de ficares crescido, lembra-te de que tudo que disseres aos homens, êles te responderão da mesma forma. Então abriu a Bíblia e leu: "Com o critério com que julgardes, sereis julgados."

Vide os comentários sôbre Mat. 5:7.

Como dirás a teu irmão: Deixa-me tirar o argueiro do teu ôlho, quando tens a trave no teu? (v. 4): Disse certo pregador: "Se é funesto seguir um guia cego, quanto mais se temos de entregar-nos a um especialista cego para operar os nossos olhos?!

O deus Júpiter é representado como carregando os homens de alforges, em cujos dois compartimentos, um contém os defeitos do próprio homem, e no outro, os do próximo. Os homens insistem em carregá-los de tal maneira que as suas próprias faltas ficam atrás e escondidas dos seus olhos, enquanto o outro compartimento é levado na frente, onde podem sempre contemplar os defeitos do próximo. Contudo, é de infinita e maior importância considerar a menor imperfeição em si mesmo do que dez mil defeitos graves no próximo.

Deixa-me tirar o argueiro do teu ôlho... (vs. 4-6): Uma das obrigações mais difíceis para o crente cumprir é a de reprovar. Gal. 6:1; II Tes. 3:15. Há três coisas que devemos evitar: (1) Experimentar endireitar o pecado em um irmão, enquanto estamos culpados do msemo. Nosso pecado parece ao irmão como trave, enquanto o seu próprio lhe parece sòmente como argueiro. (2) Não devemos desculpar-nos de falar ao próximo acêrca das suas faltas porque estamos culpados das mesmas. É imperativo endireitarmos a nossa própria vida e ficarmos prontos a socorrer o próximo. Heb.

12:12, 13. (3) Não é bom repreender a todos. Alguns estão determinados, como a porca lavada, a tornar a revolver-se no lamaçal; êstes querem sòmente nos resistir e despedaçar. Para o crente sábio a repreensão é santa e preciosa como uma pérola (Prov. 25:12), "como o óleo sôbre a minha cabeça" (Sal. 141:5), mas para os outros é como qualquer pedra para calcar aos pés. V. 6. Vide o exemplo de Herodes, Mat. 14:3-5.

II. JESUS INSPIRA A ORAR

7:7 Pedi, e dar-se-vos-á; buscai, e achareis; batei, e abrir-se-vos-á.
8 Pois todo o que pede recebe; o que busca, encontra; e a quem bate, abrir-se-lhe-á.
9 Ou qual dentre vós é o homem que, se porventura o filho lhe pedir pão, lhe dará pedra?
10 Ou se lhe pedir um peixe, lhe dará uma cobra?
11 Ora, se vós, que sois maus, sabeis dar boas dádivas aos vossos filhos, quanto mais vosso Pai que está nos céus dará bens aos que lhe pedirem?
12 Tudo quanto, pois, quereis que os homens vos façam, assim fazei-o vós também a êles; porque esta é a lei, e os profetas.

Jesus havia falado neste sermão sôbre a recompensa da verdadeira oração. Cap. 6:5-15.

Note-se como, para dar ênfase a certeza de recebermos respostas às nossas orações, repete: "Pedí, buscai, batei, pede, busca, bate."

Vide, também, os comentários sôbre Luc. 11:9-13.

Tudo quanto, pois, quereis que os homens vos façam, assim fazei-o vós também a êles; porque esta é a lei, e os profetas (v. 12): Esta é chamada *A Lei Áurea*. Em espírito é a mesma como *A Lei Régia*. Tiago 2:8; Rom. 13:9, 10. O crente carnal não pode observar essa lei porque exige constante sacrifício e domínio sôbre a própria pessoa. É fácil para aquêles que andam pelo Espírito. Quanto mais meditamos na Lei Áurea tanto mais evidente se torna o seu grande valor.

Tudo quanto, pois, ... (v. 12): Estas palavras indicam que A Lei Áurea é a conclusão das palavras dos versículos 7 a 11: (1) Que Deus é mais bondoso do que um pai terrestre; portanto, devemos praticar o melhor para com o próximo. Compare I João 4:11. (2) A vista das promessas dos versículos 7 a 11, podemos tratar o próximo com a maior generosidade, sem receio de empobrecer. Como podia Abraão tratar a Ló com tanta liberalidade? Gên. 13:9. Por causa da promessa que tinha de Deus. Gên. 12:7. E esta o Senhor renovou sem demora quando Ló quiz deixá-lo pobre. Gên. 13:14-17. Da mesma forma, nós, também, teremos os recursos para fazer aos outros como queremos que êles nos façam, porque temos a promessa dos versículos 7 a 11.

Note-se como a Lei Áurea é mais sublime do que a regra que muitos crentes seguem: "Tudo quanto quereis que os homens *não* vos façam, assim *não* o façais também a êles." Na prática a Lei Áurea é quase inteiramente negativa. Por exemplo: Não firo a meu irmão com palavras duras porque não quero que êle assim me fira. Mas as palavras de Jesus indicam que essa lei é positiva; procuro todo o ensejo para ajudar a meu irmão que sofre qualquer contratempo, não porque jamais me fizesse um favor, ou fará, mas faço sòmente porque, se eu estivesse sofrendo como êle, queria que êle me socorresse.

III. AS DUAS ESTRADAS

> 7:13 Entrai pela porta estreita (larga é a porta e espaçoso o caminho que conduz para a perdição e são muitos os que entram por ela),
>
> 14 Porque estreita é a porta e apertado o caminho que conduz para a vida, e são poucos os que acertam com ela.

Pode-se considerar os versículos 13 a 29 como o apêlo do Sermão do Monte. Cristo, no comêço do sermão, dirigia-se aos Seus discípulos. Cap. 5:1, 2. Mas

antes de findar, falava a um auditório misto. Vide vs. 28, 29. O Mestre, depois de expor o caminho para a vida, chamou os ouvintes para escolherem; há duas portas, duas estradas, dois grupos, dois destinos, duas árvores e dois edifícios. Note-se que em todos êsses contrastes Cristo não admitiu o meio têrmo: há sòmente dois caminhos, dois grupos, dois destinos... Ninguém pode servir a dois senhores. Mat. 6:24. Quem não é por Cristo, é contra Cristo. Mat. 12:30. Todos têm de escolher ou o caminho para os céus ou o caminho para o inferno; aquêle que não está no caminho para os céus está no caminho para o inferno.

O caminho que conduz para a vida (v. 14): É uma estrada aberta, pela graça de Deus! Apoc. 3:8. Foi fechada pelo pecado (Gên. 3:24), mas aberta pelo sacrifício de Cristo. (2) É a única estrada para o céu; não há outra porta ao lado. João 14:6. (3) É estrada estreita; é estreita tanto como o novo nascimento. Há um desenho da porta estreita, no qual se representa a entrada tão estreita que a pessoa inchada de orgulho não consegue passar, mas sòmente o humilde, de joelhos. O desenho representa um homem experimentando inùtilmente passar com grandes sacos de dinheiro ganho ilìcitamente. Outro aparece se esforçando para passar com grandes fardos, rotulados "justiça própria", e "boas obras". Mas os únicos que passam a porta estreita são os humildes de espírito. A estrada comporta a qualquer homem, pela graça infinita de Deus, mas não há lugar para o menor pecado. Vê-se no Apocalipse a cidade de Deus com doze portas, três em cada um dos quatro lados, significando que todos os homens em tôdas as direções, de tôdas as raças e de tôdas as classes são benvindos lá. Essas portas "nunca jamais fecharão" mas cada uma é tão estreita que "nela não entrará coisa alguma impura". Apoc. 21:25-27. (4) É o caminho pouco frequentado: "Poucos são os que acertam com ela", porque poucos são os que a procuram. "Buscai e achareis". V. 7; Mat. 6:33; Jer. 29:13; "Esfor-

çai-vos por entrar pela porta estreita." Luc. 13:24. Poucos são os que andam na estrada estreita porque querem as trevas, suas obras sendo más. João 3:19.

O caminho que conduz para a perdição (v. 13): (1) É estrada larga. Nela cabe tudo que o pecador deseja; o mundo, a carne e o diabo têm tôda a liberdade lá É bastante espaçosa para o bêbedo andar cambaleando, para o embusteiro urdir as suas tramas, para o adúltero na sua impureza, o escarnecedor com seu ódio e para o religioso orgulhoso e soberbo. (2) É estrada superlotada. "São muitos que entram por ela." É fácil descer a ladeira. O coração é enganoso e perverso e prefere antes o gôzo do pecado por algum tempo do que a comunhão com Deus. Alguns só seguem a correnteza sem pensar, mas todos lá estão sem Deus e sem esperança. (3) É estrada fatal. É tão certo que as pessoas que permanecem nessa estrada têm de perecer como é certo que a pedra lançada no mar tem de se afundar. Rom. 6:23; Eze. 31:11. O pecador é chamado para escolher. Jer. 21:8.

Lembra-se, como na ilustração das duas estradas, a maioria nem sempre tem razão, e de fato, a experiência prova que geralmente não tem. Vide dois exemplos: Gên. 6 e Núm. 13. As massas gostam de seguir uns aos outros como ovelhas; deve-se seguir a Cristo.

IV. AS DUAS ÁRVORES

7:15 Acautelai-vos dos falsos profetas que se vos apresentam disfarçados em ovelhas, mas por dentro são lôbos roubadores.

16 Pelos seus frutos os conhecereis. Colhem-se, porventura, uvas dos espinheiros ou figos dos abrolhos?

17 Assim tôda árvore boa produz bons frutos, porém a árvore má produz frutos maus.

18 Não pode a árvore boa produzir frutos maus, nem a árvore má produzir frutos bons.

19 Tôda árvore que não produz bom fruto é cortada e lançada ao fogo.

20 Assim, pois, pelos seus frutos os conhecereis.

21 Nem todo o que me diz: Senhor, Senhor! entrará no reino dos céus, mas aquêle que faz a vontade de meu Pai que está nos céus.
22 Muitos, naquele dia, hão de dizer-me: Senhor, Senhor! porventura, não temos nós profetizado em teu nome, e em teu nome não expelimos demônios, e em teu nome não fizemos muitos milagres?
23 Então lhes direi explicitamente: Nunca vos conheci. Apartai-vos de mim, os que praticais a iniqüidade.

Cristo, depois de falar acêrca dos dois caminhos, apresenta o contraste entre as duas classes de árvores: o crente que verdadeiramente tem a vida espiritual e o que tem sòmente a aparência. Há duas provas da qualidade de árvores: (1) Pelo fruto. V. 20; Mat. 15:19; Prov. 4:23; Isa. 61:3; Gal. 5:22, 23. Uvas produzidas em lugares mais favoráveis são mais saborosas, mas não há sol, nem solo, que possam fazer o espinheiro produzir uvas. Não há esperança de reformação no mundo a não ser por meio de um coração novo. Note-se que não são sòmente as árvores com maus frutos, mas também aquelas sem fruto, que serão lançadas no fogo. (V. 19). (2) Pela doutrina. "Falsos profetas" (v. 15) são aquêles com doutrina diferente da de Cristo. Vide Mat. 24:11. Temos de julgar tanto pela doutrina como pelo fruto da vida.

Nem todo o que me diz: Senhor, Senhor! (v. 21): É sã doutrina chamar Jesus "Senhor"; os que O chamam "Senhor, Senhor!" são muito pios. Mas nenhum dos dois, quando não estão acompanhados pela decisão sincera de fazer a vontade de Deus, satisfazem Àquêle que olha para o coração.

Os falsos profetas não sòmente enganaram os homens, mas também enganaram-se a si mesmos. Enganaram-se acêrca de seu talento para convencer; foram embriagados pela sua própria eloqüência: "Não temos nós profetizado em teu nome." Enganaram-se, também, em empregar o nome de Cristo, sem o Espírito e amor de Cristo: "Em teu nome não expelimos demô-

nios...?" Compare I Cor. 13:2. O exemplo de alguns que fingiram-se servos de Deus, enquanto praticaram a iniquidade: Balaão, Núm. 22. Judas, com poder para expelir demônios (Mat. 10:4-8) mas traiu ao Mestre. Vide também Fil. 3:2; Apoc. 2:20; Deut. 13:1-5.

V. OS DOIS EDIFÍCIOS. 7:24-27.

Vide os comentários sôbre Luc. 6:46-49.

VI. O EFEITO DO SERMÃO DO MONTE

7:28 Quando Jesus acabou de proferir estas palavras, estavam as multidões maravilhadas da sua doutrina;
29 Porque êle as ensinava como quem tem autoridade, e não como os escribas.

Estavam as multidões maravilhadas de sua doutrina (v. 28): O sermão foi extraordinário: é evidente que Mateus o registrou resumidamente. Sem dúvida, também, as palavras saídas diretamente dos lábios do Filho de Deus estavam cheias de graça e poder, um fato evidente sòmente aos leitores cheios do Espírito Santo.

Êle as ensinava como quem tem autoridade (v. 29): Os escribas arrogavam a si todos os direitos de ensinar ao povo; "na cadeira de Moisés se assentaram os escribas e fariseus." Mat. 23:2. Mas a pregação dos escribas era insípida e sem graça; era monótona, como as lições recitadas pelos meninos na escola. Cristo, ao contrário, cheio do fogo do Espírito Santo, ensinou *como quem tem autoridade*. Disse: *Haja luz,* e houve luz para iluminar o entendimento e a alma.

Capítulo VIII

OS MILAGRES DO REI

O evangelista, nos capítulos 5 a 7, apresentou *o manifesto* do Rei dos reis; nos capítulos 8 e 9, chama atenção às Suas credenciais. Disse Pedro no Pentecoste: "Jesus, o Nazareno, varão aprovado por Deus diante de vós, com *milagres, prodígios* e *sinais*... Esteja absolutamente certa, pois, tôda a casa de Israel de que a êste Jesus que vós crucificastes, Deus o fêz Senhor e Cristo." Atos 2:22 e 36. Mateus, nestes dois capítulos, 8 e 9, narra alguns dêsses acontecimentos demonstrando que o Rei tem poder infinito, útil e ao dispôr do Seu povo em tôdas as esferas da vida humana. Tem poder e autoridade: (1) Sôbre os corpos dos homens, para os sarar por contato, para os curar por palavra ao longe e para os ressuscitar da morte. 8:1-17; 9:18-31. (2) Sôbre as fôrças da natureza. 8:23-27. (3) Sôbre o reino dos demônios. 8:28-34; 9:32-34. (4) Sôbre o reino moral e espiritual; autoridade para perdoar pecados. 9:1-8. (5) Sôbre os corações dos homens. 9:9-13.

I. CURA DE UM LEPROSO. 8:1-4.

Nestas curas de Jesus, a lepra fala-nos do pecado repugnante, contagioso, incurável. A paralisia faz-nos pensar na inatividade espiritual. A febre do corpo lembra a febre de espírito, o desassossêgo, a falta de paz, a ira. A demoniomania é escravatura tanto da alma como do corpo. Contudo, Cristo cura não sòmente qual-

quer doença do corpo, mas a doença, que corresponda, da alma.

Vide os comentários sôbre Mar. 1:40-45.

II. CURA DO CRIADO DE UM CENTURIÃO. 8:5-13.

Vide os comentários sôbre Luc. 7:1-10.

III. CURA DA SOGRA DE PEDRO

8:14 Tendo Jesus chegado à casa de Pedro, viu a sogra dêste acamada e com febre.

15 Mas Jesus tomou-a pela mão, e a febre a deixou. Ela se levantou e passou a servi-lo.

16 Chegada a tarde, trouxeram-lhe muitos endemoninhados; e êle com a palavra expeliu os espíritos, e curou todos os que estavam doentes;

17 Para que se cumprisse o que fôra dito por intermédio do profeta Isaías:

Êle mesmo tomou as nossas enfermidades e carregou com as nossas doenças.

Tendo Jesus chegado à casa de Pedro (v. 14): Cristo foi à casa de Simão e André, na cidade de Cafarnaum, acompanhado por Tiago e João. Mar. 1:21, 29. Sòmente porque Cristo não tinha onde reclinar a cabeça não devemos pensar que nos é proibido ter casa; Pedro, André e outros dos discípulos a tinham.

Grande e inesperada foi a bênção ao aceitarem êsse Hóspede em casa, mas não maior do que podemos esperar ao hospedá-Lo hoje.

Viu a sogra dêste (v. 14): Então Pedro era homem casado; tinha sogra. Vide, também, I Cor. 9:5 (Cefas é Pedro, João 1:42). Compare I Tim. 3:2-5; 4:1-3. Na Velha Dispensação, não se proibia o casamento dos sacerdotes (Lev. 21), nem na Nova é negado a qualquer oficial da igreja. Heb. 13:4: "Digno de honra entre todos seja o matrimônio", entre pastôres, entre pres-

bíteros, entre bispos e entre todos. "É melhor casar do que viver abrasado." I Cor. 7:9. "Por causa da impureza (fornicação, Ver. Fig.), cada um tenha a sua própria espôsa." I Cor. 7:2. Pergunta-se: "Mas quando Pedro deixou tudo para seguir a Jesus (Mar. 10:28), não deixou sua espôsa?" Se foi ela que o deixou, então Pedro não tinha mais as qualificações de apóstolo. I Tim. 3:2. Se foi êle quem deixou a espôsa, seu pecado era ainda maior. I Cor. 7:10, 11.

Acamada e com febre (v. 14): Lucas, "o médico amado" (Col. 4:14) diz: "Com febre muito alta." Luc. 4:38. Quantas vêzes temos os planos feitos e o dom de executá-los, mas ficamos obrigados a passar o tempo acamados? Contudo é a vontade de Cristo libertar-nos.

Lucas diz que os discípulos *rogaram-Lhe por ela* (Luc. 4:38): A cura da sogra de Pedro foi, portanto, em resposta à intercessão. Devemos suplicar ao Senhor pelos doentes.

Diz-se, também, em Lucas, que Jesus *repreendeu a febre*. Luc. 4:39. Não se repreende o que é inanimado. A sogra de Pedro era vítima de opressão satânica. Foi um caso de doença comum, mas Cristo a reconheceu como obra do maligno, e a reprovou. Da mesma maneira *repreendeu os ventos e o mar.* Mat. 8:26. O Diabo levantou o temporal, querendo evitar que Jesus chegasse à terra dos gadarenos para libertar os dois endemoninhados. E o Senhor repreendeu os ventos e o mar.

Mas Jesus tomou-a pela mão (v. 15): A obra de Jesus, em curar, não era ordem fria de autoridade, mas de íntima compaixão; tomou a doente pela mão e imediatamente a virtude passou do Seu corpo para o corpo da doente.

Ela se levantou e passou a servi-lo (v. 15): As pessoas, depois de baixar a febre alta, sentem-se grandemente abatidas. Mas Jesus fêz mais do que tirar-lhe a febre; concedeu-lhe, também, vida e fôrça. Não é de

admirar que a sogra de Pedro começasse imediatamente a servir os hóspedes. Deus nos cura para que passemos a servir, não para servir aos nossos interêsses, mas sim aos nossos semelhantes.

Enquanto estamos com febre espiritual, ou seja desassossêgo, ou mesmo ira, não podemos servir às almas em redor de nós. Cristo quer encher-nos da "paz de Deus, que excede todo o entendimento." Fil. 4:7.

Chegada a tarde (v. 16): "À tarde, ao cair o sol:" Mar. 1:32. O povo considerava, mas erradamente (Mat. 12:9-14), que a cura do corpo era negócio secular e portanto ilícito fazer no sábado. Também enganamo-nos em julgar que a cura do corpo é só o ofício dos médicos. As Escrituras ensinam claramente que o corpo humano é sagrado e que a saúde física e a saúde espiritual são inseparáveis. I Cor. 6:15-20; Sal. 103:3; João 5:14; Mat. 9:5, 6; III João 2; ...

Curou todos os que estavam doentes (v. 16): Curou a todos, quer os mais vis, quer os mais gravemente enfermos, sem exceção. Note-se a importância que Cristo ligou à cura do corpo: "Andou por tôda parte, fazendo o bem e curando a todos." Atos 10:38. "Percorria Jesus tôda a Galiléia, ensinando nas sinagogas, pregando o evangelho do reino e curando tôda doença e qualquer enfermidade entre o povo." Mat. 4:23, 24. "Percorria Jesus tôdas as cidades e povoados, ensinando nas sinagogas, pregando o Evangelho do reino e curando tôda sorte de doenças e enfermidades." Mat. 9:35. "Êstes doze enviou Jesus, dando-lhes as seguintes instruções: "Curai enfermos, ressuscitai mortos, purificai leprosos, expelí demônios." Mat. 10:5-10. "Mas Jesus... afastou-se dali. Muitos o acompanharam e a todos Êle curou." Mat. 12:15. "Desembarcando, viu Jesus uma grande multidão, compadeceu-se dela e curou os seus enfermos." Mat. 14:14. "Chegaram à terra, em Genesaré... trouxeram-lhe todos os enfermos... E todos os que o tocaram, ficaram sãos." Mat.

14:34-36. Uma das mais importantes obras de Cristo era a de curar os enfermos, mas parece uma das obras de menos importância na igreja de hoje.

Êle mesmo tomou as nossas enfermidades (v. 17): Conforme I Ped. 2:24, para cumprir Isa. 53:4, Cristo, em Seu corpo, sôbre o madeiro, carregou com os nossos pecados. Segundo Mat. 8:17, Êle, para cumprir Isa. 53:4, carregou com as nossas doenças. Cristo tomou tanto as nossas doenças como os nossos pecados; que não quer dizer sòmente as nossas doenças espirituais é evidente em Mat. 8:17. Note-se o contexto.

Alguns dos mais eminentes comentadores, acham que Jesus, durante Seu ministério, não podia curar como uma parte da Sua propiciação, porque o fez antes de tomar a cruz. Com tanta razão, podemos responder que Êle não podia perdoar pecados, porque ainda não tinha morrido. Contanto sabemos que perdoou pecados. Certamente perdoava e curava em vista da Sua propiciação que ia fazer na cruz.

Outros ensinam que não se deve buscar "um concerto temporário de nossos corpos" mas "a redenção de nossos corpos", quando o Senhor "transformará o nosso corpo de humilhação, para ser igual ao corpo da sua glória." Vide Rom. 8:23; Fil. 3:20, 21; I Cor. 15:51, 52. Mas que Cristo quer curar as nossas doenças antes da Sua vinda é evidentíssimo tanto em Mat. 8:17; etc.; como no fato de Êle mesmo continuar a curar através dos séculos.

Note-se que diz: "Êle mesmo tomou as nossas enfermidades." Não era um curandeiro, buscando publicidade, mas o Filho de Deus movido de compaixão ao ver as aflições dos homens. Compadeceu-se das multidões. Mat. 9: 36; Mar. 6:34. O dom de curar é baseado sôbre a compaixão. Note-se como Jesus, ao contemplar o surdo e gago, antes de curá-lo, *suspirou*. Mar. 7:34. Por que o calmo Jesus "agitou-se no espírito e comoveu-se" diante do túmulo de Lázaro? Por que chorou

quando sabia perfeitamente que Lázaro estava prestes a sair do sepulcro? Foi porque Êle tomava e levava as doenças e enfermidades do povo congregado lá. O nosso Rei compadece-se, também, de nós; "Jesus Cristo ontem e hoje é o mesmo, e o será para sempre." Heb. 13:8.

IV. AOS QUE QUEREM SEGUIR A JESUS. 8:18-22.

Vide os comentários sôbre Luc. 9:57-62.

V. JESUS ACALMA UMA TEMPESTADE. 8:23-27.

Vide os comentários sôbre Mar. 4:35-41.

VI. OS ENDEMONINHADOS GADARENOS. 8:28-34.

Vide os comentários sôbre Mar. 5:1-20.

Capítulo IX

OS MILAGRES DO REI (Con.)

Com êste capítulo Mateus encerra o que começou a registrar no capítulo anterior, isto é, alguns dos eventos, fora de ordem cronológica, para mostrar o poder do Rei sôbre as doenças, a natureza, a morte, o pecado — em uma palavra, sôbre Satanás.

I. A CURA DE UM PARALÍTICO. 9:1-8.

Foi para a sua própria cidade (v. 1): Tôdas as cidades eram Suas, mas Cafarnaum em um sentido diferente, porque morava lá. Mat. 4:13.

Vide os comentários sôbre Mar. 2:1-12.

II. CHAMADA DE MATEUS

> 9:9 Partindo Jesus dali, viu um homem, chamado Mateus, sentado na coletoria, e disse-lhe: Segue-me! Êle se levantou e o seguiu.
>
> 9:10 E sucedeu que, estando êle em casa, à mesa, muitos publicanos e pecadores vieram e tomaram lugares com Jesus e seus discípulos.
>
> 11 Ora, vendo isto os fariseus, perguntavam aos discípulos: Por que come o vosso Mestre com os publicanos e pecadores?
>
> 12 Mas Jesus, ouvindo, disse: Os sãos não precisam de médico, e, sim, os doentes.
>
> 13 Ide, porém, e aprendei o que significa:
> Misericórdia quero, e não sacrifício; pois não vim chamar justos, e, sim, pecadores.

Um homem chamado Mateus (v. 9): Mateus, a pena dêste Evangelho. Marcos e Lucas chamam-no

Leví. Mar. 2:14; Luc. 5:27. Contudo, nas listas dos nomes dos apóstolos, todos o chamam Mateus. Mat. 10:3; Mar. 3:18; Luc. 6:15 e Atos 1:13. Jesus deu outro nome a vários dos discípulos. Mat. 16:17, 18; Mar. 3:17; Apoc. 2:17; ... Mas não sabemos se foi Êle quem deu o nome "Mateus" a Leví. A palavra "leví" quer dizer "unido"; a palavra "mateus" corresponde a "teodoro" e significa "dádiva de Jeová".

Disse-lhe: Segue-me (v. 9): Pode-se imaginar a queixa popular de que Jesus enchia Suas fileiras dos mais desprezados. Mas como a água busca o nível mais baixo, assim a graça divina busca as almas mais necessitadas. Mateus não buscava a Jesus; foi Jesus, na Sua graça, que buscou o desprezado publicano. Cristo falou a Mateus antes dêste falar; nós não O escolhemos, mas Êle nos escolheu a nós.

Êle se levantou e o seguiu (v. 9): Os pecadores, muitas vêzes, têm de, literalmente, deixar tudo para ser discípulos de Jesus. O poder da graça divina logo responde e vence tôdas as objeções. Mateus não consultou carne e sangue. Gál. 1:15, 16. Os discípulos chamados da pesca voltaram; mas não consta nas Escrituras que Mateus voltou uma vez à coletoria.

Estando êle em casa, à mesa (v. 10): É quase certo que Mateus era rico como Zaqueu. Luc. 19:2. Mas é certo que queria usar os seus recursos para a glória de Deus. Para manifestar seu grande amor para com seu Salvador, e para que seus amigos conhecessem o inegualável Mestre, ofereceu *um grande banquete em sua casa* (Luc. 5:29), coisa que os pobres pescadores não podiam fazer, quando chamados. Mat. 4:18-22. Mas quando Mateus registrou a história, não disse, na sua humildade, que foi na sua própria casa, nem que era um banquete, e nem que era grande. Cristo fizera tanto para Mateus que aquilo que êle fêz para Cristo parecia-lhe como nada. Quando gabamos o que faze-

mos para Cristo, não é porque estamos esquecidos do que Êle nos faz?

Mateus convidou tanto os discípulos como a Jesus. V. 11; Mar. 2:15. Todos que aceitam a Cristo, têm de aceitar, também, todos aquêles que são Seus e dar-lhes lugar no coração. Mat. 10:40-42; 18:5.

Muitos publicanos e pecadores vieram e tomaram lugares com Jesus (v. 10): O lugar de esperança para os pecadores é aos pés de Jesus. Há lugar aí para todos; todos são bemvindos. Se sentarmos com Êle na rejeição, sentaremos com Êle na Sua glória.

Os fariseus perguntavam aos discípulos (v. 11): Por que não perguntavam mesmo a Jesus? Aquêles cheios de justiça própria não querem levar seus problemas a Deus. Em tôdas as ocasiões é bom perguntarmos a nós mesmos se estamos realmente buscando ou se estamos murmurando.

Os sãos não precisam de médico, e, sim, os doentes (v. 12): Qual o médico que procura evitar andar entre os doentes? Mas os fariseus, como milhares de pessoas hoje, não reconheciam a sua doença espiritual; como os laodiceienses, diziam que não precisavam de coisa alguma. Seguiu então a sua cegueira em não ver a necessidade do grande Médico, de andar onde houvesse doença.

Ide, porém, e aprendei o que significa (v. 13): Não é suficiente conhecer a letra da lei; deve-se, também, conhecer o espírito da lei. Aquêles que aprendem a aplicar as Escrituras para corrigir seus próprios erros e defeitos, são os que aprendem melhor as Escrituras.

Misericórdia quero e não sacrifício (v. 13): Jesus mostra misericórdia aos pecadores; Êle não aceita os sacrifícios daqueles cheios de justiça própria. Compare I Sam. 15:22.

Não vim chamar justos, e, sim, pecadores (v. 13): Note-se: A missão de Jesus foi a de chamar ao arrependimento; foi Seu primeiro texto (Mat. 4:17) e foi a mensagem de todo o Seu ministério.

Sim, pecadores (v.13): A idéia da palavra "chamar", nesta passagem, é de *atrair* os pecadores pelo amor.

III. A QUESTÃO DE JEJUM. 9:14-17.

Vide os comentários sôbre Mar. 2:18-22.

IV. CURA DA MULHER HEMORRÁGICA — RESSURREIÇÃO DA FILHA DE JAIRO. 9:18-26.

Vide os comentários sôbre Mar. 5:21-43.

V. CURA DE DOIS CEGOS

9:27 Partindo Jesus dali, seguiram-no dois cegos, clamando: Tem compaixão de nós, Filho de Davi!

28 Tendo êle entrado em casa, aproximaram-se os cegos, e Jesus lhes perguntou: Credes que eu posso fazer isso? Responderam-lhe: Sim, Senhor.

20 Então lhes tocou os olhos, dizendo: Faça-se-vos conforme a vossa fé.

30 E abriram-se-lhes os olhos. Jesus, porém, os advertiu severamente, dizendo: Acautelai-vos de que ninguém o saiba.

31 Saindo êles, porém, divulgaram-lhe a fama por tôda aquela terra.

Jesus, ao ressuscitar a filha de Jairo da morte (v. 25), acentuou o fato de que Êle era o Mesmo que, no princípio, soprou no homem o fôlego da vida; ao dar vista aos cegos, chamou atenção para o fato de que era o mesmo que das trevas mandou resplandecer a luz.

Filho de Davi (v. 27): Os dois eram cegos quanto ao físico, mas os olhos da sua mente estavam abertos para ver que Jesus era o grande Profeta acêrca de Quem Isaías profetizou: "Então os olhos dos cegos serão abertos." Isa. 35:5.

Tem compaixão de nós (v. 27): "Filho de Davi" era um têrmo para designar o Messias esperado da casa

de Davi para trazer "as firmes beneficências de Davi." Isa. 55:3.

Note-se que não clamavam, separadamente: "Tem compaixão de mim." Deve haver o espírito de unidade em nossas súplicas a Deus. Mat. 18:19.

Aproximaram-se os cegos (v. 28): Parece que o Senhor não prestou atenção logo ao seu clamor; foi só depois de entrar em casa que atendeu aos rogos dos dois cegos. Cristo, como o verdadeiro Médico, conhece infalìvelmente a necessidade de cada alma. Algumas foram curadas imediatamente; outras tinham de esperar antes de receber a cura. Devemos "orar sempre e nunca esmorecer." Luc. 18:1.

Credes que eu posso fazer isso? (v. 28): Apesar de serem cegos acharam a Jesus dentro de casa. Recusaram ser negados. As portas estão sempre abertas para os que rogam com instância e fé: parecia falta de educação arremessar-se porta a dentro da casa quando Jesus queria descansar. Para aumentar-lhes a fé, perguntou-lhes: ""Credes que posso fazer isso?" Isto é, Credes que eu possa conceder a vista, tanto como curar o paralítico e ressuscitar os mortos? Vs. 6 e 25. Cremos que Jesus realmente tem poder para curar a nossa própria doença? A inclinação é crer que Jesus pode curar e salvar a todos, menos a nós mesmos — o nosso caso parece-nos mais difícil do que o de qualquer outra pessoa. Sem fé nada receberemos de Deus.

Então lhes tocou os olhos (v. 29): Há dois toques; se tocarmos confiadamente nÊle, Êle responde tocando em nós com Sua mão poderosíssima para curar. Seu poder não diminuiu; "Jesus Cristo ontem e hoje é o mesmo, e o será para sempre."

Faça-se conforme a vossa fé (v. 29): Com estas palavras, Jesus aceitou e louvou a sinceridade da fé dos dois cegos. Grande é o confôrto dos crentes sinceros em saber que Cristo vê e se alegra com a sua fé; apesar da fé ser fraca e desconhecida pelo próximo Êle a aceita.

Aquêles que recorrem a Jesus Cristo, recebem, não conforme seus caprichos, não conforme o que professam, mas, sim, conforme a sua fé. Cristo está pronto; tudo depende de nossa confiança nÊle.

Jesus, porém, os advertiu severamente... (v. 30): O Senhor deu tal ordem porque: (1) Não queria incitar as autoridades, as quais ficaram mais e mais vencidas por inveja, ao ver como o povo afluía ao Seu lado. (2) Não queria aumentar a presunção do povo que queria levantar tumultos e sedição para se revoltar contra os romanos e inaugurar o seu próprio reino. Vide João 6:15.

Divulgaram-lhe a fama por tôda aquela terra (v. 31): Apesar de ser um ato de flagrante desobediência, parece que realmente queriam glorificar ao seu grande Benfeitor. Contudo mostraram mais zêlo do que prudência, por causa da atitude do povo. Um ato de desobediência nunca é para a glória do Senhor.

VI. A CURA DE UM MUDO ENDEMONINHADO

9:32 Ao retirarem-se êles, foi-lhe trazido um mudo endemoninhado.

33 E, expelido o demônio, falou o mudo; e as multidões se admiravam, dizendo: Jamais se viu tal cousa em Israel!

34 Mas os fariseus murmuravam: Pelo maioral dos demônios é que expele os demônios.

Ao retirarem-se êles... (v. 32): Os dois que receberam a vista mal tinham-se retirado da presença de Cristo, quando Lhe foi levado um mudo endemoninhado. A narrativa serve como parábola do estado calamitoso do mundo e da grande variedade de aflições entre o povo.

O estado do mudo endemoninhado era deplorável; estava debaixo do poder do Diabo até ao ponto de não poder falar. Quando o Diabo toma conta de uma alma,

ela fica calada acêrca de tudo o que é bom. Fica muda à oração e à adoração; duas coisas que Satanás detesta.

E, expelindo o demônio, falou o mudo (v. 33): A cura foi repentina. As curas de Jesus atingem a raiz; os efeitos desaparecem porque retira as causas. A língua do mudo foi libertada, porque vencera o poder de Satanás na alma.

As multidões se admiravam (v. 33): Jesus de Nazaré tem os dons, a compaixão, o poder — não Lhe falta nada para ser Rei sôbre o povo de Deus. Ao encerrar Seu discurso sôbre as leis do reino, "estavam as multidões admiradas de Sua doutrina." Mat. 7:28. Ao operar o último milagre da série registrada nos capítulos 8 e 9, "as multidões se admiravam, dizendo: Jamais se viu tal cousa em Israel." Se não se viu tal cousa em Israel, não se viu em canto algum, porque nenhum povo presenciou tais prodígios como Israel. Havia aquêles famosos pelos milagres que operaram, mas Cristo excedia a todos. Os milagres de Moisés eram em referência a tôda a nação; os de Jesus eram mais particulares.

VII. A SEARA E OS CEIFEIROS

> 9:35 E percorria Jesus tôdas as cidades e povoados, ensinando nas sinagogas, pregando o evangelho do reino e curando tôda sorte de doenças e enfermidades.
>
> 36 Vendo êle as multidões, compadeceu-se delas, porque estavam aflitas e exaustas como ovelhas que não têm pastor.
>
> 37 E então se dirigiu a seus discípulos: A seara na verdade é grande, mas os trabalhadores são poucos.
>
> 38 Rogai, pois, ao Senhor da seara que mande trabalhadores para a sua seara.

Percorria Jesus tôdas as cidades (v. 35): Neste versículo, como em Mat. 4:23, o Evangelista faz um sumário abreviadíssimo de uma obra extensa e vasta. Cristo prepara mais o solo em grande escala e fizera outra grande sementeira da preciosa semente.

A melhor resposta à blasfêmia dos fariseus (v. 34) foi o que Cristo fazia, ensinando nas sinagogas, pregando o evangelho do reino e curando todos. Isso, também, é a nossa melhor resposta àquêles que criticam; ensinar, pregar e curar incansàvelmente em todos os lugares.

Acêrca do ministério em que Jesus cura, vide também os comentários sôbre Mat. 19:2.

Pregando o evangelho do reino (v. 35): Continuava pregando a Sua mensagem: "É chegado o reino dos céus." Mat. 4:17.

Vendo êle as multidões (v. 36): Quantas multidões Cristo, hoje na glória, contempla na Índia, na África, na China, na Rússia, nas ilhas do mar, nas tribos de selvícolas no interior do Brasil, etc., etc., aflitas e acossadas como ovelhas sem pastor?!

Compadeceu-se delas (v. 36): Condoeu-se; ver o estado do povo "cortou-O até o vivo." Se conhecessemos os corações dos homens, sentiríamos o mesmo que Cristo sente. Cada coração conhece a sua própria amargura, mas o Senhor conhece a mágoa de todos.

Conta-se a história de certo homem que passava grande parte do tempo no portão da sua casa. Se passasse alguém na rua sem cumprimentá-lo, rompia em invectivas violentas contra êle. Os que não o conheciam julgavam-no um homem vil, de sentimentos baixos. Mas os que o conheciam se compadeciam dêle. Quando ainda criança, andava atrás do pai, a cavalo, quando um ladrão na estrada apareceu repentinamente e matou o pai. O menino conseguiu chegar em casa sem deixar o cadaver do pai cair no chão. O resultado foi que, apesar do corpo do menino crescer, as pernas e a mente não se desenvolveram. E, anelava tanto a compaxão do próximo ao ver alguém passar sem o cumprimentar, que não podia conter-se, dando lugar à linguagem mais vil. Verdadeiramente "o conhecer tudo é perdoar tudo."

Diz-se que o cruel imperador romano, Calígula, desejava que a população tivesse um só pescoço, para que pudesse degolar a todos com um só golpe. Quantos militares consideram as massas pouco mais do que "o material para adubar o solo"? Quantos comerciantes não têm qualquer plano senão enriquecer a custa da humanidade? Cristo é o único que tem o ponto de vista certo, olhando para o espiritual. Para Êle, e para o Pai, os homens são como ovelhas a mercê de feras.

Rogai, pois, ao Senhor da seara... (v. 38): Deve-se, antes de tudo, recorrer a Deus para suprir obreiros para a seara: (1) Sòmente o Senhor sabe quais têm as qualificações para tal serviço; sòmente Êle sabe- prepará-los. A obra não é de proselitar sem converter e salvar. A mensagem da salvação não é uma filosofia, um teorema, um sistema de instrução moral e religioso, mas um poder vivo. (2) Êle não chama a todos para serem apóstolos, nem para serem profetas, etc. (3) Êle chama em resposta a oração; ninguém tem direito de ir sem primeiramente orar. (4) O Senhor chama; não é o dinheiro que chama. É desastroso quando alguém vai por interêsse, ou sem resolver firmemente fazer os maiores sacrifícios.

Note-se como Jesus observou pràticamente Seu preceito de orar ao Senhor da seara. Luc. 6:12, 13.

Capítulo X

OS DOZE MINISTROS DO REI

Os três últimos versículos do capítulo anterior servem como introdução para êste capítulo. Cristo "tomado de compaixão" pelas multidões "aflitas e exaustas", chamou Seus discípulos para oração. Mas não orou sem agir. Antes de baixar o fogo do Seu coração (9:36), chamou "os Seus doze discípulos" e os separou para a obra entre as multidões.

Há nisto importante lição: Se deixarmos o fogo baixar em nossa alma, antes de agir, nunca voltará a arder no mesmo grau. Quantas vêzes desperdiçamos a nossa energia, descuidando de entrar pela porta que o Espírito Santo nos abre, enquanto o fogo arde no coração! Compare I Tes. 5:19.

I. ELEIÇÃO DOS APÓSTOLOS

10:1 Tendo chamado os seus doze discípulos, deu-lhes Jesus autoridade sôbre espíritos imundos para os expelir, e para curar tôda sorte de doenças e enfermidades.

2 Ora, os nomes dos doze apóstolos são êstes: Primeiro, Simão, por sobrenome Pedro, e André, seu irmão; Tiago, filho de Zebedeu, e João, seu irmão;

3 Filipe e Bartolomeu; Tomé e Mateus, o publicano; Tiago, filho de Alfeu, e Tadeu;

4 Simão o Zelote, e Judas Iscariotes, que foi também quem o traiu.

Tendo chamado os seus doze discípulos (v. 1): Lucas nos informa que Cristo, para enfrentar a situação, subiu a um monte e passou tôda a noite orando,

antes de escolher os doze. Luc. 6:12-16. Nos tempos de crise temos de passar mais tempo com Deus para saber com certeza a Sua direção e vontade.

Deu-lhes autoridade... (v. 1): Lucas diz que lhes deu poder e autoridade (Luc. 9:1); tanto os qualificou como os autorizou. Êsses pregadores foram enviados destituídos de bens terrestres, de instrução acadêmica e de títulos de dignidade. Contudo saíram com autoridade sôbre o Diabo e poder para curar o mundo; "deu-lhes Jesus autoridade sôbre espíritos imundos para os expelir, e para curar tôda sorte de doença..."

Apóstolos (v. 2): É a primeira vez que se encontra "apóstolo" nas Escrituras. A palavra quer dizer "mensageiro" ou "um que é enviado". Jesus é o Apóstolo da nossa confissão (Heb. 3:1), porque foi enviado; Êle mesmo disse: "Assim como o Pai me enviou, eu também vos envio." João 20:21. O verdadeiro apóstolo é o *enviado* para cumprir certa missão; não apenas o que sai porque acha bom, mas que é *enviado*. Mencionam-se as credenciais de um apóstolo em II Cor. 12:12. As Escrituras dão a entender que para ser apóstolo a pessoa deve ver a Jesus (I Cor. 9:1) e deve ter assistido tôda a obra de Jesus desde Seu batismo até Sua ascensão. Atos 1:21, 22. A obra dos apóstolos era a de pôr os alicerces. I Cor. 3:10; Efé. 2:20. Os nomes dos doze apóstolos estão gravados nos doze fundamentos da Nova Jerusalém. Apoc. 21:14.

Mas ainda existem apóstolos na terra hoje? Em um sentido a resposta é enfàticamente *não*. É impossível alguém ver a Jesus Cristo hoje no sentido do evento registrado em I Cor. 15:8-9 — porque foi visto por Paulo "como por um abortivo". Ainda mais, não resta mais alicerces a lançar, no sentido em que os apóstolos o fizeram. Os apóstolos receberam as revelações cônscios que completavam as revelações para esta dispensação. II Tim. 1:13; 2:2; II Ped. 1:15; Jud. 3; Apoc. 22:18, 19. O corpo de Cristo, de tôdas as gerações e em todos os lugares está edificado sôbre o fundamento dos após-

tolos e profetas (Efé. 2:20) do Novo Testamento e quaisquer esforços para edificar seitas, tais como a dos irvingites ou dos católicos, sôbre "alicerces de apóstolos" é engano apesar de qualquer sinceridade. "Porque ninguém pode lançar outro fundamento, além do que foi pôsto." I Cor. 3:11.

Mas não há sentido em que existem apóstolos na igreja atual? À vista das Escrituras citadas em cima, muitos não querem afirmar dogmàticamente que há. Contudo, consta em I Cor. 12:28 que Deus estabeleceu o ministério de apóstolos na Igreja e em Efé. 4:11-13 reafirma que foi dado "até que todos cheguemos à unidade da fé... à perfeita varonilidade, à medida da estatura da plenitude de Cristo." É claro no Novo Testamento que o ofício de apóstolos não era privativo aos doze. Barnabé chamava-se "apóstolo". Atos 14:14. Subentende-se que a Tiago, irmão do Senhor, e líder da igreja em Jerusalém, foi dado o título de "apóstolo". Gál. 1:19. Tais apóstolos têm um lugar importante em edificar o corpo de Cristo, apesar de não ter tôdas as qualificações dos doze. Não é, portanto, inteiramente antibíblico chamar "apóstolos" a Agostinho, Lutero, Knox, Fox, Carey, Hudson Taylor, Judson, Muler e outros. Certamente não tinham tôdas as qualificações dos que consideramos apóstolos, mas as suas obras eram realmente "apostólicas". É verdade que êles não se intitulavam "apóstolos", e o mundo não os chama "apóstolos", contudo não é o nome que determina o ofício mas o poder.

Os nomes dos doze apóstolos... (Vs. 2-4): Estão nomeados em pares porque foram enviados de dois a dois. Mar. 6:7. Compare Ecl. 4:9, 10; João 8:17; Deut. 19:15.

Menciona-se Pedro primeiramente em tôdas as quatro listas dos nomes dos apóstolos. Mat. 10:2-4; Mar. 3:16-19; Luc. 6:13-16; Atos 1:13, 14. "Judas Iscariotes, que foi também quem o traiu" é o último nas primeiras três listas. É possível que todos os grupos

foram arranjados na ordem como aparecem na lista para conformar com o grau de intimidade que tinham com Cristo. Ao menos sabemos que os primeiros quatro eram os mais chegados.

Em Mar. 3:18 e Luc. 6:15 Mateus está nomeado antes de Tomé. Mas na própria lista de Mateus, o nome de Tomé vem primeiro. É uma ilustração prática da exortação: "Amai-vos cordialmente uns aos outros com amor fraternal, preferindo-vos em honra uns aos outros." Rom. 12:10.

Se consideramos Matias (Atos 1:26), em vez de Judas Iscariotes, as Escrituras não revelam coisa alguma acêrca das obras de seis dos doze apóstolos. Conhecemos Pedro, Tiago e João; parece que Tiago e Judas nos deixaram as epístolas que têm êsses nomes; Mateus, escreveu seu Evangelho; mas acêrca dos outros seis há grande silêncio. Contudo eram, fiéis servos de Cristo. Todos os bons ministros do Senhor não são célebres, nem suas vidas famosas diante dos homens.

II. PRIMEIRA COMISSÃO DOS APÓSTOLOS

10:5 A êstes doze enviou Jesus, dando-lhes as seguintes instruções: Não tomeis o caminho dos gentios, nem entreis em cidade de samaritanos;

6 Mas, de preferência, procurai as ovelhas perdidas da casa de Israel;

7 E, à medida que seguirdes, proclamai que é chegado o reino dos céus.

8 Curai enfermos, ressuscitai mortos, purificai leprosos, expeli demônios; de graça recebestes, de graça dai.

9 Não vos provereis de ouro, nem de prata, nem de cobre nos vossos cintos;

10 Nem de alforge para o caminho, nem de duas túnicas, nem de sandálias, nem de bordão; porque digno é o trabalhador do seu alimento.

11 E em qualquer cidade ou povoado em que entrardes, indagai quem nêles é digno; e aí ficai até vos retirardes.

12 Ao entrardes na casa, saudai-a;

13 Se, com efeito, a casa fôr digna, venha sôbre ela a vossa paz; se, porém, não o fôr, torne para vós a vossa paz.

14 Se alguém não vos receber, nem ouvir as vossas palavras, ao sairdes daquela casa ou daquela cidade, sacudi o pó dos vossos pés.

15 Em verdade vos digo que menos rigor haverá para Sodoma e Gomorra, no dia do juízo, do que para aquela cidade.

Êste capítulo dez é em realidade "o sermão de ordenação" que Cristo pronunciou na ocasião de separar doze de Seus discípulos para ministrarem às multidões anelantes de luz e vida.

Não tomeis o caminho dos gentios... (v. 5): Era o plano de Deus que o Evangelho fôsse pregado primeiramente aos judeus para que a Palestina se tornasse o centro da obra missionária para todo o mundo. Na Grande Comissão (Mat. 28:18-20) os discípulos foram enviados para testificar "tanto em Jerusalém, como em tôda a Judéia e Samaria, e até aos confins da terra." Atos 1:8.

Proclamai que é chegado o reino dos céus (v. 7): A mensagem que deviam pregar era a mesma de João (Mat. 3:2) e de Jesus. Mat. 4:17.

Curai enfermos... (v. 8): Os doze receberam autoridade sôbre Satanás e poder sôbre as doenças. Não mandou que fizessem desaparecer montes, nem que chamassem fogo do céu. Deviam trabalhar para o socorro do povo, provando o amor de Deus para com as multidões aflitas.

Ressuscitai os mortos (v. 8): Contudo não é registrado que os discípulos ressuscitassem mesmo um morto, antes da ressurreição de Cristo. Parece que não reclamavam para si todo o poder que o Senhor queria conceder-lhes. A história dos homens em tôdas as épocas é a mesma; não tomam para si o que Deus lhes quer dar. Ao povo israelita foi prometido possuir todo

o lugar que pisasse a planta de seu pé. Jos. 1:3. Deus cumpriu Sua promessa fielmente, mas, por falta de fé da parte do povo, "ainda muitíssima terra ficou para possuir." Jos. 13:1. Deus "nos tem abençoado com tôda sorte de bênção espiritual nas regiões celestiais em Criso." Efé. 1:3. Mas à igreja atual falta muito a gozar de tôdas essas bênçãos — porque não aproveita sua oportunidade. O que foi dito a D. L. Moody é muitíssimo mais significante do que parece: "O mundo está para ver o que Deus faria com um homem absolutamente entregue nas Suas mãos."

Acêrca do ministério em que Jesus cura, vide também os comentários sôbre Mat. 19:2.

De graça recebestes, de graça dai (v. 8): O ministério dos apóstolos não era um meio de enriquecer.

Há sòmente um lago no mundo que não tem saída para as suas águas. É o mar Morto, que recebe muito sem dar nada. Tal lago é uma fiel ilustração da igreja que contribui e se esforça sòmente no seu próprio interêsse, sem dar e trabalhar para estender a obra de Deus nas regiões sem o Evangelho. A igreja que gasta tudo para si mesma breve se tornará desolada e sem vida como o mar Morto.

Não vos provereis de ouro... (vs. 9, 10): Tais foram as instruções sòmente para a primeira comissão; essa ordem foi revogada depois. Luc. 22:35-38.

Se alguém não... receber... as vossas palavras (v. 14): Lembremos de que alguns rejeitam as palavras dos melhores pregadores.

Menos rigor haverá para Sodoma... (v. 15): Recusar os mensageiros de Cristo indica uma rejeição de Deus mais profunda do que a das cidades de Sodoma e Gomorra. A culpa de rejeitar a Luz é sempre maior do que a dos que conhecem sòmente as trevas.

Note-se, portanto, a responsabilidade daqueles que são chamados para proclamar a Mensagem.

III. PERSEGUIÇÕES FUTURAS

10:16 Eis que eu vos envio como ovelhas para o meio de lôbos; sêde, portanto, prudentes como as serpentes e simplices como as pombas.
17 E acautelai-vos dos homens; porque vos entregarão aos tribunais e vos açoitarão nas suas sinagogas;
18 Por minha causa sereis levados à presença de governadores e de reis, para lhes servir de testemunho, a êles e aos gentios.
19 E, quando vos entregarem, não cuideis como, ou o que haveis de falar, porque naquela hora vos será concedido o que haveis de dizer;
20 Visto que não sois vós os que falais, mas o Espírito de vosso Pai é quem fala em vós.
21 Um irmão entregará à morte outro irmão, e o pai ao filho; filhos haverá que se levantarão contra os progenitores, e os matarão.
22 Sereis odiados de todos por causa do meu nome; aquêle, porém, que perseverar até ao fim, êsse será salvo.
23 Quando, porém, vos perseguirem numa cidade, fugi para outra; porque em verdade vos digo que não acabareis de percorrer as cidades de Israel, até que venha o Filho do homem.

É evidente que Cristo lhes falou, nestes versículos, não do que ia acontecer ao cumprir a primeira comissão, mas profetizou de um tempo futuro: (1) Nenhuma das coisas mencionadas aconteceu nesse tempo. (2) Ao acabar a primeira comissão, os discípulos voltaram para Jesus. Mas Êle falou de um tempo em que voltaria para êles. V. 23. Compare capítulo 24:14.

Sêde, portanto, prudentes como as serpentes e símplices como pombos (v. 16): Que Cristo deixasse seus discípulos como ovelhas expostas aos lôbos, é quase incrível; que as enviaria como ovelhas para o meio de lôbos é ainda mais singular. Não é ds admirar, então, que acrescentasse: "Sede, prudentes como as serpentes." Maravilhosa é essa combinação: a prudência como das serpentes evitaria a exposição de si mesmos aos perigos; a simplicidade como das pombas evitaria os meios pecaminosos para escaparem dos sofrimentos.

Um irmão entregaria a morte outro irmão... (v. 21): A perseguição assumiria a forma mais maligna.

IV. MOTIVOS DE PERSEVERANÇA

10:24 O discípulo não está acima do seu mestre, nem o servo acima do seu senhor.
25 Basta ao discípulo ser como o seu mestre, e ao servo como o seu senhor. Se chamaram Belzebu ao dono da casa, quanto mais aos seus domésticos?
26 Portanto, não os temais: pois nada há encoberto, que não venha a ser revelado; nem oculto, que não venha a ser conhecido.
27 O que vos digo às escuras, dizei-o às claras; e o que se vos diz ao ouvido, proclamai-o dos eirados.
28 Não temais os que matam o corpo e não podem matar a alma; temei antes aquêle que pode fazer perecer no inferno tanto a alma como o corpo.
29 Não se vendem dois pardais por um asse? e nenhum dêles cairá em terra sem o consentimento de vosso Pai.
30 E quanto a vós outros, até os cabelos todos da cabeça estão contados.
31 Não temais pois! Bem mais valeis vós do que muitos pardais.
32 Portanto, todo aquêle que me confessar diante dos homens, também eu o confessarei diante de meu Pai que está nos céus;
33 Mas aquêle que me negar diante dos homens, também eu o negarei diante de meu Pai que está nos céus.

Não temais os que matam... (v. 28): Diz-se que Látimer, chamado para pregar perante o rei, iniciou seu sermão dizendo: "Látimer, estás para pregrar diante do elevado e soberano Henrique VIII, que pode, se achar bom, tirar-te a vida. Cuida bem de que vais dizer. Mas Látimer, Látimer! lembra-te de que vais falar, ao mesmo tempo, diante do Rei dos reis. Cuida que não digas nada para ofender o Senhor dos senhores." O rei Henrique VIII, cruel e libertino, mandou decapitar duas das suas seis espôsas. Depois da morte

do rei, o fiel pregador, Látimer, em 1555, foi queimado vivo.

Os que matam o corpo e não podem matar a alma (v. 28): Não morre a alma ao morrer o corpo como algumas seitas ensinam.

Os cabelos todos da cabeça estão contados (v. 29): Pensas que uma coisa, por êle imprevista, te pode acontecer? — Êle sabe mesmo do número dos cabelos da tua cabeça!

V. MOTIVOS DE PERSEVERANÇA

10:34 Não penseis que vim trazer paz à terra; não vim trazer paz, mas espada.
35 Pois vim causar divisão entre o homem e seu pai; entre a filha e sua mãe e entre a nora e sua sogra.
36 Assim os inimigos do homem serão os da sua própria casa.
37 Quem ama seu pai ou sua mãe mais do que a mim, não é digno de mim; quem ama seu filho ou sua filha mais do que a mim, não é digno de mim;
38 E quem não toma a sua cruz, e vem após mim, não é digno de mim.
39 Quem achou a sua vida, perdê-la-á; quem, todavia, perdeu a sua vida por minha causa, achá-la-á.

Quem ama seu pai ou sua mãe mais do que a mim... (v. 37): À primeira vista, êste direito que Cristo exige de amá-Lo antes de nossos pais, parece ser contra o amor filial, mas realmente aquêles que assim amam a Cristo são os que amam mais verdadeiramente seus pais.

Quem, todavia, perdeu a sua vida por minha causa, achá-la-á (v. 39): Isto pode explicar, em alguns casos, o fenômeno que acontece em tempos de pragas epidêmicas — de certos homens que, para cumprirem seus deveres, abnegadamente se expõem, dia e noite, para cuidar de doentes e saem ilesos; enquanto outros, que para evitar o contágio, fogem de seus deveres, mas contraem a doença e morrem. Contudo acontece literal-

mente, muitas vêzes, que os homens que salvam as suas vidas, as perdem, e os que perdem as suas vidas pelo amor de Cristo, as acham. Que podemos prolongar a nossa vida, evitando cumprir os nossos deveres, por causa de lida ou do perigo, é evidente. Mas os que conseguem viver longos anos satisfazendo a carne, estão mortos enquanto vivem. Os mais vivos, e os mais alegres de todos, são aquêles que estão perdendo suas vidas pela causa de Cristo.

Quem não toma a sua cruz... (v. 38): Parece a primeira vez que Jesus fala da cruz. Devia ser grande enigma para os discípulos; sabiam muito pouco, nesse tempo, dos sofrimentos da cruz.

Esta cruz não é a dos sofrimentos por causa de pobreza, doença, etc. Os que não são crentes têm de sofrer tais coisas. Esta cruz nem é o que sofremos por causa de nossa culpa e tolices. I Ped. 2:19-21. Cristo referia-se a uma cruz que podemos tomar voluntàriamente (disse "tomar"); referia-se ao desprêzo e aos sofrimentos dos que seguem a Cristo. Vide Mat. 5:10-11.

Há uma história de certo rei que colocou uma grande pedra no meio de estrada transitada para ver quem a retirasse. Os homens de tôdas as classes passaram, todos desviando-se da pedra e diversos queixando-se do rei por não conservar as estradas abertas. Por fim aproximou-se um pobre lavrador, carregado de verduras que ia vender na feira. Contemplou a pedra por um momento ,colocou seu pesado balaio de verduras no chão e retirou a pedra da estrada. Aí, no lugar que a pedra ocupara, estava uma carteira. Ao abri-la, encontrou não só grande importância de dinheiro, mas uma nota do rei explicando que o dinheiro se destinava a quem mostrasse a civilidade de retirar a pedra da estrada. Escondida por baixo da cruz, que Jesus nos convida a tomar, há uma bênção tôda especial. Não podemos evitar a cruz sem perder a bênção.

VI. AS RECOMPENSAS

10:40 Quem vos recebe, a mim me recebe; e quem me recebe, recebe aquêle que me enviou.

41 Quem recebe um profeta, no caráter de profeta, receberá o galardão de profeta; quem recebe um justo, no caráter de justo, receberá o galardão de justo.

42 E quem der a beber ainda que seja um copo de água fria, a um dêstes pequeninos, por ser êste meu discípulo, em verdade vos digo que de modo algum perderá o seu galardão.

Ainda que seja um copo de água fria... (v. 42): Conta-se o seguinte acêrca de dr. Howard Kelley, humilde crente, famoso médico, cirurgião e naturalista: Certa vez, enquanto realizava uma das suas excursões de naturalista, pediu um copo de água em casa humilde de camponês. Em vez de água ofereceram-lhe um copo de leite frio. Depois de tomar o leite refrigerante, ao despedir-se da família, disse: "Se qualquer membro da família precisar de ir ao hospital, em qualquer tempo, faremos tudo sem cobrar um cruzeiro." Passaram-se os anos, e por fim a mãe da família foi levada para o hospital de dr. Kelley, que a tratou pessoalmente. Ao ficar boa, a mulher do camponês, na ocasião de despedir-se de dr. Kelley, pediu a sua conta. O médico apresentou uma grande conta das despesas e em baixo foi escrito: "Pago pela importância de um copo de leite."A extraordinária retribuição de dr. Howard Kelley, pela atenção de uma família pobre em oferecer-lhe um copo de leite frio, é insignificante em comparação à recompensa divina, para todos que favoreçam qualquer crente por ser discípulo de Cristo.

Capítulo XI

O REI É REJEITADO

Neste capítulo vêem-se as nuvens de rejeição e opróbrio acumulando em redor do Messias de Israel. Esperavam um Rei que libertasse a nação com forte mão, mas êsse Homem era "como raiz duma terra sêca, não tinha parecer nem formosura" como esperavam do Messias. "Era desprezado, e o mais indigno entre os homens; homem de dôres e experimentado nos trabalhos" e Seu povo, o povo de Israel escondeu dÊle o seu rosto.

I. CRISTO PREGA INCANSÀVELMENTE

> 11:1 Ora, tendo acabado Jesus de dar estas instruções a seus doze discípulos, partiu dali a ensinar e a pregar, nas cidades dêles.

O primeiro versículo é realmente uma parte do capítulo anterior; encerra as instruções de Jesus, por enquanto, sôbre os esforços para evangelizar as multidões.

II. O BATISTA ENVIA MENSAGEIROS A JESUS. 11:2-6.

Vide os comentários sôbre Luc. 7:18-23.

III. TESTEMUNHO SÔBRE JOÃO. 11:7-19.

Vide os comentários sôbre Luc. 7:24-35.

IV. CIDADES IMPENITENTES

11:20 Passou, então, Jesus, a increpar as cidades nas quais êle operara numerosos milagres, pelo fato de não se terem arrependido.

21 Ai de ti, Corazim! ai de ti, Betsaida! porque se em Tiro e em Sidônia se tivessem operado os milagres que em vós se fizeram, há muito que elas se teriam arrependido com cilício e cinza.

22 E contudo vos digo: No dia do juízo haverá menos rigor para Tiro e Sidônia, do que para vós outros.

23 Tu, Cafarnaum, elevar-te-ás, porventura, até ao céu? Descerás até ao hades; porque se em Sodoma se tivessem operado os milagres que em ti se fizeram, teria ela permanecido até ao dia de hoje.

24 Digo-vos, porém, que menos rigor haverá no dia do juízo para a terra de Sodoma, do que para ti.

"O reino dos céus, anunciado não sòmente por João Batista, como *chegado,* mas também pelo próprio Rei e Seus doze apóstolos, e atestado por grandes obras, está rejeitado *moralmente,* no tempo desta lição. Os lugares escolhidos para provar a nação, Corazim, Betsaida e Cafarnaum, rejeitaram tanto a Jesus como a João; o Rei rejeitado fala em julgamento. A rejeição *oficial* veio depois (Mat. 27:31-37)." — Scofield.

O próprio fato de Jesus escolher os doze indica que Êle mesmo esperava ser tirado brevemente da terra. O mundo rejeitaria a pregação dêles tanto como a Sua. Mat. 10:16, 18, 22, 25. Foi por causa dessa rejeição de Jesus que João Batista mandou seus discípulos para saber se não vinha outro para cumprir tudo o que fôra profetizado acêrca do reino na terra. Mat. 11:2-19.

Se em Tiro e em Sidônia... (v. 21): As duas cidades de Corazim e de Betsaida, situadas na praia do mar da Galiléia, são comparadas a Tiro e a Sidônia, duas cidades mencionadas muitas vêzes no Velho Testamento. Essas duas cidades foram levadas a ruínas, mas no tempo de Cristo, floresciam novamente. Por causa de

idolatria e outras iniqüidades, as duas cidades, para os Judeus, cheiravam mal. Jesus retirou-se "para os lados de Tiro e Sidônia" (Mat. 15:21), mas nunca entrou nessas cidades.

Elas se teriam arrependido em silício e cinza (v. 21): Na mesma forma que fizera Nínive. Jonas 3:5-10.

Tu, Cafarnaum, elevar-te-ás... (v. 23): Não foi dito assim acêrca de outro lugar, nem de Corazim e nem de Betsaida. Desde que Jesus considerou Cafarnaum Sua cidade (vide comentários, Mat. 4:13), foi o lugar mais favorecido na terra, o mais elevado em privilégios.

V. VINDE A MIM

11:25 Por aquêle tempo exclamou Jesus: Graças te dou, ó Pai, Senhor do céu e da terra, porque ocultaste estas cousas aos sábios e entendidos, e as revelaste aos pequeninos.

26 Sim, ó Pai, porque assim foi do teu agrado.

27 Tudo me foi entregue por meu Pai. Ninguém conhece plenamente o Filho senão o Pai; e ninguém conhece plenamente o Pai senão o Filho, e aquêle a quem o Filho o quiser revelar.

28 Vinde a mim todos os que estais cansados e sobrecarregados, e eu vos aliviarei.

29 Tomai sôbre vós o meu jugo, e aprendei de mim, porque sou manso e humilde de coração; e achareis descanso para as vossas almas.

30 Porque o meu jugo é suave e o meu fardo é leve.

Note-se a nova mensagem: O rei, rejeitado pela nação, volta para oferecer, não o reino, mas sim descanso e serviço, a tantos quantos dêles caracessem. Foi na ocasião de proferir as tremendas ameaças contra as cidades da Galiléia (vs. 21-24), que Cristo rompeu em louvores ao Pai por Sua misericórdia para com aquêles, dentre as multidões, que queriam aceitar Seu descanso.

É nesta altura que se vê a grande alteração no ministério de Jesus. Vide a introdução, em cima, aos comentários dêste capítulo.

Por aquêle tempo exclamou (*respondeu*) *Jesus* (v. 25): Andava em constante comunhão com o Pai; nessa ocasião respondeu-Lhe em alta voz.

Porque ocultaste estas coisas aos sábios e entendidos (v. 25): Não é a sabedoria, mas o orgulho de sabedoria, que é barreira ao aceitar o Evangelho. Não há antogonismo entre a verdadeira religião e o pensamento culto. Não é verdade que há afinidade entre a ignorância e o Evangelho; enganamo-nos pensando que a falta de entendimento conduz à fé profunda. A religião de Cristo não é como as corujas que gostam do crepúsculo; é como as águias que "purgam a sua vista no próprio manancial do resplendor celeste." Os nomes de centenas de célebres cientistas, escritores e estadistas, como Lutero (1483-1546), Milton (1608-1674), Isaque Newton (1642-1727), D. Pedro II (1825-1892), Tomás Huxley (1825-1895), Rui Barbosa (1849-1923) e outros, são provas de que não há oposição entre o Evangelho e a inteligência. Igualmente, os nomes da grande maioria dos mais famosos entre os homens é prova que não há ligação entre a sabedoria e a verdadeira religião. Não é tanto o intelecto do homem como a moral; o caso não é tanto da cabeça como do coração.

Há grande vantagem, para os que estudam as Escrituras, se conhecem bem o português e o grego; o indispensável, contudo, é ter a *humildade*. Os eruditos orgulhosos estão infinitamente mais longe de compreenderem as Escrituras do que os mais desprezados, mas *humildes*, "pequeninos". "Deus resiste os soberbos, contudo aos humildes concede a sua graça". I Ped. 5:5. Acontece que os cegos falam de luz, de formosura, de côres e de outras coisas como se as conhecessem. Acontece, igualmente, que os cegos espirituais falam, com certo grau de exatidão, de fatos e doutrinas bíblicos

sem saber ou entender o que dizem. "Aquêle que não ama não conhece a Deus." I João 4:8. Aquêles, também, que não conhecem a Deus não entendem a Sua Palavra. "Qual a razão porque não compreendeis a minha linguagem? É porque sois incapazes de ouvir a minha palavra." João 8:43. Êsses respondem às doutrinas do mundo porque são do mundo. I João 4:5. São sòmente as verdadeiras ovelhas que ouvem a voz do Pastor. João 10:4, 5.

Não faz muitos anos que se considerava o grego da Bíblia como uma língua especial, criada para transmitir os oráculos de Deus à mente dos homens. O Novo Testamento, no original, tem grande número de palavras que não se encontram nas obras clássicas dos escritores gregos. Assim surgiu a distinção entre o grego do Novo Testamento e o clássico. Não muito depois do comêço do presente século, graças aos esforços de homens como Deissman e Ramsey, foi provado que o grego do Novo Testamento não é menos do que a língua vernácula do povo do Império Romano de há dois mil anos. Os escritores clássicos não queriam escrever na língua comum. Mas a Bíblia foi escrita em uma língua fácil de entender pelas massas, para as quais as suas lições são indispensáveis.

Ninguém conhece plenamente... o Pai... senão... aquêle a quem o Filho o quizer revelar (v. 27): Em certo concurso de ministros idosos, assistiu também certo conceituado ator. Os ministros pediram que êle declamasse um poemeto. Em resposta à sugestão de um dos velhos pregadores, o ator recitou o Salmo 23. A entonação da voz do artista e o encanto dos seus gestos eram tais, que, ao findar, ouvia-se um murmúrio de louvor entre todos os ouvintes. O ator então pediu que o velho pastor recitasse o mesmo Salmo. Quando o pastor findou, havia lágrimas nos olhos de todos porque repetira o Salmo com grande ternura e profundo entendimento espiritual. Ninguém sentia a diferença

entre as duas declamações mais do que o grande ator. Disse êle: "Eu conheço *o Salmo*: o senhor conhece *o Pastor*."

Vinde a mim todos os que estais... (v. 28): A maioria rejeitava as palavras de Cristo. Mas entre a multidão havia alguns que anelavam a Sua misericórdia. Na narrativa, como registrada no capítulo sete de Lucas, é claro que o episódio, da pecadora que ungiu os pés de Jesus, ocorreu logo após Êle fazer êste convite. O apêlo de Cristo tocou profundamente o coração da pecadora e ela foi chorando ao seu Salvador onde achou verdadeiro descanso para a sua alma cansadíssima e sobrecarregada.

Achareis descanso (v. 29): Há algo para fazer: "Vinde a mim." Há algo para tomar: Seu jugo. Há algo para deixar: seu próprio fardo. Há algo para achar: descanso.

Note-se: (1) O melhor descanso é o da alma; é o de fazer a alma habitar em paz. (2) A única maneira, e a maneira certa, para alcançar descanso para a alma, é assentar-se aos pés de Jesus e ouvir Suas palavras. O caminho da obediência é o caminho do descanso.

Dois pintores apresentaram, cada um, um quadro para representar *o descanso*. O primeiro era de um lago, cuja superfície brilhava como espêlho entre as montanhas onde os ventos não perturbavam as águas. O outro quadro representava uma grande cachoeira com fumaça subindo das águas perturbadas ao pé da queda. Ao lado da cachoeira havia uma árvore, e na ponta de um dos galhos, quase ao alcance das águas que caíam via-se um passarinho pousado sôbre seu ninho. O descanso que Cristo dá não é o de um mundo calmo, mas é de perfeita paz em um ambiente de grandes perturbações.

Porque o meu jugo... (v. 30): O jugo (canga de bois) significa: (1) Obediência e submissão. (2) Serviço. (3) Convivência.

A figura refere-se aos bois que se submetem a canga (jugo) do seu dono. A palavra "subjugar" é da mesma figura. Havia o costume nas guerras de o exército vencedor colocar uma canga, ou duas lanças, de maneira que os vencidos tivessem de baixar-se, um por um, para passar por baixo. Assim o exército era "subjugado" e pertencia ao novo reino e ficava sujeito às suas leis e costumes.

O contraste entre o jugo de Cristo e o jugo dos romanos, de então, era indescritível.

O meu fardo é leve (v. 30): O fardo não é mais pesado para o crente fiel no serviço do Mestre, do que as rodas para o automóvel ou as asas para o passarinho.

Capítulo XII

O REI É SENHOR DO SÁBADO

Narra-se neste capítulo como os fariseus deram um grande passo na sua rejeição do Messias. Quando os discípulos, passando nas searas, em um Sábado, comiam do trigo que esfregavam nas mãos, êsses religiosos, cegos à oportunidade de aliviar a fome de seus semelhantes, entraram em amarga polêmica com o Mestre. Nessa altura, em dia de outro Sábado, quando Jesus restabeleceu a mão ressiquida de um homem na sinagoga, os fariseus não só murmuraram e se queixavam, mas começaram a maquinar como tirar-Lhe a vida!

I. PELAS SEARAS NO SÁBADO. 12-1-8.

Vide os comentários sôbre Mar. 2:23-28.

II. O HOMEM DA MÃO RESSEQUIDA. 12:9-13.

Vide os comentários sôbre Mar. 3:1-6.

III. JESUS RETIRA-SE

12:14 Retirando-se, porém, os fariseus conspiravam contra êle, em como lhe tirariam a vida.

15 Mas Jesus, sabendo disto, afastou-se dali. Muitos o acompanharam, e a todos êle curou,

16 Advertindo-lhes, porém, que o não expusessem à publicidade;

17 Para se cumprir o que foi dito por intermédio do profeta Isaías:

18 Eis aqui o meu servo, que escolhi, o meu amado, em quem a minha alma se compraz. Farei re-

pousar sôbre êle o meu Espírito, e êle anunciará juízo aos gentios.

19 Não contenderá, nem gritará, nem alguém ouvirá nas praças a sua voz.

20 Não esmagará a cana quebrada, nem apagará a torcida que fumega, até que faça vencedor o juízo.

21 E no seu nome esperarão os gentios.

Conspiravam contra êle como lhe tirariam a vida (v. 14): Tramaram para tirar a vida da Fonte de tôda a vida! Vendo que não podiam responder, com razão, aos argumentos de Jesus, decidiram responder por violência. Não existe nada mais duro do que a "religião", se lhe faltar o amor de Deus. Os fariseus eram zelosos em tudo que pertencia ao formalismo de guardar o Sábado mas, ao mesmo tempo, planejavam destruir a Pessoa mais santa de todo o mundo.

Mas Jesus, sabendo disto, afastou-se dali (v. 15): Jesus não temia a morte, mas, ao mesmo tempo não a buscava. Veio dar a Sua vida em resgate por muitos, mas não anelava mòrbidamente a morte. Aquêle que recusou a sugestão de lançar-se do pináculo do templo abaixo não entrou precipitadamente em lugares de perigo. Sabia que não havia possibilidade de morrer antes de completar a Sua obra, mas nunca tentou a Seu Pai.

Em quem a minha alma se compraz (v. 18): Compare Mat. 3:17; 17:5.

Farei repousar sôbre êle o meu Espírito (v. 18): Compare Isa. 11:1-4. Jesus foi concebido pelo Espírito Santo (Luc. 1:35); ungido pelo Espírito para Seu ministério público (Mat. 3:16; Atos 10:38); fêz a expiação do nosso pecado na cruz pelo Espírito (Heb. 9:14); foi ressuscitado da morte pelo Espírito (Rom. 1:4); e finalmente, apesar de estar no céu, continua Sua obra na terra, derramando sôbre Seus discípulos o Espírito Santo (Atos 2:33).

Nem alguém ouvirá nas praças a sua voz (v. 19): Isso não é contra a pregação ao ar livre, mas quer dizer que o Messias não levantaria alvorôço.

... a cana quebrada... a torcida que fumega... (v. 20): Jesus tratava ternamente aos fracos e desalentados. Não desprezava a fé, nem a piedade, por serem poucas; se não eram mais que uma faisca, abanava-as para que se tornassem em chamas.

Até que faça vencedor e juízo (v. 20): Seu ministério continuará até inaugurar o Seu reino.

IV. CURA DE UM ENDEMONINHADO CEGO E MUDO. 12:22-32.

Vide os comentários sôbre Mar. 3:20-30.

V. ÁRVORES E SEUS FRUTOS. 12:33-37.

Vide os comentários sôbre Mat. 7:15-23.

VI. O SINAL DE JONAS. 12:38-45.

Vide os comentários sôbre Luc. 11:29-32.

VII. A FAMÍLIA DE JESUS REJEITA-O. 12:46-50.

Na última narrativa dêste capítulo vê-se como a própria família do Messias O rejeitou. Compare Mar. 3:20-35.

Vide comentários sôbre Mar. 3:31-35.

Capítulo XIII

AS PARÁBOLAS DO REINO

Êste é o terceiro dos cinco sermões registrados por Mateus; o primeiro nos capítulos 5 a 7, o segundo no capítulo 10, o quarto no capítulo 23 e o quinto nos capítulos 24 e 25. Cristo, no decurso do terceiro dêsses sermões, para expôr-lhes "os mistérios do reino dos céus" (v. 11), profere sete parábolas, as quais têm ligação uma a outra, referindo-se ao período de tempo entre a Sua rejeição pela nação e Sua volta para inaugurar o reino. Que é um sermão contínuo, e não apenas uma coleção de parábolas, é evidente tanto nos vs. 1 a 3 como no v. 53. Nota-se como cada uma, senão a primeira, inicia-se com a frase: "O reino dos céus é semelhante..." Alguns comentadores acham oito parábolas neste sermão, não sòmente sete, fazendo a lista da seguinte maneira: (1) A parábola do semeador, vs. 1-23. (2) A do joio, vs. 24-30 e 36 a 43. (3) A do grão de mostarda, vs. 31, 32. (4) A do fermento, vs. 33-35. (5) A do tesouro escondido, v. 44. (6) A da pérola, vs. 45, 46. (7) A da rêde, vs. 47-50. (8) A do pai de família, vs. 51, 52.

I. A PARÁBOLA DO SEMEADOR

13:1 Naquelle mesmo dia, saindo Jesus de casa, assentou-se à beira-mar;

2 E grandes multidões se reuniram perto dêle, de modo que entrou num barco e se assentou; e tôda a multidão estava em pé na praia.

3 E de muitas cousas lhes falou por parábolas, e dizia: Eis que o semeador saiu a semear.

4 E, ao semear, uma parte caiu à beira do caminho, e, vindo as aves a comeram.

5 Outra parte caiu em solo rochoso onde a terra era pouca, e logo nasceu, visto não ser profunda a terra.

6 Saindo, porém, o sol a queimou; e porque não tinha raiz, secou-se.

7 Outra caiu entre os espinhos, e os espinhos cresceram e a sufocaram.

8 Outra, enfim, caiu em boa terra, e deu fruto: a cem, a sessenta e a trinta por um.

9 Quem tem ouvidos, ouça.

10 Então se aproximaram os discípulos, e lhe perguntaram: Por que lhes falas por parábolas?

11 Ao que respondeu: Porque a vós outros é dado conhecer os mistérios do reino dos céus, mas àqueles não lhes é isso concedido.

12 Pois ao que tem se lhe dará, e terá em abundância; mas, ao que não tem, até o que tem lhe será tirado.

13 Por isso lhes falo por parábolas; porque, vendo, não vêem; e, ouvindo, não ouvem nem entendem.

14 De sorte que nêles se cumpre a profecia de Isaías:

> Ouvireis com os ouvidos, e de nenhum modo entendereis; vereis com os olhos e de nenhum modo percebereis.
>
> 15 Porque o coração dêste povo está endurecido, de mau grado ouviram com os seus ouvidos, e fecharam os seus olhos; para não suceder que vejam com os olhos, ouçam com os ouvidos, entendam com o coração, se convertam e sejam por mim curados.
>
> 16 Bem-aventurados, porém, os vossos olhos, porque vêem; e os vossos ouvidos porque ouvem.

17 Pois em verdade vos digo que muitos profetas e justos desejaram ver o que vêdes, e não viram; e ouvir o que ouvis, e não ouviram.

18 Atendei vós, pois, a parábola do semeador.

19 A todos os que ouvem a palavra do reino, e não a compreendem, vem o maligno e arrebata o que lhes foi semeado no coração. Êste é o que foi semeado à beira do caminho.

20 O que foi semeado em solo rochoso, êsse é o que ouve a palavra e a recebe logo, com alegria;

21 Mas não tem raiz em si mesmo, sendo antes de

pouca duração; em lhe chegando a angústia ou a perseguição por causa da palavra, logo se escandaliza.

22 O que foi semeado entre os espinhos é o que ouve a palavra, porém os cuidados do mundo e a fascinação das riquezas sufocam a palavra, e fica infrutífera.

23 Mas o que foi semeado em boa terra é o que ouve a palavra e a compreende; êste frutifica, e produz a cem, a sessenta e a trinta por um.

Naquele mesmo dia (v. 1): Cristo pregou êste sermão no mesmo dia que rompeu o amargo antagonismo na ocasião da cura narrada no capítulo 12. Diz-se: "Naquele mesmo dia, saindo Jesus de casa, assentou-se à baira mar; e grandes multidões se reuniram..." Pode-se, também, dizer: Naquele mesmo dia, saindo Jesus *da casa do judaismo,* assentou-se à beira *do mar da humanidade agitada e desassossegada*. Havia rompimento permanente com as autoridades religiosas. Vide Mat. 12:14.

Note-se como Josus cumpria incansàvelmente a sublime e indispensável obra dAquêle que O enviara, falando ao povo durante o dia inteiro; deixou-nos o exemplo de não sòmente falar a Mensagem ao fim do dia, mas, também, pela manhã. "Pela manhã semeia a tua semente, e à tarde não retires a tua mão." Ecc. 11:6.

Entrou num barco... (v. 2): O Mestre pregou ao ar livre, usando um barco, encostado em terra, como Seu púlpito. Merecia os mais espaçosos, os mias majestosos, os mais opulentos edifícios do país para divulgar Sua Mensagem. Prepararam um púlpito de madeira para Esdras (Neem. 8:4); mas para Aquêle que não tinha onde reclinar a cabeça, não Lhe prepararam coisa alguma.

Acêrca da parábola do semeador vide os comentários sôbre Mar. 4:1-20.

Os mistérios do reino dos céus (v. 11): Uma parte das parábolas foi proferida às multidões; a outra parte, aos discípulos. Mas tôdas, com as explicações, perfazem um só discurso. V. 53. O método do Mestre en-

sinar por parábolas era novo. Compare v. 10. As coisas que ensinou eram, também, novas; eram "mistérios", ou sejam, segrêdos, até então não revelados, acêrca do reino dos céus. Enfatiza-se isso novamente nos vs. 34 e 35: "Abrirei em parábolas a minha bôca; publicarei cousas ocultas desde a criação." Nesse tempo de crise trágica, quando Israel O rejeitou definitivamente (Mat. 12:14), Cristo surpreendeu grandemente a todos, descobrindo certos fatos acêrca do reino de Deus, até então inteiramente escondidos a todos os homens; descobriu a forma inesperada que o reino ia assumir durante o período da ausência e rejeição do Rei. Nessas parábolas vêem-se a fase e as peculiaridades do reino, como patenteadas na Igreja; acêrca das quais o Velho Testamento não revela coisa alguma.

II. A PARÁBOLA DO JOIO

13:24 Outra parábola lhes propôs, dizendo: O reino dos céus é semelhante a um homem que semeou boa semente no seu campo;
25 Mas, enquanto os homens dormiam, veio o inimigo dêle, semeou o joio no meio do trigo, e retirou-se.
26 E, quando a erva cresceu e produziu fruto, apareceu também o joio.
27 Então, vindo os servos do dono da casa, lhe disseram: Senhor, não semeaste boa semente no teu campo? Donde vem, pois, o joio?
28 Êle, porém, lhes respondeu: Um inimigo fêz isso. Mas os servos lhe perguntaram: Queres que vamos e arranquemos o joio?
29 Não! replicou êle, para que, ao separar o joio, não arranqueis também com êle o trigo.
30 Deixai-os crescer juntos até à colheita, e, no tempo da colheita, direi aos ceifeiros: Ajuntai primeiro o joio, atai-o em feixes para ser queimado; mas o trigo, recolhei-o no meu celeiro.

Duas das parábolas estão interpretadas detalhadamente; a do semeador e a do joio. A parábola da rêde, também, tem uma curta explicação. Apesar de qualquer dúvida sôbre o sentido das demais parábolas, po-

demos firmar-nos sôbre a rocha, revelada nas parábolas interpretadas. Não devemos explicar as parábolas não interpretadas de tal maneira a contradizer a interpretação que Cristo deu às outras.

A interpretação da parábola do semeador destaca a verdade que o reino será propagado pela pregação da Palavra. Luc. 8:11. Ensina, também, que essa "sementeira" produzirá sòmente uma safra limitada e parcial no mundo. De quatro qualidades de solo, sòmente uma é "bom", apenas uma qualidade recebe a semente e produz fruto.

Na parábola do joio, mesmo depois da semente entrar no solo e nascer, o inimigo semeia joio entre o trigo, o qual se assemelha ao trigo ao ponto de mesmo os anjos não poderem separar um do outro. Vs. 36-43. Os dois devem permanecer juntos até "a ceifa", no fim desta época. O reino de Deus, na sua presente fase, nunca ficará livre dessa mistura dos filhos do Maligno. Será sòmente no fim do mundo (fim da presente época) que o Filho do homem mandará os Seus anjos separarem o trigo do joio, ajuntando o joio em feixes para o queimar e recolhendo o trigo no Seu celeiro. Vs. 41, 42. O mesmo ponto está destacado por meio de outras figuras na parábola da rêde. Vs. 47-50.

III. A PARÁBOLA DO GRÃO DE MOSTARDA

> 13:31 Outra parábola lhes propôs, dizendo: O reino dos céus é semelhante a um grão de mostarda, que um homem tomou e plantou no seu campo;
> 32 O qual é, na verdade, a menor de tôdas as sementes, e, crescida, é maior do que as hortaliças, e se faz árvore, de modo que as aves do céu vêm aninhar-se nos seus ramos.

Entre os comentadores há três explicações desta parábola:

1) A Igreja crescerá até ser um vasto poder mundial, até abranger tôda humanidade. Essa interpretação contradiz tanto as lições das duas parábolas interpre-

tadas como outras Escrituras. A Palavra de Deus não prediz tal êxito para a verdadeira Igreja durante a presente época. Os últimos dias serão os piores. Luc. 18:8; II Tim. 3:1; ... Ainda mais durante cêrca de dezenove séculos a Igreja, em proporção ao aumento da população do mundo, não é maior do que no tempo dos apóstolos.

2) A igreja sofrerá de um crescimento falso e espúrio, tornando-se um poderio mundial — como se vê no desenvolvimento da Igreja Romana. As "aves", as quais, na primeira parábola representam os emissários de Satanás, então se refugiarão nos ramos da ilegítima igreja. Mas a parábola não dá a entender que o crescimento do grão de mostarda, até ser uma árvore, é anormal, nem que representa crescimento desagradável a Deus. Não há certeza que as "aves" na parábola do semeador significam o mesmo que na parábola do grão de mostarda. De fato, houve um crescimento anormal e falso na história da igreja que professa ser de Cristo; mas não há prova de Cristo querer ensinar tal coisa nessa parábola.

3) A terceira sugestão, a qual parece mais razoável, e que concorda fielmente com as Escrituras, é que, de um início insignificante e fraco, tal como a Igreja sempre foi e será até a volta de Jesus, resultará, na Sua volta, um glorioso reino em tôda a terra. Compare o simbolismo de Dan. 4:10-12; 20-22; também o de Exeq. 31:3-6.

IV. A PARÁBOLA DO FERMENTO

13:33 Disse-lhes outra parábola: O reino dos céus é semelhante ao fermento que uma mulher tomou e escondeu em três medidas de farinha, até ficar tudo levedado.

34 Tôdas estas cousas disse Jesus às multidões por parábolas, e sem parábolas nada lhes dizia;

35 Para que se cumprisse o que foi dito por intermédio do profeta:

> Abrirei em parábolas a minha bôca; publicarei cousas ocultas desde a criação.

Acêrca da interpretação desta parábola, há também uma divergência:

1) A influência do Evangelho, pregado pela Igreja no meio do mundo, espalhar-se-á e penetrará em todo o mundo, como a levedura, até todo o mundo se converter a Cristo.

Tal exposição contradiz tanto a explicação das duas primeiras parábolas como muitas outras predições da corrupção dos últimos dias antes de Cristo voltar. A segunda explicação, a qual se segue, parece-nos mais certa:

2) Fermento é sempre um símbolo de corrupção. Mar. 8:15; I Cor. 5:6-8; Gál. 5:9; ... A farinha representa o alimento das crianças, ou a Igreja dos verdadeiros crentes. A mulher é a falsa igreja e que introduz os ensinamentos até tudo ficar contaminado.

V. EXPLICAÇÃO DA PARÁBOLA DO JOIO. 13:36-43.

Vide os comentários sôbre os vs. 24-30.

VI. AS PARÁBOLAS DO TESOURO ESCONDIDO E DA PÉROLA DE GRANDE VALOR

> 13:44 O reino dos céus é semelhante a um tesouro oculto no campo, o qual certo homem, tendo-o achado, escondeu. E, transbordante de alegria, vai vendo tudo o que tem, e compra aquêle campo.
> 45 O reino dos céus é também semelhante a um negociante que procura boas pérolas;
> 46 E tendo achado uma pérola de grande valor, vendeu tudo o que possuía, e a comprou.

Alguns comentadores pensam que é o pecador que (por *acaso* em uma parábola e *procurando* na outra) encontra o tesouro e a pérola. Em tal interpretação "o tesouro" representa a "salvação" ou "o reino" e a

"pérola", o Senhor Jesus Cristo — "por amor do Qual", disse Paulo, "perdi tôdas as coisas e as considero como refugo, para ganhar a Cristo". Fil. 3:8.

Ao mesmo tempo, para outros comentadores, tanto aquêle que encontra o tesouro, como aquêle que acha a pérola, é Cristo. O tesouro no campo é Seu povo, no sentido de ficar escondido no mundo, como em João 10:16 e Atos 18:9, 10. Para ajuntar essas pessoas para Si, Êle comprou todo o mundo. A pérola é a Igreja, a qual o Senhor amou e comprou com Seu próprio sangue. Tal interpretação é mais fiel ao contexto das parábolas.

VII. A PARÁBOLA DA RÊDE

> 13:47 O reino dos céus é ainda semelhante a uma rêde que, lançada ao mar, recolhe peixes de tôda espécie.
> 48 E, quando já está cheia, os pescadores arrastam-na para a praia e, assentados, escolhem os bons para os cêstos, e os ruins deitam fora.
> 49 Assim será na consumação do século: Sairão os anjos e separarão os maus dentre os justos,
> 50 E os lançarão na fornalha acesa; ali haverá chôro e ranger de dentes.

Os homens experimentaram por longo tempo, mas em vão, exterminar o mal da terra. Entrementes as mãos poderosìssimas dos anjos estão puxando a rêde que recolhe "tôda a espécie" para a praia da eternidade onde "os anjos separarão os maus dentre os justos, e os lançarão na fornalha acesa; ali haverá chôro e ranger de dentes". Os maus se enganam pensando que estão escapando das malhas dessa rêde, mas quem poderá avaliar o desespêro dêles quando a rêde, por fim, os arrastar para a praia da eternidade?! Será então que haverá "chôro e ranger de dentes."

VIII. JESUS É REJEITADO EM NAZARÉ. 13:54-58.

Vide os comentários sôbre Mar. 6:1-6.

Capítulo XIV

A RETIRADA DO REI

Mateus, nesta altura, narra a história do martírio de João Batista, ocorrência já passada, para acentuar a rejeição do Messias e a sua retirada. É significativo que se finda a narrativa da morte de João com as palavras: "Jesus, ouvindo isto, retirou-se dali..." V. 13.

I. DEGOLAÇÃO DE JOÃO BATISTA. 14-1-12.

Êste ato de Herodes destaca o perigo de brincar com a consciência. Em Herodias vê-se o poder mortífero da vingança. O caráter tanto de Herodias como de Herodes fazem brilhar ainda mais intensamente a grandeza moral de João Batista.

Acêrca de Herodes vide os comentários sôbre Mat. 2:1.

Acêrca do martírio de João Batista vide os comentários sôbre Mar. 6:14-29.

II. PRIMEIRA MULTIPLICAÇÃO DOS PÃES. 14: 13-21.

Vide os comentários sôbre João 6:1-13.

III. JESUS ANDA POR SÔBRE AS ONDAS

14:22 Logo a seguir, compeliu Jesus os discípulos a embarcar e passar adiante dêle para o outro lado, enquanto êle despedia as multidões.

23 E, despedidas as multidões, subiu ao monte, a fim de orar sòzinho. Em caindo a tarde, lá estava êle, só.

24 Entretanto, o barco já estava longe, a muitos estádios da terra, açoitado pelas ondas; porque o vento era contrário.

25 Na quarta vigília da noite, foi Jesus ter com êles, andando por sôbre o mar.

26 E os discípulos, ao verem-no andando sôbre as águas, ficaram aterrados, e exclamaram: É um fantasma! E, tomados de mêdo, gritaram.

27 Mas Jesus imediatamente lhes falou: Tende bom ânimo! sou eu. Não temais!

28 Respondendo-lhe Pedro, disse: Se és tu, Senhor, manda-me ir ter contigo, por sôbre as águas.

29 E êle disse: Vem! E Pedro, descendo do barco, andou por sôbre as águas e foi ter com Jesus.

30 Reparando, porém, na fôrça do vento, teve mêdo; e, começando a submergir, gritou: Salva-me, Senhor!

31 E, prontamente, Jesus, estendo a mão, tomou-o e lhe disse: Homem de pequena fé, por que duvidaste?

32 Subindo ambos para o barco, cessou o vento.

33 E os que estavam no barco o adoraram, dizendo: Verdadeiramente és Filho de Deus!

O mar da Galiléia é mais pròpriamente um lago de água doce, com comprimento de cêrca de 13 km e com largura de 10 km. É um dos lagos mais lindos do mundo; jaz a 200 metros a baixo do nível do mar, enquanto o monte Hermon, toucado de neve perpétua, ergue-se da margem norte do lago. Dos altos em redor, desencadeam-se repentinamente grandes tempestades que varrem a superfície do mar da Galiléia.

Se és tu, Senhor, manda-me ir ter contigo (v. 28): Foi o amor de Pedro para com Jesus, o desejo do discípulo estar ao lado do Mestre, que o levou a fazer êsse pedido. Os que realmente amam a Cristo vencem águas, fogo, ou quaisquer outros obstáculos para estarem ao Seu lado; vencem pela fé todos os impedimentos.

E êle disse: Vem! (v. 29): Quando os fariseus pediram um sinal (Mat. 12:38), foi com o plano de tentar a Cristo, e o pedido não foi concedido. Mas Pedro pediu sinceramente e Cristo o concedeu.

Pedro... andou por sôbre as águas... (v. 29): O convite do Evangelho é: "Vem!" Os que respondem com fé andam por sôbre tôdas as dificuldades, "impossibilidades", tristezas e outros contratempos da vida.

Reparando, porém, na fôrça do vento... (v. 30): É quando tiramos os olhos de Jesus, para fitar as ondas de perigo, de embaraços, de perseguição, de defeitos no próximo, que começamos a enfraquecer em cumprir os deveres dos filhos de Deus.

Teve mêdo (v. 30): A maior fé está misturada com dúvidas. Os que dizem: "Senhor, creio"; têm de clamar, também: "Senhor ajuda a minha incredulidade!" Pedro mostrou-se muito firme no início, mas depois lhe falhou o coração. Ao prolongar a provação, descobre-se a fraqueza da fé.

Começando a submergir, gritou... (v. 30): Pedro na sua aflição recorreu ao remédio provado desde a antiguidade, a oração; "gritou: Salva-me Senhor!"

Prontamente, Jesus, estendendo a mão, tomou-o... (v. 31): A mão de Cristo permanece estendida para evitar que afundemos. Sal. 34:4.

Por que duvidaste (v. 31): Não foi orgulho, nem presunção, que induziu Pedro a andar por sôbre as águas do bravo mar, mas foi fé viva na palavra e no exemplo do Senhor. Não foi reprovado por seu pedido mas por não continuar a confiar no poder de Deus.

IV. JESUS EM GENESARÉ

14:34 Então, estando já na outra banda, chegaram a terra, em Genesaré.

35 Reconhecendo-o os homens daquela terra, mandaram avisar a tôda a circunvizinhança, e trouexram-lhe todos os enfermos;

36 E lhe rogavam que ao menos pudessem tocar na orla da sua veste. E todos os que tocaram, ficaram sãos.

Cristo, com Seus discípulos, ao aportarem no outro lado do mar da Galiléia, na terra de Genesaré, continuou a Sua obra, curando os doentes em grande escala. Como diz em Atos 10:38: "Andou por tôda parte, fazendo o bem e curando a todos." Vide, também, os comentários sôbre Mat. 19:2.

Capítulo XV

A RETIRADA DO REI (Con.)

Para compreender os capítulos 14, 15 e 16, deve-se notar como a oposição continua com crescente diplomacia, estratagema e astúcia, da parte dos escribas e fariseus, os quais estão determinados a derrubar Aquêle que está levando as massas consigo.

I. DISCURSO SÔBRE RELIGIÃO DE CORAÇÃO. 15:1-20.

Os escribas e fariseus, apesar de ocuparem a cadeira de Moisés (Mat. 23:2) na Cidade Santa, sòmente fingiam zêlo em honrar as leis de Moisés; em vez de dedicarem-se para alimentar o povo espiritualmente, interessavam-se na glória dos homens e na sórdida ganância. Vendo como as massas afluíam a Cristo, e não querendo perder o seu prestígio, resolveram, na sua cegueira, exterminar a Jesus. Mat. 12:14. Assim, no tempo da narrativa dêste capítulo (15), os escribas e fariseus enviaram uma deputação escolhida, de Jerusalém a Genesaré, para executar um plano formulado para enredar a Jesus em uma questão sôbre o rito cerimonial de lavar as mãos.

Vide os comentários sôbre Mar. 7:1-23.

II. A MULHER CANANÉIA

15:21 Partindo Jesus dali, retirou-se para os lados de Tiro e Sidônia.

22 E eis que uma mulher cananéia, que viera daquelas regiões, clamava: Senhor, Filho de Davi, tem

compaixão de mim! Minha filha está horrìvelmente endemoninhada.

23 Êle, porém, não lhe respondeu palavra. E os seus discípulos, aproximando-se, rogaram-lhe: Despede-a, pois vem chorando atrás de nós.

24 Mas Jesus respondeu: Não fui enviado senão às ovelhas perdidas da casa de Israel.

25 Ela, porém, veio e o adorou, dizendo: Senhor, socorre-me!

26 Então êle, respondendo, disse: Não é bom tomar o pão dos filhos e lançá-lo aos cachorrinhos.

27 Ela, contudo, replicou: Sim, Senhor, porquanto os cachorrinhos comem das migalhas que caem da mesa dos seus donos.

28 Então lhe disse Jesus: Ó mulher, grande é a tua fé! Faça-se contigo como queres. E desde aquêle momento sua filha ficou sã.

Mateus destaca quatro ocasiões em que Jesus "retirou-se". E cada vez que *se retirou,* afastou-se mais longe de Jerusalém, a "cidade do grande Rei", a cidade que devia ser "a Sua própria cidade". Cada vez que *se retirou,* deu a entender que as bênçãos do Seu ministério seriam para os gentios.

A primeira retirada. Jesus, ao saber do grave desacato de encarcerar Seu precursor, homem cheio do Espírito Santo, desde o nascimento, *retirou-se* para a Galiléia. Rejeitado aí, na cidade onde se criara (Luc. 4:16-31), fez de Cafarnaum a sede de Sua obra. Note-se a referência da mistura de gentios entre o povo dêsse lugar. Mat. 4:15, 16.

A segunda retirada. Quando os fariseus resolveram destrui-Lo, depois de curar o homem da mão ressequida. Mat. 12:14. Não sabemos para onde se retirou, mas faz-se menção novamente aos gentios. Mat. 12:18-21.

A terceira retirada. Quando os discípulos de João informaram-nO do assassínio do seu mestre, Jesus *retirou-se* para um lugar deserto além do mar da Galiléia, para uma região além do Jordão. Mat. 14:13.

A quarta retirada. Mat. 15:21. Depois do duro choque com os escribas e fariseus, Jesus retirou-se para um lugar inteiramente fora do território de Israel, para as partes de Tiro e Sidônia. Novamente se vê como era grave a rejeição pelos judeus; uma mulher cananéia, uma gentia, recebe a bênção, até então reservada para Seu povo. Verdadeiramente, por causa da queda dos judeus veio a salvação aos gentios. A narrativa de Mateus muda-se do ambiente dos primeiros capítulos em que salienta o estabelecimento do reino na terra, para a gloriosa luz da dispensação da Igreja. Ao mesmo tempo o Rei começa a revelar Seu grande plano acêrca da Igreja.

Acêrca da mulher cananéia, vide os comentários sôbre Mar. 7:24-30.

III. JESUS CURA ENFERMOS EM DECÁPOLIS

15:29 Partindo Jesus dali, foi para junto do mar da Galiléia; e, subindo ao monte, assentou-se ali.

30 E vieram a êle muitas multidões trazendo consigo coxos, aleijados, cegos, mudos, e outros muitos, e os largaram junto aos pés de Jesus; e êle os curou.

31 De modo que o povo se maravilhou ao ver que os mudos falavam, os aleijados recobravam saúde, os coxos andavam e os cegos viam. Então glorificavam ao Deus de Israel.

Partindo Jesus dali, foi para junto do mar da Galiléia (v. 29): Depois da cura da cananéia (vs. 21-28), Cristo partiu das terras de Tiro; fazendo grande volta, atravessou o território de Decápolis (Mar. 7:31), até chegar ao mar da Galiléia. Assim ficou além do Jordão e fora do território de Israel, onde a maioria do povo era de gentios. Como andava curando os enfermos em tôda a parte do Seu próprio país, assim curou tôdas as qualidades de doenças entre as multidões além das fronteiras de Israel.

Acêrca do ministério em que Jesus cura, vide os comentários sôbre Mat. 19:2.

IV. A SEGUNDA MULTIPLICAÇÃO DOS PÃES. 15: 32-39.

Não muito antes disto, Jesus alimentara cinco mil homens dentro do território de Israel; no tempo desta narrativa, movido de compaixão pela multidão no deserto, sem nada para comer, alimentou "quatro mil homens, além de mulheres e crianças."

Vide os comentários sôbre Mar. 8:1-10.

Capítulo XVI

O REI ANUNCIA A SUA MORTE

Foi vedado aos olhos, não sòmente do povo, mas também dos próprios discípulos, que o Messias "padecesse e ao terceiro dia ressuscitasse da morte". Luc. 24:25, 26, 44, 46; Sal. 22; Isa. 50:6; 53:2; Atos 17:3; ... Até esta altura na narrativa de Mateus, Jesus tratava com o povo, mas "desde êsse tempo" (v. 21) começou a mostrar aos discípulos que seria morto e ressuscitaria ao terceiro dia. Desde a ocasião em que Pedro, em Cesaréia de Filipos, confessou-o o Cristo, o Filho do Deus vivo, Jesus não se dirigiu, na maior parte, às multidões, mas aos discípulos.

O capítulo dezesseis de Mateus é um dos principais da Bíblia, não sòmente porque recorda a grande crise e a grande mudança no ministério de Jesus, mas porque é neste capítulo que se menciona, por nome e pela primeira vez na Bíblia, a Igreja de Deus.

I. O FERMENTO DOS FARISEUS. 16:1-12.

Vide os comentários sôbre Mar. 8:11-21.

II. A CONFISSÃO DE PEDRO

16:13 Indo Jesus para as bandas de Cesaréia de Filipe, perguntou a seus discípulos: Quem diz o povo ser o Filho do homem?

14 E êles responderam: Uns dizem: João Batista; outros: Elias; e outros: Jeremias, ou algum dos profetas.

15 Mas vós, continuou êle, quem dizeis que eu sou?

16 Respondendo Simão Pedro, disse: Tu és o Cristo, o Filho do Deus vivo.

17 Então Jesus lhe afirmou: Bem-aventurado és, Simão Barjonas, porque não foi carne e sangue quem to revelou, mas meu Pai que está nos céus.

18 Também eu te digo que tu és Pedro, e sôbre esta pedra edificarei a minha igreja, e as portas do hades não prevalecerão contra ela.

19 Dar-te-ei as chaves do reino dos céus: o que ligares na terra, terá sido ligado nos céus; e o que desligares na terra, terá sido desligado nos céus.

20 Então advertiu os discípulos de que a ninguém dissessem ser êle o Cristo.

É sôbre a interpretação romana desta Escritura que descansa todo o edifício do papismo" O maior conflito da cristandade ruge sôbre o sentido dessa passagem. Convém, portanto, aproximar-nos dêsses versículos com reverência e temor. É essencial não deixar a fumaça da batalha vedar-nos os olhos do coração para não percebermos as verdades escondidas aos que têm o espírito de discutir.

Grande é o contraste entre a bela confissão de Pedro: "Tu és o Cristo, o Filho do Deus vivo", e a sua triste negação depois: "Não conheço êsse homem." Mat. 26:69-75. Na sua confissão, revela-se a graça de Deus: "Não foi carne e sangue quem to revelou, mas meu Pai que está nos céus". Na sua negação, vê-se a fraqueza da carne.

Cesaréia de Felipe (v. 13): Felipe, filho de Herodes o Grande, depois de reformar e tornar famosa a cidade Panium, deu-lhe o nome de Cesaréia, em honra ao imperador. Para distingui-lo da outra Cesaréia (Atos 10:1), no litoral do Mediterrâneo, acrescentou seu próprio nome, chamando-a Cesaréia de Felipe.

Para as bandas de Cesaréia de Felipe (v. 13): Foi para essa região, no extremo norte do país e quase fora da Terra da Promissão, que Cristo se retirou do meio de Seus inimigos, com os Seus discípulos, para passar um tempo de meditação e comunhão, antes de inaugu-

rar outra etapa do Seu ministério. Como em tôda a crise não ousava avançar sem passar tempo em oração. Luc. 9:18. Retirou-se para o "esconderijo do Altíssimo" onde derramou a Sua alma "com forte clamor e lágrimas, em oração e súplicas". Heb. 5:7.

Quem diz o povo ser o Filho do homem? (v. 13): Jesus, que sabe o que está no coração dos homens (João 2:25), assim perguntou a Seus discípulos, porque queria firmá-los na fé, nesse tempo de grande crise. Havia o mesmo anelo e carinho na Sua voz, como quando perguntou depois: "Há tanto tempo estou convosco, e não me tens conhecido"? João 14:9.

A pergunta das perguntas é: "Quem dizes ser o Filho do homem?" Na resposta certa dessa pergunta, encontra-se a única solução satisfatória para nossos muitos e variados problemas. Vide João 8:24.

Êles responderam: Uns... (v. 14): É notável que esta resposta dos discípulos é justamente a resposta do mundo atual: "Jesus era um homem, o melhor dos homens, um homem que falou por Deus, contudo, era apenas um homem". Tal resposta não foi aceita por Cristo, nem é aceita hoje.

Mas vós... (v. 15): Cristo não entrou no argumento dêles, nem considerou os méritos dessas opiniões, nem falou nos seus deméritos; o nosso Exemplo desviou-se completamente da polémica para encarar sèriamente a verdade mais prática e vital de tôdas.

Respondendo Simão Pedro... (v. 16): Como de costume, Pedro é quem fala em nome de seus companheiros (Mat. 15:15; 19:27; Mar. 11:21; Luc. 12:41; João 6:68), mas falou dos sentimentos dos demais apóstolos, senão de Judas. Compare v. 20.

Tu és o Cristo, o Filho do Deus vivo (v. 16): Jesus não era um dos profetas, era o Profeta (Atos 3:22); era o Cristo, o "ungido", isto é, revestido do Espírito Santo e poder (Mat. 3:16) para andar em tôda a parte, fazendo o bem e curando a todos. Atos 10:38.

Os apóstolos, no início, reconheceram-nO como o Messias (João 1:33, 34, 41), mas Seu ministério tornou-se, depois, um enigma para o próprio João Batista (Mat. 11:3) e muitos dos discípulos haviam-se retirado. João 6:66, 67.

Note-se a certeza de Simão Pedro, pescador humilde, ensinado e iluminado pelo Espírito Santo. Conhecia o Filho de Deus em tôda a realidade, enquanto os grandes e os doutos da nação de Israel, ensinados pelo mundo, não O reconheceram.

O Filho do Deus vivo (v. 16): A crença dos doze não era uma convicção morta em um Deus que não vivia, que não agia mais — como é popular em muitas igrejas — mas uma crença viva no *Deus vivo*.

Jesus lhe afirmou: Bem-aventurado... (v. 17): A maior das bem-aventuranças, isto é, felicidades, é a de conhecer a Jesus como o Filho do Deus vivo.

Não foi carne e sangue quem to revelou (v. 17): A certeza de Jesus ser o Cristo, o Filho do Deus vivo, não provém da carne aperfeiçoada, nem de nascimento nobre; não é adquirida por meio de quaisquer esforços ou estudos humanos, mas é revelação feita pelo Espírito Santo. A êsse fato Jesus deu ainda mais ênfase, chamando a Pedro, Simão Barjonas, ou seja, Simão filho de Jonas (ou João). Vide João 1:42; 21:15. A grande revelação foi feita a êsse homem antes de êle merecer o nome de Pedro.

Tu és Pedro, e sôbre esta pedra... (v. 18): Sôbre a primazia de Pedro notem-se os seguintes fatos:

1) Os outros apóstolos e os profetas são tantos do fundamento da Igreja como Pedro. Efé. 2:20.

2) O próprio apóstolo Pedro não deixou lugar para um sucessor, mas apenas queria que os homens, depois de êle falecer, se lembrassem das suas palavras. II Ped. 1:13-15.

3) Não foi permitido, nem existiu entre os discípulos de Cristo, tal autoridade, nem tais títulos, nem tais postos, como Roma reclama para sua hierarquia de

papas, cardiais, arcebispos, bispos e sacerdotes. Mat. 20:25-28; 23:8-12.

4) Pedro usou "as chaves", dirigido pelo Espírito Santo, para abrir as portas para Israel (Atos 2) e depois para os gentios (Atos 10), promulgando os imutáveis têrmos de entrada no reino de Deus, segundo o inalterável Evangelho. Judas 3: Gál. 1:8, 9. Essas portas, uma vez abertas, ainda permanecem abertas; não há mais necessidade de autoridade para usar essas "chaves".

5) O próprio apóstolo Pedro nunca reclamou, nem exercitou, tal autoridade, depois do Pentecoste, como Roma outorga para o papa. Parece que Tiago agiu com mais autoridade em Jerusalém, do que Pedro. Atos 15; 21:18; etc. Quando o Evangelho alcançou Samaria, Pedro e João foram enviados lá. Atos 8:14. Pedro não permitiu que alguém o adorasse. Atos 10:25, 26. Pedro aceitou humildemente a repreensão de Paulo. Gál. 2:11. Pedro está mencionado casualmente nos capítulos 5, 8, 9, 10, 11, 12 e 15 de Atos, para não aparecer mais na narrativa. Tudo isso mostra que nunca ocupou tal posto como o Papa reclama. As duas epístolas de Pedro são provas irrefutáveis de êle não ser um papa. Era co-presbítero, não papa. I Ped. 5:1-3; 5:5; ... Era "Simão Pedro, *servo*"! II Ped. 1:1; etc.

Edificarei a minha igreja (v. 18): Esta é a primeira vez que Mateus emprega a palavra *igreja*. Em todos os quatro Evangelhos aparece apenas uma vez mais. Mat. 18:17. Mas nas Epístolas o nome está usado cento e doze vêzes.

As portas do hades não prevalecerão contra ela (v. 18): O hades é a morada dos espíritos dos falecidos. Cristo, ao ressuscitar, venceu o poder da morte. Desde então as chaves da morte e o hades estão na Sua mão. Apoc. 1:18. O poder do hades, portanto, nunca jamais, prevalecerá contra aquêles na Igreja de Cristo. São sujeitos à morte mas como o hades não pôde reter a Cristo, não nos pode reter. I Tes. 4:14.

O que ligares na terra... (v. 19): A mesma autoridade foi concedida logo a todos os discípulos. Mat. 18:18.

Então advertiu os discípulos... (v. 19): Sòmente no Pentecoste foi a Pedro e aos discípulos permitido proclamar os principais pontos do Evangelho. Atos 1:8; 8:4; ...

III. JESUS ANUNCIA A SUA MORTE

16:21 Desde êsse tempo, começou Jesus Cristo a mostrar a seus discípulos que lhe era necessário seguir para Jerusalém e sofrer muitas cousas dos anciãos, dos principais sacerdotes e dos escribas, ser morto e ressuscitado no terceiro dia.

22 E Pedro, chamando-o à parte, começou a reprová-lo, dizendo: Tem compaixão de ti, Senhor; isso de modo algum te acontecerá.

23 Mas Jesus, voltando-se, disse a Pedro: Arreda! Satanás; tu és para mim pedra de tropêço, porque não cogitas das cousas de Deus, e, sim, das dos homens.

Desde êsse tempo começou Jesus Cristo... (v. 21): As duas doutrinas básicas da verdadeira cristandade são: (1) A divindade de Jesus Cristo. (2) A obra expiatória de Jesus Cristo na cruz. Foi em Cesaréia de Felipe, mais ou menos seis meses antes da crucificação, que Cristo levou os discípulos para o maior grau da Sua instrução sôbre Sua divindade; fui aí, também, que "começou Jesus Cristo a mostrar a Seus discípulos que Lhe era necessário... ser morto e ressuscitado no terceiro dia". Antes disso Jesus não aludiu ao assunto; depois, declarou a certeza e a necessidade da Sua morte. Foi na ocasião da palpitante confissão de Pedro perto de Cesaréia de Felipe que Cristo principiou a grande etapa do Seu ministério.

Pedro... começou a reprová-lo... (v. 22): A grande fé e amor que êsse dedicado discípulo mostrara estavam misturados com escória; como a maioria, queria a corôa sem a cruz e a ignomínia.

Arreda! Satanás; ... (v. 23): Jesus não queria dizer que Pedro era realmente satânico, ou perverso; mas Pedro, em insistir que Cristo evitasse a cruz, servia como instrumento nas mãos do Diabo para tentá-Lo. Quantas vêzes acontece que o piedoso pai e a dedicada mãe, as próprias pessoas que semearam fielmente as sementes de fé e obediência no coração do filho, mostram-se inteiramente contra a chamada de Deus para êsse filho entrar em uma vida de grande sacrifício? Há uma coisa mais difícil do que ir pregar o Evangelho; é deixar os nossos queridos irem. Dan Crawford contou como, depois de passar vinte e três anos pregando Cristo nas matas da África, voltou à América. Sem avisar a sua mãe, entrou em casa, onde a encontrou, assentada na sua cadeira de balanço, como seu costume. Sem dizer uma palavra, o missionário caiu de joelhos e deitou a cabeça sôbre os joelhos de sua mãe, como fazia quando era criança. Ali ficaram, ela acariciando os cabelos de seu filho, como fazia nos tempos passados. Passaram assim mais que uma hora antes de conseguirem proferir uma palavra! Aquêles que semeiam, e aquêles que ceifam, receberão igualmente do fruto. Sim, e aquêles que animam os queridos que vão para trabalhar, serão igualmente remunerados.

IV. O DEVER DE LEVAR A PRÓPRIA CRUZ. 16: 24-27.

Vide os comentários sôbre Luc. 9:23-27.

Capítulo XVII

O REI NA SUA FORMOSURA

Jesus dissera, seis dias antes da Sua transfiguração, que alguns então presentes não morreriam antes de vê-Lo *no Seu reino*. Mateus, Marcos e Lucas ligam cuidadosamente essa promessa à narrativa da Sua transfiguração. Concluímos, portanto, que essa cena deslumbrante "no monte santo" (II Ped. 1:18) é uma amostra, um penhor, do reino de Cristo. Na transfiguração foi permitido aos homens um olhar momentâneo para dentro do reino prometido e ver *o Rei na Sua formosura*. Vide Sal. 27:4 e Isa. 33:17.

I. A TRANSFIGURAÇÃO. 17:1-8.

"Há, em miniatura, na cena da transfiguração, todos os elementos que se manifestarão no reino que há de vir: (1) O Senhor, não mais na Sua humilhação, mas em glória. V. 2. (2) Moisés, glorificado, representando os redimidos que passaram pela morte para o reino. Mat. 13:43; compare Luc. 9:30, 31. (3) Elias, glorificado, figurando os redimidos que entraram no reino, sendo trasladados. I Cor. 15:50-53; I Tes. 4: 14-17. (4) Pedro, Tiago e João, não glorificados, representando (na ocasião) Israel na carne dentro do reino futuro .Ezeq. 37:21-27. (5) As multidões, ao pé do monte (v. 14), representam as nações que entrarão no reino depois de inaugurado sôbre Israel. Isa. 11: 10-12, etc." — Scofield.

Acêrca da transfiguração, vide os comentários sôbre Mar. 9:2-8.

II. REAPARECIMENTO DE ELIAS. 17:9-13.

Vide os comentários sôbre Mar. 9:9-13.

III. O MENINO POSSESSO. 17:14-21.

Vide os comentários sôbre Mar. 9:14-29.

IV. JESUS TORNA A PREDIZER SUA PAIXÃO

17:22 Reunidos êles na Galiléia, disse-lhes Jesus: O Filho do homem está para ser entregue nas mãos dos homens;
23 E êstes o matarão; mas no terceiro dia ressuscitará. Então os discípulos se entristeceram grandemente.

Revelara aos discípulos, antes disso, que ia ser morto e ressuscitado. Mas há algumas coisas que Deus tem de dizer duas, três, ou mais vêzes e ainda os homens não as percebem.

Para ser entregue (v. 22): (1) É possível que Jesus referia-se à traição de Judas, evento que previa e o qual aumentou grandemente o cálice de tristeza que ia beber. (2) Ou, é mais provável que o Senhor predizia a entraga de si mesmo, pelos judeus, às mãos das autoridades romanas para ser crucificado. (3) Alguns comentadores pensam que Cristo falava da entrega, pelo Pai, do Filho para a redenção do mundo.

Entristeceram grandemente (v. 23): Apesar de ser tristeza causada por compaixão e amor, era, também, tristeza motivada por incredulidade. Começaram a perceber o que o Mestre queria dizer por "ser morto" mas não por "ser ressuscitado".

V. O ESTATER NA BÔCA DO PEIXE

17:24 Tendo chegado a Cafarnaum, dirigiram-se a Pedro os que cobravam o impôsto das duas dracmas, e perguntaram: Não paga o vosso Mestre as duas dracmas?

25 Sim, respondeu êle. Ao entrar Pedro em casa, Jesus se lhe antecipou, dizendo: Simão, que te parece? de quem cobram os reis da terra tributo ou impôsto? dos seus filhos, ou dos estranhos?

26 Respondendo Pedro: Dos estranhos, Jesus lhe disse: Logo, estão isentos os filhos.

27 Mas, para que não os escandalizemos, vai ao mar, lança o anzol, e o primeiro peixe que subir, tira-o; e, abrindo-lhe a bôca, acharás um estáter. Toma-o, e entrega-lhes por mim e por ti.

Quanto à origem dêsse impôsto anual, vide Êxo. 30:13, 14; II Crôn. 24:6-9. É claro que não foi um impôsto civil, mas apenas um tributo voluntário para prover as despesas do templo. Note-se, como de costume, não havia dinheiro na bolsa de Jesus e os doze. Se Cristo, na Sua onipotência, colocou a moeda na bôca do peixe, ou se, na Sua onisciência, sabia que o dinheiro estava aí, o milagre é igualmente grande.

O ponto principal da lição é: Jesus, porque é o Filho de Deus, não precisava de pagar o impôsto usado para sustentar os cultos na casa de Deus. Vs. 25, 26. Jesus concordou em pagar o tributo sòmente como uma concessão real (v. 27), acentuando isso por meio do milagre.

Capítulo XVIII

OS GRANDES DO REINO DE DEUS

Os capítulos 18, 19 e 20 versam sôbre uma série de discursos de Cristo aos Seus discípulos. No capítulo 17 relata-se como Pedro, Tiago e João viram, no monte da transfiguração, a manifestação da glória que o Rei ia gozar no Seu Reino. Portanto é natural supôr que, nesses dias em que Cristo proferia a série de discursos, os discípulos meditavam e conversavam principalmente sôbre o Reino. Assim, no estudo do capítulo 18 temos de passar das sublimes alturas do capítulo 17 para as lições de Cristo aos Seus discípulos, os quais, na sua carnalidade, cobiçavam os lugares mais elevados do Reino.

I. O MAIOR NO REINO DOS CÉUS. 18:1-14.

Vide os comentários sôbre Mar. 9:33-50.

II. O INDISPENSÁVEL PERDÃO

18:15 Se teu irmão pecar, vai, argüi-lo entre ti e êle só. Se êle te ouvir, ganhaste a teu irmão.
16 Se, porém, não te ouvir, toma ainda contigo uma ou duas pessoas, para que por bôca de duas ou três testemunhas, tôda questão fique decidida.
17 E, se êle não os atender, dize-o à igreja; e, se recusar ouvir também a igreja, considera-o como gentio e publicano.
18 Em verdade vos digo que tudo o que ligardes na terra, terá sido ligado no céu, e tudo o que desligardes na terra, terá sido desligado no céu.
19 Em verdade também vos digo que, se dois dentre vós concordarem sôbre a terra a respeito de qualquer

cousa que porventura pedirem, ser-lhes-á concedida por meu Pai que está nos céus.

20 Porque onde estiverem dois ou três reunidos em meu nome, ali estou no meio dêles.

21 Então Pedro, aproximando-se, lhe perguntou: Senhor, até quantas vêzes meu irmão pecará contra mim, que eu lhe perdoe? Até sete vêzes?

22 Respondeu-lhe Jesus: Não te digo que até sete vêzes, mas até setenta vêzes sete.

Note-se o contexto: Não é, de forma alguma a vontade do Pai celestial que um só pequenino se perca. V. 14. Para que os crentes preencham o lugar de filhos de seu Pai (Mat. 5:44, 45), devem interessar-se em induzir os irmãos, que pecarem, a se arrepender e endireitar a falta. E, em todos os casos, o pecado mais difícil para corrigir é o de um irmão contra nós mesmos. Por essa razão, Cristo indica nesse discurso, três passos necessários em tais casos:

O PRIMEIRO PASSO PARA RESTAURAR UM IRMÃO:

Vai argüi-lo (v. 15): Que os crentes, que pecam, devem ir aos irmãos a quem ofenderam (Mat. 5:23, 24), é uma lição difícil para os carnais. Mas o Mestre, nesse discurso, passou para uma lição ainda mais sublime, para uma admoestação indispensável, baseada sôbre o amor ardente e que nunca se esfria. Os discípulos não sòmente devem endireitar todos os seus pecados mas também restaurar os irmãos que pecam contra êles; devem ir, e nunca esperar até que venham pedir perdão.

Alguns acham que não ficamos obrigados a perdoar aos que não se mostram arrependidos, pedindo perdão — que nem Deus o faz, e devemos perdoar como Deus perdoa. É verdade que não podemos perdoar ao próximo antes de êle se arrepender. Contudo devemos procurar, sinceramente e com amor, conduzir ao arrependimento, os que pecam contra nós. É fácil esquecermo-nos que, mesmo em nosso próprio caso, é a bondade

de Deus, e não a nossa aptidão, que nos conduz ao arrependimento. Rom. 2:4.

Se os crentes observassem as instruções de ambas as Escrituras (Mat. 5:23, 24 e Mat. 18:15), quantas vêzes o que ofende e o que se acha ofendido, encontrariam um ao outro, literalmente, no meio do caminho?! Muitos são os filhos de Deus que perdem as bênçãos dos céus por falta de observar o pedido de Jesus de ir restaurar os que pecam contra êles.

Argüi-lo entre ti e êle só (v. 15): A tentação é grande de falar aos outros acêrca do pecado cometido por um irmão; deve-se ir falar sòmente a êle e particularmente. Só o coração mais endurecido não começará a ceder ao ver tal ato de amor da parte do ofendido.

Ganhaste a teu irmão (v. 15): O alvo de ir ao que pecar contra nós, deve ser de ganhar êsse irmão; nunca deve ser de discipliná-lo, nem de mostrar nosso mérito e ganhar os nossos direitos, mas de ganhar o irmão. O que ganhar um homem para Cristo é mais rico do que quem ganhar todo o ouro do mundo para si.

O SEGUNDO PASSO PARA RESTAURAR UM IRMÃO:

Se, porém, não te ouvir (v. 16): Se não conseguimos levá-lo a arrepender-se de seu pecado, devemos levar um ou dois irmãos conosco. É evidente que um terceiro, um irmão desinteressado, pode resolver melhor o caso. Mas a segunda visita é ainda com o alvo de ganhá-lo. ""Irmãos, se alguém fôr surpreendido nalguma falta, vós, que sois espirituais, restaurai-o, (no grego) com o espírito de brandura." Gál. 6:1. Observe-se, também, que o Espírito Santo acrescenta: "E guarda-te, para que não sejas também tentado."

O TERCEIRO PASSO PARA RESTAURAR UM IRMÃO:

Se êle não os atender, dize-o à igreja (v. 17): O segundo passo, com o espírito que Cristo aconselha,

quase sempre resulta na restauração de quem ofende. Mas se não, "dize-o à igreja". Nisso, o Senhor autoriza a igreja a disciplinar. E se a igreja observar fielmente todos os passos que Êle indica, olhando a Deus para direção, a disciplina será ratificada no céu. V. 18. Mas, mesmo êsse passo da igreja disciplinar é com o alvo de ganhar o irmão. Não é a vontade do Pai que nenhum pequenino se perca. V. 6. Compare I Cor. 5:5. Alguns membros da igreja acordam-se para perceber que realmente estão fora da comunhão de Deus, só depois de a igreja cortá-los.

Se dois... concordarem... ser-lhes-á concedida por meu Pai (v. 19): Um dos grandes motivos para endireitar as contendas entre nós, é que quando concordamos em espírito, Deus ouve as nossas súplicas. Compare "para que não se interrompam as vossas orações." I Ped. 3:7; I João 3:22.

Onde estiverem dois... ali estou no meio dêles (v. 20): Isso quer dizer mais do que a presença espiritual de Cristo nos corações dos crentes. É o Senhor Jesus "no meio", tanto como no coração; é a presença do Cabeça da Igreja. Como é honrada a assembléia mais humilde e como ela é assim habilitada para a obra de evangelizar o mundo!

Até quantas vêzes... (v. 21): O ensinamento dos escribas era: Perdoai ao próximo uma vez; perdoai-lhe duas vêzes; mas se êle cometer a ofensa a terceira vez, não merece mais perdão. Mas a razão, talvez, de Pedro fazer essa pergunta, foi o ensinamento dos versículos 15 a 18; Cristo mesmo falara em perdoar sete vêzes. Vide Luc. 17:4.

Não... até sete vêzes, mas até setenta vêzes sete (v. 22): Alguém pode perguntar: Mas, devemos perdoar sòmente 490 vêzes? É difícil imaginar um caso em que um crente pode perdoar o próximo 490 vêzes antes de ganhar seu amor. Mas a lição é, talvez: Se "sete" é o número completo, então "setenta vêzes sete" deve

ser a plenitude absoluta, sem limite. Nunca devemos cançar em perdoar ao próximo.

Aquêles que ficam lembrados do número de vêzes que perdoam os que pecam contra êles, não mostram o espírito de verdadeiro perdão. Os que perseguem seus devedores, como selvagens com machadinha na mão, não sòmente devem enterrar a sua arma, falando figuradamente; devem esquecer-se, também, do lugar onde enterraram as machadinhas. Se levantarem cada vez, um marco no lugar de enterrar as suas armas, é porque têm a idéia de voltar a desenterrá-las, com qualquer repetição da afronta.

III. A PARÁBOLA DO CREDOR INCOMPASSIVO

18:23 Por isso o reino dos céus é semelhante a um rei, que resolveu ajustar contas com os seus servos.
24 E passando a fazê-lo, trouxeram-lhe um que lhe devia dez mil talentos.
25 Não tendo êle, porém, com que pagar, ordenou o senhor que fôsse vendido êle, a mulher, os filhos, e tudo quanto possuía, e que a dívida fôsse paga.
26 Então o servo, prostrando-se reverente, rogou: Sê paciente comigo e tudo te pagarei.
27 E o senhor daquêle servo, compadecendo-se, mandou-o embora, e perdoou-lhe a dívida.
28 Saindo, porém, aquêle servo, encontrou um dos seus conservos que lhe devia cem denários; e, agarrando-o, o sufocava, dizendo: Paga-me o que me deves.
29 Então o seu conservo, caindo-lhe aos pés, lhe implorava: Sê paciente comigo e te pagarei.
30 Êle, entretanto, não quis; antes, indo-se, o lançou na prisão, até que saldasse a dívida.
31 Vendo os seus companheiros o que se havia passado, sentiram muitíssimo, e foram relatar ao seu senhor tudo o que acontecera.
32 Então o seu senhor, chamando-o, lhe disse: Servo malvado, perdoei-te tôda aquela dívida porque me suplicaste;
33 Não devias tu, igualmente, compadecer-te do teu conservo, como também eu me compadeci de ti?
34 E, indignando-se, o seu senhor o entregou aos verdugos, até que lhe pagasse tôda a dívida.

35 Assim também meu Pai celeste vos fará, se do íntimo não perdoardes, cada um a seu irmão.

Observe-se a ocasião da parábola: vs. 15 a 22: Em resposta a pergunta do apóstolo Pedro, Jesus mostrou que, como não há limite em Deus nos perdoar, não deve haver limite, também, nos crentes perdoarem ao próximo.

O reino dos céus é semelhante a um rei... (v. 23): O rei rpresenta Cristo, os servos são os que pretendem viver segundo Suas leis.

Passando a fazê-lo (v. 24): Isso representa o julgamento de Deus.

Um que lhe devia dez mil talentos (v. 24): Era tão infiel na sua administração que a sua dívida chegou a cifra elevadíssima de 240 milhões de cruzeiros (alguns acham que 10 mil talentos representam uma importância muito maior). A lição é, que a dívida do pecado é tão grande que o mais rico nunca jamais pode pagá-la. Um só pecado é da altura dos céus, porque atinge a natureza de Deus e do Seu trono; é tão profundo como o inferno para onde leva os seus adeptos; é tão comprido como a eternidade, porque suas conseqüências não têm fim. Devemos multiplicar tudo isso pelo número de pecados cometidos e pelo número de horas que passamos sem amar a Deus, para ter uma idéia da enormidade da dívida de nosso pecado.

Não tendo êle, porém, com que pagar (v. 25): Essas palavras descrevem o pecador, falido espiritualmente, e julgado pela norma dura da lei, perante um Deus santo. Rom. 3:23; Jó 42-5-6.

Ordenou o senhor que... fôsse vendido tudo quanto possuía (v. 25): Deus Todo Poderoso tem o direito de castigar todos que estão destituídos da Sua glória.

Então o servo, prostrando-se reverente, rogou... (v. 26): Não havia outra coisa a fazer. Igualmente o pecador pode sòmente humilhar-se diante de Deus e clamar: "Senhor, sê propício a mim pecador".

Tudo te pagarei (v. 26): É assim a atitude dos homens para com Deus. Mas como podia êsse devedor ajuntar 240 milhões de cruzeiros?! É difícil para o pecador reconhecer a enormidade do seu pecado. A única esperança é que Deus apague os pecados. Atos 3:19.

O senhor... perdoou-lhe a dívida (v. 27): Deus trata o pecador com dureza só até o ponto de êle reconhecer seu pecado.

Perdoou-lhe a dívida (v. 27): Compare v. 32: "Perdoei-te tôda aquela dívida". Não deixou o servo pagar quanto podia. Igualmente devemos perdoar tudo ao próximo.

Aquêle servo... agarrando-o, o sufocava, dizendo: Paga-me o que me deves (v. 28): Sentimo-nos indignados ao ver tal procedimento. Porém, afinal de contas, é sòmente a descrição de nós mesmos se não nos mostrarmos compassivos para com quem pecar contra nós.

Agarrando-o, o sufocava... (v. 28): A maneira em que tratamos aos que pecam contra nós, mostra o estado verdadeiro do coração. Se da mão de um inimigo levarmos uma facada, não seria sensato agravar a ferida descobrindo-a muitas vêzes para saber quanto aprofundara a faca. Contudo, seremos igualmente insensatos se continuarmos a meditar sôbre os insultos e ofensas do próximo.

Êle... o lançou na prisão, até que saldasse a dívida (v. 30): É assim que o crente é duro com o próximo, se se esquece como o Senhor lhe perdoou. Depois de gozar da graça do Senhor devemos tratar o próximo conforme a mesma graça.

Foram relatar ao seu senhor tudo... (v. 31): Observe-se que êles mesmos não vingaram esta injustiça. "Minha é a vingança, eu recompensarei, diz o Senhor".

Servo malvado... (v. 32): Note-se que o senhor não chamou o servo malvado porque lhe devia uma importância fabulosa, mas sim por causa da sua dureza e ingratidão. Seu procedimento era prova de que não foi comovido e transformado pela graça do seu mestre.

Perdoei-te tôda... (v. 32): Isso foi exemplificado grandemente na vida do martir Cranmer; êle manifestava o seu amor sincero para com os que o odiavam a ponto tornar-se provérbio na Inglaterra: "Se fizer uma injustiça ao Lord Canterbury (isso é, a Cranmer), êle se tornará seu amigo para todo o sempre".

Assim também meu Pai celestial vos fará se do íntimo não perdoardes cada um a seu irmão (v. 35): Não é suficiente perdoar dos lábios. Se o próximo pecar contra nós, devemos lembrar de que êle tem de sofrer mais do que nós, e, portanto, sinceramente, agir para ajudá-lo a endireitar tudo. "O homem, que não perdoa ao próximo, desrói a própria ponte pela qual êle mesmo tem de passar."

Do íntimo (v. 35): Devemos perdoar ao próximo como Deus nos perdoou. Êle não se lembra mais de nossos pecados (Heb. 8:12); torna-nos brancos como a neve (Isa. 1:18); lança atrás das Suas costas todos os nossos pecados (Isa. 38:17); lança nossos pecados no fundo do mar (Miq. 7:19 — e o mar tem profundidade de mais que seis quilômetros!); afasta de nós os nossos pecados, quanto é distante o oriente do ocidente (Sal. 103:12); apaga-os completamente (Isa. 44:22) e, então nos trata como se não tivessemos pecado!

Ao ler a parábola do credor incompassivo, o Diabo cochicha aos nossos ouvidos: Tu não és como êsse carrasco. Mas a voz de Deus diz: "Tu és êste homem". Compare II Sam. 12:7. Devemos reconhecer que a nossa tentação constante é de não perdoar ao próximo, apesar de Deus nos perdoar tudo.

Os homens acham difícil, ou mesmo impossível, perdoar ao próximo. Mas é fácil para os filhos de Deus cheios do Espírito Santo dizerem, como Cristo na cruz: "Pai perdoa-lhes, porque não sabem o que fazem"; ou como Estevão na sua morte: "Senhor, não lhes imputes êste pecado". O fruto do Espírito Santo é o amor.

Capítulo XIX

O DIVÓRCIO E AS RIQUEZAS NO REINO

Neste capítulo são registradas as histórias dos discursos de Cristo sôbre o divórcio e o perigo das riquezas.

I. RUMO À JUDÉIA

19:1 E aconteceu que, concluindo Jesus estas palavras, deixou a Galiléia e foi para o território da Judéia, além do Jordão.

2 Seguiram-no muitas multidões, e curou-as ali.

Há nesta altura da narrativa de Mateus, uma transição solene, mas apenas mencionada (vide Mar. 10:1), do ministério de Cristo. Foi a ocasião da Sua despedida da Galiléia, onde se criara e onde passara quase tôda a Sua vida.

Judéia, além do Jordão (v. 1): Era território habitado principalmente pelos judeus. Foi o caminho dos que viajavam da Galiléia a Judéia. Essa região chamava-se "Peréia", nome não encontrado nas Escrituras.

Seguiram-no muitas multidões (v. 2): Foi na Peréia que Cristo fêz uma grande parte das Suas maravilhas — talvez a maior parte das obras registradas em Lucas 9:51 a 18:15 e uma parte das de João 7:2 a 11:54.

Curou-os ali (v. 2): Observe-se como Mateus destaca Seu ministério de curas, que acompanhava Seu ministério da Palavra. Mat. 4:23, 24; 8:16; 9:35; 10:8; 14:14; 15:30; 21:14. Verdadeiramente em todo o lugar

onde nasce o Sol da Justiça, aí há curas nas Suas asas. Mal. 4:2, Vers. Bras. Vide página 127.

II. ACÊRCA DO DIVÓRCIO. 19:3-12.

Havia duas escolas rivais, as quais se dividiram sôbre a questão do divórcio. Que corria muito perigo entrar nessa questão, vê-se no fato dos fariseus experimentarem assim enredá-Lo. V. 3. Vide, também, Mat. 14:3-5.

O que Deus ajuntou não o separe o homem (v. 6): Não se julgue que a legislação humana pode dissolver uma união feita por Deus.

Acêrca do divórcio, vide os comentários sôbre Mat. 5:27-32.

III. JESUS ABENÇOA AS CRIANÇAS. 19:13-15.

Vide os comentários sôbre Mar. 10:13-16.

IV. O JOVEM RICO. 19:16-22.

Vide os comentários sôbre Mar. 10:17-22.

V. O PERIGO DAS RIQUEZAS. 19:23-30.

Vide os comentários sôbre Mar. 10:23-31.

Capítulo XX

SERVIÇO E RECOMPENSA DO REINO

A parábola dos trabalhadores na vinha é a última do grupo de discursos que se encontram nos capítulos 18, 19 e 20.

I. A PARÁBOLA DOS TRABALHADORES NA VINHA

20:1 Porque o reino dos céus é semelhante a um pai de família, que saiu de madrugada para assalariar trabalhadores para a sua vinha.

2 E, tendo ajustado com os trabalhadores a um denário por dia, mandou-os para a vinha.

3 Saindo pela terceira hora viu, na praça, outros que estavam desocupados,

4 E disse-lhes: Ide vós também para a vinha, e vos darei o que fôr justo. Êles foram.

5 Tendo saído outra vez perto da hora sexta e da nona, procedeu da mesma forma,

6 E, saindo por volta da hora undécima, encontrou outros que estavam desocupados, e perguntou-lhes: Por que estivestes aqui desocupados o dia todo?

7 Responderam-lhe: Porque ninguém nos contratou. Então lhes disse êle: Ide também vós para a vinha.

8 Ao cair da tarde, disse o senhor da vinha ao seu administrador: Chama os trabalhadores e paga-lhes o salário, começando pelos últimos, indo até aos primeiros.

9 Vindo os da hora undécima, recebeu cada um dêles um denário.

10 Ao chegarem os primeiros, pensaram que receberiam mais; porém, também receberam um denário cada um.

11 Mas, ao receberem, murmuravam contra o proprietário,

12 Dizendo: Êstes últimos trabalharam apenas uma hora; contudo os igualaste a nós que suportamos a fadiga e o calor do dia.

13 Mas o proprietário, respondendo, disse a um dêles: Amigo, não te faço injustiça; não combinaste comigo um denário?

14 Toma o que é teu, e vai-te; pois quero dar a êste último, tanto quanto a ti.

15 Porventura não me é lícito fazer o que quero do que é meu? Ou são maus os teus olhos porque eu sou bom?

16 Assim, os últimos serão primeiros, e os primeiros serão os últimos.

Para entender o sentido desta parábola, deve-se começar a leitura com o Cap. 19:16. Depois do jovem rico sair triste, Pedro perguntou ao Mestre: "Eis que nós tudo deixamos e te servimos: que será, pois, de nós?" Sua pergunta cheira a ambição; servir a Cristo sòmente para receber recompensa é motivo vil. A parábola foi proferida, como se declara tanto no versículo que a precede (Cap. 19:30), como no versículo que a segue (v. 16), para ilustrar que "muitos primeiros serão últimos, e os últimos primeiros".

A figura da vinha para representar a cultura de almas e o zêlo de Deus em cuidar delas é comum na Bíblia: Sal. 80:8-16; Isa. 5:1-7; Jer. 2:21; Luc. 20:9-16; João 15:1-8.

Para assalariar trabalhadores para a sua vinha (v. 1): Para colher fruto o espírito incansável e meigo do Mestre é indispensável. Sòmente aquêles chamados, trabalham. João 15:16.

Tendo ajustado com os trabalhadores... (v. 2): Como Pedro perguntou ao Senhor: "Que recebermos?" (Cap. 19:27), assim os homens na praça perguntaram ao assalariador quanto receberiam. Ajustar preços no mundo comercial é bom e justo mas não no reino espiritual.

Ao cair da tarde, disse o senhor da vinha... Chama os trabalhadores e paga-lhes (v. 8): Todos, chamados para trabalhar, serão chamados para receber a recompensa.

Paga-lhes o salário, começando pelos últimos (v. 8): Aquêles assalariados na hora undécima eram "os últimos", mas "a cair da tarde" tornaram-se "os primeiros".

Os primeiros pensaram que receberiam mais (v. 10): Aquêles assalariados por volta da hora undécima representam os semelhantes ao filho mais novo na parábola do filho pródigo. Os chamados de madrugada são como o filho mais velho. Luc. 15:25-32. Quantos filhos de Deus mostram ressentimento ao ver que o maior pecador recebe tanto da graça de Deus como êles mesmos?!!

Amigo não te faço injustiça (v. 13): Queixaram-se, não porque não receberam o preço ajustado, mas porque não receberam mais do que aquêles que trabalharam menos. Os servos com espírito mercenário não entendem a graça de Cristo; os que trabalham para receber a recompensa não estão satisfeitos ao ver o Senhor remunerar aquêles que não merecem.

Toma o que é teu (v. 14): Parece que um denário foi a importância que *êles mesmos* nomearam, enquanto que os outros receberam a quantia que Êle determinou — tinha-lhes dito: "E vos darei o que fôr justo." V. 4. Os que confiam na graça do Senhor receberão suficiente para regosijarem-se e louvarem-nO.

Alguns comentadores acham que Jesus se referia aos judeus e aos gentios. Os judeus, sob a aliança de obras esperavam uma recompensa que Deus lhes devia. Os gentios aceitaram a recompensa na base da Sua misericórdia e graça. Vide Rom. 4.

Ou são maus os teus olhos (v. 15): Os olhos maus não percebem muito de bom na graça do Senhor. Se os olhos forem maus, todo o corpo estará em trevas. Mat. 6:23.

Assim, os últimos serão primeiros, e os primeiros serão últimos (v. 16): Os orgulhosos são os primeiros, segundo a sua própria avaliação, mas os últimos são os primeiros segundo a avaliação do Senhor.

A parábola não ensina que a recompensa, para os que trabalharem apenas uma hora, foi tanta como para os que trabalharam o dia inteiro. A lição é que uma hora de serviço, com espírito de confiança na graça de Cristo, vale mais do que um dia inteiro com espírito de legalismo e de fazer um bom negócio.

Disse certo pastor: "Durante os quarenta anos que estou pastoreando uma igreja, não encontrei um membro incansável na obra de Deus, mas que, ao mesmo tempo, servia seu Mestre com espírito de quem trabalha para receber recompensa, que estava feliz no seu ofício, nem muito estimados pelos irmãos." Nunca devemos esquecer-nos de que é sòmente pela graça que o Senhor nos deixa trabalhar na Sua vinha.

II. JESUS ANUNCIA PELA TERCEIRA VEZ A SUA MORTE

20:17 Estando Jesus para subir a Jerusalém, chamou à parte os doze e, em caminho, lhes disse:
18 Eis que subimos para Jerusalém, e o Filho do homem será entregue aos principais sacredotes e aos escribas. Êles o condenarão à morte.
19 E o entregarão aos gentios para ser escarnecido, açoitado e crucificado, e no terceiro dia ressurgirá.

Cristo estava em caminho de Jerusalém para celebrar a Páscoa e para dar-se a si mesmo como a grande Páscoa. Em Jerusalém se guardava a Páscoa; na mesma Cidade Santa pereciam os profetas. Luc. 13:33.

O discurso não foi proferido na sinagoga, nem em casa, mas enquanto caminhavam pelo caminho. Há nisso exemplo de falar e conversar sôbre assuntos que edificam enquanto andamos de passeio ou de viagem. Vide Deut. 6:7.

Chamou à parte... (V. 17): Foi uma das coisas que Cristo disse aos discípulos às escuras que deviam proclamar, depois, às claras. Mat. 10:27.

III. O PEDIDO DA MÃE DE TIAGO E JOÃO. 20: 20-28.

Vide os comentários sôbre Mar. 10:35-45.

IV. A CURA DE DOIS CEGOS DE JERICÓ. 20:29-34.

Vide os comentários sôbre Luc. 18:35-43.

Capítulo XXI

JESUS É ACLAMADO REI

É neste capítulo que se inicia a narrativa dos eventos que ocorreram na semana da paixão e morte de Cristo. A "entrada triunfal" aconteceu no Domingo da semana em que Cristo foi crucificado. Antes disso, recusara ceder a insistência do povo a proclamá-Lo Rei. João 6:15. Mas chegara o tempo em que devia manifestar-se como filho de Daví e Rei de Israel, para cumprir as profecias.

I. ENTRADA SOLENE EM JERUSALÉM. 21:1-11.

A entrada, assim, de Jesus em Jerusalém, foi uma parábola, não em palavras, mas em representação. Andar sôbre jumento emprestado, estender vestes e espalhar ramos pela estrada, eram símbolos de soberania, com a qual se apresentava a si mesmo ao povo de Israel como seu Rei. O que se chama *entrada triunfal* dá pouca idéia da Sua entrada, quando voltar na Sua glória.

Acêrca da "entrada triunfal" vide os comentários sôbre Luc. 19:28-40.

II. PURIFICAÇÃO DO TEMPLO

21:12 Tendo Jesus entrado no templo, expulsou a todos os que ali vendiam e compravam; também derrubou as mesas dos cambistas e as cadeiras dos que vendiam pombas.

13 E disse-lhes: Está escrito:

A minha casa será chamada casa de oração;

vós, porém, a transformais em covil de salteadores.

14 Vieram a êle no templo cegos e coxos, e êle os curou.
15 Mas vendo os principais sacerdotes e os escribas as maravilhas que Jesus fazia, e os meninos clamando: Hosana ao Filho de Davi, indignaram-se.
16 E perguntaram-lhe: Ouves o que êstes estão dizendo- Respondeu-lhes Jesus: Sim; nunca lêstes:
Da bôca de pequeninos e crianças de peito tiraste perfeito louvor?
17 E, deixando-os, saiu da cidade para Betânia, onde pernoitou.

Foi na Sua primeira visita a Jerusalém, depois do Seu batismo, que Cristo purificou o templo pela primeira vez. João 2:13-22. Foi na Sua última visita lá que purificou o templo pela segunda vez. Note-se: Se o povo de Deus não zelar incansàvelmente, o que é purificada da Sua igreja, voltará novamente. Há muitos que pensam ser a piedade fonte de lucro. I Tim. 6:5.

Cristo ao entrar em Jerusalém não subiu ao palácio, ou ao trono, apesar de entrar como Rei. Foi imediatamente ao Templo; Seu Reino é espiritual e não dêste mundo.

Jesus, no ato de purificar o templo, proclamava à nação a Sua autoridade como o Messias; proclamava-se o verdadeiro Senhor do Templo.

Seu ato de purificar o Templo foi, também, um símbolo do julgamento pronto a cair sôbre o povo de Israel por causa da sua apostasia e incredulidade.

Vieram a êle no templo cegos e coxos e êle os curou (v. 14): "Encheu de bens os famintos e despediu vazios os ricos". Luc. 1:53. Vê-se que Jesus não sòmente iniciou Seu ministério com curas, mas também continuou até mesmo o fim de Seu ministério público.

Acêrca de Seu ministério de curas, vide os comentários sôbre Mat. 19:2.

Os meninos clamando: Hosana... (v. 15): Não foi bulbúrdia de crianças brincando no Templo, mas uma demonstração de amor derramado dos céus e de verdadeira adoração. Cristo aprovou o que parecia aos prin-

cipais sacerdotes sòmente confusão de vozes, citando as palavras: "Da bôca de pequeninos e crianças de peito tiraste perfeito louvor".

Note-se como Jesus é Rei de crianças. Criemos os nossos pequeninos para conhecê-Lo e coroá-Lo seu Rei. Compare Mat. 19:13-15.

III. A FIGUEIRA SEM FRUTO. 21:18-22.

Vide os comentários sôbre Mar. 11:12-14, 19-24.

IV. A PARÁBOLA DOS DOIS FILHOS

21:23 Tendo Jesus chegado ao templo, estando já ensinando, acercaram-se dêle os principais sacerdotes e os anciãos do povo, perguntando: Com que autoridade fazes estas cousas? e quem te deu essa autoridade?

24 E Jesus lhes respondeu: Eu também vos farei uma pergunta; se me responderdes, também eu vos direi com que autoridade faço estas cousas.

25 Donde era o batismo de João? do céu ou dos homens? E discorriam entre si: Se dissermos: Do céu, êle nos dirá: Então por que não acreditastes nêle?

26 E, se dissermos: Dos homens, é para temer o povo, porque todos consideram João como profeta.

27 Então responderam a Jesus: Não sabemos. E êle por sua vez: Nem eu vos digo com que autoridade faço estas cousas.

28 E que vos parece? Um homem tinha dois filhos. Chegando-se ao primeiro, disse: Filho, vai hoje trabalhar na vinha.

29 Êle respondeu: Sim, senhor; porém não foi.

30 Dirigindo-se ao segundo, disse-lhe a mesma cousa. Mas êste respondeu: Não quero; depois, arrependido, foi.

31 Qual dos dois fêz a vontade do pai? Disseram: O segundo. Declarou-lhes Jesus: Em verdade vos digo que publicanos e meretrizes vos precedem no reino de Deus.

32 Porque João veio a vós outros no caminho da justiça, e não acreditastes nêle; ao passo que publicamos e meretrizes creram. Vós, porém, nem vendo isto vos arrependestes, afinal, para acreditardes nêle.

Que vos parece? (v. 28): Precisamos, tanto como os principais sacerdotes, pensar sôbre essa parábola. Jesus não sòmente usava parábolas para instruir Seus discípulos mas, também, as vêzes para convencer Seus adversários do seu êrro. Foi assim que Natã levou Davi a convicção de seu pecado. II Sam. 12:1-14.

Um homem tinha dois filhos... (v. 28): Como na parábola do filho pródigo, os dois filhos representam duas classes. Todos os homens são filhos de um só Pai, mas há grande diferença no caráter dos homens.

Ao primeiro disse: Filho... (v. 28): É uma ordem; o pai tem autoridade. É com amor; o pai ama ao Filho. A religião verdadeira é prática; somos chamados para trabalhar, "dêste modo frutifiquemos para Deus." Rom. 7:5. Há muito serviço; o anelo do Pai é que os filhos trabalhem.

Filho vai hoje... (v. 28): O serviço é urgente; deve ser feito hoje. A noite vem quando ninguém pode trabalhar.

Êle respondeu: Sim, senhor; porém não foi (v. 29): Palestrar sôbre a obra de pastôres e igrejas e sôbre doutrinas não é serviço. Não todos os que dizem: "Senhor, Senhor" entrarão no Reino de Deus. Fazei tudo o que Êle vos disser. João 2:5.

Mas êste respondeu: Não quero (v. 30): É sòmente um filho muito insolente que responde assim ao seu pai — é o maior desrespeito responder assim ao Pai de amor. Não é bom procurar desculpar-se; é ainda pior recusar obedecer. Mas felizmente, êsse filho arrependeu-se e foi.

Qual dos dois fêz a vontade do pai? (v. 31): Ambos tinham suas faltas: um era hipócrita; o outro, grosseiro. Mas os sacerdotes responderam bem: *Disseram o segundo* (v. 31). O comportamento do segundo foi melhor do que as suas palavras. Não é tanto o que professamos como o que fazemos.

Em verdade vos digo que publicanos... (v. 31): Há muitas aplicações da parábola para nós, mas o pro-

pósito principal é declarado. Vs. 31, 32. É pelo comportamento que os homens se provam filhos. I João 5:3.

V. A PARÁBOLA DOS LAVRADORES PERVERSOS

21:33 Atentai noutra parábola. Havia um homem, pai de família, que plantou uma vinha. Cercou-a de uma sebe, construiu nela um lagar, edificou-lhe uma tôrre e arrendou-a a uns lavradores. Depois se ausentou do país.

34 Ao tempo da colheita, enviou os seus servos aos lavradores, para receber os frutos que lhe tocavam.

35 E os lavradores, agarrando os servos, espancaram a um, mataram outro, e a outro apedrejaram.

36 Enviou ainda outros servos em maior número; e trataram-nos do mesmo modo.

37 E por último enviou-lhes o seu próprio filho, dizendo: A meu filho respeitarão.

38 Mas os lavradores, vendo o filho, disseram entre si: Êste é o herdeiro; ora vamos, matemo-lo, e apoderemo-nos da sua herança.

39 E, agarrando-o, lançaram-no fora da vinha e o mataram.

40 Quando pois vier o senhor da vinha ,que fará àquêles lavradores?

41 Responderam-lhe: Fará perecer horrìvelmente a êstes malvados, e arrendará a vinha a outros lavradores que lhe remetam os frutos nos seus devidos tempos.

42 Perguntou-lhes Jesus: Nunca lêstes nas Escrituras:

> A pedra que os construtores rejeitaram, essa veio a ser a principal pedra, angular; isto procede do Senhor, e é maravilhoso aos nossos olhos?

43 Portanto vos digo que o reino de Deus vos será tirado e será entregue a um povo que lhe produza os respectivos frutos.

44 Todo o que cair sôbre esta pedra ficará em pedaços; e aquêle sôbre quem ela cair ficará reduzido a pó.

45 Os principais sacerdotes e os fariseus, ouvindo estas parábolas, entenderam que era a respeito dêles que Jesus falava;

46 E, conquanto buscassem prendê-lo, temeram o povo, porque êste o considerava como profeta.

A aplicação desta parábola era evidentíssima, mesmo aos inimigos de Jesus. O pai de família representa Deus; a vinha é Israel; os lavradores são as autoridades, às quais Deus entragara a nação; os servos são os profetas enviados para chamar o povo ao arrependimento e para render a Deus o fruto da justiça; o filho é Jesus, que prevê a Sua rejeição e morte; a volta do senhor da vinha é a visitação divina de julgamento e rejeição de Israel; os outros lavradores, aos quais o senhor entrega a vinha, são os gentios.

Cercou-a... construiu nela... edificou-lhe... (v. 33): São detalhes tirados da bela parábola de Isaías 5:1-7, para acentuar a aplicação e baseá-la sôbre a autoridade do Velho Testamento.

O próprio pai plantou, cercou, construiu e edificou; meditemos sôbre tudo que Deus fêz para os filhos de Israel. Arrancou-os do Egito e os transplantou em boa terra. Cercou-os de promessas e privilégios. Contudo ficou vinha sem fruto. Deus, o pai de família, fêz tudo isso com as próprias mãos. Quanto gastou o Senhor Jesus Cristo de labor para que a vinha produzisse fruto para o louvor de Seu nome; quanto orou, sofreu, gemeu, suou — e por fim morreu, dando-se a si mesmo!

Arrendou-a... (v. 33): Êsses lavradores não compraram a vinha; foi-lhes concedida pela graça divina. Israel foi honrado como arrendatário da sabedoria e ciência de Deus, mas por causa de infidelidade foi desapossado. Atualmente todos os que estão em Cristo gozam dêsse privilégio, pela graça de Deus. Não o compramos; não o merecemos; o que recebemos é dom de Deus.

Enviou os seus servos aos lavradores... (v. 34): Apesar de estar na terra distante, o Mestre continua o Seu cuidado da vinha. Ao pedir fruto de nós, não pede demais. Não somos nossos, fomos comprados. I Cor. 6:19, 20.

Os lavradores, agarrando os servos, espancaram... (v. 35): É triste ver o mesmo espírito interesseiro entre

os servos de Cristo. Querem tôdas as bênçãos que Deus lhes oferece, mas nada querem render a Deus.

Por fim enviou-lhes o seu próprio filho... (v. 37): Foi ao aparecer o Filho, que se descobriu a profunda inimizade do coração humano contra Deus. Vê-se, no mesmo ato, a graça; Deus deu o Melhor que tinha aos que O mereciam menos.

Êste é o herdeiro; ora vamos, matemo-lo... (v. 38): Compare; "Não queremos que êste reine sôbre nós". Luc. 19:14. "Não temos rei, senão Cesar". João 19:15. O desejo do coração humano é de ser deus, em vez de render-se a Deus.

Fará perecer horrìvelmente a êstes malvados... (v. 41): Ao aparecer o Senhor, os "lavradores" terão de prestar contas. Tremenda será a sentença dos que ocupam um lugar na "vinha" do Senhor, sem fruto para o Dono. II Cor. 5:10.

Nunca lêstes nas Escrituras...? (v. 42): Certamente, tinham-no lido e tinham-no cantado inúmeras vêzes. Mas não o tinham considerado. Perdemos a edificação do que lemos, se não o meditamos.

A pedra que os construtores rejeitaram (v. 42): Essa gloriosa profecia acêrca do Messias está repetida várias vêzes e em forma diferente: vide Sal. 118:22, 23; Isa. 28:16; Atos 4:11; Rom. 9:33; Rom. 10:11; Efés. 2:20; I Ped. 2:6, 7, 8.

CRISTO COMO UMA PEDRA: (1) Para Israel era "pedra de tropêço e rocha de ofensa". I Ped. 2:8; I Cor. 1:23; Isa. 8:14, 15. A nação esperava um poderoso monarca, mas veio um Servo! (2) Para a Igreja é a Pedra fundamental e angular. Efés. 2:20-22; I Ped. 2:4-7; I Cor. 3:11. (3) Para os poderes gentílicos é a Pedra que os fere e os destrói inteiramente. Dan. 2:34, 44, 45.

Israel tropeçou na Pedra, Cristo; a Igreja está edidicada sôbre a Pedra, Cristo; tôdas as nações terão de dar lugar à Pedra, Cristo.

Capítulo XXII

O REI EM CONFLITO COM INIMIGOS

Êste capítulo é uma continuação dos discursos de Cristo no templo, dois ou três dias antes de Sua morte. Armando ciladas para tirar-Lhe a vida, os três grandes partidos entre os judeus, os fariseus, os herodianos e os saduceus, entraram abertamente em conflito, experimentando enredá-Lo por meio de perguntas astutas.

I. A PARÁBOLA DO BANQUETE NUPCIAL

22:1 De novo entrou Jesus a falar por parábolas, dizendo-lhes:

2 O reino dos céus é semelhante a um rei que celebrou as bodas de seu filho.

3 Então enviou os seus servos a chamar os convidados para as bodas; mas êstes não quiseram vir.

4 Enviou ainda outros servos, com êste recado: Dizei aos convidados: Eis que já preparei o meu banquete: os meus bois e cevados já foram abatidos, e tudo está pronto; vinde para as bodas.

5 Êles, porém, não se importaram, e se foram, um para o seu campo, outro para o seu negócio;

6 E os outros, agarrando os servos, os maltrataram e mataram.

7 O rei ficou irado e, enviando as suas tropas, exterminou aquêles assassinos e lhes incendiou a cidade.

8 Então disse aos seus servos: Está pronta a festa, mas os convidados não eram dignos.

9 Ide, pois, para as encruzilhadas dos caminhos e convidai para as bodas a quantos encontrardes.

10 E, saindo aquêles servos pelas estradas, reuniram todos os que encontraram, maus e bons; e a sala do banquete ficou repleta de convidados.

11 Entrando, porém, o rei para ver os que estavam

à mesa, notou ali um homem que não trazia veste nupcial,

12 E perguntou-lhe: Amigo, como entraste aqui sem veste nupcial? E êle emudeceu.

13 Então ordenou o rei aos serventes: Amarrai-o de pés e mãos, e lançai-o para fora, nas trevas; ali haverá chôro e ranger de dentes.

14 Porque muitos são chamados, mas poucos escolhidos.

A parábola do banquete nupcial está registrada sòmente por Mateus, não é a mesma da grande ceia. Luc. 14:15-24.

Em resposta à pergunta dos principais sacerdotes e dos anciãos: "Com que autoridade fazes estas coisas?" (Mat. 21:23), o Senhor proferiu três parábolas: (1) A dos dois filhos. (2) A dos lavradores perversos. (3) Esta do banquete nupcial.

As duas ilustrações mais usadas, no Velho Testamento, para acentuar as bênçãos dos Reino de Deus, são essas de um banquete e de casamento. Compare Isa. 35:6; 65:13; 61:10; 62:5; Os. 2:19. Vide, também, Mat. 9:15; João 3:29; Efé. 5:32.

O reino dos céus é semelhante... às bodas (v. 2): Há muitos aspectos do Reino. Jesus o comparou a uma vinha (Mat. 21:33); na presente parábola comparou-o a uma festa de casamento. Os crentes que festejam com o Rei não devem esquecer-se de compartilhar o labor daquêles que servem fielmente na vinha. Os que se aplicam incansàvelmente ao serviço da vinha devem lembrar-se de entrar e festejar com os outros, na presença do Rei.

Mas êstes não quiseram vir (v. 3): Era costume, no oriente, fazer dois convites. A primeira vez o convite era geral; a segunda anunciava que tudo estava preparado. Foi considerado um insulto mortal desistir do segundo convite, depois de ter aceitado o primeiro. Durante muitos séculos os profetas anunciaram a vinda

do Reino de Deus. João Batista e os primeiros pregadores proclamaram que as portas estavam abertas para os penitentes. O Evangelho foi pregado primeiramente aos "convidados", isto é, aos judeus.

Enviou ainda outros servos... (v. 4): No segundo convite descobre-se a paciência de Deus em tratar com Israel.

O meu banquete; os meus bois... (v. 4): O rei preparou do que era seu. Preparou *tudo;* não faltava coisa alguma. Aquêles que aceitaram o convite, acharam tudo que os pecadores acham ao aproximar-se de Cristo. "Eis o Cordeiro de Deus", e "tôda sorte de bênção espiritual nas regiões celestiais".

Êles porém não se importaram (v. 5): Grande é a culpa dos que desprezam as oportunidades espirituais. Os homens em um excesso de paixão podem desafiar o poder de Deus; podem experimentar opôr os raios que descem dos céus. Mas quem quer desafiar a bondade de Deus ou zombar da Sua hospitalidade em convidar-nos para a Sua casa? Os que assim desprezam o convite de Deus, descem irremediàvelmente ao lamaçal de depravação e malignidade.

Foram, um para o seu campo, outro para o seu negócio (v. 5): Há dois grandes impedimentos ao nosso crescimento espiritual: Possuir bens terrestres e o anelo de possuir bens terrestres.

E, os outros, agarrando os servos... (v. 6): Vide Atos 7:59; 8:1-3; 12:1-3; ... Há duas sortes de pessoas que não aceitam o convite: (1) Os que "não se importam", isto é, os que não estão pròpriamente contra, mas amam mais ao mundo do que ao Evangelho. (2) Os que odeiam a Mensagem e os mensageiros.

O rei ficou irado... lhes incendiou a cidade (v. 17): Além da aplicação espiritual, houve cumprimento literal, na destruição de Jerusalém, no ano 70 A. D.

Então disse aos seus servos... (v. 8): Sempre haverá um remanescente do povo de Deus. Apesar da

infidelidade, às vêzes, de grande número, sempre resta um número de fiéis.

Há duas aplicações às palavras dos vs. 8 e 9: (1) Os membros não devem ficar sentados nas igrejas mas devem levar a Mensagem para tôdas as classes em todos os cantos. (2) Quando os judeus recusaram entrar, os publicanos e pecadores entraram. Quando a nação rejeitou o Evangelho, Deus volveu para os gentios. Compare Mat. 8:11, 12 e Atos 13:46.

Um homem que não trazaia veste nupcial (v. 11): Êsse homem, que não se vestia pròpriamente para tal ocasião, representa os judeus que insistiam em entrar no Reino conforme os seus próprios conceitos de justiça própria. Rom. 10:3, 4; 3:9-18. O mesmo homem representa tais hoje que na mesma maneira confiam na sua própria justiça (Rom. 1:17; Isa. 61:10), recusando vestir-se de Cristo. Gál. 3:27; Efé. 4:24; Col. 3:12-14.

Êle emudeceu (v. 12): Viu-se a si mesmo réu perante um tribunal onde não havia possibilidade de apêlo. Podia falar eloqüentemente antes, mas então não saiu palavra alguma da sua bôca. Não havia quem intercedesse por êle; todos os seus amigos, também, emudeceram. Sentia-se tão indefeso que nem pediu misericórdia. Não é bom orgulhar-nos agora daquilo que será a nossa tristeza na presença do Rei.

Amarrai-o de pés e mãos... (v. 13): Os pecadores ficam inteiramente indefesos nas mãos de Deus. Êste versículo descreve o destino de todos que não se preparam para entrar perante o Rei.

Muitos são chamados, mas poucos escolhidos (v. 14): Muitos são convidados, mas poucos aceitam; muitos se chamam crentes, mas poucos são verdadeiros.

Os homens que desprezam as vestes do Rei, nunca provarão do Seu banquete. Enquanto seus companheiros entram para participar da festa, êles têm de entrar nas trevas de desespêro. O maior desapontamento, a

maior angústia que os homens podem experimentar é de serem lançados nas trevas quando esperam entrar para o grande banquete do Filho de Deus.

II. A QUESTÃO DO TRIBUTO. 22:15-22.

Vide os comentários sôbre Mar. 12:13-17.

III. A QUESTÃO DA RESSURREIÇÃO. 22:23-33.

Vide os comentários sôbre Mar. 12:18-27.

IV. A QUESTÃO DO MANDAMENTO MÁXIMO. 22: 34-40.

Vide os comentários sôbre Mar. 12:28-34.

V. A QUESTÃO DE DAVÍ E O MESSIAS. 22:41-46.

Vide os comentários sôbre Mar. 12:35-37.

Capítulo XXIII

O SERMÃO DE DESPEDIDA NO TEMPLO

O discurso dêste capítulo é o último de Cristo no Templo. Ao findar o sermão, e antes de sair (Mat. 24:1), o rejeitado Rei, levanta a voz em chôro sôbre a Sua capital, da qual o Templo é o centro.

Neste discurso Jesus arremessou, como fôssem sete raios dos céus contra as autoridades. Sòmente os que meditam sôbre o discurso, notando que Cristo proferia todos os sete terríveis "ais", em verdade com torrente de indignação santa, mas sem amargura e sim com profunda mágoa de coração (v. 37), chegarão à verdadeira compreensão da Sua mensagem.

O Evangelho tem tanto os "ais" para os infiéis, como as "bem-aventuranças" para os fiéis. Alguns comentadores dizem que há oito beatitudes no Sermão do Monte, enquanto outros dizem que há sòmente sete. Igualmente, alguns dizem que há oito "ais" no discurso contra os escribas e fariseus, enquanto outros dizem que há sòmente sete.

I. O ESPÍRITO FARISÁICO

23:1 Então falou Jesus às multidões e aos seus discípulos:
2 Na cadeira de Moisés se assentaram os escribas e os fariseus.
3 Fazei e guardai, pois, tudo quanto êles vos disserem, porém não os imiteis nas suas obras; porque dizem e não fazem.
4 Atam fardos pesados e os põem sôbre os ombros dos homens, entretanto êles mesmos nem com o dedo querem movê-los.

5 Praticam, porém, tôdas as suas obras com o fim de serem vistos dos homens; pois alargam os seus filactérios e alongam as suas franjas.

6 Gostam do primeiro lugar nos banquetes e das primeiras cadeiras nas sinagogas,

7 Das saudações nas praças, e de serem chamados mestres pelos homens.

8 Vós, porém, não sereis chamados mestres, porque um só é vosso Mestre, e vós todos sois irmãos.

9 A ninguém sôbre a terra chameis vosso pai; porque só um é vosso Pai, aquêle que está no céu.

10 Nem sereis chamados guias, porque um só é vosso Guia, o Cristo.

11 Mas o maior dentre vós será vosso servo.

12 Quem a si mesmo se exaltar, será humilhado; e quem a si mesmo se humilhar será exaltado.

13 Ai de vós, escribas e fariseus, hipócritas! porque fechais o reino dos céus diante dos homens; pois, vós não entrais, nem deixais entrar os que estão entrando.

14 Ai de vós, escribas e fariseus, hipócritas! porque devorais as casas das viúvas e, para o justificar, fazeis longas orações; por isso sofrereis juízo muito mais severo.

15 Ai de vós, escribas e fariseus, hipócritas! porque rodeais o mar e a terra para fazerdes um prosélito; e, uma vez feito, o tornais filho do inferno duas vêzes mais do que vós.

16 Ai de vós, guias cegos! que dizeis: Quem jurar pelo santuário, isso é nada; mas se alguém jurar pelo ouro do santuário, fica obrigado pelo que jurou.

17 Insensatos e cegos! Pois, qual é maior: o ouro, ou o santuário que santifica o ouro?

18 E dizeis: Quem jurar pelo altar, isso é nada; quem, porém, jurar pela oferta que está sôbre o altar, fica obrigado pelo que jurou.

19 Cegos! Pois, qual é maior: a oferta, ou o altar que santifica a oferta?

20 Portanto, quem jurar pelo altar, jura por êle e por tudo o que sôbre êle está.

21 Quem jurar pelo santuário, jura por êle e por aquêle que nêle habita;

22 E quem jurar pelo céu, jura pelo trono de Deus e por aquêle que no trono está sentado.

23 Ai de vós, escribas e fariseus, hipócritas! porque dizimais a hortelã, o endro e o cominho, e tendes negligenciado os preceitos mais importantes da lei, a jus-

tiça, a misericórdia e a fé; devieis, porém, fazer estas cousas, sem omitir aquelas.

24 Guias cegos! que coais o mosquito e engulis o camelo.

25 Ai de vós, escribas e fariseus, hipócritas! porque limpais o exterior do corpo e do prato, mas êstes por dentro estão cheios de rapina e intemperança.

26 Fariseu cego! limpa primeiro o interior do copo, para que também o seu exterior fique limpo.

27 Ai de vós, escribas e fariseus, hipócritas! porque sois semelhantes aos sepulcros caiados, que por fora se mostram belos, mas interiormente estão cheios de ossos de mortos, e de tôda imundícia.

28 Assim também vós exteriormente pareceis justos aos homens, mas por dentro estais cheios de hipocrisia e de iniqüidade.

29 Ai de vós, escribas e fariseus, hipócritas! porque edificais os sepulcros dos profetas, adornais os túmulos dos justos,

30 E dizeis: Se tivéssemos vivido nos dias de nossos pais, não teríamos sido seus cúmplices no sangue dos profetas.

31 Assim, contra vós mesmos, testificais que sois filhos dos que mataram os profetas.

32 Enchei vós, pois, a medida de vossos pais.

23 Serpentes, raça de viboras! como escapareis da condenação do inferno?

34 Por isso eis que eu vos envio profetas, sábios e escribas. A uns matareis e crucificareis; a outros açoitareis nas vossas sinagogas e perseguireis de cidade em cidade;

35 Para que sôbre vós recaia todo o sangue justo derramado sôbre a terra, desde o sangue do justo Abel até ao sangue de Zacarias, filho de Baraquias, a quem matastes entre o santuário e o altar.

36 Em verdade vos digo que tôdas estas cousas hão de vir sôbre a presente geração.

Descobre-se neste discurso de Cristo, reprovando os escribas e fariseus, não sòmente as condições espirituais dêsses dirigentes, mas também os perigos que correm a todos os pregadores, mestres e líderes na obra de Cristo. As mesmas ciladas que Satanás armou para os escribas e fariseus, êle sempre arma para os diri-

gentes da Igreja através dos séculos. Os pecados dos líderes religiosos, no tempo de Cristo, são característicos da sua profissão. Êsses dirigentes, foram chamados para o desempenho de uma obra elevada e nobre; e foi justamente por causa disso que, quando caíram, a sua queda foi para um nível tão baixo. Não havia outra classe de pecadores, a qual Cristo proferiu palavras duras; foi aos escribas e fariseus que Êle dirigiu a censura mais severa que saiu da Sua bôca. A corrução do melhor é sempre a maior corrução.

Observemos os pecados dos fariseus para não escorregarmos para os mesmos defeitos, a mesma censura e o mesmo castigo:

1) *Dizem e não fazem. Atam fardos pesados e os põem sôbre os ombros dos homens, entretanto êles mesmos nem com o dedo querem movê-los* (vs. 3, 4): Isso é tão comum e tão claro que não precisa de explicação.

2) *Praticam... tôdas as suas obras com o fim de serem vistos dos homens* (v. 5): Devemos reconhecer que somos hipócritas, se fazemos as nossas obras para sermos vistos dos homens. Somos sinceros sòmente quando o fazemos com o fim de ser vistos por Deus.

3) *Alargam os seus filactérios...* (v. 5): Os filactérios (testeiras, Deut. 6:8), eram pequenas tiras de pergaminho, que tinham escritas passagens das Escrituras, seguradas na testa ou no braço esquerdo, para cumprir uma interpretação literal de Êxo. 13:16 e Deut. 6:8. Em vez de aceitar a lição essencial e espiritual, os fariseus usavam filactérios como amuletos ou talismans, atribuindo-lhes o poder de desviar malefícios e desgraças.

4) *Alongam as suas franjas* (v. 5): Deus mandou que os filhos de Israel usassem de franjas no seu vestuário (Núm. 15:38) para que ficassem lembrados de que não eram como as nações. Mas os fariseus alargavam os filactérios e alongavam as franjas para dar a entender aos homens que eram mais santos que os

demais entre o povo de Deus. Experimentaram enganar ao próximo, mas enganaram-se a si mesmos.

Cristo chamou aos escribas e fariseus "hipócritas" sete vêzes neste discurso. A hipocrisia é um dos pecados mais insidiosos. Certa senhora contou como ouviu um baque, como se alguém caísse dentro do quarto. Alarmada correu para o quarto, onde encontrou um dos seus filhinhos. "Meu filho, não caíste?!" — "Sim mamãe, caí". — "Por que não choraste, meu filho?" — "Porque não tinha ninguém que me ouvisse". A maior parte da humanidade, apesar de não confessá-lo, faz as suas boas obras para ser vista dos homens. "Acautelai-vos primeiramente do fermento dos fariseus, que é hipocrisia". Luc. 12:1.

5) *Gostam do primeiro lugar... das saudações... e de serem chamados mestres...* (vs. 6-12): O desejo ardente de adquirir domínio eclesiástico, a cobiça de ter nome, de ser superior a todos os demais homens, tem sido o flagelo e escândalo maiores em todos os grupos e em todos os séculos da Igreja de Cristo.

6) *A ninguém sôbre a terra chameis vosso pai* (v. 9): É direito chamar aos nossos progenitores na carne pais. O nome aparece assim repetidas vêzes nas Escrituras. Efé. 6:2; Fil. 2:22; ... Nem é proibido falar em nossos pais na fé. I Cor. 4:15 e Filem. 10. Mas Paulo não usou tal têrmo para significar qualquer domínio sôbre aquêles que êle ganhara para Cristo. Todos que foram salvos sob seu ministério deviam sujeitar-se sòmente às palavras de Cristo.

7) *Mas o maior dentre vós será vosso servo* (v. 11): Isto é, Aquêle que é maior demonstre-o, tornando-se servo dos outros. Vide João 13:14; Mat. 20:28.

8) *Quem a si mesmo se exaltar, será humilhado* (v. 12): Se não se arrependerem, serão humilhados como Nabucodonozor, comendo herva (Dan. 4); como Herodes, comido de vermes (Atos 12:23); como Babilônia, que diz no coração ser a rainha do mundo (Apoc.

18:7), mas "em um só dia" tornar-se-á o opróbrio das nações.

9) *Quem a si mesmo se humilhar será exaltado* (v. 12): A humildade é o adôrno de grande valor perante Deus. Os humildes são aceitos por Deus e respeitados por todos os homens sábios e bons. A honra é como a sombra que foge dos que a perseguem, mas que segue atrás dos que fogem dela.

Neste versículo 12 descobre-se o verdadeiro mistério de ter paz nas igrejas.

10) *Fechais o reino dos céus diante dos homens* (v. 13): Recusavam rceonhecer a verdade e não aceitavam coisa alguma que êles mesmos não produziram "por martelados sôbre sua própria bigorna" — para que ninguém pensasse que existisse algo de valor que êles mesmos não conheciam e, por isso, perdessem seu prestígio. Foi dessa maneira que êles mesmos não entraram e impediram a entrada dos outros. Assim fizeram no tempo de Cristo; é assim que fazem atualmente.

11) *Hipócritas* (v. 13): Aquêles que representavam nos teatros, na antiguidade, chamavam-se *hupokritai,* palavra grega. Os comediantes representavam outros personagens; um mendigo podia representar papel de um rei; um tolo, a parte de um sábio. Foi assim que a palavra adquiriu o sentido de um que assume a aparência de ser piedoso e bom — de ser o que êle realmente não é.

12) *Devorais as casas das viúvas...* (v. 14): O espírito mercenário. Aproveitaram da sua reputação de santidade para explorar as mulheres que confiaram nêles. Tem referência, talvez, de tramas para apoderarem-se de heranças de viúvas ricas. Êsse abuso entrou na Igreja no século V até ao ponto do imperador, Justiniano, proibir o clero de aceitar possessões.

13) *Rodeiais o mar e a terra...* (v. 15): Os fariseus esforçavam-se incansàvelmente, não para levar almas a Deus, mas para ganhar adetos, os quais se

tornavam piores do que êles mesmos. Os alunos sobrepujavam seus mestres; na sua fúria contra a obra de Cristo os convertidos ao faraisaismo excediam os próprios fariseus, acrescentando a perversidade da religião que abandonaram, à impiedade da sua nova crença.

14) ...*Quem jurar pelo santário*... (v. 16): Os escribas e fariseus eram grandes para debater e argumentar. Disputavam ninharias: "sabiam distinguir entre as duas partes de um cabelo fendido". Alguns insistiam que não deviam comer os ovos postos no Sábado; outros que não podiam comer os ovos postos no primeiro dia da semana, porque as aves trabalhavam no Sábado para produzir os que punham no dia depois. Se alguém jurasse pelo Templo, tal não era nada; mas se jurasse pelo ouro do Templo, ficava obrigado a cumprir o juramento! Se jurasse pelo altar, não era de importância; mas se jurasse pela oferta devia executar a sua promessa! ... ...

Quem jurar pelo céu (v. 22): Tais pecam (Mat. 5:34), mas mesmo assim não ficam livres da obrigação de seu juramento.

15) *Dizimais a hortelã*... (vs. 23, 24): Enquanto eram super-escrupulosos em dizimar um punhado de tempêros culinários, de hortelã, de endro ou de cominho, descuidaram das coisas máximas, a justiça, a misericórdia e a fé.

16) *Que coais o mosquito e engulis o camelo* (v. 24): O maior animal entre os judeus era o camelo; o menor, o mosquito. Os dois eram imundos, conforme a lei. Para evitar contaminarem-se, engulindo um mosquito, os fariseus coaram o vinho, o vinegre, etc. Enquanto coaram os mosquitos infinitesimais de idéias errôneas, enguliam camelos inteiros de ódio, calúnia, injustiça, amargura, interêsse, sem mostrar qualquer sinal de engasgar-se.

17) *Limpais o exterior do corpo*... (vs. 25, 26): Cuidavam da sua aparência e reputação, mas não con-

sideravam seus corações. Interessavam-se sempre pelo que os homens pensavam dêles; ligavam pouca importância ao que Deus via nêles.

18) *Sois semelhantes aos sepulcros caiados...* (vs. 27, 28): Eram falsos, velhacos; como sepulcros caiados, que escondem a sua natureza, por um exterior atraente, daquêles que não suspeitam o que têm dentro.

É em tais defeitos e pecados, enumerados nesses 18 itens, que caem os religiosos. Oc que consideram a religião um meio para ganhar louvor dos homens, ou um lugar de prestígio, em vez de um meio para agradar a Deus, não podem evitar cair na mesma condenação dos escribas e fariseus. "Sirvamos a Deus com reverência e santo temor; porque o nosso Deus é fogo consumidor". Heb. 12:28, 29.

Testificais que sois filhos... (v. 31): Eram como seus pais. Preparavam-se para fazer como seus pais, senão em escala maior.

Sôbre vós recaia todo o sangue justo... (v. 35): Enchiam cada vez mais o cálice de iniqüidade — até transbordar. O livro de II Crônicas era o último livro da Bíblia no tempo em que Jesus estava na terra; Zacarias era o último profeta.

II. O LAMENTO SÔBRE JERUSALÉM

> 23:37 Jerusalém, Jerusalém! que matas os profetas e apedrejas os que te foram enviados! quantas vêzes quis eu reunir os teus filhos, como a galinha ajunta os seus pintinhos debaixo das asas, e vós não o quisestes!
> 38 Eis aí, a vossa casa vos ficará desamparada.
> 39 Declaro-vos, pois, que desde agora não me vereis mais, até ao dia em que disserdes: Bendito o que vem em nome do Senhor!

Um ou dois dias antes disso Jesus chorou sôbre a cidade. Luc. 19:41. Ao despedir-se do Templo chorou novamente. Viu o que ia acontecer não muitos anos depois: O povo de Jerusalém, no mais terrível sítio da

história do mundo, roendo o couro dos seus cintos, do seu calçado, dos seus escudos. Viu os milhares morrendo de fome. Viu os 97 mil levados presos. Viu os mais que um milhão perecendo. Viu a floresta de cruzes erguidas em redor da cidade, e uma vítima cravada em cada cruz. Viu além disso os muitos milhares perecendo sem arrependimento. Como podia conter-se? Como podemos nós, hoje, evitar as lágrimas ao ver as multidões indo ao inferno?

Jerusalém, Jerusalém! (v. 37): Cristo repetiu o nome para acentuar o ardente amor do Seu coração por Jerusalém. Quantas vêzes Deus dirigiu-se aos homens assim: "Abraão, Abraão!" "Saulo, Saulo!" "Marta, Marta!"?

Jerusalém, que significa "a habitação da paz", então devia-se tornar o centro de guerra e perturbação; tinha de transformar-se em "uma maldição, e um espanto, e um assobio, e um apróbrio". "É uma das ironias da história, que uma cidade, que durante tôda a sua longa história, gozava de tão pouca paz e, pela possessão da qual rios de sangue foram derramados, tivesse o nome "a habitação da paz!"

"Jerusalém", neste versículo, não se refere sòmente à cidade, nem sòmente à metrópole da nação, mas ao centro de tôda a vida religiosa, aonde as tribos subiam para adorar ao Senhor. Na ocasião em que Cristo proferiu as palavras dêsse discurso a cidade estava cheia de multidões, vindas para a Páscoa.

Que matas os profetas... (v. 37): Compare Luc. 13:33. As autoridades em Jerusalém não podiam sentenciar alguém à morte, mas os profetas foram, às vêzes, mortos durante tumultos do povo, outras vêzes, como Estevam, atacados e mortos, e, ainda outras vêzes, induziram os romanos a matá-los. Foi em Jerusalém que houve a primeira perseguição da Igreja. Atos 8:1. Foi ali que estabeleceram o centro de perseguição. Atos 9:2.

Quantas vêzes quiz eu reunir os teus filhos... (v. 37): Referiu-se, sem dúvida, não sòmente às seis ou sete vêzes que Êle mesmo visitou e ensinou em Jerusalém, mas também aos profetas que foram enviados e os quais o povo matou.

Vós não o quizestes! (v. 37): Satanás diz no ouvido de todos: "Deus abençôa aos outros, mas não te quer abençoar". A verdade é evidente que Êle deseja abençoar — nós é que não temos a vontade de aceitá-lo.

Eis aí, a vossa casa vos ficará desamparada (v. 38): Quer dizer: O vosso santuário, ou Templo, ficará desamparado. Compare "casa", Luc. 11:51; I Reis 9:7; Jer. 22:5. Note-se que Jesus disse: "vosso"; "Eis aí, a vossa casa, é vossa, não Minha — e fica desolada". Tinham-na transformado "em covil de salteadores" e deixou-a com êles. A glória não sòmente partiu dessa casa mas foi destruída, não muito depois, não ficando pedra sôbre pedra.

Não me vereis mais, até... (v. 39): Nesta ocasião, nada restava para a completa rejeição de Cristo, senão o ato oficial e a crucificação. Seu povo não O veria mais ATÉ. Segue portanto, que Seu povo dirá ainda: "Bendito o que vem em nome do Senhor!" o que será quando Êle voltar a segunda vez à terra.

Compare a palavra *até* em Lucas 21:24 e também em Romanos 11:25.

Bendito o que vem em nome do Senhor! (v. 39): Eis as últimas palavras que Cristo enunciou no Templo: Ó profundidade da riqueza, tanto da misericórdia como da graça do Filho de Deus! Quão insondáveis são os Seus juízos e quão inescrutáveis os Seus caminhos!

Capítulo XXIV

O SERMÃO DO MONTE DAS OLIVEIRAS

Cristo assentado no monte Olival, talvez em um ponto onde dominava a cidade de Jerusalém, enunciou as palavras dêste discurso, a quatro dos apóstolos, a Pedro, a Tiago, a João e a André. Mar. 13:3. É sòmente com um estudo dos três capítulos, Mat. 24, Mar. 13 e Luc. 21 juntos, que podemios alcançar algumas das maiores riquezas que Deus nos deixou na Sua Palavra.

É essencial notar que o sermão foi proferido em resposta a três perguntas de vivo interêsse: (1) "Quando sucederão estas coisas" da destruição de Jerusalém? Compare v. 3 a vs. 1 e 2. (2) "Que sinal haverá da tua vinda"? (3) "Que sinal haverá... da consumação do século"?

I. A DESTRUIÇÃO DO TEMPLO. 24:1, 2.

Vide os comentários sóbre Luc. 21:5, 6.

II. O PRINCÍPIO DAS DORES. 24:3-14.

E, por se multiplicar a iniqüidade, o amor de muitos se esfriará (v. 12): Não deixes teu amor esfriar por causa da frieza dos teus irmãos. A iniqüidade multiplicar-se-á até ficarmos duvidosos dos próprios irmãos. Mas quanto mais os irmãos carecem de nosso amor, tanto mais devemos amá-los.

Vide os comentários sóbre Luc. 21:10-19.

III. A GRANDE TRIBULAÇÃO

24:15 Quando, pois, virdes o abominável da desolação de que falou o profeta Daniel, no lugar santo (Quem lê, entenda),
16 Então, os que estiverem na Judéia fujam para os montes;
17 Quem estiver sôbre o eirado não desça a tirar de casa alguma cousa;
18 E quem estiver no campo não volte atrás para buscar a sua capa.
19 Ai das que estiverem grávidas e das que amamentarem naqueles dias!
20 Orai para que a vossa fuga não se dê no inverno, nem no sábado;
21 Porque nesse tempo haverá grande angústia, como não tem havido desde o princípio do mundo até agora, e nem haverá jamais.
22 Não tivessem aquêles dias sido abreviados, e ninguém se salvaria; mas por causa dos escolhidos tais dias serão abreviados.
23 Então se alguém vos disser: Eis aqui o Cristo! ou: Ei-lo ali! não acrediteis;
24 Porque surgirão falsos cristos e falsos profetas operando grandes sinais e prodígios para enganar, se possível, os próprios eleitos.
25 Vêde que vos tenho prevenido.
26 Portanto, se vos disserem: Eis que êle está no deserto! não saiais: Ei-lo no interior da casa! não acrediteis.
27 Porque assim como o relâmpago sai do oriente e se mostra até no ocidente, assim há de ser a vinda do Filho do homem.
28 Onde estiver o cadaver, aí se ajuntarão os abutres.

Refere-se nesses versículos ao começo da tribulação sem paralelo (v. 21) que caírá sôbre o mundo, especialmente sôbre Judá e Jerusalém, logo antes do glorioso aparecimento de Jesus Cristo. Vs. 29, 30. A admoestação do Senhor é para os crentes que se acharão residindo na Judéia nesse tempo. Ao verem "o abominável da desolação", um ídolo colocado no Templo, então reconstruído, deverão fugir imediatamente. Seria difícil

fugir no Sábado, o país estando novamente sob o domínio e as leis dos judeus. Seria igualmente difícil escapar durante o tempo de inverno e para aquelas com crianças. Cristo, também, predisse condições semelhantes, e com quase as mesmas palavras (Luc. 21: 20-24), acêrca da destruição de Jerusalém, a qual aconteceu no ano 70 A. D. Mas a destruição de Jerusalém era apenas um tipo, ou prefiguração em escala pequena, da grande angústia ainda para cair sôbre a cidade. Refere-se a essa tribulação em Dan. 12:1 e Jer. 30:7. É a última etapa da tribulação de Israel e findará com libertação completa e permanente. Compare Zac. 14.

O abominável de desolação (v. 15): "Abominação" quer dizer: "Aquilo que é detestável, repelente." Nas Escrituras, porém, a palavra se refere a qualquer sorte de ídolo. Deut. 7:25, 26; Isa. 44:19. Referem-se a Astorote, a Quemos, a Milcom e a Moloque, os deuses dos pagãos, como "abominações" das nações que os adoravam. Vide I Reis 11:7; II Reis 23:13. Daniel fala três vêzes desta abominação: Dan. 9:27; 11:31 e 12:11. Um estudo dos capítulos 9, 11 e 12 das profecias dêste profeta revelarão que no tempo do fim, se levantará um poderoso rei com domínio quase universal; êsse rei desafiará a Deus, exaltar-se-á como Deus, oprimirá o povo de Deus, e por fim caírá sem intervir mão de homem. Os exércitos dêsse rei erguerão a abominação que assola. Haverá tribulação como nunca houve e não haverá jamais. Miguel se levantará a favor de Israel. Os verdadeiros santos serão libertos.

Vêde que vos tenho prevenido (v. 25): Nunca jamais houve um tempo em que os crentes desejassem mais ver a Cristo, nem haverá. A angústia será tal que a tentação de seguir a falsos Cristos se tornará excessiva.

Aí se ajuntarão os abutres (v. 28): Segundo algumas versões "Aí ajuntarão as águas." Alguns comentadores acham que essa passagem trata da destruição

de Jerusalém e que Jesus se referia à insignia militar dos romanos, a águia. Outros ensinam que as aves mencionadas são realmente abutres. O abutre mais comum no Brasil é o urubú. Como essas aves aparecem em grande número para cevar-se nos cadaveres de animais insepultos, assim se ajuntarão os anjos no julgamento divino para destruir a humanidade morta e apodrecendo no pecado. Compare Ezequiel 9.

Sôbre os vs. 15-28 vide, também, os comentários acêrca da destruição de Jerusalém. Luc. 21:20-24.

IV. A SEGUNDA VINDA DE CRISTO. 24:29-31.

Vide os comentários sôbre Luc. 21:25-28.

V. A PARÁBOLA DA FIGUEIRA

24:32 Aprendei, pois, a parábola da figueira: quando já os seus ramos se renovam e as fôlhas brotam, sabeis que está próximo o verão.

33 Assim também vós: quando virdes tôdas estas cousas, sabei que está próximo, às portas.

34 Em verdade vos digo que não passará esta geração sem que tudo isto aconteça.

35 Passará o céu e a terra, porém as minhas palavras não passarão.

36 Mas a respeito daquele dia e hora ninguém sabe, nem os anjos dos céus, nem o Filho, senão sòmente o Pai.

37 Pois assim como nos dias de Noé, também será a vinda do Filho do homem.

38 Porquanto, assim como nos dias anteriores ao dilúvio, comiam e bebiam, casavam e davam-se em casamento, até ao dia em que Noé entrou na arca.

39 E não o perceberam, senão quando veio o dilúvio e os levou a todos, assim será também a vinda do Filho do homem.

40 Então dois estarão no campo, um será tomado, e deixado o outro;

41 Duas estarão trabalhando num moinho, uma será tomada, e deixada a outra.

42 Portanto, vigiai, porque não sabeis em que dia vem o vosso Senhor.

43 Mas considerai isto: Se o pai de família soubesse a que hora viria o ladrão, vigiaria e não deixaria que fôsse arrombada a sua casa.

44 Por isso ficai também vós apercebidos; porque não sabeis a hora em que o Filho do homem há de vir.

Vigiai, porque não sabeis... (v. 42): Sabemos o nosso dever (o de vigiar), mas não sabemos o dia da Sua vinda.

Vigiai (v. 42): Conta-se a história de famoso general que, com seu exército, sitiava certa cidade. Certo dia deu ordem para fazer um assalto em um ponto onde as fortificações eram as mais fortes, e isso no claro do sol! Quando um oficial pediu a razão de tão estranha ordem, o general respondeu: "O lugar mais fraco está guardado por general tal. Mas nesse ponto, tal e tal está no comando. Às duas horas êle sempre dorme a sesta. Quando informado de nossa investida, negará uma coisa tão absurda e mandará saber por certo. Antes do guarda conseguir verificar e voltar para informar o general, ganharemos entrada à cidade." A tentativa foi bem sucedida, provando a sabedoria do general do exército sitiando a cidade.

Nunca houve general com mais responsabilidade de ficar acordado do que nós em vigiar espiritualmente.

Vide os comentários sôbre Luc. 21:29-36.

VI. A PARÁBOLA DO BOM E DO MAU SERVO

24:45 Quem é, pois, o servo fiel e prudente a quem o senhor confiou os seus conservos para dar-lhes o sustento a seu tempo?

46 Bem-aventurado aquêle servo a quem seu senhor, quando vier, achar fazendo assim.

47 Em verdade vos digo que lhe confiará todos os seus bens.

48 Mas se aquêle servo, sendo mau, disser no seu coração: Meu senhor demora-se,

49 E passar a espancar os seus companheiros, e a comer e beber com ébrios,

50 Virá o senhor daquele servo em dia em que não o espera, e em hora que não sabe.

51 E castigá-lo-á, lançando-lhe a sorte com os hipócritas; ali haverá chôro e ranger de dentes.

Note-se como nas exortações de Cristo a fidelidade nunca está baseada sôbre o temor da morte, mas sim sôbre Sua volta qualquer dia.

Se aquêle servo, sendo mau... (v. 48): *O mau servo*: (1) Não é descrente, nem e escarnecedor e nem é agnóstico; é, por profissão, um servo de Jesus Cristo. É crente que se refere a Cristo como "Meu Senhor." (2) O mau servo acredita na segunda vinda de Cristo. A sua falta consiste, não em negar a volta de Jesus, nem em dizer que é para ser considerada figuradamente, mas em dizer: "Meu Senhor demora-se". Isto é, que meu Senhor virá é certo, mas não é necessário preocuparmo-nos com tal evento agora. (3) Êle não o diz abertamente com a bôca, mas "no seu coração". Exteriormente pretende crer na iminência da vinda do Senhor; mas no coração diz: "Não será por muito tempo, talvez; não preciso preocupar-me sôbre isso agora." Não é uma negação declarada mas uma negação na prática. O resultado na sua vida é: "Como imaginou na sua alma, assim é"; êle passa a conformar-se com o mundo.

Passar a espancar... e a comer... (v. 49): Duas grandes marcas de ser hipócrita são as de mostrar falta de bondade para com os irmãos e preferir a companhia dos maus.

Capítulo XXV

O SERMÃO OLIVAL CONTINUA

Ao prolongar o discurso no monte das Oliveiras, Cristo passou além da resposta da pergunta dos discípulos acêrca dos sinais da Sua volta, admoestando-os sôbre três provas que se realizarão na Sua vinda: (1) A prova de profissão. Vs. 1-13. (2) A prova de serviço. Vs. 14-30. (3) A prova das nações gentílicas. Vs. 31-46.

I. A PARÁBOLA DAS DEZ VIRGENS

25:1 Então o reino dos céus será semelhante a dez virgens que, tomando as suas lâmpadas, saíram a encontrar-se com o noivo.
2 Cinco dentre elas eram néscias, e cinco prudentes.
3 As néscias, ao tomarem as suas lâmpadas, não levaram azeite consigo;
4 No entanto, as prudentes, além das lâmpadas, levaram azeite nas vasilhas.
5 E, tardando o noivo, foram tôdas tomadas de sono, e adormeceram.
6 Mas, à meia-noite, ouviu-se um grito: Eis o noivo! saí ao seu encontro.
7 Então se levantaram tôdas aquelas virgens e prepararam as suas lâmpadas.
8 E as néscias disseram às prudentes: Dai-nos do vosso azeite, porque as nossas lâmpadas etão-se apagando.
9 Mas as prudentes responderam: Não! para que não nos falte a nós e a vós; ide antes aos que o vendem, e comprai-o.
10 E, saindo elas para comprar, chegou o noivo, e as que estavam apercebidas entraram com êle para as bodas, e fechou-se a porta.

11 Mais tarde, chegaram as virgens néscias, chamando: Senhor, Senhor, abre-nos a porta!
12 Mas êle respondeu: Em verdade vos digo que não vos conheço.
13 Vigiai, pois, porque não sabeis o dia nem a hora.

A vinda do Senhor será, para os crentes cheios do Espírito, uma ocasião de grande regozijo; é comparada a um banquete de casamento. A coroa da justiça está guardada para "todos quantos amam a Sua vinda". II Tim. 4:8. Mas para muitos será tempo de desengano, de julgamento e de desespêro.

Então... (v. 1): Refere-se ao tempo da vinda de Cristo. Vide os versículos que precedem. A história das dez virgens é a segunda de três parábolas sôbre o tema: "Quem é, pois, o servo fiel e prudente"? Mat. 24:45.

O reino dos céus será semelhante a dez virgens (v. 1): Alguns comentadores acham que era o costume de ter dez virgens de honra da noiva para os casamentos; entre os judeus não se realizavam os cultos na sinagoga, não se cumpria o ato de circuncisão, não se comia a páscoa e nem se contratava o casamento sem ter presente, ao menos, dez pessoas. Boaz, ao casar-se com Rute, tinha dez testemunhas. Rute 4:2.

"Virgens" significava que eram irrepreensíveis, figurando os crentes cuja vida exterior estava sem qualquer mancha. Eram tais que preferiam a convivência dos bons e sábios; ao mesmo tempo eram pessoas que os bons e sábios queriam o seu auxílio e companhia. Os que seguem o Cordeiro são chamados "virgens". Compare Apoc. 14:4; II Cor. 11:2. O Noivo, da parábola, é um Rei; portanto essas "virgens" são damas de honra da noiva, "virgens sem número" (Cant. 6:8), mas na parábola, dez em número.

Cinco dentre elas eram néscias (v. 2): Os mais tolos são aquêles que abraçam a vida dos crentes, mas sem Cristo na própria vida.

E cinco prudentes (v. 2): "A sabedoria é mais excelente do que a estultícia, quanto a luz é mais excelente do que as trevas". Ecc. 2:13.

O contraste entre as duas classes não é que algumas eram boas e as outras más; tôdas eram virgens, abraçando a verdade e praticando a justiça.

As néscias, ao tomarem as suas lâmpadas, não tomaram azeite consigo (v. 3): Que significa o "azeite"? Usam-se lâmpadas para iluminar. Os discípulos são a luz do mundo. Mat. 5:14-16; Fil. 2:14, 15. A Igreja é o candeeiro do Senhor. Apoc. 1:20. Aquilo que sustenta a luz é o azeite. O que sustenta a luz é a nossa fé, a esperança, o amor, o zêlo, o conhecimento das Escrituras, a paciência, a firmeza ... Se os discípulos são as lâmpadas, é o invisível Espírito Santo que produz a fé, o conhecimento das Escrituras e a firmeza em nossa vida. Temos razão em dizer que o azeite na parábola das dez virgens figura o Espírito, como em muitas outras passagens. Vide Zac. 4:2, 6; Atos 10:38; I João 2:20, 27; ...

As prudentes, além das lâmpadas levaram azeite nas vasilhas (v. 4): Não se conclua que as néscias não levaram azeite; as suas lâmpadas não se apagaram antes da meia noite. V. 8. As virgens néscias não representam os crentes que não têm as lâmpadas acesas, mas os que não levam azeite nas vasilhas com as suas lâmpadas.

Não se distingue, olhando só uma vez, a diferença entre um crente que teve experiência profunda com Deus e outro crente que não conhece o que é ter íntima comunhão com o Senhor. Mas descobre-se na hora de provação. É sòmente o desapontamento imprevisto, a tentação repentina, ou a tristeza inesperada que revela a profundeza de caráter e quanto há de verdadeira consagração.

Tardando o noivo... (v. 5): Com estas palavras Cristo deu a entender que a Sua demora em voltar seria

tanto que resultaria em grande prova da fé dos discípulos. Compare Mat. 24:48; 25:19; Luc. 18:7, 8. A Sua vinda não era para acontecer imediata mas repentinamente. Disse certo pregador: Não nos está revelado o dia para que cada dia seja para nós da maior importância.

Adormeceram (v. 5): Não foram censuradas porque foram tomadas de sono; tanto as prudentes como as néscias dormiram. Em qualquer parábola há detalhes da narrativa que não têm aplicação espiritual. O fato que as virgens cochilaram antes de cair em sono profundo indica que queriam ficar acordadas. Contudo é evidente que as néscias não deviam dormir, sem primeiramente adquirir mais azeite.

O fato das prudentes dormirem pode indicar que o Senhor não quer que os discípulos cheios do Espírito estejam preocupados, nervosos e inquietos por causa da Sua vinda. Êle espera que fiquemos preparados espiritualmente enquanto cumprimos os nossos deveres cotidianos. A espôsa de pescador que passa o dia inteiro à beira das águas, esperando a volta do barco de seu marido, não o agrada tanto como se tivesse ficado para arrumar a casa e preparar uma boa refeição.

À meia-noite, ouviu-se um grito... (v. 6): Apesar de Cristo tardar, virá! Na Sua primeira vinda, o povo de Deus aguardou-O longos séculos, contudo "vindo a plenitude do tempo" nasceu em Belém. Assim na Sua segunda vinda, "é ainda para o tempo determinado, e até ao fim falará e não mentirá." A vinda de Cristo será "à meia noite", isto é, quando os homens têm menos esperança e resolvem descansar. Foi à meia noite que Deus destruiu os primogênitos dos egípcios e libertou Seu povo. Êxo. 12:22. A vinda de Cristo é inesperada, como a morte; "Esta noite te pedirão a tua alma". Luc. 12:20. "O dia do Senhor vem como ladrão de noite". I Tes. 5:2.

As néscias disseram às prudentes: Dai-nos... (v. 8): Virá o dia quando os crentes que desprezam a vida dos

seus irmãos humildes, contritos e cheios do Espírito Santo (Efé. 5:18), não mais poderão enganar-se, pensando que tal vida é "religiosa demais".

Até êste ponto não parecia haver diferença nas dez virgens. Tôdas eram virgens. Tôdas eram damas de honra da noiva. Tôdas iam para o mesmo lugar. Tôdas esperavam o noivo. Tôdas levavam lâmpadas acesas. Mas ao ouvir-se o grito à meia noite, descobriu-se a grande diferença; cinco delas mostraram-se néscias porque não tinham cuidado de levar vasilhas de azeite para reabastecer as lâmpadas que se estavam apagando.

Mas as prudentes responderam: Não!... (v. 9): Não podemos conceder a nossa vida espiritual ao próximo; nem podemos tomar emprestado a graça de um irmão. Se fôsse permitido receber do próximo, ainda não se encontraria alguém, senão Cristo, com mais do que o suficiente para si.

Ide... comprai-o (v. 9): Compare Isa. 55:1.

Entraram com êle para as bodas (v. 10): Isto representa a entrada do povo de Deus na glória e gôzo do Senhor. Apoc. 19:9; Atos 14:22; II Ped. 1:11; Tiago 2:5.

E fechou-se a porta (v. 10): A porta fechou-se para segurar aquêles dentro. Aquêles feitos colunas no santuário de Deus jamais saírão. Apoc. 3:12. Adão foi pôsto no Edem; mas a porta ficou aberta e Adão saiu. Contudo os santos glorificados estão fechados dentro no paraíso celestial.

A porta fechou-se para, também, excluir aquêles que ficaram fora. A arca não sòmente segurou Noé dentro mas conservou os impenitentes fora com tôda a corrução.

Chegaram as virgens néscias clamando... (v. 11): O que aconteceu depois de ouvir-se o grito à meia noite é inenarrável. Houve espetáculo de pessoas correndo de um lado para outro, aparando morrão dos candeeiros e preparando-se para ir sem demora ao encontro do noivo. É figura dos crentes examinando as Escrituras

e orando, no último dia, para adquirir o azeite do Senhor — mesmo prontos a comprá-lo a qualquer preço. Mas tudo será em vão, o tempo não dará. Enquanto procurarão o azeite, o Noivo chegará, entrará e fechará a porta. Haverá muita súplica: "Senhor abre-nos a porta!" V. 11. Mas Êle não os conhecerá. II Tim. 2:19. "Se alguém não tem o Espírito de Cristo, êsse tal não é dêle". Rom. 8:9.

Pergunta-se: As virgens néscias perderam-se? Há várias respostas. Alguns comentadores ensinam que o fato de Cristo recusar deixá-las entrar indicou que se perderam. Compare Mat. 7:21-23. Outros creem que, depois de perder o arrebatamento (I Tes. 4:17), terão de passar pela Grande Tribulação. Seja qual fôr a interpretação é certo que espera tremendo julgamento àquêles que se descuidam de preparar-se para a vinda de Cristo. Isso nós devemos sentir, sem deixar o aviso passar sem atender, por causa do espírito de discutir.

Certa senhora conta como visitou uma crente, membro da Scripture Union. Essa era criada e informou a sua hóspede que o seu patrão e espôsa estavam de viagem. Ao ver a mesa posta para a refeição a hóspede, pensando que se enganasse acêrca da dona de casa estar fora da cidade, perguntou: "Então a sua patroa vem hoje"? "Não ouviu dizer que sim," respendeu a criada. "Mas, não sei qual o dia da sua volta e conservo tudo pronto para a sua chegada a qualquer momento." A senhora que contou a história acrescentou que em tôda a casa achou tudo limpo e em ordem. É justamente como devemos conservar as nossas vidas; tudo limpo e em ordem para a vinda de nosso Mestre.

II. A PARÁBOLA DOS TALENTOS

> 25:14 Pois será como um homem que, ausentando-se do país, chamou os seus servos e lhes confiou os seus bens.

15 A um deu cinco talentos, a outro dois e a outro um, a cada um segundo a sua própria capacidade, e então partiu.

16 O que recebera cinco talentos saiu imediatamente a negociar com êles e ganhou outros cinco.

17 Do mesmo modo o que recebera dois, ganhou outros dois.

18 Mas o que recebera um, saindo, abriu uma cova e escondeu o dinheiro do seu senhor.

19 Depois de muito tempo, voltou o senhor daqueles servos e ajustou contas com êles.

20 Então, aproximando-se o que recebera cinco talentos, entregou outros cinco, dizendo: Senhor, confiaste-me cinco talentos; eis aqui outros cinco talentos que ganhei.

21 Disse-lhe o senhor: Muito bem, servo bom e fiel; fôste fiel no pouco, sôbre o muito te colocarei: entra no gôzo do teu senhor.

22 E, aproximando-se também o que recebera dois talentos, disse: Senhor, dois talentos me confiaste; aqui tens outros dois que ganhei.

23 Disse-lhe o senhor: Muito bem, servo bom e fiel; fôste fiel no pouco, sôbre o muito te colocarei: entra no gôzo do teu senhor.

24 Chegando, por fim, o que recebera um talento, disse: Senhor, sabendo que és homem severo, que ceifas onde não semeaste, e ajuntas onde não espalhaste,

25 Receoso, escondi na terra o teu talento; aqui tens o que é teu.

26 Respondeu-lhe, porém, o senhor: Servo mau e negligente; sabias que ceifo onde não semeei e ajunto onde não espalhei?

27 Cumpria, portanto, que entregasses o meu dinheiro aos banqueiros, e eu, ao voltar, receberia com juros o que é meu.

28 Tirai-lhe, pois, o talento, e dai-o ao que tem dez.

29 Porque a todo o que tem se lhe dará, e terá em abundância; mas ao que não tem, até o que tem lhe será tirado.

30 E o servo inútil lançai-o para fora, nas trevas. Ali haverá chôro e ranger de dentes.

Há uma relação íntima entre a parábola das dez virgens e a dos cinco talentos: Aquela representa as

virgens esperando o Senhor; esta, os servos trabalhando para o Senhor. Aquela previne contra a falta do Espírito em nossa vida; esta, contra o descuido em nosso serviço. A primeira parábola acentua a importância de guardar o coração com a maior diligência; a segunda, a necessidade de servir com tôda a diligência. A primeira trata de espiritualidade; a segunda de serviço.

Os que servem fielmente estão aguardando a vinda do Rei no sentido verdadeiro.

Não se deve confundir a parábola dos talentos com a parábola das minas. Luc. 19:11-27. Na parábola das minas os homens que recebem os mesmos dons são remunerados conforme a sua diligência em servir. Mas na presente parábola, dos talentos, os homens recebem dons desiguais, mas os desenvolvem com a mesma diligência e recebem a mesma remuneração.

Será como um homem ausentando-se do país... (v. 14): Havia costume, parece, dos homens abastados, ao irem a Roma, entregarem tudo em casa aos cuidados dos seus servos, isto é, aos seus escravos. No Império Romano havia escravos cultos, bons negociantes e hábeis em qualquer arte.

O homem ausentando-se do país representa Cristo, Quem, antes de voltar ao Pai, revestiu Seus servos de dons para continuarem a obra durante a Sua ausência da terra. I Cor. 12:8-10; Rom. 12:6-8. Como tudo, que os escravos do Império Romano tinham, pertencia aos seus senhores, assim tudo que os discípulos de Cristo têm, pertence ao seu Senhor. Compare I Cor. 4:1, 2; I Ped. 4:10.

Os seus bens (v. 14): Jesus nos entregou: (1) As verdades do Evangelho. I Tim. 6:20; I Cor. 9:16, 17; Judas 3. (2) Poder espiritual. Atos 1:8; Compare II Tim. 1:14. (3) Dons espirituais. I Cor. 12:4-11; Rom. 12:6-8; Efé. 4:7-12; I Tim. 4:14.

A um deu cinco talentos, a outro... a cada um segundo a sua própria capacidade (v. 15): É interessante

notar que a palavra "talento" adquiriu o sentido de "aptidão" por causa desta parábola.

O talento era, talvez, da forma de argola e pesava cêrca de 26 kg. O talento de prata valia ao menos Cr$ 25.000,00. Os dons de Deus são de valor fabuloso. Êsses Êle dá aos seus servos segundo a própria capacidade de cada um. Não entrega enxada a um mecânico chefe (falando figuradamente), nem manda um trabalhador inexperiente fabricar relógios. Todos os crentes são salvos e têm uma medida do Espírito Santo, mas há diferença na quantidade e na qualidade de serviço que podem desempenhar para Deus. Enquanto os dons são diferentes, a fidelidade que Êle exige é a mesma de todos. Assim há perfeita igualdade.

O servo que recebeu cinco talentos, e aquêle que recebeu dois eram igualmente fiéis, ganhando, cada um, outro tanto do que receberam. Vs. 16, 17. Os crentes fiéis reconhecem que os seus talentos lhes foram concedidos por Deus, não para guardarem, nem para satisfazer seus próprios interêsses, mas para "negociar", isto é, usar para o progresso de Seu reino.

A nossa fidelidade nem sempre resulta em fruto entre os homens, mas em nós sempre produz fruto. Vide Isa. 49:4.

Mas o que recebera um... (v. 18): O pecado dêste servo é o mesmo acêrca do qual Paulo admoestou a Timóteo. I Tim. 4:14; II Tim. 1:6. Isto é, o de faltar em cumprir o serviço que o Senhor lhe concedera fazer e para o qual o preparara, dando-lhe certos talentos. Para os chamados ao serviço de Cristo, a responsabilidade é tremenda. Vide, por exemplo: Eze. 33:7-9; Atos 20:26, 27.

Êste servo não parece mau; guardou fielmente o que o senhor lhe entregara. Porém o Senhor não lhe confiou o talento para *enterrar* mas sim para *negociar*.

Depois de muito tempo (v. 19): Deus não ajusta contas logo, não porque seja remisso, mas porque é lon-

gânimo. II Ped. 3:9. Mas por fim virá o dia para ajustar contas. I Ped. 4:5.

Acêrca dêste versículo vide, também, os comentários sôbre o v. 5.

Então aproximando-se o que recebera cinco... (v. 20): Como o servo que recebera cinco talentos, e o que recebera dois, avançaram alegremente para entregar o que ganharam, assim os fiéis servos de Deus terão confiança no dia do juízo. I João 4:17 e 2:28. Compare I Tes. 2:19.

Muito bem... (vs. 21, 23): Êstes dois versículos são iguais. O que ganhara cinco talentos não foi louvado mais do que o outro que ganhara apenas dois; não tinha sido mais fiel do que êle.

O Senhor não disse: "Muito bem, servo *bem sucedido!*" mas: "Muito bem, servo *bom e fiel*". O que Cristo quer é que sejamos bons e fiéis antes de ser espetaculares, ilustres ou insignes.

Foste fiel no pouco, sôbre o muito te colocarei (vs. 21, 23): O galardão para o serviço fiel é mais serviço em uma esfera de influência ainda mais larga e mais alta. A remuneração para serviço eficiente em uma colocação é promoção para um emprêgo mais elevado.

Entra no gôzo do teu senhor (vs. 21, 23): Na volta do senhor do estrangeiro, havia uma festa na qual os fiéis servos foram convidados para comerem ao lado do seu senhor. Para a aplicação vide João 15:15; Luc. 12:37; Apoc. 3:20: 19:7-9.

Chegando, por fim, o que recebera um talento... (v. 24): Êste homem é o personagem mais acentuado da parábola, para prevenir contra a infidelidade e a indiferença na obra de Deus. Os outros dois aproximaram-se entusiasmados para prestar contas, mas o homem de um só talento chegou "por fim", considerando seu senhor um opressor sem misericórdia em perdoar uma falta. O Senhor tem três variedades de discípulos: (1) Escravos, os que O servem porque O temem. (2) Mercenários, os que O servem por interêsse próprio.

(3) Filhos, os que O servem porque O amam. Vide Mat. 11:28-30; I João 5:3.

Senhor, sabendo que és homem severo... (v. 24): Como o homem de um talento, assim é o mundo: depois de perverter seu caminho, queixa-se de Deus. A humanidade quer lançar a culpa sôbre Deus mesmo, como Adão quando disse: *A mulher que me deste*. Note-se como o mau servo da parábola falou categòricamente: *sabendo que és tal e tal.* Como podia saber disso? Qual é a iniqüidade que os homens acham em Deus? Jer. 2:5. Êle nos tem enfadado com serviço? tem-nos enganado em salários? Miq. 6:3. Deus pode perguntar com ainda mais razão que Samuel: *A quem defraudei, a quem tenho oprimido?* I Sam. 12:3. Todo o mundo deve saber que a terra está cheia da bondade de Deus. Em vez do Senhor *ceifar onde não semeiou,* Êle semeia grandemente onde não ceifa; faz o Seu sol brilhar e as Suas chuvas caírem sôbre os povos da terra, enchendo-os de comida e gôzo. E Êles respondem: Não queremos que Êle reine sôbre nós; é demasiadamente duro submetermos a Deus.

Servo mau e negligente.. (v. 26): Servos de Deus que são negligentes são maus. Há duas maneiras em que se pode pecar: fazendo o que não devemos fazer e não fazendo o que devemos fazer. O homem de um só talento pecou porque não fez o que devia fazer. Não consta que se apropriou fraudulentamente do dinheiro, nem que o gastou em devassidão, mas sòmente que descuidou usá-lo. Não vivia no vício, apenas ficou inativo. Vide Tiago 4:17. Conta-se a história de certo soldado que se ausentou da batalha. Encontraram-no divertindo-se em um jardim. Quando exigiram que explicasse seu procedimento, respondeu que não fazia nada de mal! mas foi processado, sentenciado e fusilado.

Tirai-lhe pois o talento... (v. 27): Não se pode deixar, por muito tempo, de usar um braço sem êle ficar paralisado. Se deixarmos de usar os olhos, perderemos a vista. Se recusarmos desempenhar um talento, ser-

nos-á retirado. Possuímos realmente, apenas o que usamos.

Dai-o ao que tem dez (v. 29): O talento foi tirado daquêle que não o usou e dado aquêle que podia usá-lo melhor do que todos. Outras pessoas aproveitam-se das oportunidades das quais descuidamos e perdemos. Alguns exemplos: Gên. 25:34; I Sam. 16:1, 12; Atos 1:25, 26; Rom. 11:11. "Guarda o que tens, para que ninguém tome a tua corôa". Apoc. 3:11.

Uma pergunta penetrante: Tenho eu um talento que não estou usando para o progresso do reino de Deus?

Terá em abundância (v. 29): O crente possui sòmente o que usa; e o que usa para Cristo aumenta-se. Cinco talentos tornam-se em dez; dois, em quatro. A melhor maneira para aumentar a fé é compartilhá-la com o próximo e esforçar-se para fortalecer a fé dêle. Compare Prov. 11:24.

Lançai-o para fora... (v. 30): A sentença do servo negligente é a de ser lançado fora nas trevas da noite eterna, enquanto os fiéis festejam com o recém-chegado Senhor dentro do salão iluminado de Sua glória. No inferno há *abismos de trevas*. II Ped. 2:4. Para o servo inútil haverá *chôro e ranger de dentes* — lágrimas de remorso sôbre uma vida desperdiçada e sôbre oportunidades perdidas; pesar profundo ao lembrar-se do gôzo que êle, também, podia alcançar se tivesse cuidado da obra do seu Senhor. Tal será a porção do servo negligente. Nos céus "os Seus servos O servirão." Apoc. 22:3. Não haverá lugar para os ociosos lá.

III. O JULGAMENTO DAS NAÇÕES

25:31 Quando vier o Filho do homem na sua majestade e todos os anjos com êle, então se assentará no trono da sua glória;

32 E tôdas as nações serão reunidas em sua presença, e êle separará uns dos outros, como o pastor separa dos cabritos as ovelhas;

33 E porá as ovelhas à sua direita, mas os cabritos à esquerda.

34 Então dirá o rei aos que estiverem à sua direita: Vinde, benditos de meu Pai! entrai na posse do reino que vos está preparado desde a fundação do mundo.

35 Porque tive fome e me destes de comer; tive sêde e me destes de beber; era forasteiro e me hospedastes;

36 Estava nu e me vestistes; enfêrmo e me visitastes; prêso e fôstes ver-me.

37 Então perguntarão os justos: Senhor, quando foi que te vimos com fome e te demos de comer? ou com sêde e te demos de beber?

38 E quando te vimos forasteiro e te hospedamos? ou nu e te vestimos?

39 E quando te vimos enfêrmo ou prêso e te fomos visitar?

40 O rei, respondendo, lhes dirá: Em verdade vos afirmo que sempre que o fizestes a um dêstes meus pequeninos irmãos, a mim o fizestes.

41 Então o rei dirá também aos que estiverem à sua esquerda: Apartai-vos de mim, malditos, para o fogo eterno, preparado para o diabo e seus anjos.

42 Porque tive fome e não me destes de comer; tive sêde e não me destes de beber;

43 Sendo forasteiro, não me hospedastes; estando nu, não me vestistes; achando-me enfêrmo e prêso não fôstes ver-me.

44 E êles lhe perguntarão: Senhor, quando foi que te vimos com fome, com sêde, forasteiro, nu, enfêrmo ou prêso, e não te assistimos?

45 Então lhes responderá: Em verdade vos digo que sempre que o deixastes de fazer a um dêstes mais pequeninos, a mim o deixastes de fazer.

46 E irão êstes para o castigo eterno, porém os justos para a vida eterna.

Há grande divergência de opiniões sôbre o sentido dêstes versículos. Mas, por felicidade nossa, o transcendente valor dessas palavras de Cristo não depende de entender os prós e contras dos argumentos sôbre o assunto. Aproximemo-nos, em espírito de reverente temor e tremor, para contemplar a indescritível cena em vez de

ficar ao longe gastando todo o nosso tempo considerando detalhes.

Alguns crentes ensinam que a descrição em Apoc. 20:11-15 é de um juizo universal e que Mat. 25:31-46 trata da mesma ocasião. Qualquer explicação cria dificuldades, mas notemos os seguintes pontos:

1) A ocasião: *Quando vier o Filho do homem na sua majestade* (v. 31): Nesse mesmo tempo, os santos do Senhor, a Igreja, já arrebatados (I Tes. 4:16), virão *com* Êle. Col 3:4; I Tes. 3:13.

2) Êsses mesmos santos julgarão o mundo. Isto é, ao lado de seu Senhor o julgarão. I Cor. 6:2. (É evidente, portanto, que, se julgarão o mundo, não serão julgados ao mesmo tempo do julgamento do mundo.)

3) Aquêles para serem julgados serão "as nações". Note-se: (a) A palavra "nações", no original, é geralmente traduzida "gentios", em contraste aos judeus. (b) Não consta, e nem dá a entender, que houvera ressurreição — ou que se refere a nações ressuscitadas. (Ainda mais como podiam julgar as nações da antiguidade, antes dêsse tempo, sôbre tal base indicada nos vs. 40 e 45?) As nações julgadas serão nações vivendo na terra no tempo do julgamento e não podemos afirmar outra coisa.

É provável que a ordem de eventos será a seguinte: (1) A Igreja é arrebatada para o encontro do Senhor nos ares. I Tes. 4:17. (2) Realiza-se a Grande Tribulação, da qual a Igreja escapa. Luc. 21:36; Apoc. 3:10. (3) Na angústia da Grande Tribulação, Israel volta para Cristo e evangeliza as nações. Vide Mat. 24:9-14. (4) O Senhor vem na Sua glória, com Seus santos, e julga as nações conforme a atitude que mostraram para com Seus irmãos, Israel convertido — os mesmos irmãos que levaram o Evangelho sob tremenda perseguição para essas mesmas nações.

O seguinte destaca o fato que o juízo de Mat. 25: 31-46 não é o mesmo de Apoc. 20:11-15:

Mateus 25	*Apocalipse* 20
Não há ressurreição	Há ressurreição.
Nações vivas	Os mortos.
Na terra	Fogem céus e terra.
Não há livros	Abrem-se os livros.
Três classes: "ovelhas", "bodes" e "irmãos"	Uma só classe: os mortos.
Na vinda de Cristo, antes do milenio	Depois de terminados os mil anos.

Scofield faz a seguinte lista de julgamentos mencionados nas Escrituras: (1) João 12:31 — O julgamento dos pecados dos crentes, na cruz. (2) I Cor. 11:31 — O julgamento dos crentes de si mesmos. (3) II Cor.5:10 — O julgamento das obras dos crentes. (4) Mat. 25:31-46 — O julgamento das nações na vinda de Cristo. (5) Eze. 20:37 — O julgamento de Israel na vinda de Cristo. (6) Judas 6 — O julgamento dos anjos depois dos mil anos. (7) Apoc. 20:12 — O julgamento dos iniquos mortos.

É importante notar que muitos estudantes da Palavra, sem perceberem os detalhes de Mat. 25:31-46, entendem a grande e prática lição de não perderem seu galhardão ainda que seja sòmente por dar um copo de água fresca "a um dêstes mais pequeninos" (v. 45) — isto é, a um dos menores discípulos do Senhor.

Não há nada que demonstre tanto a verdadeira fé de "um pecador salvo pela graça", como seu comportamento para com os outros filhos de Deus. É prova tão evidente de um coração renovado, e do Espírito Santo dentro que João diz: "Nós sabemos que já passamos da morte para a vida, porque amamos os irmãos". I João 3:14. Compare I João 5:1, 2; 3:10-19; Mat. 18:21-35.

O Filho do homem (v. 31): É têrmo usado referindo-se não a humildade de Cristo, mas a Sua mais elevada glória e com todos os direitos de divindade. Mat. 16:28; 24:30; 26:64; João 5:27; Mar. 2:10, 28; João 3:13; Dan. 7:13,14,27.

Todos os anjos com êle (v. 31): Cristo virá, como a primeira vez, com uma multidão da malícia celestial. Luc. 2:13; II Tes. 1:7, 8. Compare Deut. 33:2; Dan. 7:9, 10; Judas 14; Heb. 1:6.

Cristo virá ao mundo com todos os Seus anjos; para convocar a côrte (I Tes. 4:16), para ajuntar os escolhidos (Mat. 24:31); para colher o joio (Mat. 13:40), para presenciar a glória dos santos (Luc. 12:8) e o castigo dos pecadores. Compare Apoc. 14:10.

Então se assentará no trono da sua glória (v. 31): Atualmente Cristo está no trono com Seu Pai. Ao voltar para êste mundo, assentar-se-á no Seu trono. Apoc. 3:21; 11:15-17. Compare Mat. 19:28.

Porá as ovelhas à direita (v. 33): Não diz que Cristo porá os ricos, os nobres e os cultos à sua direita e nem os pobres, os desprezados e os incultos à Sua esquerda, mas sim porá à Sua direita os "justos" e à Sua esquerda os injustos.

Porque tive fome e me destes de comer... (vs. 35, 36): É súmula penetrante de tôdas as aflições da humanidade: a fome, a sêde e a solidão. Nunca sofremos sem Êle sofrer a mesma aflição conosco. Os açoites que caem sôbre os crentes Êle sente na glória. Compare Atos 9:5.

Para o fogo eterno preparado para o diabo... (v. 41): O reino foi preparado para os justos; o fogo eterno foi preparado para o diabo, não para sêres humanos. Os que entram lá vão sòmente porque rejeitaram o plano de Deus.

Porque tive fome e não me destes de comer... (vs. 42, 43): Perde-se a alma não sòmente por causa de que se faz, mas por causa, também, do que não se faz.

Castigo eterno... vida eterna (v. 46): A palavra traduzida "eterno", ou "eterna", neste versículo é a mesma no original; o castigo durará tanto tempo como a vida.

Cristo, no trono da Sua glória, será servido por inumeráveis anjos. O mesmo Cristo, nos mais humildes que sofram, é servido por Seus discípulos. Tudo o que fazemos em Seu nome, fazemos a Êle. Grandes, variadas, sublimes e sem número são as oportunidades para lhe mostrarmos o nosso amor. Há apenas uma vida que breve passará; sòmente o que fazemos para Cristo durará.

Capítulo XXVI

O REI É JULGADO

Os sofrimentos e a morte de Cristo são mais plenamente narrados em todos os quatro Evangelhos do que qualquer outro evento. É a mais bela, a mais empolgante, a mais significativa, a mais vibrante e a mais preciosa história jamais escrita.

Os versículos 1 a 35 tratam dos eventos da véspera do dia em que Cristo entrou nos Seus sofrimentos. Com o versículo 36 inicia-se a narrativa do que padeceu, até a Sua morte e sepultamento, registrados no fim do capítulo 27.

I. O PLANO PARA TIRAR A VIDA A JESUS

26:1 Tendo Jesus acabado todos êstes ensinamentos, disse a seus discípulos:

2 Sabeis que daqui a dois dias celebrar-se-á a páscoa; e o Filho do homem será entregue para ser crucificado.

3 Então os principais sacerdotes e os anciãos do povo se reuniram no palácio do sumo sacerdote, chamado Caifás;

4 E deliberaram prender Jesus, à traição, e matá-lo.

5 Mas diziam: Não durante a festa, para que não haja tumulto entre o povo.

Tendo acabado Jesus todos êstes ensinamentos (v. 1): Refere-se ao Seu sermão profético do monte das Oliveiras. Seus inimigos não podiam lançar mão dêle antes de Êle completar Seu ministério; os discípulos de Cristo são imortais até acabarem a sua carreira.

Jesus, depois de completar Sua obra como Profeta (vide Atos 3:22), entrou, sem demora, no Seu serviço de Sacerdote.

Disse aos seus discípulos (v. 1): Enquanto os inimigos de Cristo preparavam a mais cruel perseguição contra Êle (v. 4), Êle se preparava e aos Seus discípulos para a maior provação.

Daqui a dois dias (v. 2): Até então Jesus avistava os Seus sofrimentos em Jerusalém ao longe; mas, por fim chegara à porta para entrar.

Vide os comentários sôbre Mar. 14:1-2.

II. JESUS UNGIDO EM BETÂNIA

26:6 Ora, estando Jesus em Betânia, em casa de Simão, o leproso,

7 Aproximou-se dêle uma mulher, trazendo um vaso de alabastro cheio de precioso bálsamo, que lhe derramou sôbre a cabeça, estando êle à mesa.

8 Vendo isto, indignaram-se os discípulos e disseram: Para que êste desperdício?

9 Pois êste perfume podia ser vendido por muito dinheiro, e dar-se aos pobres.

10 Mas Jesus, sabendo disto, disse-lhes: Por que molestais esta mulher? Ela praticou uma boa ação para comigo.

11 Porque os pobres sempre os tendes convosco, mas a mim nem sempre me tendes;

12 Pois, derramando êste perfume sôbre o meu corpo, ela o fêz para o meu sepultamento.

13 Em verdade vos digo: Onde fôr pregado em todo o mundo êste evangelho, será também contado o que ela fêz, para memória sua.

Maria de Betânia era a única de todos os discípulos que compreendia o anúncio de Jesus, três vêzes repetido, acêrca da Sua morte e ressurreição. Aquela que se assentara aos pés do Mestre em doce e íntima comunhão (Luc. 10:39), ungia Seu corpo por um motivo vedado aos olhos dos demais discípulos. Vide v. 12. Maria de Betânia não acompanhou as outras mulheres para em-

balsamar o corpo a Jesus. Isso ela fizera enquanto seu Mestre ainda vivia.

Vide, também, os comentários sôbre Mar. 14:3-9.

III. O PACTO DA TRAIÇÃO. 26:14-16.

Vide os comentários sôbre Mar. 14:10, 11.

IV. A ÚLTIMA PÁSCOA E A CEIA DO SENHOR

26:17 No primeiro dia dos pães asmos, vieram os discípulos a Jesus e lhe perguntaram: Onde queres que te façamos os preparativos para comeres a páscoa?

18 E êle lhes respondeu: Ide à cidade ter com certo homem, e dizei-lhe: O Mestre manda dizer: O meu tempo está próximo; em tua casa celebrarei a páscoa com os meus discípulos.

19 E êles fizeram como Jesus lhes ordenara, e prepararam a páscoa.

20 Chegada a tarde, pôs-se êle à mesa com os doze discípulos.

21 E enquanto comiam, declarou Jesus: Em verdade vos digo que um dentre vós me trairá.

22 E êles, muitíssimo contristados, começaram um por um a perguntar-lhe: Porventura sou eu, Senhor?

23 E êle respondeu: O que mete comigo a mão no prato, êsse me trairá.

24 O Filho do homem vai, como está escrito a seu respeito, mas ai daquele por intermédio de quem o Filho do homem está sendo traído! Melhor lhe fôra não haver nascido!

25 Então Judas, que o traía, perguntou: Acaso sou eu, Mestre? Respondeu-lhe Jesus: Tu o disseste.

26 Enquanto comiam, tomou Jesus um pão e, abençoando-o, o partiu e o deu aos discípulos, dizendo: Tomai, comei; isto é o meu corpo.

27 A seguir tomou um cálice e, tendo dado graças, o deu aos discípulos, dizendo: Bebei dêle todos;

28 Porque isto é o meu sangue, o sangue da aliança, derramado em favor de muitos, para remissão de pecados.

29 E digo-vos que, desta hora em diante, não beberei dêste fruto da videira, até àquele dia em que o hei de beber, novo, convosco no reino de meu Pai.

30 E, tendo cantado um hino, saíram para o Monte das Oliveiras.

A data do nascimento de Jesus Cristo parece, nas Escrituras, de pouca importância, mas a comemoração da Sua morte é um dos privilégios mais santos do povo de Deus.

Jesus iniciou o Seu ministério público, submetendo-se ao batismo nas águas; encerrou-o instituindo Sua Ceia. Os dois são preciosíssimos ao coração dos que O amam.

A Ceia do Senhor é: (1) Um memorial de um Amigo ausente. (2) Uma profecia da volta de um Amigo. (3) Uma parábola de um Amigo presente.

Onde queres que te façamos os preparativos para comeres a páscoa (v. 17): Cristo nasceu sob a lei dada por Moisés (Gál. 4:4) e guardou essa lei, observando a Páscoa.

Os discípulos tinham a certeza de Jesus observar a Páscoa apesar dos principais sacerdotes procurarem tirar-Lhe a vida; sabiam que cumpriria o que devia, não obstante as ameaças fora e os receios dentro. Não fazem bem os que se ausentam da Ceia do Senhor porque é o lugar para acalmar nossos temores, para achar consolação em nossas tribulações, para ganhar a vitória em perdoar ao próximo...

Os discípulos queriam fazer "preparativos"; antes de realizarem observâncias solenes, deve haver preparação solene.

Os discípulos perguntaram: "Onde?" Entre os palácios de Sião não havia um para o Rei de Sião.

Para comeres a páscoa (v. 17): Durante quinze séculos (desde o evento narrado em Êxo. 12 e 13), o povo de Israel tinha guardado a Páscoa. Jesus na noite em que foi traído comeu, em um sentido real, a última Páscoa. A redenção que essa festa judaica prefigurava foi consumada no dia seguinte, quando o verdadeiro

Cordeiro foi imolado — cruficado. Assim a festa da Páscoa, deu lugar à Ceia do Senhor.

O Mestre manda dizer (v. 18): Como Jesus se convidou a si mesmo para entrar no lar de "certo homem" (sem dúvida, um discípulo), assim Êle quer entrar em todos os corações preparados para ter comunhão com Êle. Podemos preparar-nos por meio de oração e meditação sôbre a Sua Palavra.

Poz-se à mesa com os doze (v. 20): O vulto mais destacado na narrativa é o de Jesus. Como pode um pintor representar a Ceia do Senhor sem incluir Cristo no quadro?! E como podemos observar verdadeiramente a Ceia sem dar o principal lugar no culto a Jesus?! Foi "pelo Espírito eterno" (Heb. 9:14) que Cristo se ofereceu a si mesmo em sacrifício na cruz. Sem darmos lugar ao Espírito Santo para fazer a crucificação real aos nossos corações, a Ceia é de muito pouco valor.

Porventura sou eu, Senhor (v. 22): Nenhum dos onze estava ciente de qualquer inclinação do próprio coração trair a Cristo; mas todos temiam o pior e perguntaram Àquêle que nos conhece mais ìntimamente do que nós mesmos.

Há tanto uma confiança em nossa segurança que é salutar, como existe uma confiança em nossa própria firmeza que é fatal. Vide João 13:37.

É sempre melhor perguntar: "Porventura sou eu, Senhor?" do que ocupamo-nos com as faltas do próximo. Se perguntarmos a Jesus, Êle nos mostrará os nossos próprios defeitos.

O que mete a mão comigo no prato (v. 23): O que ia traí-Lo era amigo íntimo. Vide Sal. 41:9. Comunhão do exterior com Cristo nas ordenanças sagradas aumenta a culpa de nossa falsidade. É vil ingratidão meter a mão, juntamente com Cristo, no prato enquanto temos planos no coração para traí-Lo.

O Filho vai, como está escrito... (v. 24): É natural perguntar: Se Judas foi destinado para trair a Cristo, porque foi condenado por tê-lo feito? Contudo

Judas não se tornou traidor porque Deus o previu, mas Deus previu o ato porque Judas era um traidor.

Judas... perguntou... (v. 25): É evidente que Judas assim perguntou para os outros não suspeitarem-no. Descobre-se na narrativa de João 13:21-30 que o traidor se retirou durante a Páscoa e antes de comer a Ceia. A verdadeira comunhão é impossível aos que nutrem no coração ou pecado ou planos contra a vontade do Mestre.

Tomou Jesus um pão (v. 26): Os mais pobres podiam prover-se de pão e vinho, dos memoriais do caríssimo sacrifício do Calvário. Os crentes escondidos nas Catacumbas subterrâneas, para evitar a perseguição dos romanos, tinham pão e vinho; os quais eram tão comuns como farinha e leite em nosso país.

Tomou Jesus um pão... (v. 26): Nabucodonozor edificou "a grande Babilônia" como memorial a sua própria grandeza. Mas faz séculos que tanto a cidade como seu corpo ficam desfeitos em pó. Quantos como Cesar, Carlos Magno e Napoleão esforçaram-se para eternizar seus nomes por meio de impérios que queriam deixar na terra? Mas já desapareceram tanto êsses reinos como êsses homens. Contudo o humilde Cristo de Nazaré continua a viver no coração de seus discípulos os quais com gôzo lembram-se da Sua morte até que Êle venha.

Isto é o meu corpo (v. 26): O verbo "ser" tem, muitas vêzes nas Escrituras o sentido de "representar". Vide Gên. 40:12; 41:26; I Cor. 10:4, 16; 11:25; Eze. 37:11; Luc. 12:1; João 10:7; Gál. 4:24; Apoc. 1:20; ... É como se Jesus dissesse: "Isto representa a minha pessoa, enviada dos céus, para ser partida na morte para que as almas dos homens fossem alimentadas." Vide João 6:32-35; 49-51.

Segundo I Cor. 11:24, 25, Jesus pediu que comessem o pão e que bebessem do cálice *em memória* dÊle. O propósito de um memorial (pode ser um monumento, um dia feriado ou uma cerimônia), é o de reviver a

nossa lembrança de certa pessoa, ou de certo evento. O memorial nunca é a própria pessoa, nem o próprio evento. Por exemplo: Israel foi liberto do Egito pelo sangue do cordeiro pascoal. Portanto, os israelitas foram ordenados, em todos os aniversários dêsse evento, a comer o cordeiro pascoal como um memorial. Não havia nova libertação cada ano, mas lembrança do sacrifício e do livramento originais.

Qualquer objeto a nós oferecido por amigo íntimo, como lembrança, é de valor incalculável. Pode ser uma flor preservada entre as páginas de um livro. Pode ser um pedacinho de fita já desbotada mas ocultado em um lugar seguro. Ou pode ser um retrato amarelado, desbotado e manchado de lágrimas que nos foi dado por nossa mãe no leito da morte com o pedido: "Meu filho guarda isto como uma lembrança de mim." Mas de tôdas as lembranças guardadas entre o povo de Deus não há uma mais significativa do que a Ceia do Senhor. Note-se como Êle, na ocasião de instituir a Ceia, chama Seus discípulos "filhinhos". João 13:33. Já percebemos a ternura e o anelo do Seu coração ao dizer: "Fazei isto em memória de mim"? I Cor. 11: 24, 25.

O meu sangue, o sangue da aliança (v. 28): Isto é, *o sangue do Novo Testamento*. O Velho Testamento foi confirmado com o sangue de animais (Êxo. 24:8), mas o Novo Testamento com o sangue de Cristo. Vide Heb. 9:16, 17.

Para remissão de pecados (v. 28): A maior de tôdas as questões é a sôbre o pecado. A maior de tôdas as religiões é a de Cristo porque trata prática e satisfatòriamente da questão sôbre o pecado. I Tim. 1:15.

Até àquele dia... (v. 29): A Ceia do Senhor olha para o futuro — para o tempo de abrirem-se os céus, de reunir-nos com nossos queridos, de uma época de paz mundial, do reinado do verdadeiro Rei. A Ceia não é sòmente para lembrarmos da morte de Jesus em nosso

lugar, mas também para lembrarmos do que estamos para realizar qualquer dia, na Sua vinda.

Tendo cantado um hino (v. 30): Sem dúvida Jesus levantou a voz, cantando com os discípulos. A profecia citada em Heb. 2:12 refere-se a Cristo. Quantas vêzes, andando com os discípulos, tinha Êle cantado com êles para animá-los? Paulo e Silas cantando no cárcere em Filipos é outro exemplo de louvor a Deus durante grandes contratempos.

Era costume cantar uma parte dos Salmos 113 a 118 na ocasião de observar a Páscoa. Como podia Jesus cantar quando sabia que ia sair para sofrer a profundíssima tristeza do Getsêmani? Sabia que ia à cruz na vontade do Pai e que Êle não O abandonaria. Os que têm a certeza de estarem na vontade de Deus podem cantar ao encarar qualquer problema, qualquer tristeza ou mesmo a morte.

Saíram para o monte das Oliveiras (v. 30): É bom, depois de participar da Ceia, retirar-se para um tempo de oração e comunhão com Deus.

V. PEDRO É AVISADO. 26:31-35.

Vide os comentários sôbre Mar. 14:27-31.

VI. A AGONIA NO GETSÊMANI

26:36 Em seguida, foi Jesus com êles a um lugar chamado Getsêmani, e disse a seus discípulos: Assentai-vos aqui, enquanto eu vou ali orar,

27 E, levando consigo a Pedro e aos dois filhos de Zebedeu, começou a entristecer-se e a angustiar-se.

38 E então lhes disse: A minha alma está profundamente triste até à morte; ficai aqui e vigiai comigo.

39 Adiantando-se um pouco, prostrou-se sôbre o seu rosto, orando e dizendo: Meu Pai: Se possível, passa de mim êste cálice! Todavia, não seja como eu quero, e, sim, como tu queres.

40 E, voltando para os discípulos, achou-os dormindo; e disse a Pedro: Então, nem uma hora pudestes vós vigiar comigo?
41 Vigiai e orai, para que não entreis em tentação; o espírito, na verdade, está pronto, mas a carne é fraca.
42 Tornando a retirar-se, orou de novo, dizendo: Meu Pai, se não é possível passar de mim êste cálice sem que eu o beba, faça-se a tua vontade.
43 E, voltando, achou-os outra vez dormindo; porque os seus olhos estavam pesados.
44 Deixando-os novamente, foi orar pela terceira vez, repetindo as mesmas palavras.
45 Então voltou para os discípulos e lhes disse: Dormi agora e descansai; eis que é chegada a hora, e o Filho do homem está sendo entregue às mãos de pecadores.
46 Levantai-vos, vamos! Eis que o traidor se aproxima.

Dois jardins: Foi na convivência do lindo jardim do Eden que os inocentes homem e mulher iniciaram sua vida na terra. Nesse mesmo jardim os dois pecaram e arruinaram tanto a raça humana como a si mesmos. No jardim do Getsêmani "o último Adão", por preço incalculável, orou até receber a redenção da raça caída, redenção realizada depois na Cruz do Calvário. "O salário do pecado é a morte" — isso é o jardim do Eden. "O dom gratuito de Deus é a vida eterna" — isso é o jardim do Getsêmani. "Desventurado homem que eu sou! quem me livrará?" — é o jardim do Eden. "Graças a Deus por Jesus Cristo nosso Senhor" — é o jardim do Getsêmani. "A ira de Deus vem sôbre os filhos da desobediência" — isso é o jardim do Eden. "Agora, pois, já nenhuma condenação há para os que estão em Cristo Jesus" — isso é o jardim do Getsêmani florescente e cheio de riquezas e glória para todos nós.

Não seja como tu queres, e, sim, como eu quero, tornou o paraíso em um deserto. "Não seja como eu quero, e, sim, como tu queres," tornou o deserto em um paraíso e fez do Getsêmani a porta para os céus.

Vide, também, os comentários sôbre Mar. 14:32-42.

VII. JESUS É PRÊSO

26:47 Falava êle ainda, e eis que chegou Judas, um dos doze, e com êle grande turba com espadas e cacêtes, vinda da parte dos principais sacerdotes e dos anciãos do povo.

48 Ora, o traidor lhes havia dado êste sinal: Aquêle a quem eu beijar, é êsse; prendei-o.

49 E logo, aproximando-se de Jesus, lhe disse: Salve, Mestre! e o beijou.

50 Jesus, porém, lhe disse: Amigo, para que vieste? Nisto, aproximando-se êles, deitaram as mãos em Jesus, e o prenderam.

51 E eis que um dos que estavam com Jesus, estendendo a mão, sacou da espada, e, golpeando o servo do sumo sacerdote, cortou-lhe uma orelha.

52 Então Jesus lhe disse: Embainha a tua espada; pois todos os que lançam mão da espada, à espada perecerão.

53 Acaso pensas que não posso rogar a meu Pai, e êle me mandaria neste momento mais de doze legiões de anjos?

54 Como, pois, se cumpririam as Escrituras, segundo as quais assim deve suceder?

55 Naquele momento disse Jesus às multidões: Saistes com espadas e cacêtes para prender-me, como a um salteador? Todos os dias, no templo, eu me assentava ensinando, e não me prendestes.

56 Tudo isto, porém, aconteceu para que se cumprissem as Escrituras dos profetas. Então os discípulos todos, deixando-o, fugiram.

Mais de doze legiões de anjos (v. 53): Isto seria um exército de setenta e dois mil soldados anjélicos. Um anjo era suficiente para matar, em uma só noite, cento e oitenta e cinco mil soldados do exército dos assírios. II Reis 19:35. Cristo, com uma palavra, podia chamar o exército do céu para destruir, com um só golpe, todos os Seus adversários. Parecia que Jesus, ao ser prêso, sofria completa derrota, mas realmente ganhou a maior vitória.

Os discípulos todos, deixando-o, fugiram (v. 56): O círculo de Jesus minguava: Primeiramente, as multi-

dões abandonaram-nO; então, muitos que tinham o nome de discípulos; por fim os doze deixaram-nO.

Vide, também, os comentários sôbre João 18:1-11.

VII. JESUS PERANTE O SINÉDRIO. 26:57-68.

Vide os comentários sôbre Mar. 14:53-65.

IX. PEDRO NEGA A JESUS. 26-69-75.

As lágrimas e o clamor de Pedro eram de um coração penitente e abriram o caminho para perdão e gôzo. Lembrados de nossas faltas não podemos evitar as lágrimas de arrependimento. É assim que amanhecerá o dia para encontrar-nos com Cristo ressuscitado para reafirmar o nosso amor e fazer uma consagração mais íntima.

Vide, também, os comentários sôbre Mar. 14:66-72.

Capítulo XXVII

O REI É CRUCIFICADO

O título que Pilatos afixou sôbre a cruz é próprio para o Evangelho de Mateus. "Êste é Jesus, o Rei dos judeus". Êsse título sôbre a cruz foi apenas uma forma do escárneo que o Salvador levou. Os cruéis soldados saudaram-nO: "Rei dos judeus," vestiram-nO de púrpura, coroaram-nO de espinhos, colocaram na Sua mão um caniço, como cetro, e ajoelharam-se diante dÊle em adoração fingida a um rei. Os principais sacerdotes e os anciãos clamaram mofando: "É rei de Israel!" Os próprios malfeitores crucificados ao Seu lado, também, ridicularizaram a Sua pretensão de ser rei.

A propiciação de Cristo, não é apenas uma doutrina, nem uma filosofia acêrca de Deus e o homem e o pecado. É o registro de um fato histórico do que Deus fez por Cristo Jesus. Fora dos Evangelhos não existe uma explicação do pecado e da salvação.

Vê-se na Inocência cravada na cruz: (1) O que o pecado realmente é. (2) Como Deus responde ao pecado. (3) A única maneira de resolver o problema do pecado.

Em certo cemitério há um monumento com a seguinte inscrição:

> "Não trabalharei p'ra salvar minh'alma,
> Pois Jesus, no Calvário, já me salvou;
> Mas trabalharei de tôda minh'alma,
> Pelo Querido que tanto me amou."

Perderemos a verdadeira lição do presente estudo, se não contemplarmos o amado Filho de Deus levan-

tado entre os céus e a terra, sofrendo a penalidade de nossos pecados e atraindo todos os homens para si.

I. JESUS É ENTREGUE A PILATOS

27:1 Pela manhã, todos os principais sacerdotes e os anciãos do povo entraram em conselho contra Jesus, para o matarem;
2 E, amarrando-o, levaram-no e o entregaram ao governador Pilatos.

Os judeus, governados pelos romanos, não tinham o direito de executar a sentença de morte. Cristo foi entregue a Pilatos, governador romano sôbre a Judéia, para cumprir a decisão já determinada pelo sinédrio, a côrte dos judeus, composta de 71 membros e encabeçados pelo sumo sacerdote. Mat. 26:66.

Pilatos, conforme os escritores romanos de então, era arrogante, obstinado e implacável; era interesseiro e oprimia o povo ao ponto de todos os judeus sentirem grande aversão à sua pessoa. Contudo as autoridades religiosas usaram-no como o instrumento da sua malícia contra Cristo.

II. O DESESPÊRO DE JUDAS

27:3 Então Judas, o que o traiu, vendo que Jesus fôra condenado, tocado de remorso, devolveu as trinta moedas de prata aos principais sacerdotes e aos anciãos, dizendo:
4 Pequei, traindo sangue inocente. Êles, porém, responderam: Que nos importa? Isso é contigo.
5 Então Judas, atirando para o santuário as moedas de prata, retirou-se e foi enforcar-se.
6 E os principais sacerdotes, tomando as moedas, disseram: Não é lícito deitá-las no cofre das ofertas, porque é preço de sangue.
7 E, tendo deliberado, compraram com elas o campo do oleiro, para cemitério de forrasteiros.
8 Por isso aquêle campo tem sido chamado até ao dia de hoje Campo de Sangue.

9 Então se cumpriu o que foi dito por intermédio do profeta Jeremias:

Tomaram as trinta moedas de prata, preço em que foi estimado aquêle a quem alguns dos filhos de Israel avaliaram;

10 E as deram pelo campo do oleiro, assim como me ordenou o Senhor.

Tocado de remorso (v. 3): Há grande diferença entre o pecado de Pedro e o de Judas. Pedro arrependeu-se, confiou no Salvador e recebeu perdão; Judas foi tomado de grande remorso, caiu em desespêro e perdeu-se. A tristeza segundo Deus leva para a salvação; a tristeza do mundo produz morte. II Cor. 7:10. A traição de Judas foi o último passo na sua carreira para baixo.

Devolveu as trinta moedas... (v. 3): É ilustração destacada do poder da consciência quando despertada. Algumas horas antes, a tentação de ganhar trinta moedas de prata era tal que se esqueceu da sua obrigação e de seu amor. Mas a consciência uma vez acordada, açoitava-o ao ponto de não poder gastar o dinheiro, nem guardá-lo nas suas mãos. O que se ganha ilìcitamente não vale coisa alguma. Jó 20:15.

Pequei, traindo sangue inocente (v. 4): Judas tinha passado três anos ao lado do Senhor. Como tesoureiro do grupo (João 12:6), tinha oportunidade de conhecer ainda melhor, do que todos, o coração de Cristo. Contudo, apesar de ficar inclinado ao mal, não achou culpa nenhuma nÊle. Por certo, se houvesse oportunidade de desculpar-se a si mesmo por qualquer falta em Jesus, tê-lo-ia feito.

Foi enforcar-se (v. 5): De tôdas as coisas que conduzem para o inferno, o suicídio leva para lá mais depressa. Vide I Cor. 3:16, 17. Cristo tinha dito acêrca de Judas: "Melhor lhe fôra não haver nascido!" Mat. 26:24.

É exemplo do infeliz destino dos que deixam Sa-

tanás entrar no coração (João 13:27) e igualmente dos que amam o dinheiro. I Tim. 6:9, 10.

Judas é exemplo, também, de quem anda na carne em vez de andar pelo Espírito. Gál. 5:16-23.

Vê-se em Judas o perigo de continuar no pecado com a desculpa de que Deus é fiel e justo para nos perdoar se confessarmos os nossos pecados. I João 1:9.

Note-se o êrro de Judas confessar aos homens e não a Deus. V. 4.

III. JESUS NOVAMENTE PERANTE PILATOS. 27: 11-26.

Caia sôbre nós o seu sangue (v. 25): Influenciado pelas autoridades, o povo, por fim, assim clamou, aceitando a culpa da morte de Jesus. E aí fica, até hoje, como se vê, não sòmente na horrenda destruição de Jerusalém no ano 70 A. D., mas também na agonia e angústia do povo judaico através dos longos séculos. Existe um povo que sofreu tanto como os judeus na Alemanha, na Áustria, na Tcheco-Eslováquia e na Polônia durante a última guerra mundial?

Vide os comentários sôbre Luc. 23:1-15.

IV. JESUS É COROADO DE ESPINHOS. 27:27-31.

Nestes versículos narram-se os acontecimentos de preparativos do Senhor para a crucificação.

Vide os comentários sôbre Mar. 15:16-20.

V. SIMÃO LEVA A CRUZ DO SENHOR

27:32 Ao saírem, encontraram um cireneu, chamado Simão, a quem obrigaram a carregar-lhe a cruz.

Não se descobre, nas Escrituras, a razão de êles aliviarem a Jesus de levar a cruz. Pode ser que era pe-

sada demais para Êle e não queriam que morresse sem sofrer longo tempo cravado nessa cruz. Parece que Simão, africano-judaico, da cidade de Cirene, era discípulo do Senhor e os crucificadores queriam persegui-lo. Certo é que todos os seguidores de Cristo têm de tomar a Sua cruz e segui-Lo. Mat. 16:24. Têm de levar Seu vitupério. Heb. 13:13. Devemos conhecer *a comunhão dos Seus sofrimentos*. Fil. 3:10.

VI. A CRUCIFICAÇÃO

27::33 E, chegando a um lugar chamado Gólgota, que significa Lugar da Caveira,

34 Deram-lhe a beber vinho com fel; mas êle, provando-o, não o quis beber.

35 Depois de o crucificarem, repartiram entre si as suas vestes, tirando a sorte; para que se cumprisse o que foi dito pelo profeta:

Repartiram entre si as minhas vestes, e sôbre a minha túnica tiraram sorte.

36 E, assentados ali, o guardavam.

37 Por cima da sua cabeça puseram escrita a sua acusação: ÊSTE É JESUS, O REI DOS JUDEUS.

38 E foram crucifados com êle dois ladrões, um à sua direita e outro à sua esquerda.

39 Os que iam passando, blasfemavam dêle, meneando a cabeça, e dizendo:

40 Ó tu que destróis o santuário e em três dias o reedificas! Salva-te a ti mesmo, se és Filho de Deus! E desce da cruz!

41 Semelhantemente os principais sacerdotes, com os escribas e anciãos, escarnecendo, diziam:

42 Salvou os outros, a si mesmo não pode salvar-se. É rei de Israel! desça da cruz, e creremos nêle.

43 Confiou em Deus; pois venha Deus livrá-lo agora, se de fato lhe quer bem; porque disse: Sou Filho de Deus.

44 E os mesmos impropérios lhe diziam também os ladrões que haviam sido crucificados com êle.

Deram-lhe a beber vinho com fel... (v. 34): Queriam que ingerisse um anódino, uma mistura que O

tornaria insensível às dores. Mas Jesus recusou bebê-lo. Não queria diminuir uma gôta do cálice de angústia. Insistia a levar tôda a nossa cruz. A propiciação foi completa; não resta coisa alguma para o pecador fazer, senão aceitá-la para si mesmo.

Jesus foi à cruz resolvido no coração a sofrer segundo a vontade do Pai. Sofreu tudo sem gritar, nem gemer. Não proferiu invectivas contra os cruéis soldados, e nem se queixou contra a vil injustiça das autoridades: "Como um cordeiro foi levado ao matadouro, e, como a ovelha muda perante os seus tosquiadores, êle não abriu a bôca."

Se Cristo tivesse ingerido as drogas não teria orado pelos soldados, nem teria salvado o ladrão, nem teria cuidado de Sua mãe, nem teria sofrido da plena separação do Pai, nem teria entregado Seu espírito nas Suas mãos, e, nem teria dado voluntàriamente a Sua vida.

Depois de o crucificarem (v. 35): Grande é o intervalo entre êste versículo e o anterior!

Repartiram entre si as suas vestes (v. 35): Inimigos podem despojar-nos de nossa roupa, mas não de nossas vestes espirituais.

Assentados ali, o guardavam (v. 36): Por incrível que pareça, êsses legionários passaram horas contemplando aquilo que tantos anjos como homens queriam ver, mas sem ver nada senão a morte de um Judeu. Podemos também olhar para isto, o maior evento da história, Jesus na cruz sofrendo em nosso lugar, sem ver nada. A cegueira espiritual não é sòmente da parte dos quatro soldados romanos.

ÊSTE É JESUS, O REI DOS JUDEUS (v. 37): Segundo Marcos a inscrição foi: *O REI DOS JUDEUS*. Conforme Lucas, foi: *ÊSTE É O REI DOS JUDEUS*. Mas João registra outras palavras: *JESUS NAZARENO, O REI DOS JUDEUS*. Por que essa diferença na narrativa acêrca do que foi escrito sôbre a cruz? É provável que fôsse por causa da acusação ser escrita em

hebráico, em grego e em latim. João 19:20. Mateus nos dá as palavras como foram escritas em hebráico; Marcos, as palavras que correspondem as do latim; Lucas conserva a forma da inscrição em grego; e João dá o resumo do sentido dos três.

Semelhantemente, os principais sacerdotes... (vs. 41, 42): A corrução do melhor é a pior. Não há nada mais misericordioso e compassivo do que a verdadeira religião. Ao mesmo tempo não existe coisa alguma mais desumana e maliciosa do que o ódio que se intitula "religioso". Êsses sacerdotes foram ao lugar da crucificação, como muitos perseguidores desde então, para regozijar-se na agonia prolongada de sua vítima.

Enquanto as multidões clamavam: "Tu que destróis o santuário e em três dias o reedificas; salva-te!" os sacerdotes entreolharam-se dizendo com sorrisos: "Salvou os outros e a si mesmo não pode salvar-se." Essas autoridades religiosas não acreditavam nos milagres de Cristo e consideravam Sua crucificação prova evidente de que Seus milagres eram engano. Se o "povo de Deus" desacreditou no sobrenatural naquêle tempo, o "povo de Deus" no tempo do grande derramamento do Espírito Santo antes da vinda de Cristo, não desacreditará, também — se permanecer com a mesma dureza de coração?

Outra pergunta com resposta evidente: Se Jesus Cristo não era realmente o Rei de Israel, como Êle alegava, por que Êle não pereceu? por que Seus discípulos não foram dispersos? e por que tôda a Sua obra não deu em nada? — como aconteceu com todos os inúmeros falsos Cristos?

Não pode salvar-se (v. 42): Em um sentido, isto era a verdade — não podia salvar-se e ao mesmo tempo sofrer em nosso lugar. Como era fácil Cristo enunciar a palavra que resultaria na destruição de todos que zombavam em redor da cruz! Não há grandeza igual à do domínio próprio e isso brilhava da cruz.

VII. A MORTE DE JESUS

27:45 Desde a hora sexta até à hora nona houve trevas sôbre tôda a terra.

46 Por volta da hora nona, clamou Jesus em alta voz, dizendo: Elí, Elí, lemá sabactâni, que quer dizer: Deus meu, Deus meu, por que me desemaparaste?

47 E alguns dos que ali estavam, ouvindo isto, diziam: Êle chama por Elias.

48 E logo um dêles correu a buscar uma esponja, e, tendo-a embebido de vinagre e colocado na ponta de um caniço, deu-lhe a beber.

49 Os outros, porém, diziam: Deixa, vejamos se Elias vem salvá-lo.

50 E Jesus, clamando outra vez com grande voz, entregou o espírito.

51 Eis que o véu do santuário se rasgou em duas partes, de alto a baixo: tremeu a terra, fenderam-se as rochas,

52 Abriram-se os sepulcros e muitos corpos de santos, que dormiam, ressuscitaram;

53 E, saindo dos sepulcros depois da ressurreição de Jesus, entraram na cidade santa e apareceram a muitos.

54 O centurião e os que com êle guardavam a Jesus, vendo o terremoto e tudo o que se passara, ficaram possuídos de grande temor, e disseram: Verdadeiramente êste era Filho de Deus.

55 Estavam ali muitas mulheres, observando de longe: eram as que vinham seguindo a Jesus desde a Galiléia, para o servir;

56 Entre elas estavam Maria Madalena, Maria mãe de Tiago e de José, e a mulher de Zebedeu.

OS SEIS MILAGRES DO CALVÁRIO, cada um significativo e estupendo, como sinais dos céus na ocasião da morte de Cristo, são, em ordem: (1) As trevas sobrenaturais. Mat. 27:45; Mar. 15:33 e Luc. 23:44. (2) O véu do templo é rasgado em duas partes. Mat. 27:51; Mar. 15:38 e Luc. 23:45. (3) O terremoto. Mat. 27:51. (4) Abrem-se os sepulcros. Mat. 27:52. (5) O milagre da mortalha de Jesus. João 20:6-8. (6) Muitos corpos

saem dos sepulcros, depois da ressurreição de Jesus. Mat. 27:52, 53.

AS SETE PALAVRAS DA CRUZ: Parece que a ordem dos eventos da crucificação é a seguinte: (1) A chegada no Gólgota. Mat. 27:33; Mar. 15:22; Luc. 23:33; João 19:17. (2) Oferecem-Lhe uma bebida entorpecente. Mat. 27:34; Mar. 15:23. (3) Jesus é crucificado entre dois ladrões. Mat. 27:35-38; Mar. 15: 24-28; Luc. 23:33-38; João 19:18-24. (4) A Primeira palavra da cruz: *Pai perdoa-lhes, porque não sabem o que fazem* Luc. 23:34. (5) Os soldados repartem entre si as Suas vestes. Mat. 27:35; Mar. 15:24; Luc. 23:34; João 19:23. (6) Os judeus zombam de Jesus. Mat. 27:39-44; Mar. 15:29-32; Luc. 23:35-38. (7) Os ladrões lançam impropérios sôbre Êle, mas um se arrepende e crê. Mat. 27:44; Mar. 15:32; Luc. 23:39-43. (8) A segunda palavra da cruz: *Em verdade te digo que hoje mesmo estarás comigo no paraíso*. Luc. 23:43. (9) A terceira palavra da cruz: *Mulher, eis aí o teu filho*. João 19:26, 27. (10) As trevas. Mat. 27:45; Mar. 15:33; Luc. 23:44. (11) A quarta palavra da cruz: *Elí, Elí, lemá sabactâni*. Mat. 27:46, 47; Mar. 15:34-36. (12) A quinta palavra: *Tenho sêde!* João 19:28. (13) A sexta palavra: *Está consumado!* João 19:30. (14) A sétima palavra da cruz: *Pai, nas tuas mãos entrego o meu espírito!* Luc. 23:46.

Deus meu, Deus meu... (v. 46): Vide os comentários sôbre Mar. 15:34.

Jesus clamando... com grande voz, entregou o espírito (v. 50): A crucificação esgota, pouco a pouco, a resistência das vítimas, até, que por fim, sem mais fôrças, morrem. Mas Cristo não morreu como os demais — ainda tinha suficiente vigor físico para clamar *com grande voz. Entregou o espírito;* isto é, despediu o espírito de livre vontade. Como Êle mesmo dissera: "Dou a minha vida para a reassumir. Ninguém a tira de mim; pelo contrário, eu espontâneamente a dou." João 10:17, 18.

Eis que o véu do santuário se rasgou... (v. 51): O Templo foi dividido em três partes: (1) O Átrio Exterior, aberto para todos. (2) O Santo Lugar, no qual os sacerdotes entravam diàriamente para queimar incenso. (3) O Santo dos Santos, onde o sumo sacerdote entrava uma vez por ano, no grande dia de expiação. Foi o grande véu entre o Santo dos Santos e o Santo Lugar que se rasgou no mesmo instante em que Jesus expirou na cruz.

Acêrca dêste, o segundo milagre da crucificação, vide os comentários sôbre Mar. 15:38.

Tremeu a terra, fenderam-se as rochas (v. 51): Êsse terremoto é o terceiro dos seis milagres do Calvário. Vide os comentários em cima. Cada uma das seis maravilhas tem a sua própria lição para a humanidade.

O TERCEIRO MILAGRE DO CALVÁRIO, O TERREMOTO: (1) Ocorreu no momento de Cristo expirar. Vs. 50, 51. (2) Era uma das maravilhas vistas durante a crucificação; e deve ser classificado assim. (3) Êsse sismo não era o resultado de fogo dentro da terra mas do brado de Quem tinha consumado a redenção da raça humana — do Trabalhador entrando no Seu descanso. (4) Não abriu túmulos de perdidos, mas sòmente de santos. (5) Apesar de abrir túmulos e fender rochas, não deslocou a cruz.

O testemunho do terremoto: (1) Certamente êsse tremendo espetáculo é significativo; Deus não gasta tanto esfôrço sem ter grande alvo. (2) Que foi um empolgante sinal para os circunstantes vê-se na narrativa do v. 54. (3) A maior lição de tôdas, do terremoto quando Cristo morreu, deve ser a do grande contraste entre Sinai e Calvário. Sinai era como profecia do Calvário; Calvário é o cumprimento de Sinai. Em Sinai vê-se a condenação dos homens; no Calvário revela-se o remédio e a bênção para os homens. Vide Heb. 12:18-24. No monte Sinai a terra tremia como de dor; no monte

Calvário a terra amaldiçoada (Gên. 3:17) por causa de pecado, saltava de gôzo ao ver o pecado vencido. Compare Rom. 8:22.

O QUARTO MILAGRE DO CALVÁRIO. *Abriram-se sepulcros* (v. 52): Foi o resultado do terremoto; o terremoto foi em resposta ao brado de Cristo quando rendeu Seu espírito.

1) *Havia plano de Deus na abertura dos sepulcros.* Vê-se fôrça no ato do Senhor partir as rochas; vê-se designio em Êle abrir os túmulos *sòmente de santos.* O momento em que Cristo morreu, abriram-se os sepulcros. Mas foram descobertos sòmente os restos mortais de almas salvas pela morte que resultou em abrir os túmulos. É evidente que os túmulos não foram abertos sòmente para deixarem sair os santos ressuscitados, porque permaneceram abertos desde a tarde da Sexta-Feira até à manhã do Domingo. O fato dos sepulcros ficarem abertos desde a morte de Cristo até depois da Sua ressurreição é prova de que foram abertos para servirem como testemunho aos milhares de espectadores que os viram.

2) *O Senhor conhece os túmulos de Seus filhos.* O Senhor conhece o lugar dos restos mortais de Seus filhos e tem poder para chamá-los a sair. João 5:28, 29; 11:43, 44. "Preciosa é à vista do Senhor a morte dos seus santos." Sal. 116:15. Precioso é, também, à vista do Senhor, o nosso túmulo.

3) *A obra da salvação é consumada.* Abriram-se os sepulcros no mesmo instante da morte de Cristo; no mesmo instante Êle entrou entre os mortos. O poder do pecado é a morte. No mesmo instante da Sua morte, Cristo tirou todos os pecados, e no mesmo instante abriram-se os túmulos. É impossível acrescentar coisa alguma à obra de Cristo; Sua obra foi consumada, é perfeita, é completa.

O SEXTO MILAGRE DO CALVÁRIO. *E muitos corpos... ressuscitaram* (v. 52): No quarto milagre, abriram-se os sepulcros no cemitério de Jerusalém, os

que jaziam dentro ficando expostos durante todo o tempo que o corpo de Jesus jazia no túmulo. No sexto milagre do Calvário, muitos dêsses corpos, na ocasião da ressurreição de Cristo, receberam vida, "entraram na cidade santa e apareceram a muitos." Acêrca dêsse milagre observe-se:

1) *Não foi a ressurreição*. Foi uma ressurreição, mas alguns acham que não foi a própria ressurreição. As Escrituras falam de duas sortes de ressurreições: (a) A ressurreição própria em que os santos receberão os seus corpos glorificados (I Cor. 15:42-54), os quais serão iguais ao corpo glorificado de Cristo (Fil. 3:20, 21; I João 3:2). (b) Uma ressurreição que consiste apenas em o corpo natural receber vida novamente. I Cor. 15:20. As Escrituras dão os seguintes exemplos: (1) O filho da viúva de Zarefate. I Reis 17. (2) O filho da sunamita. II Reis 4. (3) O homem sepultado sôbre os ossos de Elias. II Reis 13. (4) A filha de Jairo. Mat. 9. (5) Os santos na crucificação. Mat. 27. (6) O filho da viúva de Naim. Luc. 7. (7) Lázaro. João 11. (8) Dorcas. Atos 9. (9) Êutico. Atos 20.

Note-se: Alguns comentadores acham que aquêles que saíram do túmulo depois da ressurreição de Jesus não morreram mais.

2) *A ressurreição dêsses santos é um penhor de nossa ressurreição*. Como Jesus, para demonstrar que Êle é *a ressurreição e a vida* (João 11:25), ressuscitou a Lázaro da morte, assim também Deus, ao ressuscitar Seu Filho, deu vida a "muitos corpos de santos, que dormiam," para dar-nos certeza de nossa ressurreição.

3) *Ninguém senão santos foram ressuscitados no cemitério de Jerusalém*. Sòmente os que dormem em Cristo, ouvirão a Sua voz e saírão dos túmulos "para a ressurreição da vida." Todos os demais saírão para a ressurreição do juízo." João 5:28, 29.

Estavam ali muitas mulheres (v. 55): Não há testemunho acêrca da morte de Cristo, mais profundo e

mais empolgante, do que o de corações que O amam e que acham no Seu precioso sangue perdão e salvação.

VIII. O SEPULTAMENTO DE JESUS

27:57 Caindo a tarde, veio um homem rico de Arimatéia, chamado José, que era também discípulo de Jesus.
58 Êste foi ter com Pilatos e lhe pediu o corpo de Jesus. Então Pilatos mandou que lho fôsse entregue.
59 E José, tomando o corpo, envolveu-o num lençol fino e limpo,
60 E o depositou no seu túmulo novo, que fizera abrir na rocha; e, rolando uma grande pedra para a entrada do sepulcro, se retirou.
61 Achavam-se ali, sentadas em frente da sepultura, Maria Madalena e a outra Maria.

Nenhum dos quatro evangelistas se esquecem de mencionar José de Arimatéia.

Note-se o contraste entre a bondade e benevolência dos amigos de Cristo em sepultá-Lo e a malícia dos inimigos que se esforçam para que Êle não saísse de lá.

José de Arimatéia responsabilizou-se para cumprir o Seu sepultamento. Todos os apóstolos tinham fugido; não ficou um para honrar seu Mestre, como fizeram os discípulos de João Batista, ao seu mestre, quando degolado.

A maior parte dos discípulos de Jesus eram pobres; José de Arimatéia era rico. Riquezas geralmente impedem a obra Evangélica, mas José de Arimatéia estava pronto para enfrentar as multidões e servir a Cristo. Êle mesmo, com as próprias mãos, tirou o corpo da cruz. Quando há verdadeiro amor no coração, não existe obra demasiado desprezível ou baixa em servir a Cristo.

E o depositou no seu túmulo (v. 60): Os grandes do mundo estão enterrados com muito pompa e esplendor; o Filho de Deus foi sepultado na maneira mais simples. Um entêrro em segrêdo convinha Aquêle cujo

reino não vem com visível aparência. Luc. 17:20. Aquêle que não tinha onde reclinar a cabeça enquanto vivia, não possuía na Sua morte lugar para ser enterrado.

IX. A GUARDA DO SEPULCRO

27:62 No dia seguinte, que é o dia depois da preparação, reuniram-se os principais sacerdotes e os fariseus e, dirigindo-se a Pilatos,
63 Disseram-lhe: Senhor, lembramo-nos de que aquêle embusteiro, enquanto vivia, disse: Depois de três dias ressuscitarei.
64 Ordena, pois, que o sepulcro seja guardado com segurança até ao terceiro dia, para não suceder que, vindo os discípulos, o roubem, e depois digam ao povo: Ressuscitou dos mortos; e será o último embuste pior que o primeiro.
65 Disse-lhes Pilatos: Aí tendes uma escolta; ide e guardai o sepulcro como bem vos parecer.
66 Indo êles, montaram guarda ao sepulcro, selando a pedra e deixando ali a escolta.

Note-se: Aquêles que se opõem a Cristo e Seu reino não sòmente fracassarão em seus esforços, mas reconhecerão que seu último engano é pior que o primeiro. Compare Sal. 2:4, 5.

Guardai o sepulcro como bem vos parecer (v. 66): Parece que Pilatos, o romano, disse essas palavras zombando. "Fazei o pior; esforçai-vos. Mas se Êle é de Deus, ressuscitará apesar da escolta." O governador sabia que Jesus era "justo" (v. 19) e que foi condenado pelos judeus, por inveja. V. 18.

Montaram guarda ao sepulcro, selando a pedra (v. 66): Selaram a pedra, talvez, com o sêlo do grande sinédrio. Mas para a maior segurança, também, postaram uma escolta de soldados para guardar o sepulcro. Todo o poder da terra e do inferno foi empregado para reter Cristo prêso. Para guardar o sepulcro dos fracos discípulos era tolice, mas para guardá-lo assim do Criador era ainda maior insensatez.

Capítulo XXVIII

A RESSURREIÇÃO E A GRANDE COMISSÃO DO REI

Disse Jesus Cristo: "Tôda a autoridade me foi dada no céu e na terra." V. 18. O nosso Rei tem todo o domínio. Não tomou para si êsse poder; foi-lhe dado. V. 18. Tem tôda a utoridade no céu e na terra; é o Monarca universal. "Êste é o Senhor de todos." Atos 10:36. Tem todo o poder *no céu*. Tem domínio sôbre os anjos. Efé. 1:20, 21. Tem o poder de intercessão com o Pai. Tem igualmente todo o poder *na terra*. Prevalece com os homens e os trata como Quem tem autoridade. É por Êle que os reis reinam. Ao nome de Jesus dobram-se todos os joelhos e confessam-se tôdas as línguas.

Quando Maomé da Arábia morreu em 632 A. D., seus discípulos com extraordinário zêlo varreram a maior parte do mundo com suas conquistas. Quando Gotama da Índia faleceu no ano 488 A. C., seus adetos, chamando-o "Buda", ou seja, "A Incarnação da Inteligência", espalharam suas doutrinas entre milhões de três grandes nações. Quando Confúcio da China morreu, no ano 478 A. C., tornou-se logo o idolatrado mestre da raça mais numerosa da terra. Quando Jesus de Nazaré morreu, Seus seguidores em desespêro esconderam-se dos que mataram seu Senhor. Qual a razão de tão grande diferença entre os seguidores dêsses quatro personagens? A resposta é que o próprio Senhor Jesus é a cristandade; se não tivesse ressurgido da morte, o desânimo e a derrota de Seus seguidores teria sido completos e definitivos. Sem o Senhor ressuscitado não há esperança viva e nem Grande Comissão. As religiões

falsas não têm cruz, nem sepulcro vasio; não têm um Senhor vivo, nem poder para ressuscitar da morte e nem uma Grande comissão.

I. A RESSURREIÇÃO DE JESUS

28:1 No findar do sábado, ao entrar o primeiro dia da semana, Maria Madalena e a outra Maria foram ver o sepulcro.
2 E eis que houve um grande terremoto; porque um anjo do Senhor desceu do céu, chegou-se, removeu a pedra e assentou-se sôbre ela.
3 O seu aspecto era como um relâmpago, e a sua veste alva como a neve.
4 E os guardas tremeram espavoridos, e ficaram como se estivessem mortos.
5 Mas o anjo, dirigindo-se às mulheres, disse: Não temais: porque sei que buscais a Jesus, que foi crucificado.
6 Êle não está aqui: ressuscitou, como havia dito. Vinde ver onde êle jazia.
7 Ide, pois, imediatamente, e dizei aos seus discípulos que êle ressuscitou dos mortos, e vai adiante de vós para a Galiléia; ali o vereis. É como vos digo!
8 E, retirando-se elas apressadamente do sepulcro, tomadas de mêdo e grande alegria, correram a anunciá-lo aos discípulos.
9 E eis que Jesus veio ao encontro delas, e disse: Salve! E elas, aproximando-se, abraçaram-lhe os pés, e o adoraram.
10 Então Jesus lhes disse: Não temais. Ide avisar a meus irmãos que se dirijam à Galiléia, e lá me verão.

A ressurreição é o terceiro e o supremo fato do Evangelho. I Cor. 15:3, 4. Sem a ressurreição a cruz não tem valor. Notem-se as seis conseqüências desastrosas (I Cor. 15:12-19) que seguiriam se Cristo não tivesse ressuscitado: (1) Nossa pregação seria vã. (2) Nossa fé seria vã. (3) O testemunho dos apóstolos seria falso. (4) Estaríamos ainda em nossos pecados. (5) Os que dormem em Cristo teriam perecido. (6) Nós crentes seríamos os mais infelizes de todos os homens.

O que o mundo carece é da mensagem de "Jesus e a ressurreição". Isso foi o ponto fundamental da pregação dos apóstolos e dos crentes primitivos. Atos 1:22; 4:2, 33; Rom. 1:4; I Cor. 15; Fil. 3:10, 11; ... Não nos chamou para *provar* a ressurreição por argumentos e filosofia. Devemos pregar "Jesus e a ressurreição" e deixar o Espírito Santo provar aos corações a veracidade dêsse grande fato. A ressurreição de Cristo é mesmo a base da nossa vida. Rom. 6:1-11.

A NOSSA RESSURREIÇÃO. Ao morrerem os crentes, seus espíritos entram imediatamente na presença de Cristo, e na Sua vinda seus corpos ressuscitarão, na forma de Seu corpo glorioso. A ressurreição é sempre e sòmente do corpo. O que é mortal, a parte sujeita a morte, deve revestir-se da imortalidade. Na vinda de Cristo os crentes vivos transformar-se-ão. I Cor. 15: 50-54; I Tes. 4:16, 17. Os ausentes do corpo estão presentes com o Senhor. II Cor. 5:6-9.

No findar do sábado... (v. 1): Parece que os queridos discípulos, que tanto amavam ao Senhor, não perderam uma hora em chegar ao sepulcro de Jesus.

Eis que houve um grande terremoto... (v. 2): Os inimigos de Deus fizeram tudo possível para segurar o sepulcro de Jesus: "montaram guarda ao sepulcro, selando a pedra e deixando ali a escolta". Mas era como nada para resistir a Deus. O cel. Cody, cognominado "Buffalo Bill", construiu um imponente mausoléu para seus pais, encerrando os ataudes em um bloco de concreto armado que mede 5 x 5 x 8 metros! Declarou o cel. Cody que êsse mausoléu durará um milhão de anos. Mas o terremoto do Calvário abriu túmulos feitos na rocha viva para deixar sair fora os corpos. E um só terremoto é suficiente para abalar a consciência dos mais endurecidos, como é exemplificado na sepultura de Jesus: "os guardas tremeram espavoridos". V. 4. Ainda mais, Deus pode fazer como no caso da rebelião de Coré: "A terra abriu a sua bôca, e os tragou com as

suas casas, como também a todos os homens que pertenciam a Coré, e a tôda a sua fazenda". Núm. 16:32.

Removeu a pedra (v. 2): A pedra não foi removida para deixar Jesus sair, mas para o mundo ver que já havia saído.

Não temais (v. 5): Tais palavras não foram dirigidas aos guardas espavoridos, mas às mulheres que criam. Nunca se deve dizer tais palavras aos impenitentes no leito da morte.

Vinde ver onde êle jazia (v. 6): Foram convidados a ver o lugar onde seu Mestre jazera, indicado pelos lençois e o lenço, pelos quais o corpo glorioso de Jesus passara, deixando-os ficar no mesmo lugar. João ao ver isso, creu. João 19:6-9.

Vai adiante de vós para a Galiléia (v. 7): Como Pastor que conduz as ovelhas. Mat. 26:31, 32. Essa mensagem não foi apenas para os onze, mas para "todos os mais que com êles estavam". Luc. 24:9.

II. SUBORNO DOS GUARDAS

28:11 E, indo elas, eis que alguns da guarda foram à cidade e contaram aos principais sacerdotes tudo o que sucedera.

12 Reunindo-se êles em conselho com os anciãos, deram grande soma de dinheiro aos soldados.

13 Recomendando-lhes: Dizei que vieram de noite os discípulos dêle e o roubaram, enquanto dormíamos.

14 Caso isto chegue ao conhecimento do governador, nós o persuadiremos, e vos poremos em segurança.

15 Êles, recebendo o dinheiro, fizeram como estavam instruídos. Esta versão divulgou-se entre os judeus até ao dia de hoje.

As autoridades pagaram dinheiro a Judas para trair seu Senhor e pagaram uma importância ainda maior para induzir os soldados a mentirem acêrca da ressurreição. Assim êles receberam o dinheiro (v. 15), vendendo as próprias almas. Se cedermos para fazer o mal, influenciados pelo dinheiro, estaremos na mesma classe

dêsses soldados. Se procurarmos influenciar outros, por meio de dinheiro, a fazerem o mal, estaremos na mesma categoria dos fariseus.

Note-se como a explicação da ressurreição de Jesus é absurda: "vieram de noite os discípulos dêle e o roubaram, enquanto dormíamos." V. 13. Como podiam testificar do que aconteceu enquanto dormiam?! Contudo é a melhor explicação inventada pelo mundo que não crê na ressurreição, durante quase vinte séculos!

III. A GRANDE COMISSÃO

28:16 Seguiram os onze discípulos para a Galiléia, para o monte que Jesus lhes designara.
17 E, quando o viram, o adoraram; mas alguns duvidaram.
18 Jesus, aproximando-se, falou-lhes dizendo: Tôda a autoridade me foi dada no céu e na terra.
19 Ide, portanto, fazei discípulos de tôdas as nações, batizando-os em nome do Pai e do Filho e do Espírito Santo;
20 Ensinando-os a guarda tôdas as cousas que vos tenho ordenado. E eis que estou convosco todos os dias até à consumação do século.

O coração da obra de Cristo é a Grande Comissão e o coração da Grande Comissão é o Senhor vivo — o Mesmo que morreu, mas agora vive. Em vez de Cristo ressuscitado, muitos têm apenas uma religião, uma crença. Uma grande parte da Igreja atual ocupa-se na política, na filosofia, na educação, na psicologia e se esforça para conformar com uma época nova e uma civilização adiantada. Mas ainda temos de enfrentar o mesmo grande problema do ano 30 A. D., o do pecado e a morte. E a voz do mesmo Cristo vivo continua a soar, enviando-nos para pregar o mesmo Evangelho a tôdas as nações até a consumação do século.

Seguiram os onze discípulos para a Galiléia (v. 16): De todos os encontros de Cristo com os discípulos durante os quarenta dias (Atos 1:3) depois da Sua res-

surreição até à Sua ascensão, êste é, em muitos respeitos, o mais acentuado. Tôdas as outras vêzes parece que se encontram por acaso. Mas Jesus tinha designado êste lugar, em um monte da Galiléia (v. 16), antes da crucificação (Cap. 26:32) e ao menos duas vêzes lembrou-lhes depois da ressurreição. Cap. 28:7, 10. É provável que se refere em I Cor. 15:6 a esta mesma ocasião: "Depois foi visto por mais de quinhentos irmãos de uma só vez."

Foi a primeira grande *convenção missionária* que jamais se realizou neste mundo — é significativo que foi com o plano de evangelizar tôda a criatura em todo o mundo. É impossível ligar demasiada importância à Grande Comissão.

Foi uma viagem longa e árdua de Jerusalém à Galiléia, com o alvo de ver a Jesus. Tinham-nO visto várias vêzes em Jerusalém, mas o encontro na Galiléia foi ainda mais frutuoso. É provável que "o monte, que Jesus lhes designara", foi o mesmo da transfiguração, e, também, o ponto mais central para todos que assistiram.

Quando o viram (v. 17): O original dá a idéia de o Senhor aparecer primeiramente em um ponto distante dos discípulos, talvez no cume do alto monte onde estavam. Quando, por fim, estava em pé diante do grupo, a Sua aparência era tal que êles se prostraram em adoração. Todos que fitam a Jesus pelos olhos da fé ficam constrangidos a adorá-Lo. Mas mesmo entre os que O adoravam, havia alguns que duvidaram da Sua identidade. A culpa de tais era grande. Mar. 16:14. Grande é a consolação para nós; aquêles não estão rejeitados — "Jesus, aproximando-se, falou-lhes..." V. 18. Cristo não nos rejeita por causa de nossa fraqueza, mas aproxima-se de nós para nos encorajar — "Não esmagará a cana quebrada." Mat. 12:20.

Falou-lhes dizendo (v. 18): Cristo, no Seu discurso, falou primeiramente acêrca da Sua autoridade real e Suas prerrogativas. Em seguida, deu-lhes a Grande Co-

missão de estabelecer Seu Reino em tôdas as nações. Ao findar, assegurou-lhes ficar com êles até à Sua volta em pessoa. Lembremo-nos enquanto meditamos sôbre êsses três tópicos do Seu discurso, que Cristo não se dirigiu sòmente aos onze, mas a todos os discípulos, que iam servi-Lo, todos os dias até ao fim desta época. A Grande Comissão é tanto nosso ensejo e responsabilidade como dos discípulos primitivos.

Tôda... (v. 18): Observe-se como os seguintes quatro pontos estão acentuados:

1) *Tôda a autoridade* (v. 18): O que Cristo requer é que todos os pensamentos de todos os homens Lhe sejam obedientes. II Cor. 10:5. Isso Êle merece. Isso é justo. Isso Êle verá.

2) *Tôdas as nações* (v. 19): São desobedientes todos que não se esforçam, que não oram, que não anelam, que não contribuem, não sòmente pela evangelização da pátria, mas, também pelas nações que não têm o Evangelho.

3) *Tôdas as coisas* (v. 20): Nosso alvo deve ser de não sòmente conhecer tôdas as coisas que as Escrituras nos ensinam, mas, também, de ensiná-las a todos os convertidos.

4) *Todos os dias* (v. 20): Jesus pede além de nossas fôrças, mas não é demais; se O convidarmos, estará ao nosso lado, mesmo nos dias mais tristonhos.

Tôda a autoridade me foi dada no céu e na terra (v. 18): Jesus Cristo ressuscitado, tem todo o poder para:

1) *Salvar os perdidos*: Certa vez, quando certo rei visitava o arsenal marítimo de Toulon, na França, o imperador deu-lhe o direito de libertar qualquer um dos prisioneiros. Isso foi aceito pelo rei, como um grande gesto de amizade. Mas o Filho de Deus recebeu do Pai o direito de emancipar todos os criminosos debaixo do sol, de tôdas as exigências da lei; isto é, a todos que querem aceitar a Sua clemência.

2) *Derramar o Espírito*: O glorioso e poderoso Espírito de Pentecoste é o Seu dom aos discípulos. Atos 2:33, 38, 39; João 16:7-11. Foi Êle que quebrantou o coração do grande Saulo de Tarso, que abriu o coração a Lídia, que transformou o carcereiro à meia noite em Filipos e que continua a derreter os corações endurecidos, a vencer os insubordinados e a atrair os homens para consagrarem todo o ser a Deus.

3) *Tem todo o poder para interceder por nós*: Jesus ao declarar que tôda a autoridade Lhe foi dada, não se referia à Sua divindade e nem a Seus direitos divinos desde tôda a eternidade, mas ao fato de Êle ter recebido, em vista da obra redentora completada na cruz, o trono como Mediador à destra do Pai. Foi-Lhe dado o poder para tornar eficaz a nossa intercessão. Êle é tanto nosso Grande Sumo Sacerdote como nosso Rei. Heb. 7:25; 9:24.

4) *Jesus glorificado tem todo o poder da providência*: As rodas ardentes da visão de Ezequiel são dirigidas por Sua mão. Os carros da visão de Zacarias, que andam pela terra, saem às Suas ordens. Foi Êle que fez Filipe passar na estrada no momento próprio para ministrar ao eunuco. Foi a Sua mão que dirigiu o apóstolo Paulo seguramente entre milhares de inimigos que se esforçavam para tirar-lhe a vida.

5) *Tem poder sôbre Satanás*: Não temos de temer mais o nosso maior inimigo. "Somos mais que vencedores por meio daquêle que nos amou. Rom. 9:37. Cristo, na Primeira Comissão deu aos discípulos "autoridade sôbre espíritos imundos para os expelir, e para curar tôda sorte de doenças e enfermidades". Mat. 10. Na Grande Comissão concedeu-Lhes novamente a mesma autoridade. Mar. 16:17, 18.

6) *Tem poder sôbre os anjos*: Cristo tem autoridade sôbre tôdas as miríades de "espíritos ministradores" que saem do trono de Deus para servir Seu povo. Heb. 1:14. De vez em quando está tirado o véu para

os homens verem êsses sêres. Há muitos exemplos tanto no Novo como no Velho Testamentos. Foi um anjo que abriu o túmulo de Cristo; um anjo que informou Maria da ressurreição; um anjo que abriu o cárcere e levou Pedro fora; um anjo que ficou ao lado de Paulo e o confortou no naufrágio. Foi um anjo que mostrou a João as últimas coisas reveladas no Apocalipse. Certamente o ministério de anjos não cessou quando os apóstolos saíram para o lar celeste. Disto testificam muitos dos mais fiéis servos através dos séculos.

7) *Sôbre as potestades terrestres*: Jesus não é apenas Rei dos judeus, mas Rei dos reis, e Senhor dos senhores. E "depois de ir para o céu, está a destra de Deus, ficando-lhe subordinados anjos, autoridades e potestades." I Ped. 3:22. Vem o dia quando a vontade do Pai celeste será feita na terra como no céu — o dia quando os reinos do mundo virão a ser de nosso Senhor e de Seu Cristo, e Êle reinará para todo o sempre. Veremos o nosso bendito Rei coroado e reinando sôbre tôda a terra; veremos todos os homens ajoelhados diante dÊle e ouviremos tôdas as línguas confessando que Êle é Senhor.

Ensinando-os a guardar... (v. 20): A Grande Comissão é tríplice: (1) *Fazei discípulos de tôdas as nações.* (2) *Batizando-os em nome do Pai e do Filho e do Espírito Santo.* (3) Ensinando-os a guardar tôdas as coisas que vos tenho ordenado.

E eis que estou convosco todos os dias até à consumação do século (v. 20): O Evangelho começa e finda com *"Deus conosco"*: "Eis que a virgem conceberá e dará a luz um filho e êle será chamado pelo nome de Emanuel que quer dizer: Deus conosco." Mat. 1:23. Deus disse a Moisés: "Certamente eu serei contigo." Êxo. 3:12. Depois era de pouca monta tudo quanto Faraó dissesse ou fizesse. Deus estava com Moisés e diante da Sua presença todo o poder tinha de ceder. O Senhor proclamou a Jacó, enquanto êste dormia, a cabeça descansando sôbre uma pedra: "Eis que estou contigo, e

te guardarei por onde quer que fores... porque te não deixarei até que te haja feito o que te tenho dito. Gên. 28:15. Outra vez Deus disse, ao renovar a Sua promessa a Israel depois do episódio do bezerro de ouro: "Irá a minha presença contigo para te fazer descansar." Era isso que distinguia Israel; era uma das menores nações, mas tinha consigo o Criador. Podemos, também, gozar da mesma distinção, andando na presença do Senhor dos céus e da terra. O Senhor disse a Josué: "Nenhum se susterá diante de ti; todos os dias da tua vida. Como foi Moisés, assim serei contigo." Jos. 1:5. Os homens, com tais promessas, são os mais valentes de todo o mundo, os mais nobres, de caráter verdadeiro, os mais bem sucedidos — como se vê na vida de Calebe, de Gideão, de Samuel, de Davi, de Daniel, de Paulo.

Até à consumação do século (v. 20): Até voltar o Rei para assumir Seu poder e reinar. *Quando será?* é o clamor de todos os fiéis servos de Deus. O segrêdo está com o Pai celestial. A admoestação para nós é: "Vigiai...!" O nosso anelo e oração constantes devem ser:

"VENHA O TEU REINO." Mat. 6:10. "VEM, SENHOR JESUS." Apoc. 22:20.

58899TB FS
4-28-94 32180
245

OUTROS LIVROS PARA SUA INSPIRAÇÃO

DANIEL FALA HOJE

Sem o livro de Daniel, muitas preciosas lições do Apocalipse tornam-se incompreensíveis.

O HOMEM QUE ORAVA

Tradução de uma das melhores biografias de João Nelson Hyde, cuja fascinante vida de intercessão resultou no inaudito avivamento de Sealkot na índia.

NOTAS SÔBRE JOÃO

Comentário sôbre o Evangelho escrito pelo apóstolo que reclinara a cabeça no seio do Senhor.

A VISÃO DE PATMOS

Sôbre o Apocalipse, livro que trata dos mais estupendos eventos de todos os séculos.

ACÊRCA DOS DONS ESPIRITUAIS

O que a Bíblia realmente ensina sôbre a operação do Espírito Santo nas igrejas. Tradução de obra impressa em nove idiomas.

ESFORÇA-TE PARA GANHAR ALMAS

Já ganhaste alguma alma para Cristo? Já experimentaste fazê-lo? Conheces alguém atualmente na glória com Cristo, levado por ti a Êle?

HERÓIS DA FÉ — Vol. I

Biografias abreviadas destacando-se o mistério do estupendo êxito de Savonarola, Lutero, Bunyan, Edwards, Wesley Whitefield, Brainerd, Carey, Evans, Martyn, Judson e Finney.

HERÓIS DA FÉ — Vol. II

Continuação do Vol. I: As vidas de Muler, Livingstone, Paton, Taylor, Spurgeon, Hsi, Moody e Goforth.

SMITH WIGGLESWORTH: APÓSTOLO DA FÉ

Como João Bunyan, o funileiro de Bedford, era sem igual, assim Smith Wigglesworth, o encanador de Bradford, era único, cada um na sua própria geração. Tradução da obra de grande circulação.

TÔDA A FAMÍLIA

Se tôda a sua família fôsse verdadeiramente salva, não seria como um pedacinho dos céus colocado na terra? Qual não seria o aumento do número de assistentes aos cultos da sua igreja, se todos os membros de tôdas as famílias fôssem salvos?

Princeton Theological Seminary Libraries
1 1012 01406 6452